UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

ALINE NOVAIS DE ALMEIDA

Edição genética d' *A gramatiquinha da fala brasileira* de Mário de Andrade
(Versão corrigida)

Volume I

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA

EDIÇÃO GENÉTICA D' A *GRAMATIQUEINHA DA FALA BRASILEIRA* DE MÁRIO DE
ANDRADE

(Versão corrigida)

Aline Novais de Almeida

Bolsista FAPESP

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Therezinha A. Porto Ancona Lopez

Volume I

São Paulo

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Versão Digital ®

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

A444e Almeida, Aline Novais de
Edição genética d' A gramatiquinha da fala
brasileira de Mário de Andrade / Aline Novais de
Almeida ; orientador Therezinha A. Porto Ancona
Lopez. - São Paulo, 2013.
1211 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de Letras Clássicas e
Vernáculos. Área de concentração: Literatura
Brasileira.

1. Mário de Andrade. 2. Literatura Brasileira. 3.
Modernismo. 4. Crítica genética. 5. Fala brasileira.
I. Lopez, Therezinha A. Porto Ancona, orient. II.
Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Aline Novais de Almeida

Título: *Edição genética d' A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como requisito à obtenção de título de Mestre em Letras.

Aprovado em: 2 de agosto de 2013

Banca examinadora

Profa. Dra. Therezinha A. Porto Ancona Lopez

Instituição: Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Luiz Roberto Velloso Cairo

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Julio Mesquita Filho”

Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge

Instituição: Universidade de São Paulo

ÍNDICE

Volume I

Resumo	II
Abstract.....	III
Dedicatória	IV
Agradecimentos	V
Epígrafe	VII
Minha aproximação d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i>	IX
A edição genética d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i>	XI
O dossiê genético d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i>	XXI
Fortuna crítica d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i>	XXXVIII
Por uma poética: <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i>	XLII
Processamento das etapas da edição genética	LXI
Bibliografia.....	LXIV
Edição genética d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i> de Mário de Andrade	1

Volume II

Edição genética d' <i>A gramatiquinha da fala brasileira</i> de Mário de Andrade.....	508
---	-----

Resumo

Esta dissertação de mestrado tem como objeto a edição genética de *A gramatiquinha da fala brasileira* – obra inacabada e inédita pertencente à série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Apresentando a obra em fac-símile, esta *Edição genética d'A gramatiquinha da fala brasileira de Mário de Andrade*, inscrita no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP, é resultado do projeto temático FAPESP/ IEB e FFLCH-USP, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália em suas leituras*, coordenado, entre 2006-20011, pela Profa. Dra. Telê Ancona Lopez. A partir da análise documental e escritural, à luz da arquivística, da codicologia e da crítica genética, buscou-se compreender a materialidade do dossiê genético e a sistematização, operada por Mário de Andrade, das constâncias da língua portuguesa falada no Brasil.

Palavras-chave: Mário de Andrade, *A gramatiquinha da fala brasileira*, edição genética, poética.

Abstract

This dissertation had as object *The genetic edition of The little grammar of spoken Brazilian-Portuguese*, the unfinished and unpublished manuscripts belonging to the series Mário de Andrade, in the writer's file at the patrimony of the Institute for Brazilian Studies, University of São Paulo (IEB/USP). Featuring the work in fac-simile, this edition enrolled the Graduation Program in Brazilian Literature at FFLCH-USP, is a result of the thematic project FAPESP/ IEB/FFLCH-USP *Mário de Andrade's creative process study: in his manuscripts in his file, his correspondence, in his marginalia in his readings*, coordinated between 2006-2011, by professor Telê Ancona Lopez. Based on documentary analysis and scriptural of archivistics, the codicology and genetic criticism, we sought to understand the materiality of genetic dossier and systematization operated by Mário de Andrade, constancies of the Portuguese language spoken in Brazil.

Key words: Mário de Andrade, *The little grammar of spoken Brazilian-Portuguese*, genetic editing, poetic.

*Pra Valdelice,
doces lembranças da casa di vó.*

Agradecimentos

À minha orientadora, Profa. Dra. Telê Ancona Lopez, pela confiança, apoio e por contribuir com o meu crescimento intelectual.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela bolsa de mestrado.

À Profa. Dra. Verónica Galíndez-Jorge, pelo livre debate de ideias e encorajamento.

À Profa. Dra. Elisa Guimarães Pinto, pela generosa leitura do meu Exame de Qualificação.

À família de Mário de Andrade, precisamente na pessoa de Carlos Augusto de Andrade Camargo, por auxiliar a minha pesquisa.

Aos Profs. Drs. Claudia Amigo Pino, Flávia Camargo Toni, Ana Paula Cavalcanti Simioni, Roberto Zular e Marcos Antonio de Moraes, pelo diálogo.

Aos funcionários e estagiários do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, pela atenção e colaboração ao longo da pesquisa. Em especial às funcionárias: Lívia Barão Freire Vieira, Maria Célia Amaral, Márcia Dias de Oliveira Leme, Maria Izilda Claro do Nascimento e Elisabete Marin Ribas.

Ao Conjunto Residencial da USP (CRUSP), espaço que me permitiu escrever e conviver com pessoas extraordinárias.

Aos colegas da Equipe Mário de Andrade, por me ajudarem nas questões mariodeandradianas.

Aos colegas do Grupo de Literatura, Loucura e Escritura (GELLE), pelas boas ideias e companheirismo.

Aos meus pais, Dulcely e Nilson, e irmãos Danuza, Mônica e João, pelo respeito à minha liberdade de escolher o meu caminho.

À Danuza, minha irmã-mãe mais nova, pelo apoio nesse processo.

À minha querida vó, Valdelice, pela preocupação e orações.

Aos meus tios e primos, pela imensa torcida. Em especial ao casal Joélia e Silvio.

À Fabiana Carone por me trazer novos questionamentos.

Aos amigos Ana Lúcia, Ana Luísa, Angela, Bruna, Camila, Camila Yuri, Cláudia, Denys, Edu, Eliane, Eliane, Fabiana, Fernanda, Gi, Gilmar, Ivanete, Jeane, Jefferson, Juliana, Luciana, Luciane, Lúcia, Liliane, Márcia das Dores; Marcos Vinícius, Marina, Mônica,

Mônica Fernanda, Patrícia, Rafaela, Roberta, Roseli, Samantha; Silmara, Sandra, Tarsila, Vera Lúcia, Vanessa e Vivian por repartirem a vida¹.

¹“Ser amigo é repartir a vida”. Cf. MENDES, Murilo. “O discípulo de Emaús”. In: *Poesia completa e prosa*, Organização e preparação do texto Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p.890.

*El lenguaje hablado está más cerca de la poesía que de la prosa*²
(Octavio Paz)

² PAZ, Octavio. *El arco y la lira*. 13ª ed., México: Fondo de Cultura Económica, 2003, p. 21.

Minha aproximação d' *A gramatiquinha da fala brasileira*

Em 2008 concluí minha graduação em Letras pela Universidade de São Paulo. Como estava interessada em dar continuidade aos meus estudos acadêmicos, na área de Literatura Brasileira, procurei a Profa. Telê Ancona Lopez para conversarmos sobre o assunto. Na ocasião, ela me falou de uma obra inacabada e inédita de Mário de Andrade (1893-1945), pouco conhecida do público e da crítica, que renderia uma boa pesquisa para o mestrado. Ela se referia ao manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira*, que teria condições de receber uma edição que contemplasse o processo de criação da obra, aprofundando a montagem do texto que sucede o excelente ensaio da Profa. Edith Pimentel Pinto, em sua livre-docência, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP)³.

Eu desconhecia essa obra do autor e, diante disso, a professora, sem antecipar maiores informações, apenas me pediu que fosse ao arquivo do escritor, no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), para conhecer e pontuar as minhas impressões a respeito do manuscrito.

Confesso que, ao ouvir o título, pensei num texto maçante, normativo e prescritivo, por conta da palavra “gramatiquinha”. Lembro-me de ter afirmado à Telê que, por não ter formação em linguística, eu não teria condições de enfrentar um objeto tão específico. Havia apagado da minha mente que se tratava do autor de *Macunaíma*.

Em posse dos documentos, no arquivo do IEB, fui surpreendida com a proposta de Mário de Andrade. Não conseguia encontrar entre os fólios do manuscrito uma gramática, tampouco compreendia o que era aquilo que estava em minhas mãos. Ao final da leitura, me senti aliviada por não ter encontrado uma gramática...

Nessa primeira leitura, chamou-me atenção um possível contorno poético que emergia do manuscrito, e logo me escapava, inquietando-me sobremodo. A percepção do poético foi determinante para que eu me acercasse da obra, ali vislumbrando, desse modo, um desvelamento da própria poesia, a qual, por sua vez, desfez a armadilha do texto estritamente gramatical, marcado pela funcionalidade do gênero gramática.

³ A livre-docência de Edith Pimentel Pinto, de 1982, *A gramatiquinha: texto e contexto* tornou-se livro em 1990, com o título *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* (São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura; Duas Cidades).

Assim, a partir dessa experiência, passei a desconfiar da classificação dada pelo autor, pois os documentos, no dossiê, não cancelavam normas e regras, ainda que diferentes daquelas da gramática oficial. Não cancelavam qualquer norma; equivaliam, antes de tudo, a uma poética. Cabia-me, então, buscar uma possível “verdade”⁴ para mim. Se para o autor existiu um horizonte de expectativa que vislumbrou a construção de uma gramática, o processo por ele exposto não representa esta construção. Logo, a problemática encontrada no *corpus* d’*A gramatiquinha da fala brasileira* reside na impossibilidade de representar uma gramática, mesmo que seja uma gramática da fala.

Diante dessa realidade, eu me decidi! Em 2009, comecei a estudar *A gramatiquinha da fala brasileira* de Mário de Andrade.

⁴Agradeço à Prof. Dra. Verónica Galíndez-Jorge pela discussão em torno da busca pela verdade na literatura, durante a disciplina de Graduação, *Perspectiva da crítica francesa* (DLM-FFLCH-USP), que acompanhei como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da USP (PAE), no segundo semestre de 2011.

A edição genética d' *A gramatiquinha da fala brasileira*

Esta presente edição d' *A gramatiquinha da fala brasileira* foi elaborada no enfoque da crítica genética, contando também a perspectiva codicológica e arquivística no trato com o manuscrito. Cumpriu determinados pressupostos que nortearam a edição genética e crítica de *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma* (1994) de Telê Ancona Lopez, a tese de doutorado *Café, o trajeto da criação de um romance inacabado* (2009), de Tatiana Maria Longo dos Santos Figueiredo, e a dissertação de mestrado *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade* (2010), de Angela Teodoro Grillo.⁵

A gramatiquinha da fala brasileira configura o projeto escritural em que Mário de Andrade visa reunir e compreender aspectos linguísticos, psicológicos e poéticos da língua portuguesa falada no Brasil. A obra recebeu publicação póstuma, em 1990, complementando, em montagem segundo o plano do autor, o ensaio de fôlego de Edith Pimentel Pinto, *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. O manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira* está no arquivo do escritor, parcela do acervo dele conservado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo; localiza-se na série Manuscritos Mário de Andrade, assim como os dossiês de outros títulos inacabados e os dossiês de obras publicadas que contêm exemplares de trabalho, como *Amar, verbo intransitivo*, *Macunaíma*, *o herói sem nenhum caráter* e *Os contos de Belazarte*.

O escritor tinha como prática guardar apenas os manuscritos inacabados, aqueles que de algum modo não se formalizaram na publicação. Entretanto, os exemplares de trabalho, estavam conservados em sua biblioteca, recebendo, geralmente, na folha de rosto ou de anterrosto, a etiqueta⁶ de identificação concernente a esse espaço de sua casa⁷.

⁵ A edição genética e crítica saiu em 1994 (São Paulo: Instituto Moreira Salles; IEB); a tese e a dissertação, orientadas por Telê Ancona Lopez no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da FFLCH-USP, advieram do projeto temático FAPESP/ IEB e FFLCH-USP, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginalia em suas leituras*, coordenado pela mesma professora, entre 2006-2011.

⁶ Na edição genética, além de fazermos a transcrição diplomática dos excertos aludidos nos documentos do manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira*, apresentamos também o código presente na etiqueta de identificação, fixada nos livros e nos periódicos, da biblioteca de Mário de Andrade. O código, criado pelo escritor, refere-se à localização dos impressos, que estavam distribuídos pelos cômodos de sua casa. A

Apenas a análise de cunho genético, ciente da condição de manuscritos desses textos intensamente rasurados pelo escritor, operou o deslocamento dos mesmos para a série Manuscritos Mário de Andrade, no seu arquivo. Pode-se, então, concluir que os exemplares de trabalho representam novos textos, novas versões sinalizando a existência de uma escritura não encerrada. Os manuscritos inacabados, os exemplares de trabalho e as obras publicadas abrigam o projeto literário de Mário de Andrade, que é estético, político e linguístico⁸. A escritura mariodeandradiana fundamenta-se nesta tríade que está nos vestígios do processo criativo e nas publicações.

Assim, a nossa pesquisa teve como ponto central identificar e analisar os documentos de processo que perfazem o manuscrito. Para tanto, buscou-se compreendê-los em sua natureza, meios de escrita, suporte, conservação e estatuto genético. Ordenamos e montamos o dossiê genético de *A gramatiquinha da fala brasileira*, de acordo com a metodologia desenvolvida no projeto temático. Esse dossiê é formado por 279 documentos, totalizando 348 fólios; constitui-se de planos, notas de trabalho, prefácios e esboços de texto nas páginas de uma caderneta, bem como notas de trabalho e esboços de textos fora dela; cartas, bilhetes, artigos extraídos de periódicos, fichas bibliográficas e etiqueta da biblioteca de Mário de Andrade.

Nesta edição, procuramos explicitar o diálogo contínuo d'*A gramatiquinha da fala brasileira* com outros textos do escritor. No manuscrito transparece a postura interdisciplinar de Mário, diante das várias feições da criação artística. Sua escritura tem como característica principal a abertura para todas as áreas do conhecimento que possam se relacionar com sua *Gramatiquinha*. É discursiva e enunciativa, filosófica, política e artística, associando cogitações, e conseqüentemente ignora o fechamento e a especialização dos saberes e das artes. No esboço de um dos prefácios, um dos documentos

etiqueta personalizada traz o nome impresso do escritor em caixa alta, e abaixo do nome há quatro quadrantes preenchidos manualmente à tinta preta, cada qual guarda um dado sobre o local em que estava, originalmente, depositado o volume: na parte superior à esquerda o cômodo da casa em letra maiúscula; ao lado, à direita, a localização da estante em algarismo romano; abaixo, à esquerda, a prateleira em letra minúscula e, por fim, à direita, o livro em algarismo arábico. Para saber mais, ver a imagem de uma etiqueta, precisamente o fólio n.º 269 desta edição genética.

⁷ A respeito da biblioteca de Mário de Andrade, ver: LOPEZ, Telê Ancona. "A biblioteca de Mário de Andrade: seara e celeiro da criação". In: ZULAR, Roberto. (org.). *Criação em processo: ensaios sobre crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p.45-52.

⁸ No tocante ao projeto literário de Mário de Andrade, ver: LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

mais significativos do dossiê da obra, explicita a “obrigação” do autor de transitar pelos saberes e pela arte:

Fui obrigado a
me meter num despropósito de assuntos e por isso
a ficar na epiderme de
todos eles. Sobre poesia, poética, estética, arquitetura,
música, prosa, psicologia,
pintura e até linguagem
escrevi! Numa época como
a nossa em que o conhecimento seguro de cada uma
dessas criações da ~~alma~~
vitalidade humana pede
uma vida inteira, se deverá compreender que era
impossível pra mim criar
obra duradoura. Não fiz
mais que vulgarizar Não fiz
mais que convidar os outros
ao estudo moderno dessas
criações humanas.⁹

Mário de Andrade neste trecho justifica sua atuação como polígrafo, talvez em uma tentativa de amenizar a própria não especialização nas questões relativas à linguagem. Embora saibamos que esta modéstia não procede, já que ele consegue promover, com sucesso, a discussão em torno da fala brasileira, esboçando o que poderíamos denominar uma teoria mariodeandradiana sobre a linguagem, que certamente antecedeu a hipótese saussuriana a respeito da dicotomia fala e língua, quando discute esta distinção. Na sua *Gramatiquinha* e em sua biblioteca, não localizamos qualquer menção ao *Cours de linguistique générale*, publicado em 1916 pelos ex-alunos de Ferdinand de Saussure, entretando percebe-se o quanto o escritor é sensível a essas questões.

Nesse excerto do prefácio, descortina-se, também, a questão da poligrafia no Brasil, fenômeno este assinalado como consequência da rarefação de instituições artísticas e

⁹ Em todas as citações do manuscrito, optamos pela transcrição diplomática, com quebras de linhas. *A gramatiquinha da fala brasileira*, série Manuscritos Mário de Andrade. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-MMA-51.

culturais no país. Em outras palavras, a especialização apresentava, no início do século XX, grau ínfimo, em razão, sobretudo, da ausência de políticas artístico-culturais públicas. Essa situação propiciava o papel central das redes de convívio e sociabilidade que permitiam, mesmo que precariamente, a atuação dos intelectuais e artistas polígrafos. Estes, algumas vezes, impulsionados por mecenas conseguiam garantir a sobrevivência de sua produção artística. Desta maneira, estes sujeitos eram compelidos a se lançar em diferentes áreas, tornando-se polígrafos e interdisciplinares.¹⁰

A *gramatiquinha da fala brasileira* fundamenta-se na fusão de registros na escritura: linguístico, literário, cancional, histórico, geográfico, antropológico e pessoal. Realiza o que José Luiz Fiorin designa como misturar¹¹. A documentação coletada pelo escritor modernista para seus estudos não é imóvel, vale para diversos trabalhos dele. Mário desloca e reproduz documentos quando os utiliza com finalidades diferentes. Assim, consideramos que os dossiês de manuscritos não apresentam a trajetória completa da criação, justamente pela incerteza de sua completude como conjunto. Telê Ancona Lopez afirma:

A análise, na realidade, deve sempre se lembrar de que os dossiês não integralizam materialmente o processo criativo dos artistas, dos críticos, dos teóricos ou dos cientistas. A invenção ultrapassa dossiê, arquivo e, sobretudo, a própria materialidade, ao jogar, neste último ponto, com o tempo de trabalho na psique de quem navega essas águas. A invenção literária se dispersa nos arquivos da criação. Cabe à pesquisa perceber a extensão desses arquivos e reunir documentos.¹²

A respeito dessa movimentação documental nos manuscritos, ultrapassando os dossiês, verificamos n'A *gramatiquinha da fala brasileira* tanto a operação de deslocamento quanto a de reprodução documental, precisamente pelo constante diálogo

¹⁰ Sobre a intervenção de Mário de Andrade no campo artístico e cultural brasileiro, ver: MICELI, Sergio. "Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro". In: *Um enigma chamado Brasil*: 29 intérpretes e um país. BOTELHO, André; Schwarcz. Lilia (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 160-173.

¹¹ A noção de "misturar" foi discutida por José Luiz Fiorin em seu artigo "Linguagem e interdisciplinaridade" (Rio de Janeiro: *ALEA*, volume 10, nº 1, janeiro-junho, 2008, p. 29-53). Apesar da perspectiva do autor estar calcada no fazer científico e nas relações entre linguística e literatura, empregamos o referido termo pela sua abrangência.

¹² LOPEZ, Telê Ancona. "Os manuscritos no arquivo e na biblioteca de Mário de Andrade". In: NITRINI. Sandra (org.). *Tessituras, interações e convergências*. São Paulo: HUCITEC; ABRALIC, 2011, p. 414.

entre as obras mariodeandrianas. As notas de trabalho intituladas “Dicção”, provavelmente migraram do manuscrito *Dicção/romances – notas de pesquisa*. Por exemplo, esta:

Dicção
Ir a, em vez de
Ir na
Se ve bem nos Congos
quando o Principe
pergunta ao Embai-
xador ‘Você diz que
veio cunvidá nós
p’a í um banquete?’
Pra ir a um baque-
te.”

O caso de duplicação documental, este vinculado ao uso da expressão “mesmo que”, acha-se no manuscrito d’*O Turista Aprendiz*, em uma nota de trabalho similar a esta n’ *A gramatiquinha* que faz referência a obra *Minha gente*¹³, de Clodomir Silva, indicando mesma página 9.

‘Mesmo que’ = que nem, como.
Ele seguiu mesmo que be-
zerro, numa gritaria
mãi por aí. C. Silva ‘Minha Gente’
pg 9”

Desse modo, elucidamos nesta edição a relação d’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, sobretudo, com os manuscritos *Fichário analítico*, *Dicionário musical brasileiro*, *O Turista Aprendiz*, *Dicção/ romances – notas de pesquisa* e *Na Pancada do ganzá*. Neste último, está o caso exemplar de reutilização documental, pois ali constatamos que muitos documentos, principalmente notas de trabalho, possuem as mesmas referências bibliográficas listadas na “*Bibliografia de leituras iniciadas pra Pancada do ganzá*”. Este dado não surpreendeu a nossa pesquisa, aliás, veio corroborar a ideia de que Mário de Andrade possuía ritos de escritura e ritos genéticos¹⁴, isto é, hábitos em torno da sua

¹³ SILVA, Clodomir. *Minha gente* (Costumes de Sergipe). Rio de Janeiro: Empreza Graphica Editora Paulo, Pongetti & C., 1926.

¹⁴ A respeito dos ritos de escritura e dos ritos genéticos, ver: MANGUENEAU, Dominique. “A vida e a obra”. In: *O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade*, 2ª ed., Trad. Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 48-50.

criação literária.

Na *Bibliografia de leituras iniciadas pra Pancada do ganzá* (BPG)¹⁵, há 837 títulos, entre livros e periódicos selecionados, ordenados e numerados com algarismos arábicos, cuja função primeira foi oferecer um aporte teórico a esse projeto do escritor sobre o folclore brasileiro. A maioria dos títulos está disponível na biblioteca de Mário e muitos receberam notas marginais, bem como o número correspondente à entrada deles na lista, na folha de rosto. Este grande estudo permaneceu inacabado, porém a seleção e a organização da bibliografia ampliou e auxiliou o pesquisador no preparo de outros trabalhos. O procedimento era nitidamente igual, o escritor anotava, geralmente nas notas prévias, apenas o número indicado na *Bibliografia* e a(s) página(s) de seu interesse. Quando o livro apresenta mais de um volume, especificava isso também. Exemplo de anotação da obra de José de Alencar, *As minas de prata*¹⁶:

Me guiareis
em Jose de Alencar
nº 337, I, p 67

Além da série Manuscritos Mário de Andrade, verificamos e expusemos vínculos d'A *gramatiquinha da fala brasileira* com as séries de documentos: Correspondência, Matérias extraídas de periódicos, Discos e o Cordel. Todos estes conjuntos documentais atestam a capacidade do manuscrito instaurar liames com outros momentos da produção mariodeandradiana. Assim acontece porque a obra possui um contorno poético capaz de abarcar tudo a sua volta.

Cabe, portanto, assinalar que a biblioteca do escritor desempenhou papel importante em nossa pesquisa. Os documentos da *Gramatiquinha* “obrigaram-nos” a vasculhar na sua grande coleção de impressos a procedência das referências, implícitas e explícitas, colocadas principalmente em notas de trabalho. Mário de Andrade tanto deixava anotações marginais nos livros e periódicos que possuía, como lia sem anotar.

¹⁵ Empregamos na edição genética a abreviação BPG para *Bibliografia de leituras iniciadas pra Pancada do ganzá*.

¹⁶ BPG: nº 337: ALENCAR, José de. *As minas de prata*. Nova edição revista por Mario de Alencar. Rio de Janeiro/ Paris: Livraria Garnier, 1926, volume I – III.

Normalmente a grafite, as notas marginais destacam palavras ou trechos. As margens das páginas recebem cruzetas, traços e/ ou comentários do escritor-pesquisador. Ter acesso à sua marginália colaborou para compreensão do projeto literário do escritor, cuja base está no movimento leitura-escritura. Ele precisa se documentar para escrever; antes, porém, faz leituras que ganham materialidade ao serem registradas, metodicamente, nos fichamentos, nas notas de pesquisa e na marginália. A biblioteca é o espaço, por excelência, da criação literária de Mário de Andrade e está metaforizada nos manuscritos de sua *Gramatiquinha*.¹⁷

Um fato que nos chamou atenção, ao longo da pesquisa, foi não localizar qualquer menção direta ao manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira* nas notas marginais de livros e periódicos compulsados. Todavia, encontramos registros como “Brasileirismo” no romance *Banguê*, de José Lins do Rego (p. 170)¹⁸, e “Língua Brasileira”, em *Sertão em flor*, de Catulo da Paixão Cearense (p. 73)¹⁹. Essa situação existe nas pesquisas voltadas para o *Dicionário musical brasileiro*, para os projetos *Zoofonia* e *Sequestro da dona ausente*, quando Mário de Andrade apõe, à margem de trechos, “Dic”, “Zoof” e “Sequestro”.

Depreende-se, então, que as notas marginais situadas num determinado livro ou periódico não se referem a uma única pesquisa. As leituras que dilataram ideias e provocaram anotações sobre a fala brasileira, também atingiram outros projetos do escritor. Nas páginas do romance *O cortiço*²⁰, de Aluísio de Azevedo, encontramos notas marginais sobre brasileirismo lexical e sobre medicina popular. A coleta de verbetes para o *Dicionário musical brasileiro* é a pesquisa mais presente nas leituras que deram subsídios para *A gramatiquinha da fala brasileira*, sugerindo uma possível relação entre os dois manuscritos. Seguramente, ambas as pesquisas foram simultâneas. O escritor possuía muitos projetos que corriam em paralelo, expondo, logicamente, semelhança entre eles.

¹⁷ A ideia de espaço escritural foi desenvolvida por Verónica Galíndez-Jorge em *Fogos de artifício*: Flaubert e a escritura (São Paulo: Ateliê Editorial, 2009). A partir desta leitura, estabeleci, em artigo publicado em periódico acadêmico, a relação entre a biblioteca de Mário de Andrade e *A gramatiquinha da fala brasileira*: ALMEIDA, Aline Novais de. “A biblioteca fantástica de Mário de Andrade”. *Criação & Crítica*, nº 9, novembro, 2012.

¹⁸ CEARENSE, Catullo da Paixão. *Sertão em flor*. 2ª ed., Prefácio de Mario Alencar, Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1923, p. 73.

¹⁹ REGO, José Lins do. *Banguê*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934, p. 170.

²⁰ AZEVEDO, Aluizio. *O cortiço*. Rio de Janeiro; Paris: Livraria Garnier, 1925.

Além dessas questões relativas ao exame das referências bibliográficas nos documentos do manuscrito²¹, coube-nos, como primeira tarefa, a transcrição integral do dossiê. Para executar esta longa tarefa, utilizamos o programa de Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR)²². O documento utilizado para a conversão dos dados foi o estudo de Edith Pimentel Pinto, *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*, precisamente a segunda parte de seu livro, que apresenta uma montagem do manuscrito. Apesar de termos manipulado a tecnologia OCR, tivemos que realizar uma intensa revisão na transcrição, pois no processo de conversão muitos caracteres não foram reconhecidos ou sofreram modificações. Muitos documentos, por outro lado, foram transcritos pelo modo usual, sem o subsídio do OCR.

Na transcrição obtida através do OCR, consideramos as diferenças entre o texto estabelecido por Edith Pimentel Pinto, e a proposta de nossa pesquisa. Todavia, no trabalho editorial da professora, a ordenação dos documentos, a atualização da ortografia e as intervenções na pontuação não condiziam com o objetivo de uma edição genética, que buscava assumir o risco de compreender a ordem nos originais. A apresentação dos documentos proposta por Edith, por ela chamada montagem, aproxima-se de uma edição interpretativa – quando o editor intervém na transcrição, não mantendo a fidedignidade ao manuscrito original²³. Quando se trata de uma edição genética, o problema proposto é explorar, no estudo do trajeto da criação, o inacabamento e a montagem original, cumprida uma classificação arquivística atualizada e rigorosa dos documentos no manuscrito, compreendendo a organicidade da obra à luz do projeto literário do autor que é estético, político e linguístico.

Nesse sentido, tendo como objeto a edição d' *A gramatiquinha da fala brasileira*, optamos pela transcrição diplomática por se tratar de um registro que preservaria o rastro processual, assim como as idiossincrasias da escritura mariodeandradiana. Então, a transcrição foi acompanhada da análise de cunho genético, que decodifica e apresenta as

²¹ Na edição genética, quando se fez necessário, incluímos a imagem digitalizada do livro ou do periódico aludido por Mário de Andrade.

²² Do inglês, *Optical Character Recognition*. Trata-se da tecnologia que permite converter diferentes tipos de arquivos (jpg, bmp, gif, pdf) em dados editáveis. Utilizamos a versão do OCR Adobe Professional 9.

²³ Segundo Cambraia, “a edição interpretativa é aquela em que o editor intervém na transcrição promovendo algumas alterações”. Cf. CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 96-102.

três etapas da escritura, bem como os tipos de rasuras, armado um aparato. Deste modo, a dissertação justapõe à transcrição o fac-símile dos documentos que compõem o manuscrito.

É importante salientar que a transcrição não representou simplesmente uma etapa mecânica no trabalho editorial, pois equivale à primeira leitura crítica, segundo Graciela Goldchluk²⁴. Primeira instância de reflexão do pesquisador, porque na ação de transcrever projeta-se o binômio ler-escrever, prática esta, aliás, muito utilizada por Mário de Andrade, que pratica transcrições de si mesmo²⁵, bem como de outros autores, eruditos ou não, presentes em sua biblioteca, ou ouvidos nas pesquisas de campo por ele efetuadas.

A transcrição d'A *gramatiquinha da fala brasileira* contribuiu para ampliar nosso entendimento da obra. A partir dela, tivemos acesso às questões processuais (confusão, acasos, dúvidas, problemas de ordem prática, inquietações emocionais, interrupção e inacabamento), geralmente atenuadas ou mesmo apagadas na linearização da escritura. No ato de transcrever há, simultaneamente, a reprodução e a produção de um texto. Um texto linear e inteligível é reproduzido, e outro é construído para apontar a narrativa de uma gênese. Sobre a necessidade de transcrever os manuscritos, Claudia Amigo Pino e Roberto Zular, focalizam duas explicações próximas às nossas formulações:

Em primeiro lugar, como já definimos, a transcrição é uma forma de divulgar um material de acesso restrito. Ao transformar imagens em texto, o material se torna mais fácil de reproduzir, de transportar e de ler. Em segundo lugar, ao transcrever o pesquisador mimetiza o escritor, passando por obstáculos semelhantes que ele enfrentou, criando o mesmo tipo de soluções e, assim, tendo uma visão mais clara dos movimentos de escritura. Transcrever não se trata de um trabalho manual, mas de uma leitura tão intelectual quanto outras leituras, cujo entendimento não se dá apenas no pensamento, mas também nas mãos.²⁶

²⁴ Agradeço à Profa. Dra. Graciela Goldchluk, da Universidad Nacional de La Plata, que me fez repensar a transcrição documental ao ministrar a palestra "Transcribir para leer", no *I Simposio Internacional Un Mundo Escrito*, na Universidad Nacional de Misiones, Posadas – Misiones, Argentina, em setembro de 2012.

²⁵ Transcrição de si mesmo é uma prática de remanejamento textual. Mário de Andrade transcreve trechos de suas obras, realocando-os em outras escrituras. Este fenômeno é muito perceptível na sua correspondência, cujos ecos ressoam nos manuscritos e nas publicações.

²⁶ PINO, Claudia Amigo; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 138.

Sabe-se, como mencionamos, o quanto é impossível, até mesmo utópico, tentar reconstruir a trajetória da criação de uma obra, ainda que tenhamos uma parcela significativa dos documentos. Resta-nos, como pesquisadores, levantar hipóteses sobre a gênese e, acima disto, compreender que o processo escritural para o escritor – principalmente para aquele que guardou os seus manuscritos – possui valor em si, pois é a partir do embate entre o pensar e o fazer que se constrói uma miríade de possibilidades.

O dossiê genético d' *A gramatiquinha da fala brasileira*

A ordenação dos documentos do processo criativo de *A gramatiquinha da fala brasileira* pôde contar com a organização prévia do escritor que estabeleceu uma disposição numérica (12) e alfa-numérica (12-A; 12-B; 12-C; 12-D; 12-E; 12-F; 12-G; 12-H; 12-I) para organizar a matéria por ele reunida. Em oito envelopes, com os títulos em autógrafo a grafite e a lápis vermelho, Mário de Andrade distribuiu quase todos os documentos de sua coleta. Teriam sido nove envelopes, mas já está ausente o 12-D no dossiê genético. Ademais, a caderneta que acolhe planos, prefácios, notas de pesquisa e esboços de texto também recebe, na capa, o número 12: “VARIAS/ Lingua/ 12/ 12/ Brasileira/ 12”. Os 8 envelopes ordenados originalmente são:

Gramatiquinha/ 12-A/ Documentos Populares [4 documentos]

Gramatiquinha/ 12-B/ Artigos Alheios [4 documentos]

12-C/ Me parece/ e outras sintaxes [40 documentos]

Gramatiquinha/ 12-E/ Não queria não/ A gente.../e outras tendencias brasileiras/ locucionais [21 documentos]

Gramatiquinha/ 12-F/ Brasileirismos/ vocabulares [70 documentos]

Gramatiquinha/ 12-G/ ou Tratado do Estilo/ Ideas para capitulos/ particulares [25 documentos]

Gramatiquinha/ 12-H/ Ideas gerais/ sobre lingua [11 documentos]

Gramatiquinha/ou Tratado de Estilo/Ideas gerais/12-I [13 documentos]

Além da documentação que está sob o código “12”, ficam fora da disposição citada: “Inquerito Geral Etnografico/ Formulario das Pesquisas Folcloricas”, esboço de texto de Mário de Andrade, autógrafo a grafite [1 documento]; “UMA NOVA INSTITUIÇÃO CIENTIFICA/ A fonética experimental – A sua actualidade”, bilhete de remetente desconhecido, a tinta preta, oferecendo texto recortado do jornal *Commercio do Porto*, acompanhado de transcrição datiloscrita, a fita preta e vermelha [4 documentos]; fichas bibliográficas [76 documentos]; [1] bilhete de Mário de Andrade a José Bento Faria Ferraz e [1] etiqueta da biblioteca de Mário de Andrade.

A sinalização alfa-numérica e a conservação de documentos em envelopes é uma prática verificada em outros dossiês da série Manuscritos Mário de Andrade, nos quais a organização obedece a um método por ele criado. O manuscrito *Zoofonia*, classificado por Flávio Rodrigo Penteado, no decorrer do projeto temático, explicita bem o uso da codificação numérica e alfa-numérica nos envelopes que armazenam os documentos, pois a maior parte deles foi distribuída, originalmente, sob o código “23”, embora haja envelopes também identificados por assuntos.²⁷

Outro caso exemplar é o manuscrito *Dicionário musical brasileiro* que reúne vasta documentação, também organizada e identificada de forma semelhante. Contudo, a documentação ali presente não recebe o código alfa-numérico; escreve-se somente os assuntos (verbetes) nos envelopes.

As pesquisadoras Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni²⁸ ao preparar a edição do *Dicionário musical brasileiro*²⁹, perceberam a necessidade de incorporar ao dossiê original documentos e publicações de Mário de Andrade, que fossem pertinentes à obra para sanar as lacunas em alguns verbetes. Um desses casos que, aliás, nos chamou atenção é o estudo da síncope (síncope), posto em um único envelope, identificado pelo código “13/ Sincopa”³⁰ (autógrafo de Mário de Andrade: a grafite e a lápis vermelho) que agrega 90 documentos entre esboços de texto, notas de trabalho, referências bibliográficas e partituras sobre o assunto síncope. O código selecionado pelo escritor para este conjunto de documentos indica que esse estudo é posterior ao manuscrito d’A *gramatiquinha da fala brasileira*.³¹

²⁷ PENTEADO, Flávio Rodrigo. “Zoofonia”. *Marioscriptor*: revista digital do Projeto Temático FAPESP/IEB/ FFLCH-USP, nº 2, São Paulo, novembro, 2011. Disponível no site: www.ieb.usp.br/marioscriptor_2/catalogo/zoofonia.html

²⁸ A Profa. Dra. Flávia Camargo Toni relatou-me que os documentos que perfazem o dossiê do *Dicionário musical brasileiro* estavam na casa de Oneyda Alvarenga, musicóloga e amiga de Mário de Andrade. Oneyda mantinha a documentação guardada em grandes gavetas, especialmente divididas para acoplar os envelopes.

²⁹ ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação de Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni. Belo Horizonte; Brasília; São Paulo: Itatiaia; Ministério da Cultura, IEB-USP, Edusp, 1989.

³⁰ O dossiê “13/ Sincopa” foi incorporado ao manuscrito do *Dicionário musical brasileiro*, série Manuscritos Mário de Andrade. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-MMA-55.

³¹ O suposto envelope com numeração 11 não foi localizado pela pesquisa, bem como os documentos nele guardados.

Nesse sentido, cabe-nos circunscrever a associação da síncope com a fala brasileira, posto que são entidades que funcionam de maneira análoga. Na base constitutiva de ambas a transgressão molda o parâmetro. Talvez para a fala brasileira a questão da transgressão, do desvio esteja mais evidente. Normalmente, ao falar cometemos algum desvio gramatical, pois a espontaneidade da fala nos afasta das normas e regras gramaticais. A fala e a escrita no Brasil são duas formações discursivas totalmente conflitantes, que se mantiveram, ao longo da história, tensionadas. Essa tensão é apontada por Mário de Andrade n' *A gramatiquinha da fala brasileira*, ao trazer para a obra uma encenação da fala que se inscreve e se organiza não pela escrita, mas por outra materialidade, a rítmica. Seria este também o caso da síncope.

A síncope da música brasileira é entendida como o produto da fusão de dois compassos (tempo forte e tempo fraco) que funcionam juntos. A problemática desta fusão, segundo o autor, estaria na incapacidade de inscrevê-la. A escritura da síncope não se materializa, porém instaura uma organização ritma de muita potência³². No manuscrito inédito *Ritmo*³³, um esboço, com título homônimo, aborda a impossibilidade de anotação gráfica para certas organizações rítmicas, entre elas a sincopada:

Ritmo
Às vezes nas peças mais
batidas, cujo ritmo ge-
ral é mais primario,
marchas, toadas de
rua, maxixes, o
rubato, o afretando su-
bito de certos sons sem
compensação de ralen-
tando nos sons vizinhos
desnorteia quem quei-
ra dar uma repro-

³² No primeiro semestre de 2010, o Prof. Dr. Roberto Zular ministrou a disciplina de Pós-Graduação *Dito e Feito – Questões de Oralidade e Escrita no Brasil* (DTLLC-FFLCH-USP), na qual fui aluna-ouvinte. Na aula de 10 de junho de 2010, o docente analisou o conto “Um homem célebre”, de Machado de Assis. Em sua proposta analítica, Zular centrou-se na problemática rítmica da narrativa, destacando a organização sincopada que permeia o conto. A personagem principal, Pestana, almeja compor uma grande obra musical, porém só conseguia compor polcas que acabavam por reafirmar o universo da síncope, o universo do não escrito. Há, nesse sentido, um desejo de escritura percorrendo todo o conto machadiano.

³³ A respeito do manuscrito inédito *Ritmo*, ver: TEXEIRA, Maurício de Carvalho. *Torneios melódicos: poesia cantada em Mário de Andrade*. Orientador: José Miguel Soares Wisnik, FFLCH-USP, 2007.

dução gráfica desses
movimentos pra que
êles possam ser
conhecidos, compreen-
didos e reproduzidos
por qualquer
homem deste mun-
do. Haja vista a
Marcha batida e
a toada de rua
em re menor, am-
bos do Maracatú do Sol Nascen-
te. Peças bem mar-
cadas, próprias pra
marcha, porêm sub-
tis, cheias de com-
binações rítmicas e
rubatos levando sem-
pre os sons da
linha pra fora do
tempo batido e excitando
por isso o corpo a reme-
leixos e dengues da
mais surpreende
qualidade.³⁴

O musicólogo compreendeu a extrema dificuldade de representar graficamente a rítmica e, sobretudo a síncope, nas danças cantadas e nas canções populares, justamente porque a materialidade é de outra ordem, no caso corpórea. A prosódia da fala e do canto configura-se como extensão do corpo, havendo assim, o remeleixo e os dengues. Em outras palavras, o ritmo, seja ele sincopado ou não, é o modo pelo qual a linguagem se relaciona com o corpo, a memória e as temporalidades.

No caso específico d'A *gramatiquinha da fala brasileira*, não há, entre os documentos de processo, qualquer tipo de notação musical, embora haja muitas menções à canção popular brasileira. Na sua conferência “A pronúncia cantada e o problema do nasal brasileiro através dos discos”, para o Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado em 1937, o escritor explicita a impossibilidade de transpor a prosódia – oral e

³⁴ Esboço do manuscrito *Ritmo*, série Manuscritos Mário de Andrade. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-MMA-105-25.

cantada – em qualquer língua. Sobre a canção nacional, ele escreve: “Nunca uma canção transcrita no papel ou no instrumento poderá dar a quem a estuda, a sua exata realidade.”³⁵

Além da impossibilidade representação gráfica da síncope e da fala brasileira, é notável o deslocamento de acento em ambas organizações rítmicas, problemática esta relacionada à prosódica. O deslocamento de acento é relatado por Mário de Andrade no capítulo “Ritmo”, de seu *Ensaio sobre música brasileira*:

Este caso, muito corrente pode ser considerado um... erro provindo da fadiga do cantador que não sustentou o som da sílaba anterior. Mas não é possível consertar o erro porque ele se tornou um processo de nossa música, um elemento de expressão já perfeitamente tradicionalizado e não ocasional.³⁶

Sendo o ritmo a configuração do movimento da fala, a canção brasileira, com a respectiva prosódia cantada, manifesta as mesmas constâncias da fala brasileira³⁷. No excerto acima, o autor descreve o processo de enfraquecimento no acento em determinadas canções, resultando numa espécie de erro. Entretanto, o que estruturalmente pode ser considerado erro ou desvio, torna-se caráter expressivo da canção nacional. A fala também possui tendência a enfraquecer o acento, questão, aliás, apontada n’ *A gramatiquinha da fala brasileira*. Na nota de número 17, localizada na caderneta, o autor elenca as características da língua/ fala, e entre estas está a fadiga na dicção brasileira, também entendida por ele como amolecimento da língua, a “molenga língua”: “Molenga língua. Indecisão pas-/ sageira. Frases rapidas: Venus bebia/ não. Síntese oratoria da conversa.”

Essa discussão em torno da relação fala e síncope pode parecer, a princípio, desnecessária. Contudo, analisaremos, adiante, a dimensão poética da obra, atrelada a uma organização rítmica específica. Nosso interesse é ressaltar que no dossiê d’ *A gramatiquinha da fala brasileira* ocorre a reverberação sons, vozes e músicas; a escritura,

³⁵ ANDRADE, Mário de. “A pronúncia cantada e o problema do nasal brasileiro através dos discos”. In: *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965, p. 122.

³⁶ Idem, “Ritmo”. In: *Ensaio sobre música brasileira*. São Paulo: I. Chiarato & Cia, 1928, p. 18.

³⁷ Em comunicação de congresso, problematizo a relação fala e canção popular n’ *A gramatiquinha da fala brasileira*: ALMEIDA, Aline Novais de; RODRIGUES, Sandra Salavandro. “Em torno da canção popular brasileira n’ *A gramatiquinha da fala brasileira* de Mário de Andrade”. In: I Congresso Nacional de Literatura: Eu, cem canos de Poesia – I CONALI, na Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, junho, 2012.

portanto, não está totalmente no papel, apresenta também materialidade corpórea, realçada pelas falas e pelos cantos. Como podemos verificar nesta nota de trabalho, fôlio n.º 111, anverso, que registra o particípio passado na boca de um caipira cantando modas:

MA-MMA-51- (111)
(110)

Lingua

Participio Passado
como substantivo

"As moça me oiava,
me dava um pisca
escutei em Sta
Izabel, estado de
S. Paulo, da boca
de um caipira can-
tando modas.

A respeito da materialidade propriamente dita, há dois aspectos nos documentos do manuscrito que se destacam: os materiais da escrita utilizados e a caligrafia do escritor. Procuraremos, então, elucidá-los, a fim de ampliar a compreensão do sentido da obra, que é auditiva, como afirmamos, mas também visual.

O manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira* consigna documentos autógrafos e datiloscritos, embora a quantidade dos últimos seja bem menor. Este dado não pode ser ignorado, pois como crítico de arte, conhecedor do artesanato e da arte, Mário de Andrade tem grande intimidade com os instrumentos da escrita e do traçado, importantes para o seu trabalho.

Em seu notável artigo, “Do desenho”, o escritor aborda, indiretamente, o uso do grafite – instrumento por excelência do desenho – para apresentar suas conjecturas a respeito do desenho. Ele aproxima o desenho da palavra pela característica caligráfica que existe no ato de desenhar. Para Mário, os traços no papel são quase grafismos, que não se restringem a uma pré-demarkação, ao contrário da pintura que possui limitações claras justificadas pelo uso da moldura: “O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica.”³⁸.

Nesse artigo, Mário de Andrade focaliza outras possíveis correspondências do desenho, no sentido baudelairiano do termo. Entre elas, destaca o provérbio por sua natureza transitória e poética. A concepção do autor acerca da fala brasileira é muito semelhante ao texto proverbial, sempre aberta, frágil, ritmada e poética:

E assim o provérbio é muito mais a definição de uma verdade transitória, mansa como a reflexão conceituosa de um chim, que uma verdade eterna, filosoficamente provável. Essa a natureza deliciosa do desenho, que é transitório e sábio como um provérbio, terrestremente momentaneamente conceituoso como um provérbio. Uma esperança de conforto...³⁹

³⁸ ANDRADE, Mário de. “Do desenho”. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1965. p. 71.

³⁹ *Ibidem*, p. 77.

Portanto, podemos dizer que *A gramatiquinha da fala brasileira* e o desenho estão relacionados entre si, pois a materialidade de ambos está calcada na expressão de um esboço, que é forma, uma prática de escritura. Se o desenho não visa capturar uma permanência, a *Gramatiquinha*, também, assenta-se numa proposta de valor transitório, a qual, repetidamente, é destacada pelo autor no manuscrito. A obra permaneceu inacabada, repleta de formulações que não propõem resolver problemas lingüísticos da língua portuguesa, antes, porém, apontam para a tensão existente entre a fala e a escrita no Brasil.

Esta observação faz com que nosso texto derive para caligrafia do escritor, no manuscrito d' *A gramatiquinha da fala brasileira*. A letra cursiva de Mário, livre no lápis preto, performatiza, por vezes, um estado febril⁴⁰ diante da criação artística. É como se ele fosse tomado por um extravasamento de ideias infinito, materializado numa grafia contínua e fluida, que espelha o embate com o próprio manuscrito. Nota-se, repetidamente, na parte inferior dos fólhos, o estreitamento interlinear e a diminuição do tamanho da letra. Há como que uma necessidade de manter a escrita no fólio a fim de evitar a interrupção no pensar-fazer.

Inferir que esses autógrafos foram produzidos num estado febril, significa dizer que esta escrita mariodeandradiana pertence ao âmbito do privado e, por isso, vislumbra-se a liberdade dele no ato de criar, na execução do texto, não transposta, é claro, para o texto impresso. Isto se dá porque a escritura que se mantém no universo particular tem como principal receptor o próprio emissor, ou seja, é Mário de Andrade escrevendo para Mário de Andrade. Nessa direção, *A gramatiquinha da fala brasileira* sugere um funcionamento análogo ao dos *Cahiers* de Paul Valéry⁴¹.

⁴⁰ Mário de Andrade relatou a Augusto Meyer, em carta de 20 de agosto de 1928, o seu estado febril diante da criação de *Paulicéia desvairada*: “Fui pro meu quarto, peguei num livro em branco já com escrituras ensaiantes, escrevi numa folha: Paulicéia Desvairada e principiei escrevendo frases e poesias num estado de palavra que quando recordo ele me parece que o desvairado era mesmo eu. Escrevi feito maluco já não me lembro quantos dias, uns seis. Às vezes, escrevendo um poema, me vinha na cabeça uma ideia pra outro poema já escrito, ou que aparecia no momento e por escrever, eu passava um risco na página, escrevia a tal ideia, passava outro risco e continuava no poema, assim. Acabado o livro, dava uns três do atual!” Cf. FERNANDES, Lygia. (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968, p. 51.

⁴¹ Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Zular por ter me apresentado os *Cahiers* de Paul Valéry e, consequentemente, ter inspirado a minha leitura, durante a disciplina de graduação *Correntes Críticas II* (DTLLC-FFLCH-USP), no segundo semestre de 2010, que acompanhei como estagiária do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino da USP (PAE).

Paul Valéry (1871-1945)⁴² escreveu sem publicar, durante quase toda a sua vida os seus cadernos, sustados apenas pela a morte. Sem apresentar uma finalidade específica, esses cadernos são espaços escriturais que acolhem exercícios diários de linguagem. Há nesta escritura vínculos com a suas publicações, embora seja esta uma obra essencialmente voltada para si. É a figuração de um pensar-fazer livre de concessões linguísticas e artísticas, em que se cabe tudo, de desenhos a cálculos matemáticos. Sobre os *Cahiers* valeryanos, João Alexandre Barbosa escreve:

[...] assim aquele que escreve os *Cahiers* é e não é o poeta de *La Jeune Parque*, do *Album de vers anciens* ou de *Charmes*, na medida em que a escrita que ali se revela está sempre aquém ou além da realização de uma obra mas, ao mesmo tempo, incluir em sua formação, que é só argumento no sentido mais inglês de discussão, uma desconfiança, que é sempre poética, para com os valores da linguagem.⁴³

Sendo assim, o que os *Cahiers* recolhem são aqueles momentos de linguagem que, livres de um propósito de realização de obra, desdobram os próprios valores de significação que o trabalho com a linguagem vai impondo àquele que a utiliza.⁴⁴

Diferentemente de Paul Valéry, Mário de Andrade não desenvolveu uma prática escritural semelhante a dos *Cahiers*. Embora *A gramatiquinha da fala brasileira*, bem como os outros manuscritos do escritor apontem para um fazer de si livre de qualquer enquadramento. Se os cadernos valéryanos não possuem um objetivo determinado, de forma oposta ocorre com a *Gramatiquinha*, que tenciona sistematizar as tendências da língua portuguesa falada no Brasil. Por ora não nos deteremos nas questões relativas ao objetivo da obra, deixando para o último tópico deste estudo preliminar. Antes, vale mencionar que a correspondência de Mário, antes de ser uma prática de escrita em que se

⁴² Mário de Andrade foi um grande leitor de Paul Valéry. Em sua biblioteca, além de livros e artigos de Valéry há também textos críticos sobre ele. No *Fichário analítico*, manuscrito em seu arquivo, encontram-se indicações, em fichas, aos textos valéryanos que nos transporta para a biblioteca de Mário de Andrade.

⁴³ BARBOSA, João Alexandre. “Os cadernos de Paul Valéry”. In: *Alguma crítica*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002, p. 235.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 237.

convoca um destinatário, é o espaço de experimentação estética e linguística para o próprio autor, compreendido, desta forma, como uma espécie de *Cahier*⁴⁵.

Após essa pausa – em que relacionamos os manuscritos de Mário de Andrade com os *Cahiers* de Paul Valéry – é preciso voltar ao exame da grafia do escritor brasileiro que nos leva a esta hipótese interpretativa: em suportes diferentes a letra, a forma de escrever, utilizar o papel, sofre modificações. Para explicitar como isto se dá, focalizaremos a caderneta, as notas de trabalho e os esboços de texto.

A caderneta, medindo 15,6 x 10,7 cm, contém 20 folhas de papel branco milimetrado e 8 folhas de papel branco sem pauta a ela agregadas, assim como uma carta anônima, sem data, datiloscrita, a fita preta, endereçada a Mário de Andrade, na qual o remetente espinafra-lhe o artigo “Manuel Bandeira”⁴⁶. Neste suporte constituído de papel milimetrado, costurado à capa, percebemos certa regularidade na escrita, ao contrário do que encontramos nas folhas sem pautas em que a pressa traz o garrancho. Todavia, a margem vigora em tudo; a numeração, em algarismos arábicos, limita-se os fólhos soltos.

O escritor trabalha cautelosamente a grafite, a disposição do seu texto nas folhas de papel milimetrado, apresentando um traçado forte e contínuo. Apenas em duas folhas escreve a tinta preta, na horizontal. A caderneta e as folhas apenas acolhem os planos, as notas de pesquisa/ notas prévias, prefácio e os esboços de texto. geralmente com letra bem cuidada. Essa condição, permite, que as notas de pesquisa auxiliem a redação dos

⁴⁵ Ainda nessa perspectiva dos *cahiers* e da correspondência, vale lembrar aqui do texto de Mário de Andrade “Dona Flor”, para o *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), em 19 de maio de 1940, em que o escritor relaciona o ato de estudar violão com o de escrever cartas: “[...] Pra lembrar mais uma ideia sensata, conheci um grande professor de piano, em São Paulo, que depois de quatro a seis meses de observação, costumava recomendar a mais ou menos noventa por cento dos seus alunos que fossem estudar violão. O violão, dizia, é o instrumento familiar brasileiro por excelência. O meu querido aluno, está claro, não pretende se dedicar à virtuosidade de palco, que é tão ingrata e exige sacrifícios, pois estude violão! Com ele, o aluno poderá dar vaza a toda essa corrente torrente de arte pessoal que tem no seu coraçãozinho. Poderá tocar um discreto Bach, poderá tocar num aniversário, acompanhar a sereneta da esquina, poderá tocar de noite e de dia porque é instrumento de pouco barulho, estude violão! estude violão!

Estou me lembrando disto porque existe uma espécie de violão da literatura, a que poucos dos nossos milhares de escritores se dedicam, o chamado gênero epistolar. É, na verdade, o gênero ideal, de grande nobreza humana porque socializa, aproxima os indivíduos e cultiva a amizade. E ao mesmo tempo, não se publica. Por intermédio das cartas nos podemos dar fuga aos nossos sentimentos e ideais, fazer literatura, mandar contos e crônicas aos nossos amigos, dezenas de sonetos, que serão certamente aplaudidos por eles, de noite e de dia, porque não fazem barulho. É certo que das dezenas de volumes já saídos este ano, a maioria não tem exatamente uma razão pública de ser. São legítima literatura de violão”. Cf.: ANDRADE, Mário. “Dona Flor”. In *Vida Literária*. Estabelecimento do texto, introdução e notas Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993, p. 188-189.

⁴⁶ O artigo “Manuel Bandeira” foi publicado na *Revista do Brasil*, em 1924. Mário de Andrade cogitou a possibilidade de o artigo integrar, anos mais tarde, em seu livro *Aspectos da literatura brasileira*, de 1943.

“*capitulos particulares*”, n’ *A gramatiquinha da fala brasileira*. Os títulos das seções (capítulos) no “Índice” (plano 1) estão sublinhadas a lápis vermelho. Na caderneta também há o plano 2, verificado numa letra menor, para aproveitamento do espaço restante da página, e tom mais escuro do grafite, configurando segundo momento da escritura, acréscimo. As seções do plano 2 estão sublinhadas a grafite.

Os blocos de bolso (10,4 x de 6,8 cm), em papel de qualidade inferior (*chiffon*), servem principalmente às notas de pesquisa que guardam uma caligrafia uniforme e bem organizada neste espaço, resultado, por certo, do trabalho na escrivania, no estúdio de Mário. Em todas essas folhinhas, o assunto, colhido em leitura ou de oitiva, fica no topo, de maneira implantada para satisfazer rapidamente a consulta constante, no correr da redação de seus capítulos. As notas mostram-se ainda em uma folha arrancada de caderneta de endereços (11,1 x 7,9 cm).

A respeito das esboços de textos, verifica-se, na grafia, aquilo que designamos como performance do febril, um esforço de vencer estados de indeterminação e dúvida, constituintes de qualquer processo criativo. A escrita parece jorrar no papel, esquece margens e leva os desavisados a crer em inspiração, quando o que ali se concretiza é uma escritura totalmente repertoriada, no lápis de um escritor-pesquisador que se documenta previamente, sem saber como será a própria articulação textual.

Como o processo de criação não é passível de controle por parte do artista, de repente, o poeta se instala n’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, chamado, talvez, pela própria constituição dela que é uma poética. Atravessa a caderneta de endereços e a nota de trabalho no verso do fólio nº 180 que registra dístico em porta de cemitério em Goiás, ao escrever, no mesmo suporte, o poema “Louvação” – “Eu sou filho de Carlos Augusto/ e Maria Luiza/ Os dois nascidos no Brasil, de/ gente brasileira”. Depois, risca a lápis azul, tudo o que foge ao documento colhido para a *Gramatiquinha*. Ainda que estas rasuras indiquem o gesto de exclusão da matéria colocada, desvela-se no documento o surgimento de tempos outros, de momentos escriturais diversos. A respeito dessa relação entre a rasura e o tempo, Philippe Willemart afirma:

[...] escrevendo, isto é, juntando dados, informações, palavras, frases e parágrafos, o *scriptor* cria seu tempo na escritura. A escritura inventa seu tempo. Cada palavra escrita, mantida ou rasurada, é um tempo nascente, contínuo ou abortado. O tempo da

escritura está estritamente ligado ao *scriptor*, que tem uma função específica de catalisador antes de ser o inventor. Sua habilidade consiste em arranjar os dados, como um músico estrutura os sons, numa continuidade coerente, dando a seu texto uma temporalidade definida.⁴⁷

Se o tempo (ou os tempos) na escritura está atrelado ao *scriptor*⁴⁸, não será possível nele se deter plenamente. O *scriptor* configura uma instância escritural e, por isso, a sua exploração será sempre contingente. Assim, o acesso a ele, bem como aos tempos ali inscritos, é um permanente resignificar. Quando observamos, cuidadosamente, a folha de papel da caderneta de endereços, flagramos três textos, produzidos em três momentos diferentes. É quase um palimpsesto⁴⁹, com suas camadas textuais apagadas, que acabam por remontar ao manuscrito antigo. O que levou Mário de Andrade a reaproveitar o papel da caderneta de endereços não sabemos dizer, mas, presenciamos a derrocada de seu método racionalizado, organizado nos mínimos detalhes. Diante da emergência da criação artística há algo na escritura que não é possível controlar, formam-se ali verdadeiros hiatos.

“Louvação” não é o único poema de Mário de Andrade que surge no manuscrito d’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, onde está também a embolada “Olha o bambu do bambu bambu” (fólio n.º 13: anverso), decalque de “O samba”⁵⁰, do poeta modernista pernambucano Ascenso Ferreira. E mais dois: “Fiori de la pá” (fólio n.º 16: verso), segundo o autor, o primeiro poema, dos tempos de menino e “A todo instante” (fólio n.º 179: anverso), este em um fólio, em meio a notas de pesquisa que o escondem praticamente. A descoberta destes quatro poemas no manuscrito põe-nos radicalmente em contato com a dimensão poética da obra. O apelo poético da própria obra é tão grande que

⁴⁷ WILLEMART, Phillipe. “Redefinição da metáfora, da metonímia, do tempo, da trajetória em teoria literária”. In: *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 1999, p. 133.

⁴⁸ Segundo Willemart, no processo escritural o escritor torna-se *scriptor*, colocando-se a serviço da linguagem. Cf: WILLEMART, Philippe. “Roda da escritura”. In: *Os processos de criação: na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 37-53.

⁴⁹ O termo palimpsesto aqui empregado remonta a uma escrita primitiva, que tinha como suporte o papiro ou o pergaminho. Os textos escritos nestes suportes eram raspados para darem lugar a outros, embora fosse possível ver os escritos mais novos sobrepostos aos mais velhos e vice-versa. Dessa maneira, organiza-se uma escritura composta por diferentes textos e tempos. Vale ressaltar que o crítico e teórico francês Gérard Genette em *Pallimpsestes* mobiliza a imagem do antigo palimpsesto para pensar a literatura: “Cette duplicité d’objet, dans l’ordre des relations textuelles, peut se figurer par la vieille image du *palimpseste*, où l’on voit, sur le même parchemin, un texte se superposer à un autre qu’il ne dissimule pas tout à fait, mais qu’il laisse voir par transparence”. Cf: GENETTE, Gerard. *Pallimpsestes: la littérature au second degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982, p. 451.

⁵⁰ FERREIRA, Ascenso. *Catimbó*: versos. Recife: Oficinas da ‘Revista do Norte’, 1927. [1928]

a única saída existente para o autor é a poesia, ainda que difusa no manuscrito, conforme apresentação subsequente das quatro imagens digitalizadas dos fólhos.

Feitas essas considerações, é importante que o presente trabalho comente quatro estudos na fortuna crítica d' *A gramatiquinha da fala brasileira*, diversos quanto à maneira de se aproximar da obra.

personal e flexionável do
pronomes é que desaparecem
dentro da locução inteira e
o inmutável, a não ser no
número inicial que a temporiza.
(15)
Pode - mais uma flexão
irregular de poder.
(16)
Que tal o concerto? Assim -
assim, & lá tem uma voz
maior ou - menor.
Assim - assim e maior - ou - me-
nor são adjectivos qualificativos.
(17)
Neste capítulo chamado Psicolo-
gia da lingua Brasileira: Doutra
perfidia, meiguice, sensualida-
de. Ironia, asperidade, & emboladas.
Olha o bambu do bambu bambu
Olha o bambu do bambu bambu
Olha o bambu do bambu bambu
Quero ver dizer 3 vezes bambu
(Ver nota 31) bambulala!
Moleza lingua. Indolência per-
seguida. Fregues rapidas: Velhos bebia
mãe. Sintese oratória da conversa.
(18)
Esta gramática, pois que gramática
implica um ~~no seu~~ ~~confuso~~
concerto o conjunto de palavras
com que as falas se ~~com~~ organi-
zam e que torna conscientes
a organização ~~duma~~ ~~fa~~ ~~duma~~
ou ~~mais~~ falas, esta gramática
parece estar em contradição

los que eu sentia dentro
de mim, vai:

Fiori de la Pá
Gentransfêrdi gáide nôs pigórdi
Gentráu! feligii nórdi
Gemy!...

E foram os únicos que me pi-
caram da meninice. Únicos
bem, não. Me lembro de uma
quadra de que só resta a
última em mim o último
verso. Também sintomático? Não
sei, vai!

O moço pegou na faca e disse: Oh, Morto!

(1) Neste «Gentráu!...» eu era pos-
suído por um extase inconcebi-
vel. Erguia a voz, dava uma
fermata e aspirava!

(32)

É incontestável que eu escrevendo
na língua artificial e de aliu-
guem eu que escrevo atualmen-
te por assim dizer ~~eliminei~~
escapoli com facilidade da possi-
bilidade de errar. Isso não
tem duvida não parem, care-
ce notar duas coisas: a gente
Primeiro: Posso dizer com certa
sinceridade que sei ou pelo
menos já sabe escrever por-
tuguês. Pouco como livro escrito
nessa fala a miúda escrava

179
110

Caravala no manifesto
musical futurista fala que
é "travessia" e "ritmo". Revista
"Música" do Rio

Podem ser primitivismo, se é
primitivismo. Caravala in con-
testação de primitivismo
em nós

Vorismo, arremun-
do, remunado?

Introdução da
Broca do

dar razão pra
se acabar
se acabar se
acabam

Eu só queria que você me olhasse,
Tremesse um pouco e se fosse em mim

A todo instante os seus românticos alegravam
o ritmo do meu passo. Assim de mim
em grande e andando em cautela
baixinho.

Eu só queria que você me olhasse
muito baixinho e se fosse a mim

~~Quarto de~~
~~Gilberto da Silva~~

^S Nos ossos que aqui estamos
Pelos vossos esperamos
Transição em unido
no de Goiás

~~Gilberto da Silva~~
~~Rua da Escadinha 62~~
~~(Pompeo, Mariana)~~
~~Fortaleza~~

~~Quarto de~~
~~Gilberto da Silva~~
~~Maria Luiza~~
Os dois nascidos no Brasil, de
gente brasileira

MA-111-51-180

Fortuna crítica d'A gramatiquinha da fala brasileira

Sem apresentar o autor e nada dizendo sobre a obra, em 1981 a revista paulistana *Polímica*, transcreve a nota “7A” da caderneta e um trecho da “Introdução Cap. I” d'A *gramatiquinha da fala brasileira*, mesclando a estes dois textos o “Posfácio” inédito do romance-idílio, de Mário de Andrade, *Amar, verbo intransitivo*⁵¹. No ano seguinte, desponta a investigação acadêmica voltada para o manuscrito: o estudo pioneiro da Profa. Dra. Edith Pimentel Pinto, em sua tese de livre-docência na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, *A gramatiquinha: texto e contexto*. A tese tornou-se livro em 1990, sob o título *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto* (São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Estado da Cultura).

Edith Pimentel Pinto (1924-1992) nascida em São Paulo, foi professora e poeta. Formada em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo, destacou-se pela excelência de sua produção acadêmica na área de Filologia e Língua Portuguesa da mesma universidade⁵², tendo publicado, entre outros títulos, *O português do Brasil: textos críticos e teóricos* (1978), *A língua escrita no Brasil* (1986), *História da língua portuguesa* (1988), *Português popular escrito* (1990). *A língua escrita no Brasil* (1986) e o *Português popular escrito* (1990). Poeta e contista escreveu *Ia* (1958, Prêmio Fábio Prado), *Dimensões do agora* (1960, Prêmio Governador do Estado de São Paulo), *Tangente e corda* (1965), *Toda via* (1971) e *Sinais e conhecimentos* (1986, 1º prêmio de poesia na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira).⁵³

Talvez por ter vivenciado a experiência poética e o estudo da língua portuguesa, a pesquisadora tenha escolhido *A gramatiquinha da fala brasileira* como *corpus* da sua tese de livre-docência. Nesse trabalho, difunde uma obra até então inédita, examinando-a à luz da textologia, após operar a montagem dos documentos no manuscrito. Buscou decifrar uma ordem, como em um quebra-cabeças que lhe forneceu um possível itinerário de Mário

⁵¹ ANDRADE, Mário de. “Gramatiquinha brasileira”. In: *Polímica*: revista semestral de crítica e criação. São Paulo: Editora Moraes, nº 3, 1981, p. 45-49.

⁵² Um ano após a morte de Edith Pimentel Pinto, a revista *Linha d'água*, do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP, publicou texto homenageando-a: MORAES, Lygia Corrêa Dias. “Homenagem à profa. Edith Pimentel Pinto”. *Linha d'água*, São Paulo, nº 8, junho, 1993, p. 15-16.

⁵³ Sobre a biografia intelectual de Edith Pimentel Pinto, ver: COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras: (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras Editora, 2002, p. 174-175.

de Andrade:

PROPOSTA: A montagem da *Gramatiquinha* – uma aventura, portanto, mas também uma ventura, como foi para o próprio Mário de Andrade – tenta captar o seu contorno fugidio e cambiante, alinhavando retalhos de ideias e assumindo o risco de que resultou um dos muitos possíveis itinerários.⁵⁴

Para cumprir sua proposta, na tese e no livro, a Edith Pimentel Pinto reflete, em um ensaio, sobre a postura de Mário de Andrade enquanto linguísta no modernismo brasileiro, para, em seguida, organizar o dossiê d’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, descrevendo sumariamente os documentos. Na ocasião de sua pesquisa, não lhe interessava interrogar-se sobre a natureza e os sentidos dos documentos. Ela lidou, fundamentalmente, com as questões linguísticas da obra, não investigando a realidade poética, psicológica e política da língua portuguesa falada no Brasil.

Ainda que Edith Pimentel Pinto tenha sido a primeira estudiosa interessada nos originais d’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, outros trabalhos, aliás, contemporâneos ao dela, estudaram a obra. Vale mencionar o de Leonor Scliar Cabral, *As ideias linguísticas de Mário de Andrade*⁵⁵ que recorreu à transcrição de 1981, na revista *Polímica*, e que não demonstra ter percorrido o manuscrito.

Ao examinar as ideias linguísticas de Mário de Andrade, Leonor Scliar Cabral extrai trechos de artigos em periódicos, da correspondência, principalmente ativa, de entrevistas e depoimentos. Toma também os “Anais do Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada⁵⁶” – realizado em 1937, na capital paulista –, onde o escritor, como Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo, organiza o evento e expõe suas pesquisas a respeito da língua nacional cantada. O artigo de Leonor Cabral prima pelo rigor científico, e faz exigências descabidas a Mário de Andrade.

O artigo assinado por Angela Cecília de Souza Rodrigues, “Mário de Andrade: um

⁵⁴ PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria do Estado da Cultura, 1990, p. 11.

⁵⁵ CABRAL, Leonor, Scliar. *As ideias linguísticas de Mário de Andrade*. Florianópolis: UFSC, 1986.

⁵⁶ Sobre a publicação dos anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada, ver: ANDRADE, Mário de. “Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada. *Dom Casmurro*, nº 15, Ano I, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1937, p. 2.

precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil⁵⁷”, apóia-se, principalmente, na tese de livre-docência de Edith Pimentel Pinto para explorar a questão da fala/ língua brasileira em obras do escritor. Partindo da sociolinguística, principalmente, dos apontamentos teóricos de William Labov, fundador da Sociolinguística Variacionista, a pesquisadora acompanha a presença constante da dimensão sociolinguística na produção mariodeandradiana: na literatura, nas cartas, nas crônicas, nos ensaios e no projeto sobre pronúncias regionais do Brasil desenvolvido por Mário, durante sua gestão no Departamento de Cultura, responsável pelo Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada, em 1937, com já se sabe.

Por fim, a publicação de Viviana Gelado, resultado de seu doutoramento, *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*⁵⁸, percorre a historiografia literária latino-americana para indentificar as contradições inerentes à modernidade, às vanguardas e à cultura popular no início do século XX. No capítulo “O primitivismo antropofágico do modernismo brasileiro como forma de valorização do popular”, a autora detem-se em Mário e Oswald de Andrade, especificamente em obras de ambos que, segundo ela, postulam o ideário antropofágico e abordam a questão da língua. No que diz respeito ao autor de *Macunaíma*, destaca o principal interesse do escritor: a fixação da língua brasileira, a língua nacional. A pesquisadora refere-se ao manuscrito d’*A gramatiquinha da fala brasileira* e a outros textos do autor como discursos em tom de manifesto.

Outros autores também analisaram *A gramatiquinha da fala brasileira*. Ninguém captou a dimensão poética da obra, nem mesmo Edith Pimentel Pinto que a reputa uma gramática enviesada pela estética, uma gramática malograda. O projeto escritural d’ *A gramatiquinha* permite-nos afirmar que, de fato, o que se realiza na obra é a poesia. Abre-se, portanto, um novo horizonte de leitura, proporcionando uma exploração sensível⁵⁹ do

⁵⁷ RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. “Mário de Andrade: um precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil”. *Revista Itinerários*. Araraquara, nº 7, 1994, p. 137-153.

⁵⁸ GELADO, Viviana. *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro; São Carlos- SP: 7 Letras; EdUFSCAR, 2006.

⁵⁹ A palavra “sensível” aqui empregada refere-se à noção desenvolvida pelo crítico francês Jacques Rancière, precisamente n’ *A partilha do sensível: estética e política* (São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2005).

manuscrito, conforme discutiremos, detalhadamente, no próximo tópico deste texto preliminar.

Por uma poética: A gramatiquinha da fala brasileira

No dia 20 de dezembro de 2012, a Equipe Mário de Andrade teve a honra de receber, no IEB-USP, Judith Gabriel⁶⁰, ex-aluna de Mário de Andrade, do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, para compartilhar memórias do período em que ela conviveu com o escritor, durante o curso complementar de História da Música, de 1936-1937. Muito emocionada, D. Judith relatou-nos os tempos de Conservatório, sua formação de pianista, o cotidiano da instituição e da sala de aula, majoritariamente feminina e as particularidades do professor-escritor. Sobre ele, a pianista lembrou uma personalidade democrática, comunicativa e simpática. Para mim, foi valioso saber que Mário de Andrade tinha uma fala muito simples e, ao mesmo tempo, complicada, do modo como falava, escrevia. Nas aulas, adotava um livro de sua autoria, cheio de inovações gramaticais: *Compêndio de história da música*⁶¹.

A declaração da ex-aluna de Mário de Andrade nos fez repensar *A gramatiquinha da fala brasileira*. Pudemos perceber que a obra ultrapassava o espaço do gabinete do escritor, transfigurando-se num plano muito maior, o humano. Parece que, além de recolher as tendências da fala brasileira para depois estilizar em seus textos, o que estava em jogo era alçar um modo de vida, um comportamento estético diante da vida, como se a escritura o incorporasse. Nesse sentido, retomo o que o escritor e crítico francês Roland Barthes (1915-1980)⁶² escreveu no prefácio de sua obra *Sade, Fourier, Loyola*:

⁶⁰ A paulistana Judith Gabriel, de 95 anos, ingressou em 1932 no Conservatório Dramático Musical de São Paulo, formando-se em 1938 como pianista. Durante muitos anos, ministrou aulas particulares de piano, em sua casa, para crianças, adolescentes e adultos.

⁶¹ Dona Judith Gabriel, possivelmente, faz referência ao *Compêndio de história da música*. Em carta a Manuel Bandeira, de 26 de outubro de 1931, Mário de Andrade conta ao amigo que faz uso do *Compêndio* no Conservatório e declara também que está preparando a segunda edição do livro: “[...] me sirvo dele no Conservatório, e é o livro mais anticonservatorial que existe [...] Corrigi os excessos de brasileirismo, uns pedaços que não estavam bem explicados e só. O resto vai ser aumentação e isso é que está me dando um trabalho danado.” Cf. MORAES, Marcos Antonio de. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2000, p.530-531.

⁶² Devo esta leitura barthesiana à Profa. Dra Claudia Amigo Pino que sempre recebeu com o entusiasmo as aproximações e os distanciamentos que estabeleci entre os escritores Mário de Andrade e Roland Barthes. No primeiro semestre de 2010, cursei a disciplina de pós-graduação, ministrada pela profa. Claudia, *Roland Barthes: do grau zero ao grau um* (DLM- FFLCH-USP), que teve como objetivo proporcionar aos discentes um panorama geral das publicações de Roland Barthes.

Nada mais deprimente do que imaginar o Texto como objeto intelectual (de reflexão, de análise, de comparação, de reflexo etc.). O Texto é um objeto de prazer. O gozo do Texto muitas vezes é apenas estilístico: há felicidades de expressão, e elas não faltam nem em Sade nem em Fourier. Por vezes, entretanto, o prazer do Texto se realiza de maneira mais profunda (e é então que se pode realmente dizer que há Texto): quando o texto “literário” (o Livro) transmigra para dentro de nossa vida, quando outra escritura (a escritura do Outro) chega a escrever fragmentos da nossa própria cotidianidade, enfim, quando se produz uma co-existência.⁶³

Em sua leitura dos textos de Sade, Fourier e Loyola, Barthes aponta que a relação entre leitor e texto pode trazer algo de humano, o prazer. Segundo ele, o prazer do texto se dá em maior ou menor profundidade. Quando o prazer do texto se realiza de modo mais profundo – equivale dizer que o texto efetivamente se manifesta –, passa a conviver com o homem, tornando-se parte da vida cotidiana dele. Cremos que tenha sido assim com *A gramatiquinha da fala brasileira*, pois a obra passou a ocupar intensamente a vida do escritor, configurando-se como a sua verdade. Conforme Barthes:

[...] trata-se de fazer passar para nossa cotidianidade fragmentos de inteligível (‘fórmulas’) provindos do texto admirado (admirado justamente porque se difunde bem); trata-se de falar esse texto, não de o agir, deixando-lhe a distância de uma citação, a força de irrupção de uma palavra bem cunhada, de uma verdade de linguagem; nossa própria vida passa a ser então um teatro que tem por cenário o nosso próprio hábitat social [...]⁶⁴

Neste excerto, Roland Barthes dá continuidade à sua reflexão acerca do prazer provocado pelo texto mais profundo. Reafirma a transposição do texto para o cotidiano (fragmentos de inteligível), bem como a necessidade de fazer este texto admirado falar, não agir. Localiza-se uma mudança impetuosa: a vida passa a ser um teatro, onde se encenam as práticas sociais (podemos, inclusive, incluir as práticas textuais). Para Mário, o espaço do Conservatório Dramático Musical de São Paulo é propício para a teatralização, pois há um público, no caso os seus alunos, e um texto/ corpo passível de encenação. No ambiente escolar, há um sujeito preparado, com um texto assimilado e estudado. Ele

⁶³ BARTHES, Roland. “Prefácio”. In: *Sade, Fourier e Loyola*. Trad. Mário Laranjeira; revisão da trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. XIV-XV.

⁶⁴ Ibidem, p. XV.

encena este texto através do seu corpo, através de sua fala, vale dizer, de sua fala encorpada, como professor.

Nesta teatralização, Mário encena para os alunos uma verdade de linguagem: a sua fala, resultado estético da costura de muitas falas, coligidas e, posteriormente, estilizadas. Não saberemos afirmar, com precisão, se em todos os lugares em que transitava, o escritor fazia o uso desta expressão falada mais simples, repleta de idiossincrasias. Mas se na sala de aula ele utilizava uma fala similar à escrita, colocava em funcionamento a sua *Gramatiquinha*. Neste ato realiza-se um apelo corpóreo, é preciso que a obra passe pelo corpo, fundindo, então, dicção e escritura. Já havíamos sinalizado o apelo corpóreo, quando circunscrevemos a relação da obra com a música, precisamente com os ritmos sincopados, presentes na canção popular brasileira e na fala brasileira. O corpo, mais uma vez, dá sinais de sua existência no manuscrito.

N'A *gramatiquinha da fala brasileira*, vislumbra-se um desejo de materializar a fala nos documentos colhidos. A busca desta documentação é da ordem da experiência, mas também da experimentação. O escritor precisou se envolver totalmente em seu projeto, pois foi ele quem viu, leu, escutou, pesquisou e registrou a fala brasileira. De forma análoga ao *flâneur*, andou por grandes e pequenas cidades, até em locais mais recônditos, à procura de enunciados que pudessem endossar a sua *Gramatiquinha*. Ademais perambulou na solidão do seu gabinete, articulando leitura-escritura a essa experiência sensível. Parece que ele tenta, obcecadamente, dar corpo a algo que é ignorado. Ao manipular a fala brasileira, como matéria-prima do seu trabalho estético, Mário reconhece que ela, historicamente rebaixada, pode e deve ocupar o literário, o artístico. Descortina-se, portanto, na escritura um ato político, pois se confere a fala um novo lugar. A fala brasileira torna-se a escolha formal do autor, a ética dele perante a vida e a arte.

Assim, realizar esta edição genética d' *A gramatiquinha da fala brasileira* não exigiu apenas processar todas as etapas que envolvem o trabalho de edição. Foi preciso também compreender que este projeto escritural do autor está relacionado com toda a sua lavra. Compor esta edição significou uma incursão pelos espaços da arte, da cultura e do corpo apreendidos no manuscrito e fora dele.

Até o final de sua vida, semelhante a um etnógrafo, Mário de Andrade coletou estruturas – linguísticas, poéticas e psicológicas - que plasmassem a fala brasileira. O escritor lançou-se numa viagem etnográfica que objetivava algo maior, era, pois, a sua própria missão de vida. Ele mirava uma utilidade prática, ainda que transitória, no gesto de se documentar. Era preciso encontrar formas lexicais, morfológicas, sintáticas e semânticas que deflagrassem a realidade vocal brasileira, para que em posse delas estilizasse a língua literária. Se hoje vemos a estilização da fala brasileira nos textos de Mário, é porque houve um esforço sobre-humano, capaz até de “deformar” a sua obra. Em sua famosa conferência “O movimento modernista”, de 1942, ele focaliza a deformação de sua obra:

Deformei, ninguém não imagina quanto, a minha obra – o que não quer dizer que si não fizesse isso ela seria melhor... Abandonei, traição consciente, a ficção, em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. Mas é que eu decidira impregnar tudo quanto fazia de um valor utilitário, um valor prático de vida, que fosse alguma coisa mais terrestre que ficção, prazer estético, a beleza divina.⁶⁵

A deformação-estilização está vinculada ao modo de vida escolhido por Mário para se relacionar com arte e com o mundo. Para o escritor é imprescindível que as suas ações tenham valor utilitário e prático, nem que para isso seja necessário sacrificar a sua escritura, abandonar a ficção. Mais uma vez, remonta-se aqui a questão de uma postura estética e ética diante da arte e da vida. É impossível sair ileso das escolhas formais, pois são escolhas de vida, ainda que sejam erradas. E sobre isso ele escreve em sua *Gramatiquinha*:

Outros deveriam
escrever este livro, não tem
dúvida, porém o certo é que
ninguém se abalçou a
escreve-lo. Inda mais: te-
mos livros valiosos, como A
Língua Nacional de J. Ribeiro,
O Dialeto Caipira de A. Ama-
ral, que são verdadeiros convi-

⁶⁵ ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Martins, 1974, p. 254.

tes pra falar brasileiroamente.
Porêm os autores como idealis-
tas que são e não praticos, con-
vidam, convidam porêm
principiam não fazendo o
que convidam. Não tiveram
coragem. Eu tive a coragem
e é o que explica o meu va-
lor funcional na literatura
brasileira moderna. Não
me iludo absolutamente
a respeito do valor das minhas
obras. Sei que como arte elas
valem quasi nada porêm
são todas exemplos corajosos
e imediatamente praticos
do que os outros devem fazer ou
... não devem fazer. Erros
e verdades.

Neste esboço Mário de Andrade reforça, mais uma vez, a ideia de que sua *Gramatiquinha* é uma obra de cunho prático e funcional para a literatura brasileira moderna, ele a contrapõe a duas obras dos anos de 1920 que são apenas convites para o falar brasileiroamente: *Lingua nacional*⁶⁶, de João Ribeiro, e *O dialecto caipira*⁶⁷, de Amadeu Amaral. Apesar de serem estudos valiosos, como ele afirma, são covardes, pois não realizam na prática o convite que fazem. O autor vai mais longe e assevera, ao final do excerto, que as suas obras não valem quase nada como arte, contudo são exemplos corajosos do que se deve ou não fazer. Em outro esboço, ele reafirma a necessidade de estilizar, e fazendo trocadilho declara:

Cada um que dê a
sua estilização, a sua solução
e se chegará um dia a essa
normalização geral tirada do
pouco que acertaram e do muito
que erraram. ~~Mais~~ Vale mais
errar porêm fazer do que não
errar e não fazer”

⁶⁶ RIBEIRO, João. *Lingua nacional* (notas aproveitáveis). S. Paulo: Edição da “Revista do Brasil” Monteiro Lobato & C.^{ia}, 1921.

⁶⁷ AMARAL, Amadeu. *O dialecto caipira*. São Paulo: Casa editora ‘O livro’, 1920.

A operação de estilizar a fala brasileira, também chamada por Mário de Andrade de abasileiramento, possivelmente teve início na sua obra marco do modernismo brasileiro, *Paulicéia desvairada*, de 1922, escrita desde 1920. Não saberemos, com segurança, se o início desse projeto configurou-se ali, pois persiste a dificuldade de estabelecer uma cronologia exata dos documentos n' *A gramatiquinha da fala brasileira*. Num esboço de texto, o autor insinua o começo:

[...] e ainda assim foi com a
fala brasileira de que a
primeira pretensão minha já
vem no Prefacio de Pauli-
cea teoricamente e pratica-
mente nos versos delas.

Embora declare, explicitamente, que o início desta aventura escritural, em torno da fala brasileira, nasça no “Prefácio interessantíssimo” e, conseqüentemente, os poemas de *Paulicéia desvairada* também foram escritos pela mesma mobilização, Telê Ancona Lopez em seu ensaio “Uma estreia retomada” sinaliza que a obra de estreia, sob o pseudônimo de Mário Sobral, *Há uma gota de sangue em cada poema*, de 1917, possui em seu bojo, ainda que de modo incipiente, a experimentação linguística, pautada na fala dos brasileiros, e a simplificação ortográfica⁶⁸.

Há uma gota de sangue em cada poema compreende uma obra de circunscrição gritante, caracterizada por um eu-lírico que se encontra na periferia dos acontecimentos da Primeira Guerra Mundial, mas que toma uma posição renovadora, no seu pacifismo externado. Os poemas apontam um sentimento religioso e pacifista do mundo, pois sendo a primeira empreitada literária e pública de Mário de Andrade estes escritos de juventude possuem um lastro de fruição romântica e parnasiana, resultado de sua formação passadista.

⁶⁸ Segundo Telê Ancona Lopez: “*Há uma gota de sangue em cada poema* resgata, na ortografia simplificada, quase sem consoantes desnecessariamente dobradas, sem ‘ph’ ou ‘th’, passos primeiros do projeto linguístico que privilegiará, em toda obra do escritor, o emprego do português falado no Brasil [...] inaugura a ortografia idiossincrática de Mário, a qual, pela mesma razão de ordem estilística, adota ou suprime hifens à revelia da gramática, como em de-certo, há-de, norteamericano, beijaflor, arranhacéu e em muitos outros exemplos nos títulos publicados em vida e nos inéditos.” Cf: LOPEZ, Telê Ancona. “Uma estreia retomada”. In: ANDRADE, Mário. *Obra imatura*. Estabelecimento de texto de Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009, p. 69-70.

Três anos após a publicação de estreia, Mário de Andrade lança na revista carioca *Ilustração Brasileira*, precisamente de novembro de 1920 a maio de 1921, cinco crônicas que formam a série “De São Paulo”. Diferentemente de *Há uma gota de sangue em cada poema*, os textos deste periódico são marcados pelo “amadurecimento”⁶⁹ de sua verve poética. O escritor, naquele momento, começava a se filiar às questões modernistas, e logo seu interesse volta-se para a experimentação estética e, conseqüentemente, para a linguística. O começo do decênio de 1920 demarca a transição do pensamento de Mário de Andrade. Há uma tentativa de reconfigurar, não de abandonar, as bases românticas e parnasianas de sua formação, considerando agora as vanguardas européias e os alaridos de modernidade na Paulicéia. Além disso, a língua portuguesa falada no Brasil é admitida, e paulatinamente é compreendida e apropriada como realidade brasileira. Em artigo voltado à série de crônicas “De São Paulo”, Telê Ancona Lopez, escreve:

Esfuziante de certeza, paga o preço da transição que está vivendo: modernidade alardeada, irreverência, frases telegráficas, frases sem verbo abertas nas reticências, a descoberta da fala brasileira cosida à da permanência da linguagem do passado – português castiço, períodos longos, altissonantes, ordem inversa, palavras raras. Transição que implica, nesse instante, a difícil percepção do que, de fato, ultrapassava ingênuas projeções e a ausência de recursos para flagrar as próprias contradições.⁷⁰

Nas crônicas da série “De São Paulo”, Mário de Andrade vai dando forma, pouco a pouco, ao seu projeto de sistematizar as estruturas da fala brasileira em sua obra. Possivelmente, na crônica “São Paulo II”⁷¹ o escritor faz a primeira menção à fala brasileira, embora não utilize no texto propriamente a expressão “fala brasileira”, mas “escritos em legitimo português”⁷². Como não havia configurado completamente a sua proposta literária, ele hesita ao se referir à escrita do historiador e ex-diretor de Museu do Ipiranga, Afonso d’ Escragnolle Taunay: “Ora é o dr. Taunay que aparece nas livrarias

⁶⁹ *Há uma gota de sangue em cada poema* integra ao lado de *Primeiro andar* e *d’A escrava que não é Isaura* a *Obra imatura*, livro organizado por Mário de Andrade, mas publicado postumamente, em 1960 (São Paulo: Editora Martins).

⁷⁰ LOPEZ, Telê Ancona. “Mário de Andrade cronista de São Paulo nos primórdios do modernismo”. *Remate de Males*, volume 33, nº 1 (no prelo).

⁷¹ ANDRADE, Mário de. *Ilustração Brasileira*, ano 8, nº 3, Rio de Janeiro, novembro de 1920. Agradeço à profa. Telê por ter me chamado atenção à crônica de Mário de Andrade.

⁷² ANDRADE, Mário de. *De São Paulo: cinco crônicas de Mário de Andrade*. Organização, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo, SENAC, 2004, p. 83.

com seus estudos sobre infância e cidade, escritos em legítimo português (os enfeitadinhos soluçam)”⁷³.

Em dois documentos d’ *A gramatiquinha da fala brasileira*, o autor faz alusão a Afonso d’ Escragnolle Taunay. Num recorte de jornal, destaca o artigo de Taunay “Precisamos de um dicionário brasileiro” publicado em 15 de fevereiro no *Jornal do Commercio*, e numa nota de trabalho, focaliza um brasileirismo verbal presente no livro dele sobre a história de São Paulo⁷⁴. A Mário de Andrade interessou a adesão de Afonso Taunay à fala brasileira e, por isso, distingui em sua crônica o fato e, mais tarde, colige os dois documentos.

Apesar de não conseguirmos asseverar o momento de partida do projeto estético-linguístico de Mário de Andrade, a correspondência do escritor circunscreve também que a partir dos anos de 1920 a discussão em torno do abasileiramento da língua literária torna-se mais frequente. Em muitas cartas trocadas, Mário faz referência à empreitada, defendendo-a intensamente, ainda que seus amigos, como Manuel Bandeira⁷⁵, discordem de sua escolha formal. Entre essas cartas escritas pelo escritor, destacamos o trecho de uma enviada à amiga Tarsila do Amaral, em 1 de dezembro de 1924, na qual ele anuncia o abasileiramento de seus textos:

Eu por minha parte estou abasileirando inteiramente a língua em que escrevo. Um artigo sobre Manuel Bandeira que sai no próximo número da *Revista do Brasil* tem erros enormes de português. São coisas certas em brasileiro, minha língua atual. E estou traduzindo

⁷³ Idem, *ibidem*.

⁷⁴ TAUNAY, Afonso de E. *Piratininga: aspectos sociaes de S. Paulo seiscentista*. São Paulo: Typogr. Ideal, 1923.

⁷⁵ Em muitas cartas Manuel Bandeira se posicionou contrário ao projeto de sistematização e estilização da fala brasileira do amigo. Em carta de 30 de julho de 1933, o poeta é extremamente contundente: “Repito que isso não é português nem brasileiro nem língua nenhuma. Não é ‘fato’ de linguagem. A sua sistematização só é lícita quando se exerce sobre fatos de linguagem. Me desespera, te desespera, nos desespera, mesmo se desespera (mais raro e em casos especiais) são fatos da língua: o desespera não. Não é fato da língua literária nem da língua popular ou familiar. E a sua insistência é tanto mais incompreensível quando se reflete que você põe sempre o interesse social acima das satisfações individualistas mais legítimas como são as do artista. Ora, esses purismos da sua gramatiquinha da fala brasileira irritam todo mundo e prejudicam enormemente a sua ação social. Se irritam a mim, que sou seu amigo!... Afinal falei, mas sei que será à toa.” Cf. MORAES, Marcos Antonio de. (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2000, p.564.

pro brasileiro a minha conferência sobre o cubismo. Sairá também na revista do Paulo [Prado]. Te mandarei, se não me esquecer.⁷⁶

Diferentemente da conferência de 1942, Mário em sua carta à Tarsila não emprega o verbo deformar, utiliza, porém, traduzir que igualmente corresponde à ideia de estilização da língua literária. O termo traduzir pode ser também compreendido como transcrição⁷⁷, conceito tão caro a Haroldo de Campos, que significa, para ambos os autores, criação e crítica.

Se o abasileiramento mariodeandradiano pode ser entendido como tradução, neste processo não há absolutamente nada de natural e é, por sua vez, artifício, ação sobre o texto que implica performatizar no escrito a fala brasileira. Na modalidade escrita não existe naturalidade e Mário defendeu este princípio. Ao realizar a sua retrospectiva intelectual na conferência de 1942, o escritor salienta que “como normalidade de língua culta e escrita, estamos em situação inferir à de cem anos atrás⁷⁸”. Um dos motivos apresentados por ele para o retrocesso linguístico no Brasil está na ideia da existência de uma escrita que seja natural, como podemos observar:

A desistência grande foi criarem o mito de ‘escrever naturalmente’, não tem dúvida, o mais feitiço dos mitos. No fundo, embora não consciente e desonrosa, era a desonestidade como qualquer outra. E a maioria, sob o pretexto de escrever naturalmente (incongruência, pois a língua escrita, embora lógica e derivada, é sempre artificial) se chafurdou na mais antológica e antinatural das escritas. São uma lástima.⁷⁹

Na conferência, Mário de Andrade lamenta a impossibilidade de aderência à fala brasileira, exposta por seus pares, cuja alegação assentava-se no ponto de que o ato de escrever seja natural, e, por conseguinte, não estilizado. Este fato acaba por desvelar que o propósito de sua *Gramatiquinha* é a construção de uma poética. Ele recolhe as estruturas

⁷⁶ AMARAL, Aracy (org.). *Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2001, p. 89.

⁷⁷ O conceito de transcrição permeia muitos textos de Haroldo de Campos sobre tradução. Para a articulação que aqui estabelecemos, destacamos: CAMPOS, Haroldo de. “Da Tradução como criação e como crítica” In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 31-48.

⁷⁸ ANDRADE, Mário de. “O movimento modernista”. In: *Aspectos da literatura brasileira*. 5ª ed., São Paulo: Martins, 1974, p. 245.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 246.

linguísticas, poéticas e psicológicas que se repetem na fala brasileira na tentativa de criar um conhecimento literário. De maneira distinta do gramático, o escritor não visa identificar e organizar normas e regras, mas encontrar as constâncias da fala brasileira. Em uma nota de trabalho, fazendo uma autoadvêntencia, o autor previne-se: “Gramatinha/ Não falar nem uma/ vez em regras. Nem tão/ pouco em normas si/ possível. Falar só em/ ‘Constancias’”.

A gramatiquinha da fala brasileira é uma espécie de coletânea de formas, já empregadas por falantes, poetas, cantadores e até por linguistas. Este conjunto de formas, recolhido sistematicamente por Mário de Andrade, não está vinculado, exclusivamente, à condição social ou ao grau de instrução dos sujeitos⁸⁰. Interessa-lhe coletar estruturas que performatizam uma fala ordinária e espontânea, conforme explicita num esboço de texto do manuscrito:

A Lingua Nacional

a) As observações e pesquisas sobre a lingua nacional não devem ser feitas exclusivamente entre pesso[a]s das classes proletarias, entre analfabetos e pessoas rurais. Deve estender-se a todas as classes, até mesmo aos cultos, mas sempre na sua linguagem desleixadamente espontânea e natural. As observações só não devem se estender aos indivíduos que timbram em falar certo. ~~ou~~ Ou melhor: tem muita importância em verificar ~~as vezes~~ e apontar as vezes ~~em~~ e casos em que mesmo estas pessoas “culteranistas”, por desatenção momentânea pecam contra o português de Portugal e das gramáticas.

⁸⁰ Mário de Andrade em seu artigo, “Noção de responsabilidade” reforça, com veemência, que a documentação folclórica não deve ser precedida por quaisquer escolhas relacionadas à condição social, grau de instrução e profissão dos sujeitos informantes: “Um documento folclórico colhido da memória de um advogado tem o mesmo valor de outro colhido da boca de um vaqueiro; não se faz diferença entre o colaborador urbano e o rural, o alfabetizado e o analfabeto, nem data, nem idade, nem sexo, nem nada; o folclore é o paraíso da ‘sensação’ democrática; tudo é igual.” Cf. ANDRADE, Mário. “Noção de responsabilidade”. In: *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d, p. 37.

Neste esboço, o autor delimita os espaços de circulação desta fala brasileira, compreendida, anos mais tarde, como língua nacional. Mário busca um registro oral – escrito ou falado –, que desvele espontaneidade, naturalidade e também lirismo. Nas palavras de Mário, na nota de número 23 da caderneta, verificamos:

_____ (23)
Nem uma só vez dar exem-
plos vulgares, genero “Pedro
matou Paulo”. Todo exemplo
será reflexão profunda. Será fra-
se lirica adoravel. Será julga-
mento critico. Será ataque ou
sarcasmo. No máximo com brasileirismos
rarissimo dar exemplo palavra isolada, so quando ja contiver lirismo

Assim sendo, a estilização operada nos textos mariodeandradianos resulta num fazer poético, que intenta restituir o primitivismo da linguagem, perdido no processo civilizatório. No manuscrito d’*A gramatiquinha da fala brasileira*, por vezes, o escritor faz alusão ao primitivismo, seja em esboços de texto ou em notas de trabalho, que levam, por exemplo, ao artigo de Jean Paulhan, “La mentalité primitive, et l’illusion des explorateurs”, publicado em 1928, no periódico francês *La nouvelle revue française*. Sobre o primitivo, Mário declara num esboço de texto:

Sob esse ponto
estou na situação dum primi-
tivo. E por isso escrevo mesmo
que nem primitivo, naquilo,
em que o posso ser, isto é,
sem a preocupação de que
isto é êrro e isto não.

Desse modo, a sistematização cumprida por Mário de Andrade não relaciona o popular com o espontâneo. O espontâneo, com acertos e erros, é um fato de linguagem, que ele tenta obsessivamente recuperar, pois não sendo artificioso, torna-se, de certa forma, matéria-prima para o seu trabalho artístico. Nesta direção, em alguns documentos do manuscrito, o autor compara o ato de vestir com o de falar, como neste trecho cheio de humor em que o vestir-falar do brasileiro é marcado pelo desconforto:

O português ~~está~~ escreve
como está, manga arregaçada
e chinelo, sem meia. Resultado: está a seu gosto, mexe-se bem. O brasileiro, coitado! nem pode sentar porque amassa o rabo do fraque.⁸¹

Embora Mário de Andrade utilize como forma poética a fala, numa concepção mais cotidiana e espontânea, durante o processo escritural a mesma sofre uma transmutação violenta – a estilização –, e aquilo que antes pertencia ao universo primitivo, da comunicação entre os sujeitos, ganhará um outro estatuto e passará a integrar o literário. A respeito da criação poética, Octavio Paz (1914-1998) em seu notável ensaio, *O arco e a lira*, tece considerações sobre o poema, de forma correlata à de Mário de Andrade. O escritor mexicano focaliza em seu texto não apenas o aspecto literário do poema, mas, sobretudo, o humano. Isso porque a vertente mais natural, primitiva, e, conseqüentemente, humana da poesia está na linguagem. O poeta é aquele que resgata este primitivismo, justamente por sua capacidade de ser um “imitador por profissão⁸²”. Segundo Paz, a criação poética se inicia num ato violento de desrraigamento, seguido do movimento de regresso. Conforme as suas palavras:

A criação poética tem início como violência sobre a linguagem. O primeiro ato dessa operação consiste no desrraigamento das palavras. O poeta arranca de suas conexões e misteres habituais: separados do mundo informe da fala, os vocábulos se tornam únicos, como se tivessem acabado de nascer. O segundo ato é o regresso da palavra: o poema se transforma em objeto e articulação. Duas forças antagônicas habitam o poema: uma de

⁸¹ Mário de Andrade em carta enviada a Carlos Drummond de Andrade, posterior a 22 de novembro de 1924, utiliza vocábulos relacionados ao vestuário para se referir ao modo de escrever do poeta mineiro: “Antes de mais nada: você é muito inteligente, puxa! A sua carta é simplesmente linda. E tem uma coisa que não sei se você notou. A primeira vinha um pouco de fraque. A segunda era natural que viesse de paletó-saco. Mas fez mais. Veio fumando, de chapéu na cabeça, bateu-me familiarmente nas costas e disse: Te incomodo? Eu tenho uma vaidade o dom de envelhecer depressa as camaradagens. Pois camarada velho, sente-se aí e vamos conversar. Olhe, você não repare se vou escrever sintético. É que de verdade mesmo não posso me estender nas minhas cartas. Não tenho tempo pra nada, de tal forma estou ocupado.” Cf. SANTIAGO, Silviano (org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002, p. 66.

⁸² PAZ, Octavio. “O poema”. In: *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify; Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 73.

elevação ou desrraigamento, que arranca a palavra da linguagem; outra de gravidade que a faz voltar.⁸³

Octavio Paz e Mário de Andrade possuem uma percepção análoga da criação poética. Parece que ambos estão muito próximos de uma teoria utópica da linguagem, que tem como centro a poesia. Quando a fala se configura “desleixadamente espontânea e natural”, carrega o resquício do primitivo; torna-se para o poeta matéria-prima de sua criação. Então, o poeta manipula artisticamente uma linguagem que, de certa forma, está livre de qualquer convenção que poderia restringi-la. Dito de outro modo, é como se o artista se deparasse com a linguagem pura, ideal.

Durante o processo poético, no primeiro movimento, a fala perde a sua natureza comunicativa, o desrraigamento/ elevação. Contudo, no segundo momento, apresenta-se o regresso da palavra/ gravidade, capaz de preservar o caráter primitivo existente na fala. Entretanto, esta palavra que regressa não representará coisa alguma, não explicará nada, somente recriará, quando possível, uma realidade⁸⁴. Para Mário, sistematizar a fala brasileira está para além de uma busca de brasilidade, o que na verdade ele busca é uma expressão poética que ecoe uma espécie de primitivismo textual. Nesse sentido, o escritor em carta enviada a Sergio Milliet⁸⁵, possivelmente anterior a 1941, sintetiza o que seria a sua estilização da fala brasileira, ao expor sua opinião a respeito do livro de estreia de Mário Neme, *Donana sofredora*:

Porque um livro como este [*Donana Sofredora*] me parece difícil quase impossível de corrigir, pelo estilo, pelo tom de exuberância leviana, pela espontaneidade. Quanto a estilo, processo de escritura, é certo que ele lembra o meu “Belazarte”, mas também é certo que não me imitou nos meus cacoetes. Criou os dele. O que ele aceitou foi o princípio estilístico daquele meu livro, isto é: *realizar em linguagem literária escrita a imagem mais aproximada possível da linguagem a-literária falada*. É por causa disso que ele evoca necessariamente o “Belazarte”. E a linguagem dele tem achados deliciosos, apesar de necessariamente amaneirada, como sucede com o “Belazarte” e todo e qualquer

⁸³ Ibidem, p. 46.

⁸⁴ Ibidem, p. 117-119.

⁸⁵ Devo esta articulação à Marina Damasceno de Sá, colega da Equipe Mário de Andrade, que me chamou atenção à carta de Mário de Andrade a Sergio Milliet.

livro que se proponha, como principio de escritura, realizar um estilo... estilizado.⁸⁶
(grifo nosso)

Nesta carta Mário de Andrade compara *Donana sofredora*, de Mário Neme, com o seu *Os contos de Belazarte*. Ambas as obras acolhem um estilo natural e espontâneo, uma “exuberância leviana”. Isto se dá porque a linguagem literária utilizada pelos dois autores está calcada numa fala estilizada. O autor estreante chama a atenção de Mário ao manipular um estilo próprio, autoral⁸⁷. Neme inventa um estilo totalmente seu ao apreender o processo de estilização literária. Ele aceita o princípio estilístico: plasmar no escrito, na literatura, a imagem mais próxima da linguagem da “a-literária falada”. Em outras palavras, na criação poética tenta-se recriar uma imagem de fala não literária, pois no poético não existe reverberação de conceitos, mas manifestação de imagens e revelação de figuras.⁸⁸

Esse princípio estilístico aceito por Mário Neme e por Mário de Andrade casa-se com a reflexão de Octavio Paz sobre o poema, que por sua vez pode sinalizar um possível vínculo com o conceito de sentença agramatical, fundamentado pelo linguista e filósofo norte-americano Noam Chomsky (1928-)⁸⁹. As sentenças agramaticais são aquelas que não existem na língua, que jamais seriam escritas e/ ou pronunciadas por um falante nativo. Em contraposição às sentenças gramaticais, que são aquelas possíveis na língua escrita e na falada. A formulação agramatical está próxima da articulação delineada por Mário de Andrade e Octavio Paz. Num trecho de uma nota de trabalho, Mário aponta ser a língua uma instância imitadora de ruídos expressivos, que não possui fundo gramatical. Para o escritor, a criança é uma performatizadora desses ruídos expressivos, vivos da língua:

⁸⁶ Série Correspondência Mário de Andrade, sub-série Correspondência Ativa. Arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – Fundo Mário de Andrade, MA-C-CAR495.

⁸⁷ A leitura do livro *Donana sofredora*, possivelmente mobilizou Mário de Andrade, pois mereceu um artigo na *Revista do Brasil* (Rio de Janeiro), em março de 1942, sob o título “Mário de Neme” e, posteriormente, o mesmo passou a integrar a seleta *O empalhador de passarinho*, publicação póstuma de 1946.

⁸⁸ A respeito da imagem, afirma Octavio Paz: “A imagem reconcilia os opostos, mas essa reconciliação não pode ser explicada com palavras – exceto as da imagem, que já deixaram de sê-lo. Assim, a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade toda a vez que tentamos exprimir a experiência terrível daquilo que nos rodeia e de nós mesmos. O poema é a linguagem em tensão: em extremo. Extremos da palavra e palavras extremas, voltadas para as próprias vísceras, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a não significação.” Cf. PAZ, Octavio. “O poema”. In: *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify; Fondo de Cultura Económica, 2012, p. 117.

⁸⁹ Noam Chomsky desenvolveu pela primeira vez a noção de gramaticalidade e de agramaticalidade em sua obra *Syntactic structures*, de 1957.

Porem a lingua
nem os linguistas não tem
nada que ver com ela nem
ela com êles. Principalmente
em vista da imitação de
ruidos a todo instante se
criam expressões orais desses.
As crianças abundam desses
ruidos admiravelmente ex-
pressivos, admiravelmente
vivos sem que tenham vida
gramatical.

Desse modo, tanto n’*A gramatiquinha da fala brasileira* quanto n’ *O arco e a lira* apresentam um esboço do funcionamento da linguagem que parece privilegiar as sentenças agramaticais, sentenças estas livres da violência do estabelecimento gramatical da língua. Mário de Andrade desenvolve um mecanismo poético que tenta recuperar aquilo que teria sido natural à língua. Este mecanismo é a sua *Gramatiquinha*, que pode ser concebida como a sua poética. Paul Valéry apresenta em sua aula inaugural do curso de poética no Collège de France em 1937, uma noção de poética semelhante a que estamos mobilizando aqui:

Mas, deplorando-a ou deleitando-se com ela, a era de autoridade nas artes há muito tempo está terminada, e a palavra ‘Poética’ só desperta agora a ideia de prescrições incomodas e antiquadas. Acreditei então poder resgatá-la em um sentido que leve em conta a etimologia, sem ousar, contudo, relacioná-la ao radical grego – *poético* – ,do qual a fisiologia se serve quando fala das funções hematopoéticas ou galactopoéticas. Mas é, finalmente, a noção bem simples de fazer que eu queria exprimir. O fazer, o *poëin*, do qual desejo me ocupar, é aquele que termina em alguma obra e que eu acabarei restringindo, em breve, a esse gênero de obras que se convencionou a chamar de *obras do espírito*. São aquelas que o espírito quer fazer para o seu próprio uso, empregando este fim todos os meios físicos que possam lhe servir.⁹⁰

⁹⁰ VALÉRY, Paul. “Primeira aula do curso de poética”. In: *Variedades*. Organização e notas João Alexandre Barbosa. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo Iluminuras, 2007, p. 180-181.

A definição valeryana de *poëin* está em conformidade com a proposta realizada por Mário de Andrade. *A gramatiquinha da fala brasileira* é a sua *oeuvre d'esprit*, projetada e executada para o seu uso. A documentação recolhida pelo escritor transcende a ideia de prescrição ou norma que o título poderia sugerir. O título da obra é uma armadilha, uma dissimulação proposital⁹¹ do autor. Trata-se, na verdade, de um excesso que se opera pela diminuição, pela redução⁹². Um menos que é mais. O emprego do diminutivo acaba por subverter a própria ideia de gramática, pois o hipocorístico demarca um sensível, o deslocamento para o poético. Somente na dimensão poética é possível ter uma relação amorosa e íntima com a linguagem. No esboço de introdução do primeiro capítulo da obra, o autor afirma que se trata de um livro de ficção, os seus idílios com a fala brasileira: “Introdução Cap. I/ Prefacio – ~~Quais as min~~ Livro de ficção (/ meus idílio com a fala) — Minhas intenções/ tentando estilização brasileira da fala bra-/ sileira [...]”.

Mário reconfigura *A gramatiquinha da fala brasileira* ao relacioná-la com sua escritura ficcional. Vai mais longe, não lhe basta apenas identificá-la como ficção, ele a associa, ainda, ao seu romance-idílio *Amar, verbo intransitivo*, publicado em 1927, mas elaborado desde 1923. Neste romance de cunho experimental, desenha uma prosa-cinematográfica, assentada na perspectiva do abasileiramento da língua literária. A narrativa acomoda-se no drama psicológico freudiano, da protagonista Fräulein, contratada pela família dos Sousa Costa para ser a professora de amor, a iniciadora sexual do primogênito Carlos. No “Postfácio” inédito da obra, é focalizado, primordialmente, a questão da estilização da língua literária. O escritor enreda uma nova proposta literária neste romance-idílio, que não sepulta uma tradição, mas a resgata para torná-la mais dinâmica e viva.

Cabe ressaltar que essa aproximação com o romance-idílio figurou-se também fora do manuscrito. Mário de Andrade fez por sete vezes o anúncio da sua *Gramatiquinha* nas páginas de anterrosto ou de rosto dos seus livros, nas edições *princeps*. Ele anunciava que

⁹¹ A expressão “dissimulação proposital” é de autoria de Bruna de Carvalho, colega do Grupo de Estudos de Literatura, Loucura e Escrita (GELLE). Na reunião do grupo, realizada no dia 22 de março de 2013, discutimos a noção de dissimulação a partir da leitura do texto dela, “Gide/ Barthes: crítica e dissimulação”.

⁹² Esta articulação me foi possível porque frequentei, como aluna-ouvinte, a disciplina de pós-graduação, ministrada pela profa. Eliane Robert Moraes, *Figuras do excesso na prosa de ficção brasileira (século XX)*, DLCV-FFLCH-USP. No curso, a docente desconstruiu a ideia de que a figura do excesso se concretiza apenas no acumulativo, no quantitativo. Há também um excesso que está na diminuição, na redução.

a obra, bem como outros títulos, estavam “em preparo”, possivelmente no intuito de sublinhar, aos seus leitores, o seu engajamento neste projeto escritural. O primeiro anúncio foi em *Losango caqui ou afetos militares de mistura com os porquês de eu saber alemão*, de 1926 (São Paulo: Casa Editora Antonio Tisi) e o último no *Compêndio de história da música*, de 1929 (São Paulo: I. Chiarato & CIA). Na folha de rosto de *Primeiro andar* (São Paulo: Antonio Tisi, 1926), *A gramatiquinha da fala brasileira* é identificada como “idílio técnico”. Esta classificação dada por Mário à sua *Gramatiquinha* nos remete, mais uma vez, a concepção poética da obra. Como já discutimos anteriormente, há uma relação íntima e afetiva do autor com a linguagem. Entretanto, o seu amor à linguagem não é suficiente para a formalização do seu projeto literário. Os documentos reunidos pelo escritor representam a parcela técnica do processo de estilização da língua literária. O escritor, conforme assinalamos, empreendeu uma longa pesquisa sobre a língua portuguesa falada no Brasil para conseguir identificar e compor a sua coletânea de formas. Sem a sistematização destas formas, a estilização não seria possível.

Retomando a questão do título da obra, vale acrescentar à discussão a noção de gênero formulada por Jacques Derrida em “La loi du genre”, comunicação apresentada por ele, em 1979, por ocasião do Colóquio Internacional sobre o Gênero. Derrida discute a lei do gênero, pensando a problemática de modo alargado, aproximando-o à natureza e à cultura. A partir de determinados pressupostos cristalizados sobre o gênero, como a naturalização, a lei, a identidade, o fechamento e o limite, o autor localiza a sua reflexão em outro lugar, recusando-se a conceber o gênero de modo prescritivo e normativo. A mistura é constitutiva do gênero, quaisquer tipos de texto são atravessados pelas seguintes perturbações essenciais: “divison interne du trait, impureté, corruption, contamination, décomposition, perversion, déformation, cancérisation même, prolifération, génèreuse ou dégénérescence⁹³”. Mário de Andrade ao intitular a sua obra de *A gramatiquinha da fala brasileira* coloca em funcionamento a articulação derridariana: marca e remarca o gênero. Significa dizer que o escritor afirma e nega, simultaneamente, o gênero gramática. Ainda que obra se inscreva no poético, a mesma possui elementos comuns a uma gramática.

⁹³ DERRIDA, Jacques. “La loi du genre”. In: *Parages*. Paris: Éditions Galilée, 1986, p. 254.

Mário de Andrade subverte a gramática tradicional. Não lhe interessa a transmissão e a construção de supostos saberes que emergem dela, mas reunir uma coletânea de constâncias da fala brasileira. Ele afirma nos documentos do manuscrito que não se trata de uma obra científica, nem tampouco de uma obra para os grupos-escolares, o que de saída, sinaliza um princípio não formatador a sua *Gramatiquinha*. Num esboço de texto, o autor realiza o movimento derridariano de marcar e remarcar o gênero: “Assim ninguém espere uma gramática. O título é pra/ atrapalhar”. Ao observar esta auto-ironia do autor, poderíamos pensar que se trata de uma contradição entre o título e o conteúdo da obra, contudo a problemática é ainda maior. A obra traz em seu bojo uma espécie de corrosão, que o escritor não se priva em expor. Mário de Andrade realiza um feito similar ao do pintor René Magritte, com o seu famoso quadro “Ceci n’est pas une pipe” (1928-1929). Ambos exclamam em suas obras a impossibilidade de representação artística, eles resistem fortemente à corrente mimética. Segundo Jacques Rancière, o regime da representação instaura-se para além do âmbito do estético, ao estar vinculado a leis (o real concebido como realidade dada) que o expulsam do domínio do sensível. Dessa forma, nem o quadro, nem a escritura estão sob o regime do representativo das artes, mas sob o regime do estético:

O regime estético das artes é aquele que propriamente identifica a arte no singular e desobriga essa arte de toda e qualquer regra específica, de toda hierarquia de temas, gêneros e artes. Mas, ao fazê-lo ele implode a barreira mimética que distinguia as maneiras de fazer arte das outras maneiras de fazer e separava suas regras da ordem das ocupações sociais.⁹⁴

Estar sob o sistema estético implica um deslocamento. No caso da radicalização artística de René Magritte – aproximando-nos da leitura de Michel Foucault do quadro –, encontramos no desenho dele um caligrama desfeito, “um caligrama secretamente constituído por Magritte, em seguida apagado.”⁹⁵ O artista não quer simplesmente mudar os modos de representação, anseia ruir a própria ideia de representação que o levaria para as leis das verdades binárias, para “as mais velhas oposições de nossa civilização

⁹⁴ RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2005, p. 33-34.

⁹⁵ FOUCAULT, Michel. *Isto não é um cachimbo*. Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 21. [1988]

alfabética: mostrar e nomear; figurar e dizer; reproduzir e articular; imitar e significar; olhar e ler.”⁹⁶ De maneira análoga acontece com *A gramatiquinha da fala brasileira*. Em nossa leitura, Mário transgride a linguagem gramatical para compor uma poética. Como gênero tradicional, a gramática tradicionaliza a linguagem, contudo o uso que o escritor faz dela a insere em outro domínio: aquele do impróprio. Pensado este como o não lugar, que o levaria para a própria poesia.

Coube, então, a Mário de Andrade transgredir a linguagem da gramática e sufocar o poder que a ela foi atribuído. Ao perceber o poderio da gramática, o escritor colocou-se à margem destas retóricas dominantes, num gesto de resistência, optou pelo diminuto, pelo transitório e pela poesia.

⁹⁶ Ibidem, p. 23.

Processamento das etapas da edição genética

Para elaborar esta edição genética d' *A gramatiquinha da fala brasileira* fez-se necessário classificar os documentos do manuscrito detidamente de acordo com o padrão estabelecido pelo projeto temático FAPESP/ IEB e FFLCH, coordenado por Telê Ancona Lopez, *Estudo do processo de criação de Mário de Andrade nos manuscritos de seu arquivo, em sua correspondência, em sua marginália em suas leituras*. Classificar para poder refletir em maior profundidade acerca dessa escritura, analisando quais práticas de escrita ela encerra – planos, notas de trabalho, esboços de texto, fichas bibliográficas –, considerando também afirmações de Mário de Andrade em outros manuscritos, na marginália, nas cartas, nas entrevistas e nas obras publicadas.

Em termos gerais, o trabalho foi dividido em duas etapas. Na primeira, identificamos, ordenamos e analisamos os documentos no manuscrito. E na segunda concentramo-nos no deciframento, na transcrição e na montagem da edição genética, que foi justaposta ao fac-símile dos fólios do manuscrito, além de agregar a reprodução de materiais complementares, sobretudo, imagens das páginas dos livros referenciados pelo autor em documentos do dossiê.

No intuito de melhor expor o percurso da pesquisa para o mestrado, sintetizamos em treze etapas o processamento da edição genética d' *A gramatiquinha da fala brasileira*. Paralelamente, apontamos de que forma se deu a participação da equipe técnica do IEB-USP no nosso trabalho.

1. Identificação e análise do conjunto de documentos que compõem o manuscrito. Restabelecimento, quando necessário, de uma ordem cronológica e de uma sequência coerente.
2. Ordenação e numeração dos fólios do manuscrito. Abreviação do nome do autor e da série documental, seguido de código numérico do manuscrito e da numeração do fólio, inserido a grafite, no canto superior de cada fólio, de forma discreta, para impedir a dispersão do conjunto (MA-MMA-51-nº do fólio).

3. Descrição analítica dos documentos (suporte, instrumento de escrita, estado de conservação), do ponto de vista codicológico e arquivístico.
4. Transcrição diplomática dos documentos, acompanhada da análise de cunho genético para apresentar as três etapas da escritura e a classificação das rasuras nos manuscritos.
5. Verificação das fontes bibliográficas citadas no manuscrito na biblioteca do escritor, buscando reconhecer as notas marginais explícitas e implícitas.
6. Investigação de outras referências no manuscrito, recorrendo ao arquivo do escritor e às publicações do mesmo.
7. Inclusão, quando necessário, de “Nota da Pesquisa”, para melhor elucidar e contextualizar o manuscrito.
8. Elaboração de índice para acompanhar, na cada caixa, o manuscrito ali conservado. O mesmo será incorporado, ao final do projeto temático, ao Catálogo analítico da série documental.
9. Acondicionamento adequado dos documentos do manuscrito. Utilização de caixas especiais e papéis neutros para um melhor armazenamento, visando prolongar a duração dos documentos.
10. Conservação/ restauração e acondicionamento integral do manuscrito d’A *gramatiquinha da fala brasileira*, realizada pela equipe do Laboratório de Conservação e Restauro do IEB-USP.
11. Reprodução digital das imagens do manuscrito, realizada pela seção de Digitalização do IEB-USP.

12. Descrição documental, identificação do Fundo Mário de Andrade: série, gênero documental; espécie; tipos documentais, suporte documental; atribuição do código de referência, título, levantamento de referências onomásticas, localidade de produção, datas, idioma, técnica de registro, autoria realizada pela equipe do Arquivo do IEB-USP.
13. Indexação das imagens digitais no Catálogo Eletrônico do IEB-USP para consulta interna, visando à retirada de circulação física dos documentos originais⁹⁷.

⁹⁷ Todos os documentos salvaguardados pelo Arquivo do IEB-USP são protegidos pela Lei de Direitos Autorais (Lei nº 9610/98).

Bibliografia

Obras de Mário de Andrade:

ANDRADE. Mário de. *A enciclopédia brasileira*. Edição crítica e estudo de Flávia Camargo Toni. São Paulo: Edusp; Editora Giordano Ltda, 1993.

_____. *A escrava que não era Isaura*: discurso sobre algumas tendências da poesia brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

_____. *Amar, verbo intransitivo*. Estabelecimento do texto Marlene Gomes Mendes. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. “Anais do Primeiro Congresso da Língua Nacional Cantada”. *Dom Casmurro*, nº 15, Ano I, Rio de Janeiro, 19 de agosto de 1937, p. 2.

_____. *Aspectos da literatura brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

_____. *Balança, Trombeta e Battleship ou o descobrimento da alma*. Edição genética e crítica de Telê Ancona Lopez. São Paulo: Instituto Moreira Salles; Instituto de Estudos Brasileiros, 1994.

_____. ALVARENGA, Oneida; TONI, Flávia Camargo (coord.). *Dicionário musical brasileiro*. Belo Horizonte; Brasília; São Paulo: Itatiaia; Ministério da Cultura; IEB; Edusp, 1989.

_____. *De São Paulo*: cinco crônicas de Mário de Andrade. Organização, introdução e notas de Telê Ancona Lopez. São Paulo, SENAC, 2004.

_____. “Gramatiquinha brasileira”. *Polêmica*: revista semestral de crítica e criação. São Paulo: Editora Cortez e Moraes, nº 3, 1981, p. 45-49.

_____. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Estabelecimento do texto Telê Ancona Lopez e Tatiana Longo Figueiredo. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Música de feitiçaria no Brasil*. Edição organizada por Oneida Alvarenga. São Paulo: Martins, 1963.

_____. *Música e jornalismo: Diário de São Paulo*. Estabelecimento do texto, introdução e notas Paulo Castagna. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.

_____. *Obra imatura*. Estabelecimento de texto Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

_____. *Paulicéia desvairada*. São Paulo: Edusp; Editora UFMG; Imprensa Oficial, 2003.

_____. *Pequena história da música*, 5º ed., São Paulo: Livraria Martins Editora, 1958.

_____. *Os contos de Belazarte*. Estabelecimento do texto Aline Nogueira Marques. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

_____. *Os filhos da Candinha*. São Paulo: Martins, 1943.

_____. *Vida Literária*. Estabelecimento do texto, introdução e notas Sônia Sachs. São Paulo: Hucitec; Edusp, 1993.

_____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento do texto, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

Obras sobre Mário de Andrade

BASTIDE, Roger. “Macunaíma visto por um francês”, *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, São Paulo, nº 106, jan-fev, 1946. (In: Ramos Jr, José de Paula. *A crítica de Macunaíma. Primeira Onda*. Tese de Doutorado. Literatura Brasileira. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; São Paulo, 1997).

CABRAL, Leonor Scliar. *As ideias linguísticas de Mário de Andrade*. Florianópolis: UFSC, 1986.

CAMPOS, Haroldo. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

FERNANDES, Florestan. “Mário de Andrade e o folclore brasileiro”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 36, 1994 [1946], p. 141-158. Transcrito da *Revista do Arquivo Nacional de São Paulo*. Ano 2, vol. 106. São Paulo, DPH, jan/ fev, 1946.

FIGUEIREDO, Tatiana Maria Longo Santos. *Café, o trajeto da criação de um romance inacabado*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientadora Telê Ancona Lopez, 2009.

GELADO, Viviana. *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro; São Carlos- SP: 7 Letras; EdUFSCAR, 2006.

- GRILLO, Angela Teodoro. *Processo de criação do estudo Preto, um inédito de Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientadora: Telê Ancona Lopez, 2010.
- LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ramais e caminho*. São Paulo: Duas Cidades, 1972.
- MELLO e SOUZA, Gilda de. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*, 2ª ed., São Paulo, Duas Cidades; 34, 2003.
- MICELI, Sergio. “Ficção e circunstancia de Mário de Andrade”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, nº 47, setembro, 2008, p. 218-224.
- _____. “Mário de Andrade: a invenção do moderno intelectual brasileiro”. In: *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país*. BOTELHO, André; SCHWARCZ. Lilia (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 160-173.
- PINTO, Edith Pimentel. *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria do Estado da Cultura, 1990.
- PINTO, Guimarães Elisa. “A gramatiquinha da fala brasileira”. *Revista Itinerários*. Araraquara-SP, nº 7, 1994, p. 155-158.
- Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, nº 36, São Paulo: IEB-USP, 1993 (dossiê Mário de Andrade).
- RODRIGUES, Angela Cecília de Souza. “Mário de Andrade: um precursor dos estudos sociolinguísticos no Brasil”. *Revista Itinerários*. Araraquara-SP, nº 7, 1994, p. 137-153.
- SAGAWA, Roberto (org.). *O amar de Mário de Andrade*. Assis: FCL Publicações, 2010.
- SOUZA, Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. 2ª ed., revista e aumentada. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- TEXEIRA, Maurício de Carvalho. *Torneios melódicos: poesia cantada em Mário de Andrade*. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Orientador: José Miguel Soares Wisnik, 2007.

Correspondência de Mário de Andrade:

ALVARENGA, Oneyda (org.). *Cartas: Mário de Andrade - Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

AMARAL, Aracy (org.). *Correspondência de Mário de Andrade e Tarsila do Amaral*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond (org.). *A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

SANTIAGO, Silviano (org.). *Carlos & Mário: correspondência completa entre Carlos Drummond de Andrade (inédita) e Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

FERNANDES, Lygia (org.). *71 cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: São José, s.d.
____ (org.). *Mário de Andrade escreve cartas a Alceu, Meyer e outros*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

GUARANHA, Denise (org.). *Pio & Mário: diálogo da vida inteira – A correspondência entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa e Mário de Andrade, 1917 a 1945*. São Paulo; Rio de Janeiro: SESC – SP; Ouro sobre azul, 2009.

LESSA, Ana Luisa Dubra. *Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira - 1926-1944*. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Orientador: Marcos Antonio de Moraes, 2012.

MORAES, Marcos Antonio de (org.). *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: Edusp; Instituto de Estudos Brasileiros, 2000.

____ (org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas, 1924- 1944*. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Rubem Borba de. “Amigo”. In: *Lembrança de Mário de Andrade 7 cartas*. São Paulo, 1979.

SENA, Homero (org.). *Cartas de Mário de Andrade a Sousa da Silveira*. Separata da *Revista do livro*, Rio de Janeiro, a. 7, nº 26, 1964.

Estudos sobre Crítica Genética

GRÉSILLION, Almuth. *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Cristina Campos Velho, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

Manuscritica: revista de crítica genética, nº 15-23, São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP.

Marioscriptor: revista digital do Projeto Temático FAPESP/ IEB/ FFLCH-USP, nº 1-2, São Paulo, agosto/ novembro, 2010-2011.

PINO, Claudia Amigo. (org.) *Criação em debate*. São Paulo: Humanitas; CAPES, 2007.

_____; ZULAR, Roberto. *Escrever sobre escrever: uma introdução crítica à crítica genética*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZULAR, Roberto. (org.). *Criação em processo: ensaios sobre crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

WILLEMART, Philippe. *Bastidores da criação literária*. São Paulo: Iluminuras; FAPESP, 1999.

_____. *Os processos de criação: na escritura, na arte e na psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Outros

ANTONIO CANDIDO. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos 1750-1880*. 12ª ed., São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP; Ouro sobre azul, 2009.

BARBOSA, João Alexandre. *A biblioteca imaginária*. 2ª ed., Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2003. [1996]

_____. *Alguma crítica*. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2002.

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad. Mary del Priore. Brasília: Editora UnB, 1999.

CAMPOS, Haroldo. *O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos*. 2ª ed., Salvador: Fundação Casa Jorge Amado, 1989.

- _____. CAMPOS, Haroldo de. “Da Tradução como criação e como crítica” In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- DEAECTO, Marisa Midori. *O império dos livros: instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista*. São Paulo: Edusp, 2011.
- DERRIDA, Jacques. “La loi du genre”. In: *Parages*. Paris: Éditions Galilée, 1986.
- FOUCAULT, Michel. *La bibliothèque fantastique. À propôs de la Tentation de Saint Antoine de Gustave Flaubert*. Bruxelles: Ante Post, 1995 (Paris: Seuil, 1983).
- _____. *Isto não é um cachimbo*. 5ª ed., Trad. Jorge Coli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008 [1988].
- JORGE-GALÍNDEZ, Verónica. *Fogos de artifício: Flaubert e a escritura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- JOHNSON, Randal. “A dinâmica do campo literário brasileiro (1930-1945)”. *Revista USP*. São Paulo, 26, junho/ agosto, 1995, p. 164-181.
- LANNA, Ana Lúcia Duarte (org.). *Guia do IEB: o acervo do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 2010.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: A crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- MELLO e SOUZA, Gilda de. *Exercícios de leitura*. São Paulo: Duas cidades, 1980.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify; Fondo de Cultura Económica, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org; Editora 34, 2005.
- VALÉRY, Paul. *Introdução ao método de Leonardo da Vinci*. Trad. Geraldo Gérson de Souza. São Paulo: Editora 34, 2006. [1998]
- _____. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

EDIÇÃO GENÉTICA D'A GRAMATIQUEINHA DA FALA BRASILEIRA DE MÁRIO DE ANDRADE

A transcrição diplomática funde-se à análise documentária do dossiê d'A gramatiquinha da fala brasileira, na série Manuscritos Mário de Andrade, no arquivo do escritor, no IEB-USP.

Aparato genético

A escritura mostra-se em 3 etapas:

(A): etapa subjacente;

A: etapa que se completa no texto;

A¹: etapa em que as rasuras multiplicam o texto.

A classificação das rasuras, amparada por siglas, demarca:

** * substituição*

> < supressão

^ ^ correção

+ + acréscimo

/ / hesitação

= = confirmação

deslocamento

● deslocamento de parágrafos e trechos (déplacement)

@ @ alteração na pontuação

\ \ inversão na ordem do pensamento

Siglas

BPG: Bibliografia de leituras iniciadas pra Pancada do ganzá

MA: Mário de Andrade

BMA: Biblioteca Mário de Andrade

O aparato genético apresenta-se à direita da transcrição; a classificação das etapas da escritura mostra-se em itálico, nas cores: verde para a etapa subjacente, azul para a etapa que se completa no texto e vermelha para a etapa em que as rasuras multiplicam o texto.

MA-MMA-51 1-348

ANDRADE, Mário de (1893-1945)

A gramatiquinha da fala brasileira

São Paulo, [1922? – 1945?]

SÉRIE: MANUSCRITOS MÁRIO DE ANDRADE

ARQUIVO MÁRIO DE ANDRADE - IEB-USP

O dossiê composto pela pesquisa reúne notas de trabalho, planos, prefácio e esboços de texto, cartas, bilhetes, artigos recortados de periódicos, etiqueta, fichas bibliográficas e volante de propaganda. Fólios numerados pela pesquisa: 1-348.

Documentos:

1. ~~VARIAS~~/ Lingua/ 12/ 12/ Brasileira/ 12/ [palavra rabiscada a grafite]. Caderneta de capa dura costurada (15,6 x 10,7 cm), encapada com papel pardo colado; sinais de oxidação, rasgamento nas bordas, mancha de tinta preta na lombada e na quarta capa; etiqueta colada no verso da primeira capa: “Typografia – Papelaria/ CASA ROSENHAIN/ Rua de São Bento, 60/ SÃO PAULO”; título no anverso: autógrafo a lápis vermelho e a tinta preta; rasuras a grafite; f. 1, 31. A caderneta, documento 1 no dossiê, contém os planos do livro, notas de trabalho, prefácios e esboços de texto. 20 folhas de papel branco milimetradas: 10 costuradas e 12 desprendidas da costura (15,2 x 10,7 cm), amarelecidas pelo tempo; sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso: f. 2-19, anverso: f. 20-21; f. 2-21; 8 folhas de papel branco sem pauta (15,4 x 10,4 cm), amarelecidas pelo tempo, sinais de oxidação, sinal de dobra no centro, acrescentadas e numeradas pelo autor em algarismos arábicos: 1-8; escrita ocupando anverso e verso; f. 22-29; “Me parece que pra Mario de Andrade”. Carta anônima endereçada a MA; sem data, datiloscrito original, fita preta e vermelha, rasuras a grafite; 1 folha de papel branco (32,8 x 22,1 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação, filigrana, sinal de dobra em 5; escrita ocupando anverso e verso; f. 30.

Análise documentária: Plano I, autógrafo a grafite e a lápis vermelho, letra cuidada, simetria na disposição dos dados; títulos dos capítulos sublinhados a grafite vermelho, fólhos 2-3.

MA-MMA-51-(2)

Gramática

Índice

<u>Introdução</u>	cap. I
<u>Fonologia</u>	
(Fonética nem no capítulo)	cap. II
Prosódia	cap. III
Ortografia & melhor tudo nem no capítulo	cap. IV
<u>Lexicologia</u>	
* <u>Palavras:</u>	cap. V
Substantivo (Substantivo propriamente dito)	cap. VI
Pronome - Quanto	cap. VII
Verbo (Substantivo verbal)	cap. VIII
Adjetivo (Substantivo qualificativo)	cap. IX
Adverbio	cap. X
Interjeições	cap. XI
<u>Partículas Sentenças</u>	

Transcrição:

Plano 1

fólio 2, anverso:

Gramatiquinha
Índice

Introdução

Cap. I

Fonologia

Fonética

Cap. II

Num só capítulo

$\underline{A}^1$: +num só capítulo+

Prosódia

Cap. III

Ortografia

Cap. IV

É melhor tudo num só capítulo

$\underline{A}^1$: +É melhor tudo num só capítulo+

Lexicologia

A Palavra:

Cap. V

~~Etimologia~~

(A): > A <

$\underline{A}^1$: > Etimologia <

Substantivo

Cap[.]VI

(Substantivo propriamente dito)

Pronome – ~~Numero~~

$\underline{A}^1$: Pronome – # Numero #

Verbo

Cap [.] VII

(Substantivo verbal)

Adjetivo

Cap [.] VIII

(Substantivo qualificativo)

Adverbio

Cap [.] IX

Interjeições

Cap. X

Partículas Sintáticas

Cap. XI

Estatuto genético: plano 1.

Artigos	Cap. XII
Partículas determinativas (adjetivos determinativos)	Cap. XIII
Numerais	Cap. XIV
Preposições	Cap. XV
Conjunções	Cap. XVI
Formação das Palavras	Cap. XVII
<hr/> <u>Sintaxe</u> <hr/>	
Dicção e seus elementos	Cap. XVIII
<u>Frases</u>	Cap. XIX
Emprego do Substantivo	Cap. XX
Psicologia do Pronome	Cap. XXI
Psicologia da ação (Verbo)	Cap. XXII
Psicologia do Advérbio (adjetivos, advérbios)	Cap. XXIII

Transcrição:

Artigo	Cap. XII
Partículas determinativas (adjetivos determinativos)	Cap. XIII
Numerais	Cap. XIV
Preposições	Cap. XV
Conjunções	Cap. XVI
Formação das Palavras	Cap. XVII

Sintaxe

Dicção e seus elementos	Cap[.] XVIII	
<u>Frase</u>	Cap. XIX	
Emprego do Substantivo	Cap. XX	(A): >O< Emprego
Psicologia do Pronome	Cap. XXI	
Psicologia da ação (Verbo)	Cap. XXII	
Psicologia do limite (adjetivo, adverbio)	Cap[.] XXIII	

Estatuto genético: plano I.

Psicologia das partículas antitéticas	MA-MMA-51-(3) Cap. XXIV
Pontuação	Cap. XXV
<hr/> <u>Estilística</u> <hr/>	
Frase ou Verso	Cap. XXVI
Figuração	Cap. XXVII
Vícios	Cap. XXVIII
Prosa e Poesia	Cap. XXIX
Psicologia da Fala Brasileira	Cap. XXX
<hr/>	
<p>É aí na Lexicologia, pois que eu vou já fazer uma distinção e mudança importante, tirando as partículas antitéticas do número das palavras reais, e aí em vez de capítulos especiais sobre o substantivo, verbo, adjectivo, pronome, eu fiz estes capítulos sobre: <u>Do género</u> (o indivíduo se considerando em si, aqui então considerações sobre masculino e feminino quer adjectivo no substantivo, quer no adjectivo, quer no pronome reflectivo bem aí no Brasil, mas tem casos parecidos com</p>	

Transcrição:

Psicologia das partículas sintáticas Cap[.] XXIV

Pontuação Cap[.] XXV

Estilística

Frase ou Verso Cap[.] XXVI

Figuração Cap[.] XXVII

Vícios Cap. XXVIII

Prosa e Poesia Cap. XXIX

Psicologia da Fala Brasileira Cap. XXX

Estatuto genético: plano 1.

Plano 2: fôlio 3: anverso

Análise documentária: Plano 2, nota de trabalho, autógrafo a grafite, exibindo o segundo momento da escritura como acréscimo, verificado no tom mais escuro do grafite; a letra diminui de modo a aproveitar o espaço restante da página, desprezadas as margens.

Transcrição:

E si na Lexeologia, pois que
eu vou já fazer uma distin-
ção e mudança importante, tiran-
do as particulas sintaticas do
numero das palavras reais, si
em vez de capitulos especiais so-
bre substantivo, verbo, adjetivo
pronome, eu fizesse capitulos
sobre: Do Genero (o individuo
se considerando em si, aqui entram
considerações sobre masculino e
feminino quer ~~adjetiv~~ no substan-
tivo, quer no adjetivo, quer no
pronome (refletir bem si no bra-
sileiro nao tem casos parecidos com

A¹: + E si na Lexeologia [...] etc+

(A): quer #adjetivo#

Estatuto genético: plano 2.

so citado por Damaz, Philosophie
du langage, greco p. 213) Do Gê-
nero (o indivíduo se conside-
rando em sociedade.) Do Tempo
Aqui entram plural e singular
no substantivo, no pronome, no
adjetivo, no verbo, mas nota sobre
Damaz que vem (cinco atrás) Do
Tempo (o indivíduo se conside-
rando em relação ao tempo).
Esboço de capitulação para
lexeologia

Palavra	cap. V
Do Gênero	cap. VI
Do Numer.	cap. VII
Do Tempo	cap. VIII
Adverbio	
Interfeição	
etc	

Transcrição:

os citados por Dauzat, Philosophie du Langage, grifo pg 213) Do Número (o individuo se considerando em sociedade) ~~Do Tempo~~ aqui entram plural e singular no substantivo, no pronome, no adjetivo, no verbo, ver nota sobre Dauzat que vem linhas atrás) Do Tempo (o individuo se considerando em relação ao tempo)?

(A): sociedade) #Do Tempo#

Esboço de capitulação prá Lexeologia

Lexeologia

Palavra
Do Genero
Do Numero
Do Tempo
Adverbio
Interjeição

Cap. V
Cap[.]VI
Cap[.] VII
Cap[.] VIII

etc

Verificação:

DAUZAT, Albert. La philosophie du langage. Paris: Ernest Flammarion, Éditeur.1924.
(BMA – C/I/d/28)

et la tradition des langues anciennes. Il n'y a pas un siècle que les grammaires italiennes notaient encore des cas d'après l'article. Et quelle grammaire moderne oserait affirmer cette vérité scientifique, pour tant indiscutable, qu'il n'y a plus de genre en anglais moderne, sauf dans les pronoms, et que dans le français *parlé* — la seule langue qui existe et compte pour le linguiste — il n'y a plus de pluriels, à part quelques groupes isolés (cheval-chevaux), et les survivances, en grande partie archaïques, des liaisons? Nous ne formons plus le féminin des adjectifs par l'addition d'un *e* muet, mais en général par l'adjonction d'une consonne : c'est la prononciation du *t* qui distingue *verte* de *vert* et *courte* de *court*. L'étude du patois et l'usage de la notation phonétique ont habitué le linguiste à se débarrasser des illusions orthographiques et traditionnelles, aussi tenaces que les illusions du mouvement diurnes pour l'observation des astres.

La flexion peut porter aussi bien sur le radical que sur la désinence. Les verbes forts de l'allemand en sont un exemple, ainsi que les pluriels infléchis, dont on trouve l'équivalent dans les « pluriels internes » romans, mis la première fois en lumière par Camille Chabaneau¹. La cause primaire de ce phénomène, expliquée par l'évolution, fut purement phonétique : la présence d'un *i* final en germanique, d'un *a* long final dans les patois limousins et auvergnats, modifia la voyelle tonique. Ce devint par la suite une véritable flexion, susceptible d'extension analogique.

1. Par exemple *vatcho* (vache), pluriel *votcha*.

Gramatiguinha MA-MMA-51-4
Prefacio
— Antes da Introdução um
prefacio pequeno e verdadeiro-
mente humilde. Esta é a 1ª vez
em que me sinto verdadeiramen-
te tímido ao publicar um livro
e incerto sobre a validade des-
te. É certo que estudei atenta-
mente o possível entre os aca-
sos da minha vida autodidactica a lin-
gua portuguesa de que deriva
em maior parte a nossa manei-
ra de expressão, porém é tam-
bem certo que esse conhecimen-
to não é suficiente para me
meter nas altas camalarias de es-
crever um livro de linguagem.
Que parece francamente que
careci ter topete pra agir assim
e o meu livro me parece a
primeira real ^{me} não, abre
clarificação da consciencia ma-
nifestação de catatunismo
da minha vida artistica. Ou-
tros é que deviam escrever este
livro e tenho consciencia de
que um dia a ~~falta da~~ Fala
Gramatica da Fala Brasileira
será escrito. Porém certas
considerações se não descul-
pam os meus ~~pos~~ explicam
o meu topete. Outros deveriam
escrever este livro, não têm
divida, porém o certo é que

Transcrição:

Gramatiquinha

Prefacio

___Antes da Introdução um prefacio pequeno verdadeira-mente humilde. Esta é a 1ª vez em que me sinto verdadeiramente timido ao publicar um livro e incerto sobre a validade deste. É certo que estudei até ~~maneira~~ o possivel entre os acasos da minha vida autodidatica a lingua portuguesa de que deriva em maior parte a nossa maneira de expressão, porém é também certo que esse conhecimento não é suficiente pra eu me meter nas altas cavalarias de escrever um livro de linguagem. Me parece francamente que careci ter topete pra agir assim e o meu livro me parece a primeira real mas não bem clarificada na consciencia manifestação de cabotonismo da minha vida artistica. Outros é que deviam escrever este livro e tenho consciencia de que um dia a ~~Livro da Fala~~ Gramatica da Fala Brasileira será escrito. Porém certas considerações si não desculpam ao menos ~~ju~~ explicam o meu topete. Outros deveriam escrever este livro, não tem duvida, porém o certo é que

(A): *En[tão] *é a 1ª

(A): até >maneira<

A¹: real *e*; (A): >[s?]< bem

A: dia ^o^ * Livro da Fala*

(A): menos *ju[stificam?]*

Estatuto genético: esboço de prefácio.

ninguém se abalouçou a
escrever. Lo. Tinha mais: Te.
Uns livros valiosos como a
Reynna Nacional de J. Pinheiro,
O Dialecto Corrupção de A. A. A.
gal, que são merolodiosos convi.
E para falar verdadeiramente
parem os outros como idealis-
tas que são e são pretiosos, con-
vidam, convidam, parem
principiam para fazendo o
que convidam. Não tiveram
coragem. Eu tive a coragem
e é o que explica o meu va-
lar funcional na literatura
brasileira moderna. Não
me iludo absolutamente
a respeito do valor dos outros
autores. Sei que como arte eles
nascem quasi nada, parem
não são exemplos valiosos
e imediatamente praticos
do que os outros devem fazer
ou não devem fazer. Eros
e verdades. Fui obrigado a
que muitos não despro-
pito de assunto, e por isso
e picar na espediente de
tudo eles. Sobre poesia, poe-
tica, estetica, argumenta-
ção, prosa, psicologia,
pintura, e até linguagens
escrevi. Uma coisa como
a minha em que o convencimen-
to seguro de cada uma
depois, vidam, ela ateno
qualidade humana pede
uma vida inteira, de de.

Transcrição:

ninguem se abalançou a
escreve-lo. Inda mais: te-
mos livros valiosos, como A
Lingua Nacional de J. Ribeiro,
O Dialeto Caipira de A. Ama-
ral, que são verdadeiros convi-
tes pra falar brasileiroamente.
Porêm os autores como idealis-
tas que são e não praticos, con-
vidam, convidam porêm
principiam não fazendo o
que convidam. Não tiveram
coragem. Eu tive a coragem
e é o que explica o meu va-
lor funcional na literatura
brasileira moderna. Não
me iludo absolutamente
a respeito do valor das minhas
obras. Sei que como arte elas
valem quasi nada porêm
são todas exemplos corajosos
e imediatamente praticos
do que os outros devem fazer
Ou ... não devem fazer. Erros
e verdades. Fui obrigado a
me meter num despropo-
sito de assuntos e por isso
a ficar na epiderme de
todos eles. Sobre poesia, poe-
tica, estetica, arquitetura,
musica, prosa, psicologia,
pintura e até linguagem
escrevi! Numa epoca como
a nossa em que o conhecimen-
to seguro de cada uma
dessas criações da ~~alma~~
vitalidade humana pede
uma vida inteira, se de-

(A): principiam *sem*

(A): ficar na *su[perfície?]*

(A): musica, #l[linguagem]#

(A): da*alma*

Nota da Pesquisa: neste fôlio, MA refere-se a dois livros que estão em sua biblioteca:

AMARAL, Amadeu. O dialecto caipira. São Paulo: Casa editora 'O livro', 1920. (BMA – F/I/d/53)

RIBEIRO, João. A lingua nacional (notas aproveitáveis). S. Paulo: Edição da “Revista do Brasil” Monteiro Lobato & C.^{ia}, 1921. (BMA – F/I/d/59)

MA-MIA-51-5
nem' comprehendêr ^{MA-MIA-51-5} ⑤ era
impossível pra quem cria
obra duradoura. Não p^o
mais que analisar. Não p^o
mais que considerar. In outros
os estudos modernos deessa
crianças humanas. Parecem convi-
ni praticamente, com o meu
exemplo e o scripto nos
suas raízes naturais
de escritos. Isso é muito
bom, franqueza e posso di-
zer que quando penso em
fim, o que não sucede ra-
ramente, eu me sinto
feliz. E não a consciência exa-
ta deessa fraquezas apontadas,
nem a amargura deessa
reflexões que diminui essa
felicidade. Porque não dou
sujeito que se iluda e seria
no mínimo iluzaria consi-
derar minha obra como
manifestação alguma de
quando ela não passa de
manifestação alguma nada.
Continuo sendo feliz.

Transcrição:

verá compreender que era impossível pra mim criar obra duradoura. Não fiz mais que vulgarizar. Não fiz mais que convidar os outros ao estudo moderno dessas criações humanas. Porêem convidei praticamente, com o meu exemplo e o sacrifício das minhas vaidades naturais de escritor. Isso é muito bonito, franqueza e posso dizer que quando penso em mim, o que não sucede raramente, eu me sinto feliz. E nem a consciência exata dessas fraquezas apontadas, nem a amargura dessas reflexões me diminui essa felicidade. Porquê não sou sujeito que se ilude e seria no mínimo ilusoria considerar minha obra como manifestação duma arte, quando ela não passa da manifestação duma vida. Continuo sendo feliz.

(A): *Isso é muito/ *[ranco?]**

Estatuto genético: *esboço de texto, nota de trabalho.*

(7) ^{MA-227-51-6}
Além dos erros básicos de
certas manifestações de da-
tadas deste Brasil letrado
está em que os dicionaris-
tas criaram dicionários de
Brasil letrados e não dicio-
nários portugueses - brasilei-
ros.

(2)
Na realidade não tem grande
diferença entre o brasileiro sul-
brasileiro falado em São Paulo,
em São Paulo e no R. Grande do Sul.
É uma diferença muito mais
oral, porquê o vocabulário é pe-
queno. A diferença vocabular
é não aparentemente grande e
proveniente das necessidades lo-
cais. No Rio Grande do Sul tem
um poder de palavras ~~propi-~~
~~da designação~~ ^{animais} e ^{equinos}
e ^{bovinos} e ^{os} que não os pau-
listas desconhecem assim co-
mo não nos tra balho do café
usamos muitos termos que o
paracene ignora. Deem não pro-
priamente ^{provincianismos} mas
porquê não correspondem a
diferenças ~~uma mesma~~
de designação da mesma coisa,
mas de coisas distintas. É assim
como os provincianismos são fatais
dentro de uma língua. Também é fa-
tal que com o continuo aumento das
relações interestaduais uma língua
geral ~~sempre~~ ^{que se} ~~se~~ ^{compreensível}
por todo o país se estabelecerá. Quan-
to às diferenças orais de pronúncia

Transcrição:

(1)

Um dos erros básicos de certas manifestações didáticas deste brasileirismo está em que os dicionaristas criaram dicionários de brasileirismo e não dicionários-portugueses-brasileiro.

(A): ^ dicionários^

(2)

Na realidade não tem grande diferença entre o brasileiro vulgar brasileiro falado em no Ceará, em São Paulo e no R. Grande do Sul. É uma diferença muito mais oral porquê a vocabular é pequena. A diferença vocabular é só aparentemente grande e provem das necessidades locais. No Rio Grande do Sul tem

(A): *brasileiro vul[gar]*

(A):falado #^em^# no

relati

(A): Rio Grande do Sul >[a]<

um poder de palavras pra
vas aos

A¹: *pra/ designar animaes* eqüinos

designar animaes equinos e bovinos e ás que nós os paulistas desconhecem assim como nós nos trabalhos do café usamos muitos termos que o paraense ignora. Nem são propriamente provincianismos porquê não correspondem a diferenciações duma mesma de designação da mesma coisa, mas de coisas distintas. E assim como os provincianismos são fatais dentro duma lingua também é fatal que com o continuo aumento das relações interestaduais uma lingua geral ~~compre que se~~ compreensível por todo o pais se estabelecerá. Quanto ás diferenças orais de pronuncia elas

(A): e bovinos >e ás<;> nós<

(A): *duma mesma*

(A): =compre[ensível]= >que se<

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

não realmente muito menores, ma-
is que existe ~~presentemente~~ prece-
tamente entre ~~Português~~ o portu-
gues e o brasileiro.

— (3) —

O português comum é um ha-
incontavelmente mais esti-
lista que o brasileiro comum.
As suas cartas são mais sem
escritas, isto é, tem as ideias
expressadas com maior clare-
za e rapidez. Será que o portu-
gues é mais instruído, ou mais
artista que o brasileiro? É ridícu-
lo pensar isso. O que se dá é
que o português comum quando
escreve, escreve o que aprendeu
nas ~~escolas~~ gramaticas e que ele
fala todo o dia seguindo o Bra-
sileiro se não obrigado a isso
abandonar o que fala todo o
dia pra se lembrar das regras
da gramatica que mecanica-
mente aprendeu na escola
e de que pouco se utilizou.
O brasileiro pra escrever lar-
ga do chapéu, e da ~~lata~~
do ~~simples~~ palito ~~branco~~
e surge pra que ~~distinção~~.
O português continua escrevendo
como está, mais arregaçado
e chineco, sem mais. Resul-
tado: está o seu gosto, mexe-
ta sem. O brasileiro, coitado, não
pode sentir pra que amara o rabo
do braço.

—

Transcrição:

são realmente muito menores que do que existe ~~presentement~~ presentemente entre ~~Portugua~~ o português e o brasileiro.

(A):= *presentement*[e]=

(A): **Portugual**

(3)

O português comum é ~~um hor~~ incontestavelmente mais estilista que o brasileiro comum. As suas cartas são mais bem escritas, isto é, tem as ideias exprimidas com maior clareza e rapidez. Será que o português é mais inteligente ou mais artista que o brasileiro? É ridículo pensar isso. O que se dá é que o português comum quando escreve, escreve o que aprendeu nas ~~escola~~ gramáticas e que ele fala todo o dia enquanto o brasileiro se vê obrigado a ~~esta~~ abandonar o que fala todo o dia pra se lembrar das regras da gramática que mecanicamente aprendeu na escola e de que pouco se utilizou. O brasileiro pra escrever larga do chapelão, e da bota ^{prace-} ou do simples paletó ~~prace~~ ano ~~ne~~ e enverga fraque ditático. O português ~~costuma~~ escreve como está, manga arregaçada e chinelo, sem meia. Resultado: está a seu gosto, mexe-se bem. O brasileiro, coitado! nem pode sentar porque amassa o rabo do fraque.

(A): é **um hor[rer]**

A^I: *na* +s+; (A): **escola** *gramáticas*

(A): *obrigado a* >*esta*<

(A): *e de que* [nunca]; A^I: \ *pouco* \

A^I: +*prace/no*+

(A): [*pracea/no?*]

A: lapso: “*ditático*” por *didático*

(A): *português* >[*costuma*]<

A^I: +*ar*+ *regaçada*

chado. Quer se isto, as ^{MA-MMA-51-2} ~~melhor~~
na parte geral não fica muito
familiar demais, porque agram
não pode interessar aos outros

Questão 9ª (ou 10ª?) (7)

Parece que eu tenho muitas
coisas que me dão a impressão
a respeito da colocação do su-
bjeto. É o que fig. Pôr onde que
deixei essas coisas? Pelo valor psico-
lógico da frase. Vou deixar
o verbo quando frase é voga-
lmente fortemente imperativa. J.
Primeiro também observou
isso na língua nacional.

Necessidade de não se preo-
cupar com a eufonia. As palavras
das da eufonia não são mais
as lembranças. É sempre ques-
tão de colocação da palavra se
acostumando. Questão 10ª. Malla-
me. Questão 11ª. Vaidade de André
(Memórias Sentimentais) e pro-
prietário vivendo de ciúmes persona-
líssimos que depois não parece-
ram repugnantes. O caso das
quinta na harmonia do
organismo e depois de Hamlet
e o caso do estílo. ~~Frederico~~
Frederico Salvador e André de
diferença total. A famosa eufonia
não passa de uma generalização
mediante palavras ditas
dele e mudadas por vezes em
necessidades de precisão psi-
cológicas. Que narração.

Transcrição:

~~chado. (ver se isto, ao menos
na parte final não fica muito
familiar demais porque assim
não pode interessar os outros~~

(A): > chado. [...] outros <

==== (7)

~~Parece que eu tenho mais~~

(A): > Parece que eu tenho mais <

Cada um deve dar regras

mesmo

A¹: +mesmo+

a si sobre a colocação do en-
clítico. É o que fiz. Pois onde me
dei essas regras? Pelo valor psico-
lógico da frase. Vem depois
do verbo quando frase é vaga-
ou fortemente imperativa. J.
Ribeiro também observou
isso na Língua nacional.

(A): > [palavra rabiscada] < me

Necessidade de não se preocu-
par com a eufonia. As famosas
leis da eufonia não são sinão
assombrações. É simples ques-
tão de educação da orelha se
Acostumando. Questão Mallar-
mé. ● Questão Gongora (?) Questão Osvaldo de
(Memórias Sentimentais) o pro-
vam criando dicções persona-
líssimas que depois não parece-
ram repugnantes. O caso das
quintas na harmonia do
organs e depois de Rameau.
E o caso dos estilos. ~~Frei Luis,~~
~~Eça~~ o frei Salvador e Machado, a
diferença total. A famosa eufonia
não passa duma generalização
média de formulas sintáticas
determinadas por razões ou
necessidades expressivas psi-
cologicas. Que variam.

A¹: + Questão Gongora +

(A): > Frei Luis <

(A): > Eça <

====
Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

Nota da Pesquisa: neste fôlio, MA refere-se a dois livros de sua biblioteca:

RIBEIRO, João. A língua nacional (notas aproveitáveis). S. Paulo: Edição da “Revista do Brasil” Monteiro Lobato & C.^{ia}, 1921. (BMA – F/I/d/59)

ANDRADE, Oswald. Memorias Sentimentaes de João Miramar. São Paulo: Livraria Editora Independência, 1924. (BMA – não consta).

O millor meio ^(7A) seria o gover-
no entregar a nomenclatura
cientifica contemporanea, de
um grupo de homens ^{de} que se
toda se de valer, com o
naturalmente se indicaria
o nome dos mrs. Mario
Barreto, João Ribeiro, Ama-
rjo Amaral - falo valer lin-
guistico - e que perseguiram
no falar proprios certos de-
terminaçoões fraseologicas mais
ou menos gerais que podem
ser estabelecidas como normas
de sintaxe nossa. Não porém
desde logo sem a fôrça utili-
zãõ de certos normen par escri-
taes literarias nacionaes me-
tornava muito difficil. Barreira
que estes principia tentarem
fazer mais abstr. essa estilizãõ
não se porque facilitaria a
adaptaçõ popular dessas nor-
mas por semelhantes que não
a preza e a paratona maior
popular como principalmente
quando elles literarios, isto é
porquanto a semibilibidade que
colhe e adquire os normen
em artisticos (agm. artisticos)
significa: mais humanas)
facilitar a grande mente o
trabalho desses scientificos.
Porém o espirito nacional des-
de que se não celebre o ^{de} desde
se propoza de escrever - a
partinguessa. Vão deixinho não
que estas celebres no seu tem-

Transcrição:

(7A)

O melhor meio seria o governo entregar a normalização sintática contemporanea a ~~de~~ um grupo de homens ~~que estu-~~ classe de valor, tais como naturalmente se indicariam os nomes dos srs. Mario Barreto, João Ribeiro, Amadeu Amaral — pelo valor linguístico — e que pesquisassem no falar brasileiro certas determinações fraseológicas mais ou menos gerais que pudessem ser estabelecidas como normas de sintaxe nossa. Isso porê m desde logo sem a fixa utilização dessas normas por escritores literários nacionais se tornava muito difícil. Carecia que estes primeiro tentassem nas suas obras essa estilização. Não só porque facilitaria a aceitação popular dessas normas pros semicultos que são a praga e a pavorosa maioria pavorosa como principalmente, sendo eles literários, isto é possuindo a sensibilidade que colhe e adivinha as normas mais artísticas (aqui artísticas significa: mais humanas) facilitariam grandemente o trabalho desses scientista. Porê m o escritor nacional desde que se vê celebre ou lido se preocupa de escrever... á portuguesa. Vaidosinhos vêem que estão celebres no seu tem-

(A): *contemporanea *[de]**

A¹: *+de+*

(A): *>de que estu/ dasse<*

(A): *de valor <cois [a]>*

(A): *sem a >fixa<*

(A): *e a #pavorosa#*

(A): *celebre ou *es[crito]**

MA-MNT-51-18

po e querem ficar celebres
 pra toda a vida. A mulher
 maneira e acham classicos
 não é? Poi então querem ficar
 classicos porque depois os
 preconceitos humanos fazem o
 resto. Lá nem um grammatico
 e aí o grande ~~po~~ fulano di-
 zia « fui a cidade » poi então
 se diga « fui a cidade » e não
 fui na cidade. Aquella qualifi-
 cativo grande e portuense parem
 pra novidade de um escritor
 chegado e bem presente e está
 ressoando na orelhinha com
 tanto jorro, ai! Poi que os celebres
 continuam a escrever e perdem
 a (a). ~~trata~~ Falei só pros
 rupestres. Leda um que di a
 alta estilização, a sua solução
 e se chegara um dia a essa
 normalização geral tirada do
 ponto de acertarem e do muito
 que erraram. Mas vale mais
 errar pouco pois do que não
 errar e não fazer.
 O a escritura nacional celebres
 tem as regras incitadas, a conse-
 llhados a libertação nossa de Pa-
 ulista ~~começa~~ João Pinheiro.
 Espina areinha. Principiam
 por um erro; por Shonil a Par-
 ticular. Que de trata o que. Se
 trata de ser brasileiro e não
 nacionalista. Inerente naturalmen-
 te brasileiro sem nenhuma re-
 vindicação nem queixa. É o que
 e que continuam dentro da

Transcrição:

po e querem ficar celebres
pra toda vida. A melhor
maneira é serem classicos
não é? Pois então querem ficar
classicos porquê depois os
preconceitos humanos fazem o
resto. Lá vem um gramático
e diz o grande ~~snr~~ fulano di-
zia “Fui á cidade” pois então
se diga “fui á cidade” e não
fui na cidade. Aquele qualifi-
cativo grande é postumo porem
prá vaidade desses escritores
chegados é bem presente e está
ressoando na orelhinha com
tanto gosto, ai! Pois que os celebres
continuam á escrever à purtu-
gues (a). ~~Os outros~~ Falo só pros
rapazes. Cada um que dê a
sua estilização, a sua solução
e se chegará um dia a essa
normalização geral tirada do
pouco que acertaram e do muito
que erraram. ~~Mais~~ Vale mais
errar porê fazer do que não
errar e não fazer.

(A): o grande >snr<

(A): >Os outros<

(A): #Mais#

Os escritores nacionais celebres
têm ás vezes incitado, aconse-
lhado a libertação nossa de Por-
tugal ~~começa~~ João Ribeiro.
Graça Aranha. Principiam
por um erro: opor Brasil a Por-
tugal. Não se trata disso. Se
trata de ser brasileiro e não
nacionalista. Escrever naturalmen-
te brasileiro sem nenhuma rei-
vindicação nem queixa. E o pior
é que continuam dentro das

(A): #*começa*#

(A): *C[omeçam]*

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

região bem portuguesa
como J. Ribeiro e mesmo o sur-
greu Aranha. Este no entanto, muito
maior artista, tem planta pro seu
estilo um feio, uma cor, uma luz,
uma elegância que tem dicionari-
zação euclides, clarificando-o. Está
muito bem o seu grande porte euclides
é claro que J. Ribeiro tem suas
prezadas. Depois que entrou pro
modernismo o seu grande Aranha
adquiriu um espírito combativo
juvenilíssimo e de clareza
bonito e apercebo de um que
então a pregação dele. É erra-
mas por e isso é que é importante
é. É um valor. Realmente seria
preferível que errasse mesmo pare-
isso me parece irremediável, um
uma época primitivista, de início
de tendências, caótica como a
da gente, ele tem a mania das
fórmulas tonitruantes. Ora a fa-
ze assim onde as coisas tentu-
tens quem e marcam com
o movimento nodular dos olhos
o espírito que estuda tem de
ser acadêmico e não autêntico.
É assim que logo opera arrom-
bando o Brasilismo pro Bra-
sileiro criou a fórmula arrom-
badora e não sou a canção
matutaria de Portugal e mesmo
tão errada e que não é mais
do que palavreado inútil. Talvez
mas: contra-produtor. Não pensam
que não defendem Portugal e
que tornar amparado pro portu-

Transcrição:

regrinhas bem portuguesas
como J. Ribeiro e mesmo o snr.
Graça Aranha. Este no entanto, muito
mais artista, transplanta pro seu
estilo um fogo, uma cor, uma luz
uma eloquencia que tradicionali-
zam Euclides, clarificando-o. Está
muito bem mas Graça porêr ainda
é pior que J. Ribeiro nas suas
pregações. Depois que entrou pro
Modernismo o ~~snr~~ Graça Aranha
adquiriu um espirito combativo
juvenilissimo e de deveras
bonito apesar dos erros que
enchem a pregação dele. Erra
mas faz e isso é que é importan-
te. É um valor. Realmente seria
preferivel que errasse menos porem
isso me parece irremediavel: nu-
ma época primitivista, de inicio
de tendencias caotica como a
da gente, ele tem a mania das
formulas tonitruantes. Ora a fa-
se assim onde as ~~coisas~~ tenta-
tivas surgem e morrem com
o movimento ondular das vozes
o espirito que estuda tem de
ser analitico e não sintetico.
É assim que logo Graça aconse-
lhando o brasileirismo pros bra-
sileiros criou a formula-assom-
bração “Não somos a camara
mortuária de Portugal” eviden-
temente errada e que não é mais
do que palavriado inutil. Inutil
nao: contraproducente. Não pensem
que vou defender Portugal e
me tornar simpatico pros portu-

(A): > snr<

(A): lapso: “adquiriu”

(A): juvenilissimo e <[s?]>

(A): onde as *coisas*

A¹: que logo [a presa?]

MS-MMA-51-2
por nacionalista, não. Não tem
por Portugal nenhuma ternura
maior que a que tenho pelos
costumeiros ou norte-america-
nos. Acho que o que fez por nós, gen-
te, fez pra ele e fez muito
bem. Nada de partidos, separa-
ções e repetindo luctas, eufemias
acho que fez pouco... Porém só mes-
mo: Brasil é que pedida a
clivida dos Paragais... Voltan-
do: o espirito combativo não tem
de praça Aranka criou o não-ro-
gito-a-câmara-mortuária-de-
Portugal que não tem nada de
aproveitável. Acho desgraçado esta
maneira de certa gente que pra
ser alguma nação parece de dinastia,
mas de qualquer ideia antagonica
pra ser nacional. Bobagem. Não se
trata de nacionalismo reivindicar,
minha gente. Isto é ridículo.
Se trata de ser brasileiro e nada
mais. E pra gente ser brasileiro
não carece de estar se revol-
tando contra Portugal e se afastando
dele. A gente deve ser brasileiro
não pra se diferenciar de Portugal,
porque porque somos brasileiros.
~~sem mais nada.~~ Brasileiros sem
mais nada. Brasileiros. Sentir, falar,
pensar, agir, se exprimir natural-
mente. Bom, brasileiro. Criar esse
antagonismo e lá se vai a integra-
ção no Cosmos por aqua abaixo.
Toda mais: não, somos-a-câmara-
mortuária-de-Portugal via logo a
ideia de se diferenciar porradamente.

Transcrição:

gas nacionalistas não. Não tenho por Portugal nenhuma ternura maior que a que tenho pelos cochinchins ou norteamericanos. Acho que o que fez pela gente ele fez pra êle e fez muito bem. Nada de gratidões reparativas. E refletindo historicamente acho que fez pouco... Porem só mesmo o Brasil é que pedoa a dívida dos Paraguais... Voltando: o espirito combativo sintetico de Graça Aranha criou o não-somos-a-camara-mortuaria-de-Portugal que não tem nada de aproveitavel. Acho engraçado essa mania de certa gente que pra ser duma nação parece do dinamismo de qualquer idea antagonica pra ser nacional. Bobagem. Não se trata de nacionalismo reivindicador, minha gente. Isto é ridiculo. Se trata de ser brasileiro e nada mais. E prá gente ser brasileiro não carece agora de estar se revoltando contra portugal e se afastando dele. A gente deve ser brasileiro não pra se diferenciar de Portugal, porem porque somos brasileiros. ~~sem mais nada~~. Brasileiros sem mais nada. Brasileiros. Sentir, falar, pensar, agir, se exprimir naturalmente. Como brasileiro. Criar esses antagonismos e lá se vai a integração no cosmos por agua abaixo. Inda mais: não-somos-a-camara-mortuaria-de-Portugal cria logo a idea de se diferenciar forçadamen-

(A): *que fez [pesar]*

(A): *=f[ez]=*

A: *lapso: "pedoa" por perdoa*

(A): **bobice**

A: *lapso: "p" por P*

(A): *#sem mais nada#*

(A): *se exprimir >co[mo?]<*

Estatuto genético: *nota de trabalho, esboço de texto.*

te de Portugal o que é um erro.
 Mas desmentimos em minuto
 de nós de Portugal. Temos natureza
 e natural por hereditariedade
 minutos volumes, expressões,
 gestos, ações evolucionadas de
 Portugal. Até intactos, quasi, alguns.
 e vai a gente os oferta na ex-
 pressão portuguesa. Porque? Por
 causa do não-governo - a - camara
 mortuaria de Portugal. e um
 erro porque em sentimentos e
 costumes, expressões e ações
 não agora tão novos como os
 Portugal. Estes farumulos não um
 perigo e o proprio graca parece
 que acutis isso, quando no
 discurso que disse no Baquete
 oferecido pra ele em 1925 por
 reges e troianos acabou com
 o nacionalismo apressado e
 leniano do discurso sobre Espi-
 rito moderno, falando que devia
 mas ser uralecirs porque assim
 achavam, uma expressão nova
 de humanidade (citar em grego
 a frase de Gorgias, exata, que talvez
 não recorre ao jornal)
 e nós como a juventude de Aureliano
 as pranchas flammes das banueiras
 a, emeraldas das arakes
 os oulins dos colubos
 Os abacaxis, os suaryes, os capis
 tudo para a fraternal musica do Universal
 (Lutar meus astros, Permant. anteros, a gaza)
 isto certo. Ora aplicando o caso
 a Europa o que a gente tem de
 fazer é inveter a corajem de

Transcrição:

te de Portugal o que é um erro.
Nos descendemos em muito
de nós de Portugal. Temos ~~natura~~
é natural por hereditariedade
muitos costumes, expressões,
geitos, ações evolucionadas de
portuga. Até intatos quase, alguns...
E vai as gente os afasta da ex-
pressão portuguesa. Porquê? Por
causa do não-somos-a-camara-
mortuaria-de-Portugal. É um
erro porque esses sentimentos e
costumes expressões e ações
são agora tão nossos como dos
portugas. Essas formulas são um
perigo e o proprio Graça parece
que sentiu isso, quando no
discurso que disse no banquete
oferecido pra ele em 1925 por
gregos e troianos acabou com
o nacionalismo apressado e
leviano de do discurso sobre Espi-
rito Moderno, falando que devia-
mos ser brasileiros porque assim
seriamos uma expressão nova
da Humanidade (citar em grifo
A frase de Graça, exata, que tenho
num recorte de jornal)

“Nós somos as juvenilidades Auriverdes

As franjadas flamulas das bananeiras

As esmeraldas das araras

Os rubis dos colibris

Os abacaxis, as mangas, os caju.

Todos para a fraterna musica do Universal

Esta certo. ●citar meu artigo, Pernamb. anterior a Graça)

Ora aplicando o caso

á lingua o que a gente tem de

fazer é isso: ter a coragem de

(A): Temos = natura[l]=

(A): Até intactos>; A^l: +....+

(A): E vai ^as^

(A): leviano ^de^

A^l: + citar meu artigo, Pernamb.
anterior a Graça+

Nota da Pesquisa: MA insere a data de 1925 para a conferência de Graça Aranha “O espírito moderno” de 1925, contudo a mesma foi proferida, de fato, em 19 de junho de 1924, na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. O texto da conferência foi publicado, primeiramente, na revista carioca, dirigida por Elísio de Carvalho, América brasileira, em 1924 e no livro Espírito moderno, em 1925.

Nas margens do livro Espirito moderno e no corpo do texto, o escritor deixou notas de sua leitura e análise, as quais, muitas vezes, discordam da postura crítica de Graça Aranha. A folha de rosto traz a dedicatória: “Ao meu querido Mario de Andrade,/ pela sua magnífica solidariedade,/ Com sincera admiração/ Graça Aranha”

MA apostrofa o nacionalismo de Graça Aranha, ao contrapor os versos iniciais do oratório profano “As infirmitudes do Ipiranga”, fecho performativo de Paulicéia desvairada, marco no modernismo brasileiro em 1922.

ARANHA, Graça. Espirito moderno. São Paulo: Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA – F/I/e/24)

ARANHA, Graça. “O espirito moderno”. In: América brasileira. Rio de Janeiro, junho 1924, p. 173-176. Série Matéria extraída de periódicos, Arquivo Mário de Andrade – IEB-USP.

MA-MAA-51 (10)
falar Brasileiro, nem se amolar
com a gramática de Lisboa. Dar
cada um a sua solução pessoal
de falar Brasileiro pra que de-
pois um dia os gramaticos re-
conheçam e estabeleçam a gramati-
ca do Rio de Janeiro. Está certo.
Vejam bem: Falei «nem se amolar
com a gramática de Lisboa» e não
me opondo a gramática de Lisboa.
Não se trata de reação contra Por-
tugal. Trata-se de uma independen-
cia natural, nem reivindicações,
nem nacionalismos, nem autojorri-
smos, simplesmente, incoercente-
mente. Se trata de «ser». O Brasi-
leiro tem direito de ser. Os esvito-
res chegados, os que queriam ficar
que fixam no seu cidadanismo
covarde de esvitar porque João
de Barros escreveu assim. A gente,
os que não chegaram, os que não nos
perceberam de ficar porém de
andar, conteríamos o nome ninhi-
lho de barro no galho do ipê, vamos
fozer de pois-de-barro de peças
morenos, vivendo com gostosa
a realidade, nem covardias desta
Terra que é da gente e que nos
faz. está fazendo. Amen.

— (8)
Não se trata de reagir. Trata-se de
agir, que é muito mais nobre e
humano.

— (9)
Na Gramática minha um cap. sobre
Patoologia da fala Brasileira.

Transcrição:

falar brasileiro, sem si amolar com a gramatica de Lisboa. Dar cada um a sua solução pessoal de falar brasileiro pra que depois um dia os gramaticos venham a estabelecer a gramatica do Rio de Janeiro. Está certo. Vejam bem: Falei “sem se amolar com a gramatica de Lisboa” e não “se opondo á gramatica de Lisboa”. Não se trata de reação contra Portugal. Trata-se duma independencia natural, sem reivindicações, sem nacionalismos, sem antagonismos, simplesmente, inconscientemente

____(8)

Não se trata de reagir. Trata-se de agir, que é muito mais viril e mais nobre.

mente. Se trata de “ser”. O brasileiro tem direito de ser. Os escritores chegados, os que queiram ficar que fiquem no seu cuidadinho covarde de ~~escutar~~ porque João de Barros escreveu assim. A gente, os que não chegâmos, os que não nos encasquetamos

preocupamos de ficar porem de andar, construamos o nosso nininho de barro no galho do ipê, vamos fazer de joão-de-barros de penas morenas, vivendo com gostosura a realidade sem covardias desta terra que é da gente e que nos ~~faz~~ está fazendo. Amem.

____(9)

Na Gramatiquinha um cap. sobre Psicologia da fala Brasileira.

A¹: +Não se trata de reagir [...]nobre+

(A): covarde de >escutar<

(A): /encasquetamos/ preocupamos /

(A): *faz. * está fazendo

Estatuto genético: esboço de texto, nota de trabalho.

Com⁽¹⁰⁾ prefixos como re (tar-
nara) ra (negação) applicam-se a
verbos substantivos, adjectivos,
a gente pode fazer uma ou
um acrobacia de figurações
expressivas que não são pro-
priamente neologismos, são
antes expressões de momento,
sem valor vocabular regis-
travel. *Reamar* = tornar a a-
mar não é um novo verbo,
porque o prefixo não criou
uma palavra que falte pro-
priamente á lingua, como o
caso de *repetir*; é uma expres-
são de momento, expressa com-
posta na realidade de *a pa-
raamar*. São expressões idiomá-
ticas ocasionais e não pala-
vras novas. (11)

O que fala e tira o léxico tem
o direito em vista da expres-
são momentânea de criar a
voz ou voz que quiser, sem
que isso tenha propriamente
que ver com a lingua bra-
zeira mesmo si essa inven-
ção não escrita. É assim que
em todo momento em vista da
expressão momentânea a gen-
te não escreve palavras que não
existem, não registradas e
que não devem mesmo ser
registradas pelos vocabularis-
tas porque não têm existência
impressional. Porém não

Transcrição:

(10)

Com prefixos como re (tornara) a (negação) aplicáveis a verbos substantivos, adjetivos, a gente pode fazer ~~uma im~~ um dilúvio de figurações expressivas que não são propriamente neologismos, são antes expressões de momento, sem valor vocabular registrável. Reamar = tornar a amar não é um novo verbo, porque o prefixo não criou uma palavra que falte propriamente à língua, como o caso de repetir; é uma expressão de momento, expressão composta na realidade de 2 palavras o prefixo re e o verbo amar. São expressões idiomáticas ocasionais e não palavras novas.

(A): *pode fazer *uma im[undação]**

_____ (11)

O que fala o brasileiro tem o direto em vista da expressão momentânea de criar a voz ou vozes que quiser, sem que isso tenha propriamente que ver com a língua brasileira mesmo se essa invenção vem escrita. É assim que a todo momento em vista da expressão momentânea a gente ~~nã~~ escuta palavras que não existem, não registradas e que não devem mesmo ser registradas pelos vocabularistas porque não têm existência imprescindível. Porém são

(A): *#nã[o]# escuta*

perfeitamente vivas e frescas
estas expressões que se aparen-
tam com os neologismos, por-
que tiveram applicação justa,
porquê partida duma conso-
cencia que se afasta do con-
vencionarismo dos seus do-
verbaes concluidos, e fiam por-
que vivem. Parecem a lingua
nem o empurto, não tem
nada que não com ela nem
ela com elles. Principalmente
em vista da imitação de
suos a todo instante se
criam expressões oraes de
as cridões abundam de
recidos, admiravelmente ex-
pressivos, admiravelmente
vivos nem que tenham vida
gramatical. Si um incline-
do que detesta o genero ora-
torio de Phil Barbosa, por
exemplo, sciya outro: collige
seus discursos milharbortos,
unindo propositalmente
bosa e borta, criou uma
expressão comica muito
cristina, forte, incisiva
parem não criou uma pala-
vra nova. Depois de pronun-
ciado ou escrito o ~~de~~ prendo
afetivo milharborta de
de existir. Desejo vivam efi-
meas, existentes até o infini-
to, eis de existir até o infinito,
tudo homem tem direito de fazer,
não legitimes, perfeitamente ora-
to, e até aconselharem. A lingua

Transcrição:

perfeitamente vivas e justas
essas expressões que se aparen-
tam com os neologismos, por-
que tiveram aplicação justa,
porquê partidos duma comoção
intensa que se afasta do con-
vencionalismo dos símbolos
verbais conhecidos, enfim por-
que vivem. Porem a lingua
nem os linguistas não tem
nada que ver com ela nem
ela com êles. Principalmente
em vista da imitação de
ruidos a todo instante se
criam expressões orais dessas.
As crianças abundam dêsses
ruidos admiravelmente ex-
pressivos, admiravelmente
vivos sem que tenham vida
gramatical. Si um indivi-
duo que detesta o genero ora-
torio de Rui Barbosa, por
exemplo, diz pra outro: deixe
desses discursos ruibarbostas,
unindo propositalmente
bosa e bosta, criou uma
expressão comica muito
legitima, forte, incisiva
porem não criou uma pala-
vra nova. Depois de pronun-
ciado ou escrito o ~~ad~~ pseudo-
adjetivo ruibarbosta deixou
de existir. Dessas criações efe-
meras, existentes ~~ate~~ ou passi-
veis de existir até o infinito,
todo homem tem direito de fazer,
são legitimas, perfeitamente exa-
tas e ate aconselháveis. ~~A lingua~~

(A): #ad[jetivo]# pseudo-

(A): existentes #ate#

(A): # A lingua#

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

Parém estas para da ver-
tualidade perene da lingua.
Acontece á, n'eyes no entanto
que expressões assim nem
a ~~ter~~ adquirir devida vir-
tualidade perene que nem
fontem, ruger, ruger e de uni-
versal, em dentro de um povo
ou do mundo. Então pariam
a ser palavras legítimas, e to-
do é, símbolos de convenções.
mas universal. Então devem
ser registrados.

(12)
A tendencia pra elimi-
nar o pronome dos verbos
pronominais. xx a que horas
você levanta, hein? — 4h embora
Vá embora!

(13)
Prefácio — Não se trata de um livro
técnico nem pra técnicos. Homens
pra estes talvez curra de alguma
coisa porque geralmente são tão
presos a leis e regras convencionais.
Têm um espírito crítico tão
pequenininho e certos que a vio-
lência ingenua das muitas liber-
dades talvez contenha mais de uma
sugestão pra tais. Parém, embo-
ra estude com seriedade e cons-
tancia a minha lingua e a
lingua dos meus antepassados,
me parece cada vez mais que
não sei nada delas. Tal a barafun-
da que fazem em mim as co-
nhecções, as esperanças, as am-
bíções e as verdades e leis. Sou

Transcrição:

Porêm estão fora da virtualidade perene da lingua. Acontece às vezes no entanto que expressões assim venham a ~~ter~~ adquirir dessa virtualidade perene que nem fonfon, ruger-ruge e se universalizam dentro dum povo ou do mundo. Então passam a ser palavras legítimas, isto é, símbolos de convencionalismo universal. Então devem ser registradas.

(A): * *ter** *adquirir*

(A): <*ruger*>

— (12)

A tendencia pra eliminar os pronomes dos verbos pronominais. Ex. a que horas você levanta, heim? – Ir ernbora.
Vá embora!

— (13)

Prefacio - Não se trata dum livro tecnico nem pra tecnicos. Homem pra estes talvez sirva de alguma coisa porquê geralmente são tão presos a leis e regras convencionais. tem [palavra rabiscada] um espirito critico tão pequenininho e lerdo que a violencia ingenua das minhas liberdades talvez contenha mais duma sugestão pros tais. Porêm, embora estude com seriedade e constancia a minha lingua e a lingua dos meus antepassados, me parece cada vez mais que não sei nada delas tal a barafunda que fazem em mim as comções, as esperanças, as ambições e as verdades e leis. Sou

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de prefácio, esboço de texto.

MA-MMA-51-12

sem um lei, da matéria.
 Não tenho pretensões nenhuma.
 Porém minha vida tem sido
 sempre uma belicosa e uma
 que se chama agir com viva-
 cidade e coragem. Há diante
 de todos aqueles que aconselha-
 ram a intermissão de certos
 modismos e certas formulas
 gramaticais dos Brasileiros na
 Tabua de leis linguísticas da
 lingua lusitana, eu tive a
 coragem, com consciência,
 seguindo a tradição e o exem-
 plo bonito de José de Alencar,
 tive a franqueza de agir sem
 me fregar no dedo do «tr-
 ahião, forki». Sempre tive por
 rar do «sejam», «eu sou». O
 Assim fica entendido que isto
 não é um obra científica,
 é ainda e sempre uma obra
 de fixação ~~organizada~~ pelo
 autor que considera a huma-
 nidade e nascida das condições
 favoráveis que sempre fez
 nascer em mim a ~~estudo~~
 da vida das palavras.

É certo que de que me pes-
 so a fadiga de escrever brasilei-
 ramente, não fiz caricaturas nem
 paródias. Todas as minhas postações
 de Brasil e de um linguístico
 que sempre fui, sempre fui
 certamente, mas pra ~~show~~
~~consciência~~ ou ~~for~~ fazer comi-
 uidade nem mostrar curadoras

Transcrição:

bem um leigo da materia.
Não tenho pretensão nenhuma.
Porêm minha vida tem sido
sempre essa belissima coisa
que se chama agir com viva-
cidade e coragem. Ora diante
de todos aqueles que aconselha-
vam a intromissão de certos
modismos e certas formulas
gramaticais dos brasileiros na
Tabua de Leis linguisticas da
lingua lusitana, eu tive a
coragem ~~seg~~ conscientemente,
seguindo a tradição e o exem-
plo bonito de Jose de Alencar,
tive a franqueza de agir em
vez de ficar no discurso “Ir-
mãos, fazei!”. Sempre tive hor-
ror ao “Sejamos!”. ● Eu sou.
E o certo que desque me pus
na fadiga de escrever brasilei-
ramente, não fiz caricatura nem
pandega. Todas as manifestações
de brasileirismo linguistico que
empreguei, empreguei sin-
ceramente, não pra ~~mostrar~~
~~comicidade ou bu~~ fazer comi-
cidade nem mostrar burradas

(A):coragem #seg[uindo]#

A^l: +E o certo que desque pus [...] esqueça+

(A): =*mostrar*/comicidade ou bu[rradas]=

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

de inultos. Estilizei com
 novidade depois de muito
 matutar e nem tudo acitei
 porque si o, poro pela sua
 ineptura e por muito par-
 te ser beil e estupido, por
 essa mesma ineptura que
 o cura ou duma humidade
 de preconceito descoar e que-
 las formulas arais de expres-
 são que se incarnam, refle-
 tem e explicam as reali-
 dades caracteristicas canu-
 te nacionais. Fui sincero, pa-
 ciente e educado nas mi-
 nhas estilizações. Algumas
 forçadas, que usa, ~~forçadas~~
~~exp'~~ Como Orop e outros,
 pela propria maneira de
 que estão empregadas; pela
 propria significação ironica
~~da~~ da frase que as en-
 cerra, provam que eram depre-
 ciativos ou ironia-ataques,
 não coisa seria.
 Ainda mais, uma coisa:
 muita gente até meus
 amigos, andavam falando
 que eu queria bancar o Dan-
 ti e criar a lingua urarici-
 ra, graças a Deus não sou
 tão ignorante nem tão
 vaidoso. O meu unico
 intuito minha foi dar a
 minha colaboração a um
 movimento pratico de libe-
 tação importante e necessa-
 ria. Dar a minha solução

Transcrição:

de incultos. Estilizei com seriedade depois de muito matutar e nem tudo aceitei porque si o povo pela sua incultura é por muitas partes imbecil e estúpido, por essa mesma incultura que o livra de uma imundície de preconceitos descobre aquelas formulas orais de expressão que ~~ex~~ incarnam, refletem e explicam as sensibilidades caracteristicamente nacionais. Fui sincero, paciente e estudioso nas minhas estilizações. Algumas, forçadas, que usei, ~~foram~~ ~~exp~~ como Oropa e outros, pela propria maneira em que estão empregadas; pela propria significação ironica ~~em q~~ da frase que as encerra, provam que eram depreciativas ou ironias-ataques, não coisa seria.

Ainda mais uma coisa: muita gente, até meus amigos, andaram falando que eu queria bancar o Dante e criar a lingua brasileira. Graças a Deus não sou tão iguinorante nem tão vaidoso. [A] ~~meu inten~~ minha intenção unica foi dar a minha colaboração a um movimento pratico de libertação importante e necessaria. Dar a minha solução

A: lapso: “estupidos”

(A): o livra *duma*

(A): são que #exp[licam?]*#

(A): >[foram?]<

(A): > exp[licadas?]<; #O[ropa?]*#

(A): propria maneira ^[com?]*^

(A): >em q[ue]<

A: iguinorante por ignorante

A: lapso: “O”; (A): *meu inten[to]*

MA-AMA-51-13

personal a um problema
que pode comportar muitas
soluções transitórias, ocorren-
tes e que ao muito mais
tarde, tendo inteligência bas-
tante, pra saber isto, terá a
sua solução definitiva-eso-
lutiva que tem de ser in-
consciente, nem um me. Si
cada um estudando com
seriedade e trabalhando
com afinco, dê-se a sua so-
lução pessoal e transitória
a este problema não com
muito erros, o elemento culto
brasileiro, que se diz a ma-
nipentação, humanidade civiliza-
da e por isso representativa
(não pelo característica) do
Brasil na civilização atual
já falaria da existência e
já teria gramática, cultura
falas mais concisas com a
nova nacionalidade original
a nova nacionalidade, idem,
e civilização. Isso seria prá-
tico. Isso seria ter liberdade
bem compreendida. Isso se-
ria cultura verdadeira. E sobre
tudo isso seria ser humano
e enriquecer a humanidade.
(conclui a obra, não esqueça)

(14)

Tr-ne embora = locução verbal.
De tomar esse caráter de locução
verbal vem o fui-ne embora
que parece formar o adverbio
simbora. Na verdade o conceito

Transcrição:

peçoal a um problema
que pode comportar muitas
soluções tranzitorias ocorren-
tes e que só muito mais
tarde, tenho inteligencia bas-
tante pra saber isso, terá a
sua solução definitiva-evo-
lutiva que tem de ser in-

e
consciente, unanime. Si
cada um, estudando com
seriedade e trabalhando
com afinco, desse a sua so-
lução pessoal e tranzitoria
a êste problema, não dou
vinte anos, o elemento culto
brasileiro, quero dizer a ma-
nifestação humana civiliza-
da e por isso representativa
(não falo característica) do
Brasil na Civilização atual
já falaria e escreveria e
já teria gramaticas duma
fala mais concorde com a
nossa nacionalidade original,
a nossa sensibilidade, ideais
e civilização. Isso seria pra-
tico. Isso seria ter liberdade
bem compreendida. Isso se-
ria cultura verdadeira. E sobre-
tudo isso seria ser humano
e enriquecer a Humanidade.

(volta atrás, não esqueça)

Assim fica entendido que isto
não é uma obra científica.
E ainda e sempre uma obra
organizada

de fixação de gramática pelo
amor que consagro á Huma-
nidade e nascida da comoção
fortissima que sempre fez
nascer em mim a o estudo
da vida das palavras.

A^I : +e+
(A): @ , @ ; >m<

A^I : +organizada+

(A): de fixação >de gramática<

(A): mim >o estudo< ; (A): +a+
(A): >da<

_____ (14)
Ir-se embora= locução verbal.
De tornar esse carácter de locução
verbal vem o fui-se embora
que parece formar o adverbio
simbora. Na verdade o conceito

(A): #D'si [mbora] #tomar

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

personal e flexionavel do
pronomme i que desaparece em
dentro da locução in teirica
e inmutavel. e não ser no
verbo inicial que a temporaliza.

Ponde: ouai, (15)
irregular de poder.

Que tal o concerto? Assim -
assim, & la tuu uma vez
mais ou - menos.
Assim - assim e mais - ou - me-
nos são adjectivos qualificativos

Um capitulo chamado Psicologia
da lingua Brasileira: Doutra
pequena, meiguice. Sensualida-
de. Ironia, asperigos, & maledades
Olla o bambu do bambu bambu
Olla o bambu do bambu bambu
Olla o bambu do bambu bambu
Quero ver dizer 3 vezes bambu
(Ver nota 31) bambulala!

Moleza lingua. Indolencia pas-
seguira. Prezas rapidas: Vellos debrá
não. Sintese oratoria da conversa.

Esta gramatica, pois que gramatica
simplica um no seu ~~confuso~~
concerto o confuso de palavras
com que as falas se ~~com~~ organi-
zasse que torna consciente
a organização de uma fa dila
ou mais falas, esta gramatica
parece estar em contradicção

Transcrição:

pessoal e flexionavel do
pronome é que desapareceu,
dentro da locução interiça
e imutavel. a não ser no
verbo inicial que a temporiza.

(A): lapso: “a” por A

____ (15)

Poude= mais uma flexão
Irregular de poder.

____ (16)

Que tal o concerto? Assim-
assim. Ela tem uma voz
mais-ou-menos.
Assim-assim e mas-ou-me-
nos são adjetivos qualificativos

____ (17)

Num capitulo chamado Psicolo-
gia da lingua brasileira: Doçura
Lentidão, Meiguice. Sensualida-
de. Ironia, Asperezas, Emboladas

A: lapso: “Docura” por Doçura

Olha o bambu do bambu bambu
Olha o bambo do bambu bambubê
Olha o bambo do bambú bambubá
Quero ver dizer 3 vezes bambubê

(Ver nota 31) [bambulalá!

A¹: +(Ver nota 31)+

Molenga lingua. Indecisão pas-
sageira. Frases rapidas: Venus bebia
não. Sintese oratoria da conversa.

____ (18)

Esta gramatica, pois que gramatica
implica ~~um~~ no seu ~~conjunto~~
conceito o conjunto de normas
com ~~que as falas se cons-organ-~~
~~izam~~, que torna consciente
a organização ~~duma fa~~ dũa
ou mais falas, esta gramatica
parece estar em contradição

(A): *implica um*; no seu # conjunto #

(A): com #que as falas se cons[tituem?] organi/zam#

(A): >.<

(A): a organização *duma fa[la]*

Nota da Pesquisa: no livro Catimbó, de Ascenso Ferreira, há no poema “O samba”
sequência versos que foram apropriados por MA. A nota 17 traz o decalcaque, a recriação
do autor.

Página: não consta.

Nota MA: não apresenta.

“O samba”

[...]

“É o parafuso do samba

cheio das voltas todas que a cantiga dá:

‘Olha o Bambo, do –bambo-bambú, bambeiro,

olha o Bambo-do-bambo-bambú-bambá...

Olha o Bambo-do-bambo-bambú-bambeiro,

do-bambo-bambú-bambeiro,

do-bambo-bambú-bambá...’”

[...]

Como na biblioteca de MA há duas edições de Catimbó, de 1927 e 1928, registramos as duas referências. Estas apresentam dedicatória a Mário de Andrade: 1927: “Mario de Andrade, Bichão/ Toma este livro/ que te dá do/ coração/ o Ascenso Ferreira/ Rio-14-927”. Edição de 1928: “Ao Mario/ com a amisade/Caiana/do/ Ascenso”:

FERREIRA, Ascenso. Catimbó: versos. Recife: Oficinas da ‘Revista do Norte’, 1927. (BMA – A/II/e/74)

FERREIRA, Ascenso. Catimbó: versos, 2ª ed., Recife: Oficinas da ‘Revista do Norte’, 1928. (BMA – A/II/e/73)

Cabe ressaltar que em carta enviada a MA, de 8 de janeiro de 1927, Ascenso Ferreira refere-se ao poema “O samba”. Conforme dissertação de mestrado de Ana Luisa Dubra, defendida no IEB-USP:

(Ana Luisa Dubra. Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira - 1926-1944. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Orientador: Marcos Antonio de Moraes, 2012, p. 57-66.)

com o meu sentimento. ^{MA-AM-51-14} 2.
 certo que não tive jamais a
 pretensão de criar a ~~língua~~
 Fala Brasileira. Não tem con-
 tradição. Só quis mostrar que
 o meu trabalho não foi leve-
 mo, foi sério. Parece que matutei
 e trabalhei pra dar pro meu
 estilo novo normas que organi-
 zassem-o. Li cada um p[er]
 tambem das observações, e
 estudos pessoais a essa gramá-
 tica minha muito que isso fa-
 cilitará pra daqui a um
 cincuenta anos o salutar nor-
 mas gerais, não só da fala
 oral, transcrita e naja parem
 da expressão literaria impres-
 sa, ~~tudo~~ e da estilização eru-
 dita da linguagem oral. Essa
 estilização é que determina a
~~civilização~~ cultural civilizada
 duma 'raça' sob o ponto-de-vis-
 ta expressivo. ~~linguístico~~.
 (19)
 O estarem as palavras descri-
 nadas, pelas varias categorias, ~~sub-~~
 tantivos, adjectivos, verbos etc. não é u-
 não um meio de fixação de conceito
 psicológico perfeitamente exato parem
 não intuitivo. Quasi todas as vezes,
 podem mudar de categoria ~~su-~~
 tais como se apresentam ou por me-
 io de particulas categorizantes, ~~tais~~
 como que nem car-izar, mente. Só
 as particulas adjuvantes de palavras
 como preposições e conjunções tem
 categoria intuitiva, parem não

Transcrição:

com o meu sentimento. É certo que não tive jamais a pretensão de criar a ~~língua~~ Fala Brasileira. Não tem contradição. Só quis mostrar que o meu trabalho não foi leve, foi sério. Bem que matutei e trabalhei pra dar pro meu estilo novo normas que organizassem-o. Si cada um fizer também das observações e estudos pessoais a sua gramatinha muito que isso facilitará pra daqui a uns cinquenta anos o salientar normas gerais, não só da fala oral transitoria e vaga porem da expressão literaria impressa, isto é, da estilização erudita da linguagem oral. Essa estilização é que determina a ~~civilização~~ cultural civilizada duma raça sob o ponto-de-vista expressivo. Linguístico.

(A): *de criar a *língua**

(A): **#civilizaçã[o]#*; *cultural* civilizada*

— (19)

O estarem as palavras descritivas pelas varias categorias, substantivos, adjetivos, verbos etc. não é si não um meio de fixação de conceito psicologico perfeitamente exato porêem não intangível. Quasi todas as vozes podem mudar de categoria ~~ou~~ tais como se apresentam ou por meio de particulas categorizantes, ~~tais~~ ~~eome~~ que nem ear, izar, mente. Só as particulas adjuntivas de palavras como preposições e conjunções tem categoria intangível, porêem não

(A): *categoria #ou#*

(A): **tais/ como* que*

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

As palavras propriamente, não na realidade sufixos locuci-
onais de um verbo substantivo gra-
de que se chamamos frase, e as
partículas só assumem o conceito
puro de palavras quando sub-
stantivadas ou adjetivadas. Por
ex: Você é um homem indivi-
duo muito e, "é" funciona que
nem assume uma entidade
qualificativa. Outro ex: O sim-
de você me botou pressa no
desejo.

(20) ^{qualificadora}
A palavra é uma entidade.
O substantivo é uma entidade
qualificativa. O adjetivo é
uma entidade limitativa. O
verbo é uma entidade ^{acionadora}.
O advérbio é uma entidade mo-
dificativa e modificativa. A
preposição e o pronome é uma
entidade personalitativa. A
preposição não é uma entidade
de, e ligadura de entidades etc.

(21)
A frase é um substantivo.
Início de um fato "Você é bur-
ro" em si é um substantivo,
isto é uma entidade quali-
ficativa

(22)
Assim só essas dozes locucio-
es que não podem ser de cate-
goria porque não são entidades
independentes, não tem vida pro-
pria. Os adjetivos, advérbios, sub-
stantivos etc podem no entanto

Transcrição:

são palavras propriamente, são na realidade sufixos locucionais desse ~~gran~~ substantivo grande de que ~~se~~ chamamos frase. Essas particulas só assumem o conceito puro de palavra quando substantivadas ou adjetivadas. Por ex: Você é um ~~homem~~ indivíduo muito e. “E” ~~funciona~~ que

~~nem~~ assume uma entidade qualificativa. Outro ex: O sim de você me botou pressa no desejo. ●

(A): #gran[de]# substantivo grande

(A): de que *se*

(A): ^p[or]^

(A): "E" *funciona que/nem*

A¹: +Assim só essas vozes locucionais [...] lupe

____ (22)

Assim só essas vozes locucionais é que não podem variar de categoria porque não são entidades independentes, não tem vida própria. Os adjetivos, advérbios, substantivos etc e podem no entanto passar pra qualquer outra categoria tranzitoriamente e sem perder o ~~sua~~ seu caracter psicológico. Vestem uma fantasia, se mascaram momentaneamente por uma precisão expressiva, mas porem não perdem jamais a entidade psicologica que se esconde sob o [lupe?].

(A): perder *o sua*

____ (20)

A palavra é uma entidade.
O substantivo é uma entidade qualificativa. O adjetivo é uma entidade limitativa. O
acionadora ● vitalizadora
verbo é um entidade ativa.
O advérbio é um a entidade modalitativa e modificativa. A
~~preposição~~ O pronome é uma

A¹: +acionadora+; +vitalizadora+

(A): entidade f*ativa f*

(A): #A/ preposição#

(A): #a# pronome#

entidade personalitativa. A preposição não é uma entidade, é ligadura de entidades etc.

____ (21)

A frase é um substantivo. Mesmo si eu falo “Voce é burro” eu criei um substantivo, isto é, uma entidade qualificativa

passar pra qualquer outra cate-
goria. Trazi tormente e nem
perder o seu seu caracter psico-
logico. Veitem uma fantasia, re-
mascaramos momentaneamente,
por uma precisão expressiva,
mas parem não perdem jamais
a entidade psicologica que se
enconde sob o lupo.

Nem uma ⁽²³⁾ ao dar exem-
plos vulgares, gentros Pedro
maíam Paulos. Todo exemplo
será reflexão profunda. Será fra-
se lirica adoravel. Será julga-
mento critico. Será até que se
arcarasmo. No maximo com Brasileirismos
Proibido dar exemplo palmas expostos, ao quando se quiser dizer
Demorez quinhã comocão pro-
funda com a palavra. Os
cambiantes de sentido da
palavra pelos reductos que
adquire, pelo modi ficacão,
que assume dentro da frase.
O poder da frase. Sua ama-
bilidade. O valor da frase
antipatica. O ardor de certos
frases semmai — Quando prin-
cipia ~~se~~ encorrendo Brasilis-
no imediatamente muita
frase se encomprometida como
em caipira, ficou longa,
de braços molengos, falar den-
gozo, reque. No gosto de so-
petos onais des frases curtos,
enryicas, mas parem depois
estes, entraram de novo poque
me lembraram, sente marlento,

Transcrição:

_____ (23)

Nem uma só vez dar exemplos vulgares, genero “Pedro matou Paulo”. Todo exemplo será reflexão profunda. Será frase lirica adoravel. Será julgamento critico. Será ataque ou sarcasmo. No máximo com brasileirismos rarissimo dar exemplo palavra isolada, so quando ja contiver lirismo

*A^l: +rarissimo
dar exemplo[...]
lirismo*

_____ (24)

Descrever minha comoção profunda com a palavra. Os cambiantes de sentido da palavra pelas relações que adquire, pelas modificações que assume dentro da frase. O poder da frase. Sua amabilidade. O valor da frase antipatica. O ardor de certas frases sensuais – Quando principiei a escrevendo brasilei-

*(A):>a<
escrevendo*

ro imediatamente minha frase se encompridou como um caipira, ficou longa, de braços molengas, fala densa, renque. Não gostei de sopetão mais das frases curtas, energicas. Mas porem depois estas entrarem de novo porque me lembravam, gente narcista,

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

peculiaria, hesitante, garciosa.

(25)
Caracter estético da fala que emprego. O defeito do imediato. Terceira a acabar com este (ver pgs soltas apensas a este li-
vros).

(26)
Entre as adje. farinas compostas de adjectivos demonstrativos (Carlos Pereira pg 63) não esquecer "esse um" e "aquele um".

(27)
Substantivo pratico ou particular. Um grupo de entidades abstratas uni-
versais reunidas formam então a verdadeira substantivo, o pratico, o que a gente emprega e que é lim-
tado. Ex. São Paulo, Brasil, gostoso. Esta ultima frase é um verbladeiro.
Substantivo composto - 8. transitivo -
8. psicologico - 8. limitativo - 8.
concreto e realista -

(28)
Uma pares de - vários

(29)
Caracteres psicologicos do francez: carinho, pegajoso, asexualidade, calar na amabilidade (esvito), verda-
deira amicalidade no oral, que nem com as crianças. O caipira quando fala, sobretudo o simulado canta que nem crian-
ças. Fala com o ritmo, lentidão esca-
rpaçada e acelerada. Fazer com de-
raças sobre isso em relação da rapidez

Transcrição:

pecurrucha, serelepe, gordu-
xa.

_____ (25)

Caracter estetico da fala que
emprego. O defeito do ineditis-
mo. Carece acabar com este
(ver pgs soltas apenas a este li-
vrinho)

_____ (26)

Entre ~~os adj~~-as formas compostas

(A): Entre # os
adj[jetivos] #

de adjetivos demonstrativos (Carlos
Pereira pg 63) não esquesses “Esse um”
e “Aquele um”.

(A): lapso: “esquesses”s

_____ (27)

Substantivo pratico ou particular. Um
grupo de entidades abstratas uni-
versais reunidas formam então
o verdadeiro substantivo, o pratico, o
que a gente emprega e que é limi-
tado. Ex Este meu Brasil gostoso.
Esta ultima frase é um verdadeiro
substantivo composto – É transitorio –
É psicologico – É limitativo – É
concreto e realista –

(A): ^substantivo^ composto

_____ (28)

Uns pares de= varios

(A): ^Um^ pares

_____ (29)

Caracteres psicologicos do brasileiro:
carinho, pegajosismo, sensualidade,
calor na sonoridade (escrito) verda-
deira musicalidade no oral, que nem
com as crianças. O caipira quando fala,
sobretudo o mulato canta que nem crian-
ça. Fazer Comodismo, lentidão esca-
rrapachada e acocorada. Faser conside-
rações sobre isso em solução da rapidez

(A): psicologico do *po[rtugues]*

(A): # Fazer# Comodismo

Nota da Pesquisa: na nota de número 25, as “folhas apenas a este livrinho” referem-se aos fólhos 22-29, sob o título “Início”.

A respeito da nota de número 29, há na folha de rosto do livro de Álvares de Azevedo, *Obras* (I volume), a seguinte notação marginal de MA: “trebeijar pg 342 (ver 3ª nota da antepagina/este verbo delicioso/ de pegajosismo.”

P. 342

Nota MA: a grafite: traço sublinhando o termo “entrebeijão”.

“XXVII Poema do Frade – Canto IV”

E sempre virginal e vaporosa

Pensativa de amor, voluptuosa...

Sorrindo ás virações que te bafejão,

Á claridão das nuvens que lampejão,

Á lua, á pomba, á selva suspirosa,

Ás flores que na morte se entrebeijão!”

[...]

(BPG: nº 191: AZEVEDO, Alvares de. *Obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo; precedidas do juizo critico de escriptores nacionaes e estrangeiros e de uma noticia sobre o auctor e suas obras por Noberto de S. S.*, 7ª ed., Rio de Janeiro/ Paris: H. Garnier, 1900, tomo primeiro. BMA – A/II/d/42)

Verificação:

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso superior*, 2ª ed., São Paulo: Duprat & Comp, 1909. (BMA – F/II/c/2)

Determinativos

183. **Adjectivo determinativo** é o que se ajuncta ao substantivo para determiná-lo, indicando alguma circumstancia externa, p. ex.: *este* livro, *aquelle* livro, *meu* livro, etc.

184. Os adjectivos determinativos podem ser distribuidos em sete classes, a saber: **articulares, demonstrativos, conjunctivos, interrogativos, possessivos, numeræes e indefinidos.**

185. **Determinativo articular** ou **artigo** é o adjectivo que precede ao appellativo individualizando-o, quer de um modo preciso, quer de um modo vago; no primeiro caso temos o **artigo definido**—*o, a, os as*, e no segundo o **artigo indefinido**—*um, uma, uns, umas*, como, p. ex.: *o filho de Pedro, um filho de Pedro.*

186. **Demonstrativo** é o que determina o appellativo, indicando-lhe alguma circumstancia de **posição** ou **identidade**, como:—*este* homem, *aquelle* homem, *o mesmo* homem, etc.

Os **demonstrativos** são os seguintes:

este, esta, (isto).
esse, essa, (isso)
aquelle, aquella, (aquillo)

mesmo, mesma.
proprio, propria.
tal.

Fórmæ compostas :

est'outro, est'outra.
este outro, esta outra.
ess'outro, ess'outra.
esse outro, essa outra.
aquell'outro, aquell'outra.

aquelle outro, aquella outra.
o mesmo, a mesma.
o proprio, a propria.
o tal, a tal.

Obs. *Este, esse, aquella* e seus compostos determinam a posição do appellativo, referindo-se ao mesmo tempo á pessoa grammatical; assim—**este** livro indica o livro proximo da 1.^a pessoa, a pessoa que falla; **esse** livro, o livro proximo da 2.^a pessoa, a quem se fala; **aquelle** livro, o livro afastado da 2.^a pessoa. *Isto, isso, aquillo*, são fórmæ neutras pronominaes.

moderna

MA-MNA-51-(16)

(30)

Sera total a diferenciação entre Brasileiros e portugueses (línguas) Total não pode ~~ser~~ ter sendo falas do mesmo povo com. Quando muito talvez depre a acento como entre portugueses e espanhol. Não é razão para que não principiem

(31)

É curioso que, sem saber dizer, os primeiros versos que fiz, ou pelo menos de que tenho memória foram também uma emblema legitimada. Isso foi no tempo do qualate por quinze quando o amor passou dos simples beijos escondidos nos cabelos maravilhosos de Maria ou das marretas sintomáticas, meid sem ser de lado, que dava numa outra Maria, tendo a fatalidade dos Maria na vida minha!... criada na tia do número 1. Tinha conhecido uma liberebadaraana, naquelle tempo... se chamava Geney. Pois eu andava sempre procurando estes versos admiravelmente expressivos e que são um exemplo perfeito e egualitadismo do processo da ambliomania fridiana. Vou grafar a emblema pelas entidades psicológicas dos criados

Transcrição:

moderna

(30)

Será total a diferenciação entre brasileiro e português (línguas) Total não pode ~~haver~~ ter sendo falas do mesmo berço comum. Quando muito talvez daqui a século como entre português e espanhol. Não é razão pra que não principiemos

(A): *pode *haver**

(A): *Quando muito #d[aqui?]*

(A): *é razão *para**

(31)

É curioso que, sem saber disso, os primeiros versos que fiz, ou pelo menos de que tenho memória foram também uma embolada legitimíssima. Isso foi no tempo dos quatorze pros quinze quando o amor passou dos simples beijos escondidos nos cabelos maravilhosos de Maria ou das marretas sintomáticas, meio sem ser de lado, que dava numa outra Maria, tenho a fatalidade das Marias na vida. minha!... criadinha na tia do número 1. Tinha conhecido uma liberobadaroana, naquele tempo... Se chamava Geny. Pois eu andava sempre cantando estes versos admiravelmente expressivos e que são um exemplo perfeito e equilibradíssimo do processo da sublimação freudiana. Vou grafar a embolada pelas entidades psicológicas dos vocabu-

(A): *bradissimo #p[rocesso?]*; **de**

(A): *lapso: ^ freudiana ^*

Estatuto genético: esboço de texto, nota de trabalho.

los que eu sentia dentro
de mim, vai:

Fieri de la Pa'
Gent' transfêr di giude nôs pigordi
Gent' trâm! ⁽¹⁾ feligii nórdi
Gent'!....

E foram os únicos que me fi-
caram da memória... Únicos
bem, não. Me lembrava de uma
quadra de que só resta a
~~última~~ em mim o último
verso, também sintomático? Não
sei, vai!

O moço pegou na faca e disse: Oh, morte!

(1) Morte a Gent' trâm!...» eu era por-
tado por um extase inconcebi-
vel. Erguia a voz, dava uma
fermeza e aspiro!

(32)

É incontestável que eu escrevendo
na língua artificial e de mi-
guéis eu que escrevo atudimen-
te por assim dizer ~~eliminei~~
escapoli com facilidade da pos-
sibilidade de errar. Isso não
tem duvida não parem, care-
ce notar duas coisas: a gente
Primeiro: Posso dizer com certa
sinceridade que sei eu pelo
menos já sabe escrever o por-
tuguês. Vou como livro escrito
nessa fala a minha escrava

Transcrição:

los que sentia dentro
de mim. Vai:

Fiori

~~Geni~~ de la Pá

Genitransférdi güide nôs pigórdi

Genitrâns! (1) feligüinórdi

Geny!...

A^l: +Fiori+

(A): #Geni#

E foram os unicos que me fi-
caram da meninice... Unicos
bem, não. Me lembro duma
quadra de que só resta ~~na~~
~~ultima~~ em mim o ultimo
verso. Tambem sintomatico? Não
sei, vai:

(A): # na/ ultima # em

O moço pegou na faca e disse: Oh! Morte?

_____ [palavra rabiscada]

(1) Neste <<Genitrâns!...>> eu era pos-
suido por um extase inconcebi-
vel. Erguia a voz, dava uma
fermata e sofria!

(32)

É incontestavel que eu escrevendo
na lingua artificial e de nin-
guem em que escrevo atualmen-
te por assim dizer ~~eliminei~~
escapoli ~~com facil~~ da possi-
bilidade de errar. Isso não
tem duvida não porêem ● a gente care-
ce notar duas coisas:

(A): dizer *eliminei*

(A): escapoli >com facil[idade]<

Primeiro: Posso dizer com certa
sinceridade que sei ou pelo
menos já sube escrever o por-
tuguês. Dou como livro escrito
nessa fala a minha Escrava

A^l: +a gente+

Nota da pesquisa: MA incluiu o verbete “Sube” na entrada “Brasileirismos vocabulares”
do seu Fichário analítico.

que não é traça. Livro ^{MA-MMA-52-13} publici-
cado com certa afobação no
me desculpando-me de a barafun-
da de acentos que por vezes
saíram bem falseados. A culpa
não foi minha que nesse
tempo ainda eu não sabia
revelar provas não. Agora isso
me exaltou um «pouco» por
«pôde»; «cacoete» em que cocluíci
uma feita no volume. Porém
é certo que sabia da ortografia
legítima como a gente ~~pode~~
constata pelos livros antero-
res. Agora escrevo conscien-
te «pouco». O outro erro,
também de ortografia nem
me lembra mais qual é.
Agora éries, duvido que pos-
sam me mostrar erro de
deveras erro no livro. Podem
chicanejar com pontos de con-
travenção, erro mesmo erro
garanto que não a ninguém
não achou nenhum. Na me-
dida do pouco um bocadinho
quero que o possível, estudei
com paciência a fala portu-
ga. Nenhum ~~é~~ não foi no nas
gramaticas de todo pouco
não. Nenhum dos grandes
clássicos portugueses grandes
deixei de ler com paciência.
Alguns me foram até fami-
liares como o doce frei Luís
de Souza que eu gostava mu-
to, Garrett, Camões, e ~~Francisco~~ ^{Francisco} ~~Francisco~~ ^{Francisco} ~~Francisco~~
Os outros lia mais por obriga-

Transcrição:

que não é Isaura. Livro publicado com certa afobação só me desculpo nele da barafunda de acentos que por vezes saíram bem falseados. A culpa não foi minha que nesse tempo inda eu não sabia rever provas não. Afora isso me escaloliu um “poude” por “pôde”, cacoete em que cochilei uma feita no volume. Porê é certo que sabia da ortografia legítima como a gente ~~pode~~ constatará pelos livros anteriores. Agora escrevo conscientemente “poude”. O outro erro, também de ortografia nem me lembro mais qual é. Afora êsses, duvido que possam me mostrar êrro de deveras erro no livro. Podem chicanar com pontos de controversia, erro mesmo erro garanto que ~~não a~~ ninguém não acha nenhum. Na medida do ~~pouco~~ um bocado mais que o possível, estudei com paciência a fala portuguesa. ~~Nenhu n~~ E não foi só nas gramaticas de todo genero não. Nenhum dos ~~grandes~~ classicos portugueses grandes deixei de ler com paciencia. Alguns me foram até familiares como o doce frei Luis de Sousa que eu gostava muito, Garret, Camões, e Latino. Os outros lia mais por obriga-

A: lapso: “escaloliu” por escapoliu

(A): a gente >pode<

(A): garanto que # não a[acham]#

(A): do *pouco*

(A): >Nenhum n<

(A): dos #grandes#

A¹: + Castelo Branco+

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

Nota da Pesquisa: MA faz referência à sua obra:

ANDRADE, Mário. A escrava que não é Isaura (Discursos sobre algumas tendências da poesia modernista). São Paulo: Livraria Lealdade, 1925.

ção com verdadeira paciência, sobretudo Viciosa e Bartolô que jamais não pude apreciar. De Camões sabia de cor o introito dos puziados, a paragem de Ynês, a dos Doze de Ynglaterra, a Tempestade e o Adão e Eva, além de pra mais de cincoenta sonetos. Também se explica tanta decoração. Uma feita assumti parino no tempo que a gente perde fazendo a barba todo santo dia. Me lembrei de decorar como bonitas. Camões e o Pilae adorado naqueles tempos de dante, foram os que decorei mais. Pareu até a Pennington de Macedo Papança paper internacional. Fiquei até olgedar de festas sonoras, duma sociedade católica. Sonetos então, sabia pra mais de cem! Ah! tempo em que não sei possuir um estilo que do ciúlo como o de frei Luis de Souza fosse elegante que nem Garrett e reluciente que nem Ratinho Coelho!... Ora eu, como toda a gente, desconpico um bocado de quem não sabe uma coisa e se bota falando mal dela. Que importancia fundamentada tem agora que um individuo inulto fale mal da cultura? Bem

Transcrição:

ção com verdadeira paciência sobretudo Vieira e Castilho, que jamais não pude apreciar. De Camões sabia de-cor o introito dos Lusíadas, a passagem de Inês, a dos Doze de Inglaterra, a Tempestade e o Adamastor, além de pra mais de cinquenta sonetos. Também se explica tanta decoração. Uma feita assuntei pasmo no tempo que a gente perde fazendo a barba todo santo dia. Me lembrei de decorar coisas bonitas. Camões e o Bilac adorados naqueles tempos de dantes foram os que decorei mais. Porém até a Benvinda de Macedo Papança papei inteira. Fiquei até dizedor de festinhas sonoras, numa sociedade católica. Sonetos então, sabia pra mais de cem! Ah! Tempos em que sonhei possuir um estilo que docinho como o de frei Luís de Sousa fosse elegante que nem Garrett e relumeante que nem Latino Coelho!... Ora eu, como toda a gente, desconfio um bocado de quem não sabe uma coisa e se bota falando mal dela. Que importância fundamentada tem agora que um indivíduo inculto fale mal da cultura? Bem

MPA-MMA-51-18
Ass pouca si o indivíduo
não ficar apenas no recesso-
comum do lugar-comum.
Parém eu rei, tem o português.
Ou pelo menos sub, que,
palavra, quando principia
vivendo de nada nova nunca
mais que não peguei em cer-
tos famanados. Minha bi-
blioteca está povoada de
«Hic-jacet» etc. Pois é. Si eu dei-
rei de escrever em português
deu que posso pois falar que
foi por causa de ter adquiri-
do uma convicção nova.
Segundo: é incontável que
com a estilização de Brasil fa-
la brasileira feita por mim,
estilização em que além de
generalização de modismos
sintáticos brasileiros e ilações
que tiro deles, entram ainda
pal modismos e paradigmas
colhidos de pessoas que leio
carta escrita, cartas que recebo,
livros parciais, annuncios etc.
que leio e mais as variações
e fantasias estilísticas que
me não proprias... Vou começar
outra frase porquê essa está
ficando manjar por se-
mais. É incontável que com
a estilização de fala brasilei-
ra que é a minha contribuição
pessoal pra futura codificação
futura do brasileiro, ninguém
não me pode pegar em erro.
Basta ver as modificações, as-

Transcrição:

~~boa~~ pouca si o individuo
não ficar apenas no senso-
comum do lugar-comum.
Porêm eu sei, ~~ou~~ o português.
Ou pelo menos sube, que,
palavra, quando principiei
vivendo de vida nova nunca
mais que não peguei em cer-
tos famanados. Minha bi-
blioteca está povoada de
“Hic- facet” s. Pois é. Si eu dei-
xei de escrever em português
bem que posso pois falar que
foi por causa de ter adquiri-
do uma convicção nova.
Segundo. É incontestavel que
com a estilisação de ~~brasi~~ fa-
la brasileira feita por mim,
estilização em que além de
generalisação de modismos
sintaticos brasileiros e ilações
que tiro deles, entram ainda
~~fal~~ modismos esporadicos
colhidos de pessoas que ~~leio~~,
~~ear~~ escuto, cartas que recebo,
livros, jornais, anuncios etc.
que leio e mais variações
e fantasias estilísticas que
me são proprias... Vou começar
outra frase porquê essa está
ficando manguarí por de-
mais. É incontestavel que com
a estilisação de fala brasilei-
ra que é a minha contribuição
pessoal prá ~~futura~~ codificação
futura do brasileiro, ninguem
não me pode pegar em êrro.
Basta ver as modificações as-

(A): >boa<

(A): eu sei >, ou <

(A): estilização de #brasi[leira]#

(A): >fal[as]<

(A): que * leio;/ cart[as]*

(A): outra ^fra[se]^

(A): prá # futura#

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

Nota da pesquisa: MA incluiu o verbete “Sube” na entrada “Brasileirismos vocabulares” do seu Fichário analítico.

das de estilo, de modismos
vocabulares e de ortografia
de um livro meu pra outro
pra de ver que tudo rain á-
sem porquê eu quis. Mas Tam-
bem por outro lado, si não
me podem acusar de isso,
também é certo que não me
deixei por adarvecos nor
aracos molengos da facili-
dade. Minha fala é difi-
cilissima até. Requerem(?) e
requer estudo constante, prá-
tica mental de centenas
de vocabularios, apeuro a
quanto livro regionalista
bursa por aí tudo, e muita
observação pessoal. É muita
codificação e generalização
pessoal. É muita paciência
de observação psicológica. É
uma universalidade brasi-
leira que jamais ninguém
nunca não poderá chamar
de regional. É muito que ten-
tando o que eu tento despen-
cam pra facilidade e pro
regionalismo, eu não. Posso
dizer sem vaidade parem
com consciencia q' eu não.
Ora com o convencimento previo
da fala portuga, com o estu-
do paciente das falas brasi-
leiras e com a estilização
penosa delas, creio que tenho
tres ~~bons~~ perdões bons da
libertação do êrro eu que
contra a vontade me nexo.

Transcrição:

sús de estilo, de modismos
vocabulares e de ortografia
dum livro meu pra outro,
pra se ver que tudo saiu as-
sim porquê eu quis. Mas tam-
bem por outro lado, si não
me podem acusar de êrro,
tambem é certo que não me
deixei ~~nos~~ adormecer nos
braços molengos da facili-
dade. Minha fala é difi-
cilima até. Requereu (?) ~~me~~ e
requer estudo constante, prá-
tica mensal de centenas
de vocabularios apensos a
quanto livro regionalista
surge por aí tudo, e muita
observação pessoal. E muita
codificação e generalização
pessoal. É muita paciencia
de observação psicologica. E
uma universalidade brasi-
leira que jamais ninguem
nunca não poderá chamar
de regional. Si muitos que ten-
tam o que eu tento despen-
cam pra facilidade e pro
regionalismo, eu não. Posso
dizer sem vaidade porem
com consciencia que não.
Ora com o conhecimento previo
da fala portuga, com o estu-
do paciente das falas brasi-
leiras e com a estilização
penosa delas, creio que tenho
tres ~~bons~~ perdões bons da
libertação do êrro em que
contra a vontade me vejo.

A¹: +de+ modismos

(A): deixei #nos#

(A): >me<

(A): *tentaram* o que

(A): tres #bons#

MA-MNA-51-19
Posso escrever o que me vier
na cabeça, até coisa que eu
mesmo reconheça ser erro em
brasileiro, nem que ninguém
não possa com justiça me
acusar de erro. Pelo simples
fato de que ninguém não sabe
o que foi cometido e o que
foi falsificação, meu estilo
tão extravagante que nem
nem. Fazendo o que não
~~impede que eu mesmo, por~~
~~essa carta, erros brasileiros~~
~~que já pratiquei submetido da~~
~~solidade de disparada dos ar-~~
~~tigos de jornal.~~ Sob esse ponto
cheguei à situação de um primi-
tivo. E por isso escrevo mesmo
que nem primitivo, naquilo,
em que o posso ser, isto é,
nem a preocupação de que
isto é erro e isto não. Muitas
preocupações de língua escrita
não tenho. O que ficará das
~~processos~~ que milietas de
processos empregados por
mim? Não posso maliciar
isso não. Pode até não ficar
nada. Pode porque tudo é pos-
sível porém duvido. Que im-
portância tem um processo
de venda compra, uma norma
de falcoiros, uma carta qua-
tra-centista pra fala portu-
ga de agora? Importância biblio-
gráfica, importância pra edu-
cação, importância sem im-

Transcrição:

Posso escrever o que me vier na cachola, até coisa que eu mesmo reconheça ser erro em brasileiro, sem que ninguém não possa com justiça me acusar de erro. Pelo simples fato de que ninguém não sabe o que foi consciente e o que foi falsificação, num estilo tão extravagante que nem o meu. Isso na o que alias não

(A): >Isso na o que alias não [...] ar/ tigos de jornal.<

impede que eu mesmo reconheça certos erros brasileiros que já pratiquei, sobretudo na velocidade disparada dos artigos de jornal. Sob esse ponto estou na situação dum primitivo. E por isso escrevo mesmo que nem primitivo, naquilo, em que o posso ser, isto é, sem a preocupação de que isto é erro e isto não. Minhas preocupações de língua escrita são outras. O que ficará das ~~processos~~ que milietas de processos empregados por mim? Não posso maliciar isso não. Pode até não ficar nada. Pode porquê tudo é possível porê duvido. Que importancia tem uma processo de ~~vend~~ compra, uma norma de falcoeiro, uma carta quatrocentista prá fala portuga de agora? Importancia bibliografica, importancia pra estudioso, importancia sem im-

(A): O que ficará *dos*

(A): #processos que#

(A): tem *uma*

(A): de \vend[a]\

Estatuto genético: nota de trabalho, esboço de texto.

portancia. Vão euerei, pas-
sado um século ou dois. Que
bem me importa, gente! Que
bem me importa? Importan-
cia tem pra mim mas é
muita vida e muita eficien-
cia na vida contemporânea
que vivo. Nessa garanto me
pode representar um des-
tino. E que esse destino era
bem o meu tudo que está
provando: uma consciência,
uma segurança de mim
que me deixa dormir bem,
uma curiosidade faminta
de mundos, uma alegria
sem paradas. E tudo isso: terra
pra um jardim de conto
e tantos amigos que até fazem
me iludir: confundo amigos
com bugallos, dou bondade
pra motorista, até-lago
pra garçom, me rio pra todo
o mundo e de noite peço bafido
sem aguentar meus penares.
Vida assim condena Deus e
Deus condena? E por isso que os
martires do mundo tenham
pela do que vivem e comba-
te a dor... Porém o perdão
existe. Também pros que ama-
ram por demais. Ew.

Transcrição:

portancia. Isso eu serei, passado um século ou dois. Que bem me importa, gente! Que bem me importa? Importancia tem pra mim mas é minha vida e minha eficiência na vida contemporânea que vivo. Nessa garanto que sube representar um destino. E que êsse destino era bem o meu tudo me está provando: uma consciencia, uma segurança de mim que me deixa dormir bem, uma curiosidade faminta de mundos, uma alegria sem parada. E tudo isso: terra pra um jardim de cento e tantos amigos que até fazem me iludir: confundo amigos com bugalhos, dou bom-dia pra motorneiro, até-logo pra garçon, me rio pra todo o mundo e cá neste peito batido sei aguentar meus penares. Vida assim condena Deus e Deus condena? É possível que os martires do mundo tenham pena do que evita e combate a dar... Porém o perdão existe; também pros que amaram por demais. Eu.

A¹: *me importa +gente!+*

(A):*existe >,<*

Transcrição:

Tem traço-de-união:

- I As palavras duplas em que no plural o 1º termo se pluraliza. (A): ^Apalavras
- II As palavras duplas em que no plural se daria mudança de sonoridade (fôrça) na consoante inicial do 2º termo, r ou s. (1)
- III As palavras triplas: traço-de-união.
- IV As palavras em que o primeiro termo é “sem” “circum”, “recem” conservam o m embora unida: semvergonha, recemchegado, circunnavegar.

(1) Em todo caso verbos como entressorrir em vez de traço-de-união terão o a duplicado pra melhormente ressaltar a entidade verbal

Estatuto genético: esboço de texto.

Palavras acentuadas

- I Endruzulas de uso menos comum
- II Palavras susceptíveis de duas acentuações diferentes com significados diversos, acentua-se a endruzula per a aguda todas.
- III Para facilitar a visibilidade imediata, ex: Saia, apesar de grave

Transcrição:

Palavras acentuadas

- I Esdruxulas de uso menos comum
- II Palavras susceptíveis de duas acentuações diferentes com significados diversos, acentua-se ~~a esdruxula ou a aguda~~ Todas ● Pra facilitar a visibilidade imedia [-]
- III ta, ex: Saía, apesar de grave

(A): >a esdruxula
ou/ a aguda<

A^I: +Todas [...] de
grave+; >III<

Estatuto genético: esboço de texto.

Discurso | Gramaticamente
MT-MMT-51-22
Brasil corpo expandido e alongado,
mal conturado que não tem
o direito de se apresentar
como pátrio porque não repre-
sentando nenhuma entidade
da real, de qualquer carácter
que seja nem racial, nem na-
cional, nem sequer sociolo-
gica é um aborto desuma-
no e antihumano. Nesse
monstruoso político existe
uma língua oficial empres-
tada e que não representa
nem a psicologia, nem as
tendências, nem a indole
nem as necessidades nem
os ideais do conjunto de
povo que se chama o povo
brasileiro. Essa língua oficial

Análise documentária: esboço de texto; autógrafo a grafite, rasuras a grafite; 8 folhas de papel branco, sem pauta (15,4 x 10,4 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação, sinal de dobra no centro, acrescentadas e numeradas pelo autor em algarismos arábicos: 1-8; escrita ocupando anverso e verso; f. 22-29.

Transcrição:

Início 1

Gramatiquinha

A¹: + Gramatiquinha+

Brasil corpo expandido,
mal costurado que não tem
o direito de se apresentar
como patria porque não repre-
sentando nenhuma entida-
de real, de qualquer caracter
que seja nem racial, nem na-
cional, nem sequer sociolo-
gica é um aborto desuma-
no e antihumano. Nesse
mostrengo politico existe
uma lingua oficial empres-
tada e que não representa
nem a psicologia, nem as
tendencias, nem a indole
nem as necessidades nem
os ideais do simulacro de
povo que se chama o povo
brasileiro. Essa lingua oficial

(A): nenhuma ^entidade^

(A): os *ideas*

Estatuto genético: esboço de texto.

Nota da Pesquisa: MA incluiu o verbete “Espadongado” na entrada “Brasileirismos vocabulares” do seu Fichário analítico.

se chama lingua portugue-
sa e vem feitura de cin-
co em cinco annos dos legis-
ladores lusitanos. O gover-
no encomenda gramaticas
de lá e os representantes
de nossa magnanima poli-
tica, os chamados emprega-
dos publicos que com mais
certeza se chamariam se
empregados governamentais,
presidentes, deputados, se-
nadores, chefes-de-repção etc.
etc. etc. são martirizados
pela obrigação diaria de fa-
lar essa coisa estranha
que de longe vem. Só por
eles, os empregados governan-

Transcrição:

se chama lingua portugue[-]
sa e vem feitinha de cin-
co em cinco anos dos legis-
ladores lusitanos. O gover-
no encomenda gramaticas
de lá e os representantes
da nossa maquinaria poli-
tica, os chamados emprega-
dos publicos que com mais
acerto se chamariam de
empregados governamentais,
presidentes, deputados, se-
nadores, chefes-de-seção etc.
etc. etc. são martirizados
pela obrigação diaria de fa-
lar essa coisa estranha
que de longe vem. Só por
eles, os empregados governais

MA-MMA-51-(23)
2 (Início)
de graduação rica, essa
língua e escrita e mais
ou menos, muito menos,
falada. E creem-se tam-
bem os escritores, esta
tendência de falsários
pedantes que malempre-
gam os dotes de lirismo
e de inteligência que
possuem. Tem também
os doutores, um poder
de hominibus serelibus
e caruistas, sobre tudo
sufocados que muita gente
imagina falando essa
moda impardada, e
tal de língua portuguesa,
é mentira - bom exemplo

Transcrição:

2 (Início)

de graduação rica, essa
língua ~~fa~~ escrita e mais
ou menos, muito menos,
falada. Escrevem-a tam-
bem os escritores, casta
hedionda de falsários
pedantes que malempre-
gam os dotes de lirismo
e de inteligência que
possuem. Tem também
os doutores, um poder
de hominhos serelepes
e casuistas, sobretudo
safados ~~fa~~que muita gente
imagina falando essa
moda importada, a
tal de língua portuguesa.
É mentira – Com excepção

(A): língua #fa[lada]#

(A): safados #fa[lando]#

Estatuto genético: esboço de texto.

deu trinta ou quaren-
ta os sloutares, não fa-
lam a lingua oficial
nem nem alguma lingua.
Lingua é o instrumen-
to mais ou menos plan-
sível com que a gente
~~pensa~~ mata. Lingua
é uma expressã expon-
tanea do homem e orde-
nada naturalmente pelas
~~necessidades~~ precisões
inconscientes da fisio-
psicologia humana. Mas
a lingua oficial que com-
mto custa a gente pode
fazer entrar nesses concui-
tos, os sloutares fala e es-

Transcrição:

duns trinta ou quarenta os doutores não falam a lingua oficial nem nenhuma lingua. Lingua é o instrumento mais ou menos plausível com que a gente ~~pensa~~ pensa matuta. Lingua é uma expressão espontanea do homem e ordenada unicamente pelas ~~necessidades~~ precisões inconscientes da fisiopsicologia humana. Nem a lingua oficial que com muito custo a gente pode fazer entrar nesse conceito, os doutores falam e es-

(A): **pensa* matuta*

(A): **necessidades* precisões*

3 (Yniverso) MA-MMA-51-24
breve. Porque as inven-
ções intuitivas do res-
maclam na infinita
maioria dos casos a
escriptura dos doutores.
Pro quando eles para-
mos cidades ~~para~~ cotas,
Rio Grande, Manaus,
Rio de Janeiro. Essa
menção fez da es-
critura dele uma coisa
mediocridade como realida-
de porque é um pen-
samento, isto é, uma rea-
lidade psicológica bus-
cando se expressar sem
naturalidade, sem espon-
taneidade de expressão.

Transcrição:

3 (Início)

crevem. Porque as inven-
ções instintivas do ser
maculam na infinita
maioria dos casos a
escritura dos doutores.
Isso quando eles param
macotas
nas cidades ~~gran~~,
Rio Grande, Manaus
Rio de Janeiro. Essa
maculação fez da es-
critura dele uma coisa
hedionda como realida-
de porque é um pen-
samento, isto é, uma rea-
lidade psicológica bus-
cando se expressar sem
naturalidade, sem expon-
taneidade de expressão.

(A): ^Isso^

(A): >ca[?]<

(A): cidades *gran[des]*; + ca macota+

Estatuto genético: esboço de texto.

Ua merda. Quanto as
outras deviam, as que não
parar nos a radições
pinçando ~~isto~~ ^{por} ~~estas~~ ^{certas} par-
tes mais cabeludas do
corpo branco, e em
um momento não dei-
xam possuir pela Ter-
ra e pelo povo que
os rodeiam, falam a
língua que nem do povo
e da Terra, e escrevem
mais fabricando uma lin-
gua mais verdadeira deire pa-
ra em que si é certo que a
influência da gramática
é boeta servitua de

Transcrição:

Ũa merda. Quanto aos
outros doutores, os que vão
parar nas cidadinhas
por certas
pingando ~~pelo corpo~~ par-
tes mais cabeludas do
corpão brasileiro, esses
num momento se dei-
xam possuir pela ter-
ra e pelo povo que
os rodeiam, falam a
língua que vem do povo
e da terra, e escrevem
mais pobrinho uma lin-
gua mais verdadeira já,
em que si é certo que a
influencia da gramatica
lisboeta demonstra o

(A): pingando >pelo corpo<; A^l: +por certas+

(A): momento*[^]são[^]*

4 (Quinto) MA-MNA-51-(25)
funcionamento dos pro-
nomes e dos adjectivos, sem
uma expressão mais
para transparecer que
é o amor de raiz pura
no esto e ~~reza~~ ~~frase~~
brisa reza cheirando
mato natural. A lingua
(gramatical)
portuguesa adoptada vi-
lentamente pelo governo e
pelos pedantismos dos literatos,
do Brasil é uma lingua linda,
rica e meio nua, em grande
pronunciada do gesto lusitano
e escrita por escritores lusi-
tanos. Falada do gesto bra-
sileiro e gramaticalmente
a portuguesa é uma coisa

Transcrição:

4 (Início)

funcionamento dos pro-
nomes e dos adjetivos, sem-
pre uma expressão mais
pura transparece que
é suor de caipira
no eito e ~~vaga brisa~~
brisa vaga cheirando
mato natural. A lingua
gramatical
portuguesa adotada vio-
lentamente pelo governo e
pelo pedantismo dos literatos
do Brasil é uma lingua linda,
rica e meio virgem quando
pronunciada do geito lusitano
e escrita por escritor lusi-
tano. Falada do geito bra-
sileiro e gramaticalmente
á portuguesa é uma coisa

(A):no eito e #vaga brisa#

A¹: +gramatical+

Estatuto genético: esboço de texto.

falsa, desonesta e
uma fleura morta.
Que é pois a lingua
do elemento official gra-
duado do nosso país.
~~Quinta~~ ^{Quinta} dessa lingua,
que só se encontra na
minoría governamental
e litteraria, o Brasil ren-
do como ~~fi-fali~~ ^{fi-fali} avarinha
já ~~faleri~~ ^{faleri} («avarinha já») na
toia de gente de povo
em "serviço de Ignorância de
besar (marting) faleri um
corpo mal costurado, tem
um poder de outro ou-
tras de preterendo com
nem estupidos e avar

Transcrição:

falsa, desonesta e
duma feiura morna.
Esse é pois a lingua
do elemento oficial gra-
duado do nosso pais.

Juntos

~~Depois~~ nessa lingua, [palavra rabiscada]

(A): >Depois<; A^l: +Juntos+

que só se encontra na
minoría governamental
e literaria, o Brasil sen-
do como já falei agorinha
já falei (“agorinha já” vem

(A): como #já falei#

(A): já #falei#; A^l: + “
”+

na boca da gente do povo
em “Sertões do Iguassú[”] de
Cesar Martins) falei em
corpo mal costurado, tem
um poder de outras lin-
guas representando com
menos estupidez e mais

A: lapso: aspas

Verificação:

BPG: nº 472: MARTINEZ, César. Sertões do Iguassú. São Paulo: CIA. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA – F/I/d/41)

P. 58-59

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “agorinha já”.

“Indigenas - A serra do Medeiros – Pouso no Borman – A chegada a Formigas – Um incidente interessante que se passou ahi, por ocasião da invasão dos revoltosos.”

[...]

“ – Sou Euzebio de Brito, nasci na Bahia, andei na revolta do Gumerindo tenho aqui diversos ferimentos, e sou conhecido em toda esta redondeza por Cabo Velho. Não faço mal a ninguém, conheço o meu lugar e si vossas senhorias precisarem de mim, posso ajudal-os. Porém, agorinha já, porque vim de casa de um compadre que está agonizando e preciso fazer guarda ao doente.”

Nota da Pesquisa: em Sertões do Iguassú, de Cesar Martinez, focaliza-se, através do testemunho de viagem, diversos aspectos de Iguacu, cidade brasileira que faz fronteira com a Argentina e com o Paraguai. Os aspectos apresentados no livro são: o geográfico, o histórico, o social, o cultural e o linguístico, as relações existentes entre os diferentes povos indígenas da região. A partir desta leitura, MA problematiza a Guerra do Paraguai.

5 (Gm. 10) MA-MMA-51-26
fetalidade de certos outros
minorias de que se
compõe esta nação fal-
sa. Tem por exemplo
o italiano, tem o alemão,
tem o japonês, tem o di-
versos lin guagares, re-
gionais que aliás não
chegam bem a formar
línguas de-verdade, ~~tem~~
~~o hespanhol de toda~~
Tem ainda o guarani. E
tem o hespanhol paraguai
de toda esta região ma-
kosilhosa da margem
brasileira do Paraná, região
repleta de o português
e a fala brasileira em

Transcrição:

5 (Inicio)

fatalidade certas outras
minorias de que se
compõe esta nação fal-
sa. Tem por exemplo
o italiano, tem o alemão,
tem o japonês, tem os di-
versos linguajares re-
gionais que aliás não
chegam bem a formar
linguas de-verdade, ~~tem~~
o ~~hespanhol de toda~~

(A): >tem<; A': @ ,@

(A): #o hepanhol de
toda#

Tem ainda o guarani. E
tem o hespanhol paraguaio
de toda essa região ma-
ravilhosa dà margem
brasileira do Paraná, região
[ilegível] onde o portugues
e a fala brasileira em

(A): essa #ma[ravilhosa]#

(A): ^aonde^ o portugues

Estatuto genético: esboço de texto.

Transcrição:

qualquer das manifestações dela, são inteiramente e totalmente desconhecidas, onde só se fala o paraguaio e o guarani. Com que direito hediondo de conceito de patria si poderá dizer que essa região onde a gente que trabalha e sofre é paraguaia, a lingua e os costumes são paraguaios o comercio é paraguaio ou vem da influencia ~~e argentino, ou~~ argentina, com que direito hediondo essa região nós fazemos nossa? Essa

(A): +ou vem da influencia+

(A): #e argentino, ou#

6 (Trind) ^{MS-AMA-51-27}
região é pareguia, per-
tencendo a nação dos pa-
reguain e no rio Tumb
o direito de dizer - da no-
ra parece nada fazer
e nada suprimir por causa
dela. A vida é ação
e sufocamento mas é
orgulho nem ambição
de grandezas. A vida
é trabalho ganhando
direito de vida, coisa
clique e voluptuosa.
mas trabalho, esse so-
focamento, essa vida pe-
lo ~~seu~~ regimes ~~desta~~
de certa no Yguassu, é

Transcrição:

6 (Início)

região é paraguaia, per-
tence á nação dos pa-
raguaio e nos não temos
o direito de dizer-la nos-
sa porque nada fazemos
e nada sofremos por causa
dela. A vida é ação
e sofrimento não é
orgulho nem ambição
de grandeza. A vida
é trabalho ganhando
direito de vida, coisa
chique e voluptuosa.
Esse trabalho, esse so-
frimento, essa vida pe-
las vastas regiões vastas
de sertão no Iguassú, é

(A): #vastas#, *s[ertanejas?]*vastas

(A): vastos/*[do]*

Estatuto genético: esboço de texto.

paraguaiá e eu me en-
sugou de dizer que
pouco mais dizendo
que o carecido pra
viver. Era rezado fa-
la a lingua limpa -
paraguaiá. Além o fa-
ponês de Cotta, o ita-
liano de Abaixo-o-Pi-
guê, o Alemão de Santa
Catarina e o paraguai
de Guayra são felizes
no meu visto que fa-
lam a lingua natural
deles, se expressam com
realidade. ~~Um grande~~
do' grande vai só pra
terra desinfelizes eu

Transcrição:

paraguaia e eu me en-
vergonho de dizer que
posso mais dinheiro
que o carecido pra
viver. Essa região fa-
la a lingua hispano-
paraguaia. Aliás o ja-
ponês de Cotia, ita-
liano de Abaixo-o-Pi-
que, o alemão de Santa
Catarina e o paraguaio
de Guayra são felizes
ao menos nisso que fa-
lam a lingua natural
deles, se expressão com
realidade. Uma ~~grande~~
dó grande vai só pra
esses desinfelizes que

A¹: o alemão * do P[araná]*

A: lapso: " expressão " por expressam

(A): Uma #grande#

7 (Tonico) MA-MMA-51-(28)
encetrigados pela moda
se impuseram a si
vão de nimen sem
pensamento psicológi-
co a nada toda. As lin-
guas psicológicas já são
instrumentos imperfei-
tos que, conferem o
tudo ta dinto, represen-
tam mal e convencional
mente o pensamento
da gente. Que se falar
então nessa língua opi-
cial que não pode ser
psicológica pra nós, que
é modo puro sem trans-
formação nem mesmo ex-
terior nenhuma? (lamentar)

Transcrição:

7 (Inicio)

martirizados pela moda
se impuseram a sina
triste de viverem sem
pensamento psicológi-
co a vida toda. As lin-
guas psicológicas já são
instrumentos imperfei-
tos que, conferem os
tratadistas, represen-
tam mal e convencional
mente o pensamentear
da gente. Que se falar
então dessa lingua ofi-
cial que não pode ser
psicológica pra nós, que
é moda purá sem trans-
formação nem mesmo exte-
rior nenhuma? (lamentar

Estatuto genético: esboço de texto.

irre martir). Que resta
de todas estas verifica-
ções, iniciadas e que com
algum exagero de descri-
mição unicamente
representam a nossa
^{linguística}
atualidade brasileira?
Tem ~~de~~ tudo isso que
se entrecruza e sua
noção de se expressar
um bofo gostoso, ainda
muito ~~temido~~ temível
é certo, que não subindo
pro céu. Seu bafe é a
fala brasileira. Fala que
nosse desimpel, coitado,
por não será pura
nem unida desde os seus

Transcrição:

êsses martires). Que resta
de todas estas verifica-
ções iniciais e que com
algum exagero de descri-
minação unicamente
representam a nossa

linguística
atualidade brasileira?
de

Tem ~~em~~ tudo isso que
se entrechoca e sua
no eito de se expressar
um bafo gostoso, inda
muito ~~tenuí~~ tenuínho
é certo, que vai subindo
pro céu. Esse bafo é a
fala brasileira. Fala que
nasce desinfeliz coitada,
pois nunca será pura
nem unida dados os erros

A^l: +linguística+

A^l: +de+
(A): Tem >em<

(A): =tenuí[nho]= tenuínho

8 MA-MA-51-(29)

sociológicos que formam
a presença-macra-brasi-
leira, que talvez se uni-
fique só literariamente.
E então com muito
mais sinceridade e
realidade se busca a se
tomar a língua
oficial do Brasil. De
que Brasil? Do Brasil
que por esse tempo se
então será o Brasil e
que eu não posso ima-
ginar bem o que será.
Talvez uma coisa gran-
de e merdatória que terá
como limites do seu
horizonte S. Paulo-Paraná

Transcrição:

8

sociologicos que formam
a pseudo-nação brasileira, que talvez se unifique só literariamente e então com muito mais sinceridade e realidade venha a se tornar enfim a lingua oficial do Brasil. De que Brasil? Do Brasil que por esse tempo de então será o Brasil e que eu não posso imaginar bem o que será. Talvez uma coisa grande e verdadeira que terá como limites do sul o horizonte S. Paulo-Paraná.

Estatuto genético: esboço de texto.

Talvez possamos em um
pouco imaginar o
que será o Brasil per-
dedendo as entas. É pos-
sível que tudo o que é
o Brasil de agora conti-
nuar. Mas não meando se
de aspectos um pouco que
progresso maravilhoso,
de energia soberana
ou de errados reinven-
tos patrióticos conseguem
unificar com pátria o que
hoje está designado falsamen-
te nos mapas como pátria
brasileira. Voltemos pra fala
nossa.

Transcrição:

Talvez porêem eu não
posso imaginar o
que será o Brasil ver-
dadeiro de então. É pos-
sível que tudo o que é
o Brasil de agora conti-
nue... Isso só mesmo si
de sopetão um surto de
progresso maravilhoso,
de energia soberana
ou de errados sentimen-
tos patrióticos conseguem
unificar como patria o que
hoje está designado falsamen-
te nos mapas como patria
brasileira Voltem prá fala
nossa.

(A): Talvez *não*

=====

Carta anônima a Mário de Andrade, fôlio 30, anverso

Me parece que pra Mario de Andrade -

- é do bom tom futurista escrever o portuguez tal qual o fala o Sr. Todagente. Estarei de acordo, si quizer fazer isso depois que esse sr. tenha aprendido a falar como os portuguezes que, ao menos, sabem ler e escrever. Antes disso, não. Porque, - exatamente pelo fato de ser, por enquanto, analfabeto, - o sr. Todagente não sabe o que diz, e, para o gasto de todos os dias vae repetindo o que ouve mal, mal, deturpando o que não entende e reduzindo a meia duzia de formas geraes as mil e uma particularidades de expressão dos menos incultos, as quees ele, pela curteza do seu bestundo, não sabe destrinçar nem distinguir, quanto mais aproveitar e aplizar.

Dai, - o falar mal por não saber falar melhor: e daí, não devermos, né-zoutros falar e, ainda menos, escrever como se exprime ele.

Certo, já é tempo de aceitarmos as formas

-Eu lhe vi ontem na cidade,

-Encontrei ele doente, -

porque afinal, assim é que se ouve a cada momento, no gasto diario da lingua. Mas daí, a escrever como o Mario, - a coiza vae longe!

"Se contaria e explicaria..." (Rev. do Brasil, Nov. de 1924, pag. 214)

Como futurismo, seria perfeitamente aceitavel a inovação, quando destinada a representar fielmente o falar comum, com em

-Me dê um café;

Me parece que sim;

Me diga uma coiza;

Nós vimos ha tempos, etc.

São frases corriqueiras, de cada momento, e que assim se vão fixando. Mas são algumas. E, de regra, não é assim que se fala. Respeitar taes formas na escrita, em cazos taes, seria aceitavel: não porem leva-la a outros cazos, em que nem mesmo o sr. Todagente a emprega. Generalizar uma incorreção, so porque é uzada em certas frases correntias, - é pretender firmar o peor contra o melhor, assentar a exceção contra a regra.

Será um capricho do Mario, respeitavel portanto como todos os caprichos de quem não é um idiota, mas não é coiza louvavel. No que produz qualquer escritor, ha defeitos " que vêm da precaridade tecnica ou intelectual. Ha os que provêm da abundancia lirica ou da psicologia do criador. Estes penso que ate devem ser desenvolvidos. Aqueles depreciam a obra de arte." Nada louvavel, pois, esse capricho. Antes, lastimavel, justamente por se tratar de pessoa que, sente-se, e de clara inteligencia e, portanto, em ótimas condições de guir para o lado bom e, não, puxar a fieira para o mau.

No cazo - Se contaria -, especialmente, a forma é infelissima. A primeira impressão de quem lê, é que aquele "se", iniciando a frase, é uma condicional: de modo que, depois, tem de voltar com o sentido átraz para entender o resto. Contar-se-ia, é, afinal, forma um tanto exquezita, pouco occorrente, quase pedantesca... concordo. Mas viria tão bem ali, a outra maneira de dizer, perfeitamente correntia, igualmente vulgar e muito mais elegante de - ele se contaria. E estava acabada a duvida.

Dirá o Mario que não gosta de interpozições - contar-se-ia... No entanto, escreveu a pags. 218 - Chamar-lhe-iam - no mesmo cazo.

"Manuel se retirou da vida" (pag. 215)

Para um futurista, que pretende reviver, despertar, provocar a ideia ou o sentimento, antes que enuncia-lo ou descreve-lo, - seria mais logico pôr aí - retirou-se da vida -. A frase mais inciziva, encurtada pela tonica unica - rêu-se -, daria melhor a sensação de sair, fugir, - ao passo que o -se retirou arrasta a frase, estira-a, demora a saída.

...se infiltrou (pag. 215)

Neste verbo, - sente-se -, está a ideia diminante da oração toda: vindo no cabeça dela, na forma massiga de - infiltrou-se -, marcaria logo aí a culminancia do sentido. Assim perdida essa ideia lá para o fim, e mais, com a antepozição daquele - se -, tudo fica frio, banal, inexpressivo.

E o mesmo cazo, adiante - se percebe - a pags. 221.

"E se ouve o barulho" (pag. 215)

Frase mole. Arrastada. Dezengonçada. Instintivamente a gente lê assim: e-se-ou-ve-o-ba-ru-lho-de-la-con-ti-nu-ar... Horrivel! No entanto, posposto

Carta anônima a Mário de Andrade, fôlio 30, verso

o "se", viria logo de cara, naturalmente,- Eouv'sio barulho...- que me parece muito melhor, e é como a gente diz.

"...se conhecendo bem." (pag.219)

Parece-me que, falando, e assim mesmo que a gente diz; escrevendo, porém, creio que só o Mário.

Não vale a pena contunuar. Essa questão de pronomes é talvez para o Mário uma questão de gosto ou de capricho. Ele rezolveu antepor SEMPRE os pronomes e, por isso escreve:

- Foi se pintar (pag.216)
- * ...se pintou " "
- Me deixa indiferente (pag.218)
- Se mostrou (pag.220)
- ...se refletira (pag.221)
- ...se imaginar " "
- Me parece que " 222
- ...se prestam " "
- ...variou-o " "
- ...multiplicou-o " "

É ou não capricho? Puro capricho! E que só tem o defeito de lhe falhar algumas vezes e de não ser em outras levado a rigor,- para escrever, por exemplo, a pags.222,- "dele conseguindo fazer"- um modelo aceitável.

Capricho, só capricho,- ate porque, o Mário que escreveu
-....que lhe deve ser grato (Pag.215)
-....si assim me posso *apoiar* 219
-....não nos poderia dar 223

é o mesmo

Mário que ralha o Manuel por ter escrito

- ...que te não via (pag.217)

e ainda o mesmíssimo

que fez aquelas feias coisas acima citadas,- sem que a gente possa bem distinguir por que razão ouve ele em uns casos o falar do seu amigo Todagente e noutro o do seu antigo mestre-escola.

Emfim,- gostos e...caprichos de futurista, isto é, de uma coisa que também eu quizera ser,si para tanto me sobrara engenho e fama,-como a ele.

Mas...temos ainda os seus pras...

Certo, a elisão é corrente no falar comum. Na escrita,- não. Porque? Por habito. So por habito. Aprendemos a falar pra e a escrever para: já é mesmo tempo de irmos pondo o pra onde a gente diz pra, realmente. E nisto, só tenho a louvar o Mário de abrir a fileira. Gosto disso: toque!

...mas nós não dizemos "pra alguns" (pag.215). Nós, sulistas, não falamos assim. O nortista do Ceará, esse, dira -pr'alguns-, mas cá para baixo não *pr'alguns*, nos dizemos -par'alguns-.

Isso é que é do sr. Todagente: de p-a-r-a-, come o 1º "a" antes das palavras que começam por consoante, e, principalmente, quando são breves ou atonas,- e em lugar desse, come o 2º. "a" antes de vogal ou palavra longa ou aguda. Ele diz; pra mim, pra cá, pra todos,- e,- par'alguns, par'economia. Tudo isso, está claro, sem regra, ou só com a regra do ouvido que lhe não consente dizer - pra alguns (pag.215), pra elevar (pag.218), pra o amor (pag.221). Quanto ao - pra -, acentuado de pags.216, ha si mais uma exquzítice do Mário. Não é caso de contração, que si não existe, nem tem razão de existir. E, si quiz com isso indicar a prozodia, é inutil, pois p a abertura do "a", em para ou pra, rezulta,- não da inexistente contração com a artigo "a", mas apenas da influencia da vogal aberta de "festa".E, tanto é assim, que esse mesmo se fecha antes de dominante fechada, como, -pra todos, e o ouvido sente bem as diferenças - pra cama, pra dentro, pra nada, pra festa.

Uma nota final: porque escreveu Mário, a pags.215,- rigidez? O sr. Todagente diria provavelmente - rijeza-, ficando-se comodamente na derivação proxima, dentro da lingua viva que fala, sem cuidados de recursos *da* latinidades, coisas mortas e enterreadas. E diria bem,- talvez por sentir na rijeza do seu muque uma representação real de vida e força, ou por um gago medo da rigidez do cadaver, que lembra coisas frias e defuntas.

E como é então que o Mário,- futurista, homem da luta, do movimento, da atividade e do modernismo,- como é que se deixou ficar no latim, de que o seu amigo apenas conhece o ora pro nobis da ladainha?

Análise documentária: carta anônima endereçada a MA; sem data, datiloscrito original, fita preta e vermelha, rasuras a grafite; 1 folha de papel branco (32,8 x 22,1 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação, filigrana, sinal de dobra em 5; escrita ocupando anverso e verso; f. 30.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: carta, escólio.

Nota da Pesquisa: esta carta anônima faz referência ao artigo de Mário de Andrade, intitulado “Manuel Bandeira”, publicado na Revista do Brasil em 1924. Neste texto, MA tece críticas à obra Poesias, de Bandeira, que fora recém lançada, esmiuçando poética de Bandeira, através da comparação entre as obras que compõem a coletânea. Em uma nota marginal, na revista, MA destaca a forte influência lusitana que permeia a escritura do poeta recifense, tanto na escolha da linguagem literária quanto nas estruturas formais que, segundo ele, são portuguesas: “(1) Coisa curiosa: Manuel Bandeira é um dos raríssimos poetas vivos brasileiros em que persiste uma forte influencia lusitana. Espiritualmente, além do fantasma de Antão, se poderá indicar Eugênio de Castro. O geito popular português também persiste muito claro no poeta. Não bastará lembrar aquele Solão do Desamado, de tão mau gosto! Oh! que horrível aquela ‘dona Olaia’ rimadora e intrometida! O Rimancete é bem melhor. Mas também não é Manuel. Qualquer lírico falso imitador e inímite faria isso. Também na contextura de certos sonetos e feitiço clássico dos lusitanos foi imitado. “Foi para vós que ontem colhi, senhora’ etc. de poetas palacianos. Abundam no livro os traços de dicção lusa. ‘Oito anos faz que te não via’. Meu Deus! Pois não é tão mais fácil dizer ‘que não te via’? ‘Se lhe dá lesta á socapa’” e como rima ‘uma tapa’ que nós no Brasil vestimos de calças ficou uma tapa energético, de pulso rijo de mulato. E aquele ‘sua agulha d’ aço’? Errado! No Brasil é ‘de aço’ que se diz e está muito bem dito. Outros ainda.”

Interessante notar que no exemplar da revista que MA possui em sua biblioteca há anotações e marcas de exclusão de trechos, a grafite, do artigo. Possivelmente, seria um exemplar de trabalho que o autor estaria trabalhando para outra edição do texto. As marcas encontradas, sobretudo, aludem a uma permanência da estilização da linguagem operada por MA, isto é, a permanência da fala brasileira no texto, que fora modificado, possivelmente, pela edição da revista.

ANDRADE, Mário de Andrade. “Manuel Bandeira”. Revista do Brasil, nº 107, novembro, volume XXVII, ano IX, São Paulo: Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1924. (BMA – E/I/d/61)

Envelope, fôlio 32

Análise documentária: Gramatiquinha/ 12-A/ Documentos Populares. Envelope verde desbotado (11,7 x 15,1 cm), sinais de oxidação; rasgamento nas borda; título no anverso: autógrafo a grafite e vermelho; f. 32.

Transcrição:

Gramatiquinha

12-A

Documentos populares

Nota MA: a lápis vermelho: “12-A”.

MA-AMM-51-33
32

Fazenda de São Francisco
28 de Setembro de 1928.

Ill^{mo} Sr^o Pio Lourenço
Saundações.

Tenho o fim desta em participar que
por aqui vai indo tudo em Paz, e quanto
o esturco do Matto em Lavoura. Dando
Então as Colônias estão todos esparram
ando siso Laíeis Então mas 3 famílias
de Colônias filarmemente deu uma chara
ngular no dia 27 e um o deu-ei pesso
quimar a Comenda do Camallete
O puzo segue 14 que estão prante
na Ocasão. Sem Mas Determino esta
dando Muias Saundações

Seu C^o Sr.
Francisco Roza.

Análise documentária: ROZA, Francisco. Carta a Pio Lourenço Corrêa, “Fazenda de São Francisco/ 28 de Setembro de 1928.”; autógrafo a tinta preta; forma de tratamento: “Illm^{mo} Sr^o Pio Lourenço”; assinada: “Francisco Raza”; 1 folha de papel de carta pautado (27,5 x 21 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra em 4; escrita ocupando o anverso; f. 33.

Transcrição:

Fazenda de São Francisco
28 de Setembro de 1928.

Ill^{mo}Sr^o Pio Lourenço
Saudações,

Tenho o fim desta em participar que
por aqui vai indo tudo em Paz, equanto
o esterco do Matto eu ja estou Trantando
Em ter a os Colonio estão toudos espavam
Ando sisco já fiz Entrar mas a familia
de Colonio filismente deu uma chuva
regular no dia 27 e que o deu-çe posso
Queimar a envernado do ramallete
Os juizo seguem 14 que esta estados pronto
Na Ocação, sem mas Tetermino esta
dando Muitas Saudações

Seu Cm^a [Alves?]
Francisco Roza

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: carta, escólio.

Nota da Pesquisa: este não é o único documento cedido por Pio Lourenço Corrêa a Mário de Andrade. No manuscrito foram identificados outros documentos, como cartas, notas de pesquisas e referências bibliográficas que tio Pio, forma que MA se refereria a ele, forneceu para a pesquisa do escritor Quanto à esta carta, possivelmente, a mesma interessou ao escritor por performatizar no escrito a fala brasileira, esta marcada por desvios que não condizem com o padrão culto da língua portuguesa.

Fazenda de São Francisco
1 de Outubro de 1928.

Ill^{ma} Sr^{te} Pio Lourenço
Saundacões.

Terho o fim desta em lle participei que
foi puzi a em Remador do Bramal
sem Alder puzo e estão estercoando
2 Galhês com Esturco do Matto. Foi
Entrao mas 2 Família de Colonia
foi estar. prociando o meio da espora
macio puro vir e por tudo até o
fim da semana. Acaba a 3 esparacão
felizmente a 4 esparacão está a Cabado
Depois que o Dr^o foi me Moue um
Beuro mas da espora 4, estando
Muitos Bonito Amarelo tapado, aqui
por enquanto vai indo tudo muito
bem sem novidade a Serca do Bramal
foi está chegando na casa do fiscal
por Simão foi está tudo feizendo,
sem Mas puzi a evitar muitas Lemhan
e por a D. Zulmira que Marizinha manda
Vou a Com Est^{ma}
Sem En^o Ohs Francisco Roza,

Análise documentária: ROZA, Francisco. Carta a Pio Lourenço Corrêa, “Fazenda de São Francisco/ 1 de Outubro de 1928.”; autógrafo a tinta preta; forma de tratamento: “Illm Srº Pio Lourenço”; assinada: “Francisco Raza”; 1 folha de papel de carta pautado (27,5 x 21 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação, sinal de dobra em 4; escrita ocupando o anverso; f. 34.

Transcrição:

Fazenda de São Francisco
1 de Outubro de 1928.

Ill^m oSrº Pio Lourenço
Saudações,
Tenho o fim desta em lhe participar que
ja queimei a envernada do Ramallete
Sem A Ver perigo e estan estercoando
2 Talhão com Esterco do Matto. Ja
Emtram mas 2 familia de Colonio
ja estan procimando O meio da espara
mação que vir-çe por tudo até o
fins da Semana Acabo a Esparamação
felismente a afetozas esta a Cahado
Dispois que o Sr^mo foi me Manu um
Bezerro mas já naçuro 41 etandas
Muitaos Bonito Amarelo tapado, aqui
Por emquanto vai indo tudo muito
Bem sem Novidade a serca do Ramal
Já está chegando na casa do fiscal
Por sima já está tudo feichado,
Sem Mas queiras Aceitar muitas Lembran
ças para D. Zulmira que Mariquinha Manda
Seu Com Est^ma
Seu Com^a [Alves?] Francisco Roza,

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: carta, escólio.

Nota da Pesquisa: este não é o único documento cedido por Pio Lourenço Corrêa a Mário de Andrade. No manuscrito foram identificados outros documentos, como cartas, notas de pesquisas e referências bibliográficas que tio Pio, forma que MA se refereria a ele, forneceu para a pesquisa do escritor Quanto à esta carta, possivelmente, a mesma interessou ao escritor por performatizar no escrito a fala brasileira, esta marcada por desvios que não condizem com o padrão culto da língua portuguesa.

MA-MMA-51- (35)
(32)

Diga pro Lorenzo que se apre-
vina, que quando eu appare-
ci eu quero senta o pau
no fucinho dele si de saudade.

— Carta de um filho pro pai;
o Lorenzo é irmão dele.
Da precedente.

Análise documentária: cópia de trecho de carta selecionado por Pio Lourenço Corrêa para MA, [Araraquara?], sem data; assinada “O precedente”; autógrafo a grafite; rasura a grafite; 1 folha de papel de luto, pautada (18,2 x 12,9 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação, sinal de dobra no centro, filigrana; escrita ocupando o verso; f. 35.

Transcrição:

Diga pro lorenço que se apre-
vina que quando eu aparece
aí eu quero sentá o pau
no fucinho dele só de saudade.

_ Carta de um filho prá mãe;
o lorenço é irmão dele.
Os precedente.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: carta (cópia de trecho), escólio.

Nota da Pesquisa: apesar do documento não apresentar menção a Pio Lourenço Corrêa, realizamos o cotejo de cartas do mesmo a Mário de Andrade e chegamos a conclusão que se trata do autógrafo de tio Pio.

M7-M717-51-36
(36)
(37)

São Paulo 8 de Fevereiro de 1934

Exmo. Sr. - da comissão julgadora do Carnaval
do Paulista de 1934

Saudações

A Secretaria do Palco das Carnações
também está trabalhando ao embarcamento de
V.B., a Organização do seu conjunto.

Alto Mo. Guarany e Poty:

Balisa: representando - O Mundo:

Comissão:

Capitão:

Guarda de honra:

Rainha do Palco:

Guarnição:

Balisa representando - o Estado:

Guarnição:

Balisa representando - O Mapa do Brasil

Guarnição:

Balisa representando - A Estrela Nacional

Mestre Sala - e Porta Estandarte:

(Emmanuel Marques)

(Distico) Turma do Marro 12 de S. Paulo

(Futebol Brasileiro)

1º Alq. homenagem A Imprensa

2º " " " A Literatura

3º " " " A Indústria

4º " " " Ao Comércio

{ o Brasil Adorno de tudo }

{ Salve Aviação Brasileira }

{ Destino da Nação }

{ Salve E de Deus }

Análise documental: ofício da Comissão de Festejo à Comissão Julgadora do Carnaval Paulista. Forma de tratamento: “Ilmo. Sres. – da comissão julgadora do Carna- val Paulista de 1937”; assinado: “A Comissão de Festejo/ Presidente Rodolfo de Castro/ Secretario Isidoro Caetano”; datada: “São Paulo 8 Fevereiro de 1937”; autógrafo a tinta azul; 1 folha de papel almaço pautada (33,2 x 22,3 cm), amarelecida pelo tempo; sinais de oxidação, sinal de dobra em cinco, carimbo roxo; escrita ocupando o anverso; f. 36-37.

Transcrição:

São Paulo 8 de Fevereiro de 1937

Ilmo. Sres. – da comissão julgadora do Carna-
val Paulista de 1937

Saudações

A directoria do Bloco das Caprichosas

Vem por esta levar ao conhecimento de

V.S., a organização do seu conjunto.

Abre Ala, Gurany e Poty:

Balisa: representa – O Mundo:

Comissão:

Capitão

Guarda de honra:

Rainha do Bloco:

Guarnissão:

Balisa representando-o Estado:

Guarnissão:

Balisa: representando-o Estado:

Guarnissão:

Balisa: representando- O Mappa do Brasil

Guarnissão:

Balisa: representando- A Estrella Nacional

Mestre Sala – e Porta Estandarte:

(Enredo Arregarico)

(Distico) Turma do Morro 1º de S. Paulo

(Futibol Brasileiro)

1ª Alg. homenagem A Imprensa

2ª “ “ A Lavoura

3ª “ “ A Industria

4ª “ “ Ao Comercio

(O Brasil Ascima de tudo)

(Salve Aviação Brasileira)

(destintivo da Aviação)

(Salve Edú Chaves)

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: ofício, escólio.

Nota da Pesquisa: possivelmente, MA tenha recolhido este ofício no período em que foi Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo (1935-1938). Dentre as atividades desenvolvidas pelo seu departamento estava a organização do carnaval de São Paulo.

(Salve o Zéburri)
(Homenagem a Santo Dumant)
(Ponto de interrogação)
(Fim) (Tãez liga seu Bobo)

O s' inveterado sinographico, ao cargo do pintor Patricio
(Alvaro dos Santos Martins): Ficando assim consti-
tuido o seu prestito carnavalesco para o desfile da
Segunda Feira, dia dos Blocos e Ranchos.

(os fantasmas ao cargo do costumeiro chefe: Sra.
Esclita de Brito, com as seguintes ajudantes Ilda Passi-
na, Maria do Carmo e Tansisa e Vasanth. e Sua
Fiscal chefe Carminda Gonçalves.)

(N.B) O estandarte foi confiado ao cargo do
sinographico Patricio que dirigio as costureiras
sendo estas, Sra Antonia Feita, e Maria do Carmo

Agradecendo a sua generosa at-
tenção rogar-lhe o Imp. Exa. Off.

Comissão de Festejo
Presidente Rodolpho de Castro
Secretario Jaidora, Bastano
B.C.C. 8/2/01

Transcrição:

(Salve o Jabú)

(Homenagem a Santo Dumont)

(Ponto de interrogação)

(FIM) (Tome figa seu Bobo)

Os inredos sinographicos, ao cargo do pintor Patricio (Alvaro dos Santos Martins): Ficando assim constituído o seu prestito carnavalesco para o desfile da

Segunda feira, dia dos Blocos e Ranch[as].

(as fantasias ao cargo da costureira chefe: Sra.

Ercilia de Castro, com as seguintes ajudante Ilda Pereira, Maria do Carmo e Tarsisa Nasareth. e Sra

Fiscal chefe Erminda Gonçalves.)

(NB) O estandarte foi confeccionado ao cargo do

sinografico Patricio que derigio as costureira

sendo estas, Sra Antonietta Freita, e Maria do Carmo

Agradecendo a sua grassiosa atenção sobrescrevo [ilegível]

A Comissão de Festejo
Presidente Rodolpho de Castro
Secretario Isidoro Caetano
B. C.C. 8/2/37

Envelope, fólio 38

Análise documentária: Gramatiquinha/ 12-B/ Artigos Alheios. Envelope verde desbotado (11,7 cm x 15,1), sinais de oxidação, rasgamento nas borda; título no anverso; autógrafo a grafite e a lápis vermelho; f. 38. O envelope contém:

Transcrição:

Gramatiquinha
12-B
Artigos Alheios

Nota MA: a lápis vermnelho: “12-B”.

Recorte de jornal, fólio 39

Análise documentária: recorte de jornal; ATHAIDE, Tristão de. "A lingua brasileira/ I". Artigo extraído da coluna Vida Literária, O Jornal; Rio de Janeiro, 8 abr. de 1928. Recorte amarelecido pelo tempo, sinais de oxidação; rasgamento nas extremidades; sinal de dobra em 4; f. 39.

Nota MA: a grafite: indicação da data do artigo: "8-IV-28"

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: recorte de jornal, escólio, referência bibliográfica.

Recorte de jornal, fólio 40

Análise documentária: recorte de jornal; ATHAIDE, Tristão de. "A lingua brasileira/ II". Artigo extraído de O Jornal, coluna Vida Literária, Rio de Janeiro, 15 abr. 1928. Recorte amarelecido pelo tempo; sinais de oxidação; rasgamento nas extremidades; sinal de dobra em 3; f. 40.

Nota MA: a grafite: indicação de data do artigo: "15-IV-28"

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: recorte de jornal, escólio, referência bibliográfica.

VIDA LITERARIA

A LINGUA BRASILEIRA

II

Tristão de ATHAIDE

(Para O JORNAL)

15-IV-28

Nossa geração não possuía até hoje um philologo. Ou melhor, não havia um philologista da nova geração. Isto é, cujas idéas estivessem de accordo com os principios da linguística moderna e que, ao mesmo tempo, aceitasse a libertação da lingua brasileira do tronco luso.

O problema da lingua é um daqueles que hoje em dia devem ser tratados de modo bastante diverso do que o foram pela geração passada. E já na ultima chronica tivemos occasião de mostrar, sumariamente, quaes esses novos rumos.

A noção de "philologo" que a nossa geração recebeu era a de um homem erudito, que conhecia perfeitamente latim e grego, era mestre em etymologia e tinha em casa os classicos portuguezes reduzidos a fichas. O objecto da philologia era a linguagem em si. O seu methodo — o estudo desse corpo isolado ao longo da historia e nos livros dos escriptores puristas e classicos.

O philologo era um sabio que governava a lingua, como um general moderno, desde a guerra russo-japonesa, governa as batalhas: de dentro do seu gabinete ou do seu vagon de commando. A lingua era em summa um instrumento completamente formado em sua estrutura essencial e que nos era entregue para guardar intacto, quasi intangivel e sagrado, como um objecto de museu.

Não podemos mais, hoje em dia, aceitar esse criterio. A philologia passou a ser, para nós, uma coisa diversa. E o philologo um ser diferente desse que nos tinham imposto.

Ao passo que o philologo de ontem devia conhecer, sobretudo, linguas mortas e regras fixas, — o philologo de hoje deve conhecer homens vivos e estados sociaes. Se a etymologia e a erudição literaria escripta eram os grandes instrumentos de trabalho do philologo de ontem, — hoje em dia a psychologia, a phonetica experimental, a

ethnographia e a sociologia devem ser os utensilios do nosso philologo.

Ao passo que o de ontem devia conhecer a fundo os classicos portuguezes, — o de hoje deve conhecer a fundo os homens brasileiros. Ao passo que o de ontem devia ou podia viver entre livros e fichas, fechado em seu gabinete, — o de hoje deve viver, sobretudo, ao ar livre, a ouvir o que os homens falam e a registrar as formas usuas da conversação. Ao passo que o de ontem se preocupava só com a lingua, em sua chronologia historica, — o de hoje deve estudar a lingua em sua origem humana.

Pode-se dizer que passamos da philologia fechada a philologia aberta, da philologia strategica a philologia tactica.

Faltava-nos, porém, o philologo novo que viesse trazer a nossa geração a contribuição simultanea da erudição e da vida. Que não fosse um artista e sim um homem de sciencia. Pois já não estamos em tempo, nem em disposição, de tratar do problema idealisticamente e sim realisticamente. Pois não é um problema de fantasia e sim de realidade.

E' certo que a tendencia a essa transformação da linguística já se vinha formando mesmo entre os sabios da geração passada. João Ribeiro esposou, em principio, o movimento renovador e Silva Ramos deu-lhe a sua sympathia, não mencionando os que se dedicavam a estudos de dialectologia parcial, como Amadeu Amaral e outros. E mesmo na nova geração já tinham as autoridades — como o sr. Antenor Nascentes, o autor do "Linguajar Carioca", — que se dedicavam á observação dos novos "factos" da linguagem e não se encastellavam mais nas torres de marfim do "que se não deve dizer".

Não bastava, porém, o estudo da differenciação dialectal. A dialectologia está para a philologia, como o regionalismo para a literatura. Era um esforço parcial, necessario sem duvida, mas por natureza falho e mesmo perigoso para a unidade da lingua, caso não fosse con-

siderado apenas como estudo preliminar de uma tendencia a corrigir, de uma força centrífuga a desviar de novo para o centro.

E da mesma forma que repudiávamos o regionalismo, como sendo apenas uma mutilação da totalidade literaria, devemos ultrapassar a dialectologia para começar o novo movimento de integração da lingua, obra de gerações, obra do futuro, sem duvida, mas que temos o dever de iniciar desde já.

Pois bem, acredito que a nossa geração vai ter o homem que lhe faltava. E acredito com motivos de

crer, depois de terminada a leitura de uma these, que o autor imprudentemente diz, "inedita", provavelmente por não ter sido ainda posta á venda:

Herbert Parentes Fortes

— Do Criterio actual de correção gramatical (Teze de Concurso), 71 paginas. Baía, 1927.

Accaso, ou providencia, é muito significativo para nós que essa these nos venha da Bahia. A Bahia era, até hoje, um dos baluartes do luzismo, do grammaticalismo, da immobillidade da lingua. Da Bahia é o ministro que ainda ha pouco recebeu de Portugal todas as honras e todos os louvores, por ter defendido a lingua portugueza, o que para elles significa a "intangibilidade" da lingua portugueza. (E' de notar, aliás, que desde o tempo do visconde de Cabo Frio, o grande "bispo" do Itamaraty por tantos decennios, no Imperio, todas as nossas delegações levavam instruções para o emprego da lingua portugueza nos congressos internacionais).

A Bahia, em fim, era Ruy. E Ruy Barbosa foi aqui a columna mestra de toda a philologia passada.

Não existe, a meu ver, symptoma mais característico da differenciação entre duas gerações do que a attitudo nossa diante de Ruy Barbosa. Nós admiramos Ruy Barbosa. Admiramos nelle o amigo dos livros. O sabio de erudição prodigiosa. O homem de coragem civica inextinguível. O jurista, o polygrapho, o constitucionalista, o educador e, sobretudo, o estupendo polemista.

Admiramos tudo isso, é exacto. Mas nunca "sentimos" Ruy Barbosa como escriptor. Sempre foi radicalmente diverso de nós. Outra geração. Outra comprehensão da linguagem. Outra coisa. Admiramos Ruy Barbosa de longe, como um grande escriptor portuguez. Como um classico. Não como um escriptor nosso. E muito menos do nosso tempo.

Confesso, sem o minimo desejo

de ferir a memoria desse homem enorme, a quem tanto deve a nossa cultura sem duvida e, sobretudo, o nosso caracter, e sem a minima intenção de bancar o original: sempre tive muito mais encanto em ouvir a fala de um matuto do que um discurso de Ruy Barbosa. Podia ler a este, ou ouvi-lo, com a maior admiração. Mas escutava o tabaré com o coração, com todo o coração de brasileiro que sentia nessa lingua toska a fonte pura e crystallina do que havia de mais "eu" em mim.

Pois bem, tudo isso, toda essa experiencia propria eu voltei a sentir lendo essa these desse outro bahiano, que ousa investir (sem o citar aliás) contra a sombra asphyxiante do seu immenso conterraneo.

E' curioso como a gente vai sentindo, nos homens da sua geração, que nos chegam de tão longe, de tão alheios ao nosso contacto, — como sentimos as mesmas experiencias, os mesmos estados de espirito, os mesmos problemas resolvidos por forma semelhante. Como dizia William Blake, parece mesmo que ha ambientes de espirito, sentimentos no ar, pelos quaes nós "passamos", como ao nadar sentimos que atravessamos zonas mais quentes, zonas mais frias.

A these do sr. Parentes Fortes pode ser dividida em tres partes, embora na realidade não haja de todo essa ordem de successão.

Na primeira parte mostra os principios novos da linguística moderna, de que se mostra perfeitamente conhecedor. Na segunda especifica, em diversos paragraphos, quaes os pontos "de facto" em que a lingua brasileira já se differenciou da lingua portugueza. E, finalmente, discute, ao terminar, as suas idéas originaes e ousadas sobre o modo de realizar "praticamente" a integração da nova lingua.

Citarei alguns trechos, quanto me permitta o espaço (é horrivel viver sempre a encaixar o que temos a dizer dentro de limites estreitos! Ha momentos em que se sente o rodapé como uma garga-lheira... Pois não ha tempo de ser breve, como dizia a velha Sévigné).

Citarei, para mostrar, o essencial da these original e profunda do sr. Parentes Fortes, que para nós, partidarios da differenciação, já agora representa um documento precioso e um argumento consideravel.

Começa por mostrar como foi levado a esses estudos não arbitrariamente, ou por gosto de erudição, e sim por ter experimentado em si

a dissociação que se ia dando en-

tre a lingua que nos era ensinada e a lingua que ouviamos falar. Foi a experiencia de todos nós.

Mostra depois como o erro dessa dissociação está sendo apontado por toda a philologia contemporanea.

— "De cada uma e do conjuncto de todas estas ciencias, numerosos conceitos foram colhendo os autores. Desde os estudos de fonetica e prozodia sintaticas, que se esboçou, antes de tudo, a necessidade de considerar a linguagem viva e espontanea como o verdadeiro fato natural de que se devia ocupar a linguística. Foi quando se descobriu, entre outras couzas, a artificialidade e a estreiteza da lingua literaria e ainda a profunda diversidade que havia e ha entre ela e a lingua falada... A historia foi talvez a que lhes forneceu os melhores fundamentos para esta sentença. E' ela, como effeito, a que nos mostra, de modo indiscutivel, quanto mal pôde trazer a si mesma uma literatura que se divorcia pelos caprichos dos seus escriptores, da linguagem viva que o povo lhes oferece para uso."

Passa depois a especificar, como disse, alguns dos pontos precisos em que uma grammatica brasileira já pôde assentar. E' a parte mais importante do volume. Aquella em que as considerações cedem aos factos. E estes já começam a receber uma certa systematização necessaria. Pois, o que ha de mais interessante na these é que ella não se prende a nenhum dialecto regional brasileiro, mas estuda a nova lingua, em suas formas globaes, organicas, totaes.

Não tenho, entretanto, nem competencia nem logar para transcrever nem mesmo alguns desses 17 pontos de differenciação. Baste-me reportar o leitor que se interesse á leitura original da these.

Finalmente volta o autor a mostrar como a formação historica da nossa lingua favorece a differenciação.

"A lingua vencedora no ambiente brasileiro, não foi a lingua da corte nem do pulpito portuguezes, mas a lingua do colono, a qual só podemos estudar, atravez dos provincialismos vivos de Portugal e das transformações que elles apresentam actualmente no Brazil."

E especifica os motivos que a seu ver determinaram o desprezo desses elementos formadores e levaram a essa dissociação crescente entre a lingua falada e a lingua escripta, entre a lingua dos escriptores e a lingua do povo, entre a literatura e a vida.

— "Todas elas podem ser expressas debaixo de um só nome: falta

ou obtuzidade do sentimento de realidade — eis o que, no Brazil, levou a literatura e a gramatica a esse estado de eternidade morta, perfeito simulacro da impassibilidade budica."

Acertando, portanto, a differenciação da nova lingua como um facto, que a observação nos fornece e que a linguística explica, — falta evitar a anarchia e pôr em pratica os resultados da pesquisa theorica, pois o sr. Herbert Fortes, como se está vendo, é um realista e não um devaneador.

E nesse ponto é que apresenta a sua proposta um pouco ousada e a meu ver discutivel. E' a unica parte do volume em que divirjo um pouco de suas idéas:

— "Nem a literatura, nem a ciencia, nem o povo é capaz de organizar um trabalho de vulto, como seja o do estudo permanente das riquezas de nossa lingua viva. Todos esses "poderes" a olham de um angulo restricto, embora encerrem ou subentenda outros pontos de vista. Ademais, o movimento social os domina e absorve. Para remediar a esse mal, só a acção da autoridade civil é capaz de uma orientação efficaç e equilibrada."

A idéa pode parecer absurda á primeira vista. Mas tem muito de verdadeira e o autor a defende com fundamentos multissimos justos.

— "Alfabetizar um povo é um erro gravissimo, porque é abrir deante de um caminhar uma imensidade de estradas novas para as quaes ele não possui o instinto da escolha... Queremos dizer que o ensino official da lingua materna deva ter um "conteúdo significativo" e não circumscrever-se á aprendizagem do manejo de uma maquina poderosa, como é a lingua, sem uma simultanea educação do gosto e da intelligencia que ella supõe e muito mais encerra... Queremos dizer que o ensino official da lingua materna deve ser sobretudo "oral"... Queremos finalmente dizer que os governos devem dar ao ensino da lingua materna uma orientação mais concreta, mais synthetica, mais oral, mais expressiva... com programas baseados naquella comprehensão da lingua viva da vida nacional."

O pensamento do sr. Fortes é em summa este: no Brasil se tem formado uma lingua viva ao lado de uma lingua morta. A lingua viva é falada por todos nós. A lingua morta é escripta pela maioria e ensinada officialmente. Ora, tudo nos manda preferir a lingua viva á lingua morta, accettando a que o povo fala e repudiando os criterios fechados e rigidos da correção grammatical.

Mas isso seria a anarchia se deixássemos ao abandono. Ha uma tendencia á quebra de unidade da lingua, devido a causas variadas. E se repudiamos o laço tradicional da grammatica portugueza, devemos substituí-lo por algum outro laço mais nosso, garantido por uma autoridade unica. A unica autoridade que parece do momento apresentar as vantagens da unificação e da uniformização, impedindo a dispersão e a anarchia, é o governo. É a autoridade civil, que faz o mesmo com as tendencias sociaes anarchicas ou separatistas. E dahi a sua conclusão: "Convencidos da incapacidade da ciencia e da literatura para, isolada ou conjuntamente, dirigir de fato as riquezas da nossa lingua e organizar a sua disciplina, propomos aqui para fundamento científico do criterio de correção gramatical o mesmo fundamento sociologico da autoridade civil".

Ha muito de verdade em tudo o que allega o sr. Fortes. E a minha divergencia está apenas em julgar prematura uma tal acção centralizadora da autoridade civil.

Penso que ainda estamos na phase de formação. Ainda são imensos os preconceitos contrarios a uma differenciação organica da lingua. As classes cultas julgam plebeismo essa vitalidade do idioma.

Os mestres elementares não estão, nem de longe, preparados para ensinar o que ainda nem sequer aprenderam ou apenas observaram. Os mestres superiores, esses ainda mais afeerrados ao luzismo. Dos escriptores só uma parte pequena aceita as novas idéas e desses só uma parte minima está disposta a pô-la em pratica. A Academia faz obra de philologia erudita e passada, limitando-se quando muito a aceitar "brasilismos". E quem apenas aceita os "brasilismos" da lingua, está muito longe de comprehender a nova fala brasileira.

E, finalmente, essa fala ainda está em periodo de formação. A estrutura geral da lingua ainda não soffreu uma transformação tamanha que possa permittir já a redução dos novos factos a um systema completo e geral. Não podemos prescindir do factor tempo.

E como não temos a minima pretensão de fazer uma obra no ar e sim qualquer coisa de absolutamente enraizada na realidade, não devemos temer desde já os perigos da anarchia. Ainda estamos, por ora, dissolvendo a velha fortaleza feudal do luzismo grammaticographo. E para esse trabalho o esforço disperso e continuo é talvez irsubstituível. Temos de trabalhar "com" a natureza, "com" o tempo,

"com" a alma nova da nação e nunca contra ellas ou a despeito dellas.

Por isso é que considero a acção unitaria do sr. Herbert Fortes um pouco precipitada e prematura.

Elle mesmo está em condições de prestar um serviço muito maior á nossa causa, do que propondo a adopção de criterios absolutos (e de momento "impossiveis" de realizar) para os programmas officiaes de ensino da lingua. A lingua, é obra do povo. A autoridade só pode intervir depois della formada.

E o serviço muito maior que o sr. Fortes pode prestar á causa da lingua brasileira é aprofundar de toda forma o seu estudo.

Sua these me trouxe positivamente uma grande esperanza. Espero que seja elle o philologo que faltava á nossa geração. Vejo nelle qualidades que o habilitam a essa honra. Embora ainda diluidas em grandes defeitos.

Elle é desordenado, no que escreve. Confuso muitas vezes. Mostrando que ainda é muito moço e que ainda não teve tempo de depurar, de assentar as suas idéas. E' muito variavel, passando de coisas excellentes a coisas pessimas. Isso, mais do que na sua these, é visivel em uma palestra que fez no Gymnasio da Bahia sobre "Literatura Brasileira" (Imp. Off. pgs. 29. Bahia, 1927). Todo o inicio, por exemplo, é simplesmente detestavel. Gongorico, obscuro, palavroso, sem gosto, o que ha de litteratice ordinaria. Pois bem, vai melhorando lentamente ao longo da palestra e acaba por alguns paginas magistraes de idéa e mesmo razão de critério. Por outro facto é que

ele escreve mal. A sua orthographia deixou essas correntes vivas da lingua, que tão bem defende em "corria, nem por seu lado soube significar a sua expressão a ponto de reduzi-la á propria selva da idéa. E' espesso e pesado quasi sempre. Como quem tem muita coisa nova a dizer, mas não teve tempo de reeditar bastante em tudo isso. Basta dizer que adopta na these e mostra duas orthographias fundamentalmente diversas. E que aceita a pronunciação de zz (inlusive em Brazil) que é um puro luzismo.

Em relação á sua pronunciação natural, ao abrandamento progressivo que se tem feito aqui.

E', portanto, o sr. Herbert Fortes, uma força que apenas começa. Mas que me parece já ser consideravel e digna das nossas maiores esperanças. Pois tem saber e vida. E a formação da nossa lingua já não é mais para nós uma questão de sentimentalismo, e sim um problema científico.

O DIALECTO BRASILIANO

Ha, pelo menos, uma diferença essencial entre os idiomas falados oficialmente em Portugal e no Brasil: a pronúncia.

E' facto evidente, que ninguém contesta. Os vocabulos, escriptos do mesmo modo, são lidos de maneira diversa nos dois paizes.

Um golpe de vista no pequeno e curioso volume publicado por Gonçalves Vianna — da serie "Skizzen Le-bender Spracher" (Victor) — permite colher exemplos a granel:

Portuguez

Tenho dentro do mó páito
dois muinhux a muêre;
anda um, ôtro dizânda;
asim é u báim k'ter.

Brasiliano

Tenho dentro do mó páito
dois muinhox a móer;
anda um, ôtro dizânda
asim é u bém kêre.

Isk'êr = Eskecer;

Primáiru = Primeiro;

Pudáre = Pedar;

Furnôzu = Fornoço.

Ainda mesmo os que, autorizada-mente, castigam os "vícios" da boa fala, reconhecem que não é admissível levar o apuro ao ponto de exigir dos brasileiros a pronúncia lusitana. Diz muito bem o sr. Julio Nogueira que "se a correção fosse radical, intolerante, teríamos que dizer: m'ístro, v'ráo, su-brádo, etc.", porque, apuradas as coisas, uma vez que não constituimos ainda dialecto independente, deveríamos pronunciar á maneira rigorosamente portu-gueza, do mesmo modo por que tim-bramos em falar francez, inglez, etc., sem que nos afastemos por forma algu-ma da pronúncia daquelles a quem tões linguas são nativas.

Parece, dest'arte, que se pôde falar correctamente o portuguez... pronun-ciando á brasileira. No entanto ha fac- tos que levam a convicção opposta. E' o caso dos bons actores brasileiros que, representando em Portugal, são obri- gados a usar a pronúncia peninsular: para que o grande publico os entenda. Em seguida é a observação de um mes- tre da lingua, que, educado em Portu- gal, até hoje tratou de conservar, me- ticulosamente, a boa pronúncia para — diz elle — não se ver, inconscientemen- te, levado a collocar mal os pronomes. Esses dois factos mostram a formida- vel importancia da phonetica, na dif- ferenciação linguistica. O ultimo, prin- cipalmente. Pois si a pronúncia brasi- liana conduz a outra syntaxe! Ainda mais. Para que todos vejam como são hoje, diferentes os idiomas brasileiros e portuguez, é só escrever, usando o alphabeto Internacional, algumas pala- vras, tacs quas seriam cobhidas na Eu- ropa e na America, para designação dos mesmos objectos.

Um ethnologo estrangeiro que ano- tasse os vocabularios, nos dois conti- nentes, usando o referido alphabeto — nunca chegaria a dizer que se trata de um mesmo idioma. Tão importante é a phonetica. Isso, não querendo aprofun- dar o exame, por meio dos processos que ora está pondo em pratica o Ins- tituto de Phonetica Experimental de Kopenhague.

Quanto ao vocabulario, não é menor a differenciação, desde que se abando- ne a linguagem culta. Um camponês de Portugal vê-se tonto para entender um sertanejo.

Em Lisboa o conductor de bondes nem sempre entenderá o passageiro do Rio, quando este lhe pedir o trôco, que lá se chama: demasia...

No caso dos pronomes a coisa conti- nua: No Brasil, os que sabem gram- matica, e os que não sabem, pouco se importam com o tenebroso problema, que tantas criticas suscitou contra José de Alencar.

E' certo que por aqui ninguém diz "Você fizeste". Mas sae naturalmente da bocca de penna de todos, no Bra- sil: "Eu te esperei e Você não veio". "Eu o esperei" — é como falam os cul- dados, tidos pela maioria na conta de exagerados, quasi preciosos... E' por isso que o mestre já citado conserva, heroicamente, a pronúncia que ajuda os pronomes... Seria um absurdo afir- mar que o idioma brasileiro já se en-

contra definitivamente constituído. Mas não é menos absurdo contestar a evo- lução adiantada que se está processan- do nesse sentido.

Os intolerantes deveriam, pelas suas mesmas razões, exigir que em Portugal se continuasse a falar latin. Aham que os portuguezes andaram muito bem estragando o latin; mas não nos querem conceder o direito de estragar o portuguez!

A alguns philologos, mestres no as- sumpto, tenho pedido informem quaes são as caracteristicas de um dialecto. Quando o brasileiro será dialecto ou idioma? Nunca? Impossivel! Toda a historia das linguas depõe que isso é fatal. Provado que a pronúncia é dif- ferente, lá e aqui, e sendo certo, como dizem os dictionarios, "que dialecto é uma variedade na lingua principal, va- riedade em pronunciar as palavras de um modo particular, etc." — não sei como ainda haja quem insista em con- testar o trabalho de transformação que aqui se está, a passos largos, verifi- cando.

Eu não discuto as vantagens ou des- vantagens do phenomeno. Como sim- ples naturalista, sei que o finalismo le- va aos maiores erros e sei mais que o nosso desejo e intimo sentimento não influem nos factos que as leis naturaes governam soberanamente.

E' um bem? E' um mal? Não sei. Mas é. A lingua brasileira está sur- gindo. E dentro de uns/dois seculos, ella propria começará a se alterar pa- ra dar outros dialectos porque não é natural que o Brasil todo — do Ama- zonas ao Chuy — possa continuar: sem- pre, com um só. Será muito triste para o nosso amor patrio... uma desgraça para os nossos filhos... uma calami- dade....

Não discuto. Verifico.

Os romanos diziam que se acredita facilmente naquillo que se deseja. De onde, difficilmente aceitarmos o que não desejamos.

Mas a vida é implacavel e a nossa re- pugnancia pouco influe no que tem de ser.

O fatalismo, porém, tem seus limites. Não ha só cruzar os braços. Cada gera- ção tem responsabilidades proprias. Eu creio que as actuaes e as proximas não devem desprezar o assumpto, como des- val'ero. Ao contrario; ha um grande trabalho a fazer, para condicionar as melhores circumstancias, buscando re- gularizar um rio cujo curso ninguém pôde sustar.

E' por isso que me agradam todos os bons trabalhos feitos sobre o diale- cto brasileiro ou, como diz, timidamente, "Acadêm'a. sobre o "brasileiro da lingua portugueza".

E foi com tal espirito que tive oc- casião de ler as notas de Paulo Teren- cio para o vocabulario de "Os Sertões", livro muito interessante, publicado na typographia que habitualmente imprime os notaveis trabalhos do prof. Pe- dro A. Pinto. Ma's de duzentos voca- bulos acham-se ali eruditamente estu- dados; uns, que não se encontram nos dictionarios, outros, que apparecem na obra de Euclides da Cunha com sentido differente do registado naquelles livros. De tão grande acervo — e ainda muita coiza, continuando as suas pesquisas ha de encontrar o autor — grande parte cabe ás sciencias naturaes. As- sim, o volume de Paulo Terencio não é só trabalho de philologo senão tam- bem de naturalista.

E. ROQUETE PINTO

Tipo: recorte de jornal, escólio, referência bibliográfica.

gos consigam deter o surto da rotacistica *encrenca*, contra a ella lavrando sentenças de extermínio e mandando — recolhe-la ao aljube dos lexicones da gíria.

Nada a deterá na marcha ascendente cuja meta é uma pagina do nosso futuro Webster onde triumphante se ha de averbar.

Pois se até os etymologistas, os linhagistas da linguagem já se occupam em lhe pesquisar o abolorio!

E isto a se servirem dos procesos do nosso velho e bom Casto Lopes, lançando mão do genero anedotico para lhe fixarem as raizas não nas velhas camadas archeanas do vernaculo mas na vulgaridade das condições da vida contemporanea.

Sãos os mesmos que pretendem filiar a origem de *kerosene* ao facto de que o primeiro petroleo importado ao Brasil sahio dos depositos de uma firma fantasmatica do Rio de Janeiro, de uns tacs *Queiroz, Ennes & Cia.*, ferragistas cariocas lá pelos annos de 1850...

E no entanto quem, a menos que não seja algum ignoro, póde contestar a origem britannica ou yankee de *erosene*?

Figura nas edições de Webster ha talvez quasi 70 e alguns annos, pois na de 1849 ainda não apparece.

O grande Larousse não o consignava ainda a palavra, em sua letra K, posterior a 1875, mas a ella se referem no artigo consagrado ao petroleo.

Facto curioso: ha cerca de meio seculo tinha *kerosene* um synonymo que hoje se acha acantonado, exclusivamente na technologia cinematographica: *photogenio*. Nem Aulete nem Figueiredo averbam *kerosene*, palavra que no Brasil fez enorme carreira e em Portugal nenhuma, ao que parece. Os dictionarios hespanhoes apontam *querozen*. Recolheu Figueiredo o vocabulo abrandando-lhe o k inicial para um c. Isto porque em relação á sympathica letra grega agiu, nos ultimos annos, como se fora o altivo si-cambro de Reims, adorando o que queimara e queimando o que adorara. Da *Kaphilia* notavel da primeira edição do *Novo Dictionario*, cahiu na *Kaphobia* intensa da terceira tiragem do prestante lexico.

Mas *cerosene*, para nós outros brasileiros, é tão insignificativo como se não existisse. E tanto quer dizer *kerosene* como a vespa guaxupé vem a ser um penteado de mulher, segundo affirma o mesmo Figueiredo haver lido na *Innocencia* de meu Pae.

Voltemos porém de tão longe digressão á encrenca. *Encrenca*, dizem os etymologistas arruobadamente imaginosos, é um teuto-brasileirismo de Santa Catharina; a deturpação portuguezada de *Ich bin Krank*: estou doente.

Eis-nos a meu ver, em face de legitima

adaptação brasileira do famoso caso francez do *Alfama vient d'equns...* MANH 51-43

Parece-me contudo incontestavel que o mysterioso termo nada mais é senão a lustranização de *enclenque*, adjectivo hespanhol que significa debil, enfezado, doentio, *guenzo*. Em romances de Blasco Ibañez já com elle varias vezes me avistei substantivado e com as mesmíssimas excepções da nossa popularrissima encrenca.

Recorrendo ao magnifico dictionario da lingua hespanhola que se enquadra na *Encyclopedía* monumental de Hijos de J. Espasa, verdadeiro padrão, do mais alto significado, da cultura hespanhola coetanea, encontro o seguinte verbeto: "*Enclenque* (De *en* y el lat. *clenicus*, enfermo) adj. Falto de salud, enfermizo, valetudinario. Usa-se tambien como substantivo. Sinonimos: sanijo, enfermizo".

Não me avistei contudo com *encleucar*. Para o Rio da Prata assignou encrenca, como na era aventureira do quinhentismo fizeram Nufrio de Chaves e Hernandarias de Saavedra, e tantos mais conquistadores. Vinha com os conquistadores.

Ivre d'un rêve héroïque et brutal

E realizou o seu grande sonho de conquista. Por via riograndense penetrando no Brasil, triumphalmente occupou toda a área immensa dentre o Oyapock-Chuy e o Capiberbe-Javary. E os genealogistas, reverentes do verbo, os senhores perseguidores dos etymos, agora se preoccupam com o lhe desvendarem as origens... Não querem que sejam trivialmente castelhanas, plebeiramente peninsulares, ou de infiltração argentina em territorio nacional. Atribuem-lhe germanico abolorio...

E' mais complicado e portanto mais elegante...

Assim ha pouco mais de seculo queriam os seus confrades de França que os Bonaparte proviessem dos imperadores Palcologos e não de ignotos fidalgotes da ilha pobretona da Corsega. Retorquula-lhes categorico o homem de Austerlitz, como tanto se sabe, que seu unico ancestre era o Dezoito Brumario. Mas elles incançavelmente continuavam com as bajulatorias allegações. Aos seus enaltecedores poderia encrenca vangloriar-se de que é filha da Grande Guerra. Não conta ainda quatro lustros...

Emfim tem a minha modestissima hypothese, de não philologo, de não grammatico, de não autoridade vernacular o mesmo valor de muitas das suas congeneres, caras imaginações escaldantes de seus criadores e provocadoras da justa galhofa dos scepticos...

Affonso de E. Taunay.
(da Academia Brasileira)

Envelope, fôlio 44

Análise documentária: 12-C/ Me parece/ e outras sintaxes. Envelope azul desbotado (11,7 x 15,1 cm), sinais de oxidação; título no anverso: autógrafo a grafite e a lápis vermelho; f. 44.

Transcrição:

12-C
Me parece
e outras sintaxes

Nota MA: a lápis vermelho: “12-C/ Me parece”.

MA-MMA-51-45
44

Frase de cabale

"Concorda sim, como não hei-
de!... a gente concordar
até com a morte!"

=

«Mesmo que» = que nem, como.
Ele seguiu mesmo que be-
zerro, numa gritaria
mãe por aí. C. Silva "Muita gente"
pg 9

=

«vez nenhuma»
«ao' eu não principiarei vez
nenhuma» C. Silva "Muita gente"
pg 7

=

No livro "Oleas o café" de Julio
Paternostro se encontra varias vezes
o emprego de «começaram fazer» (pg 55)

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis vermelho; rasuras a grafite, 1 folha de papel branco destacada de bloco (14,2 x 10,5 cm), borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro; escrita ocupando anverso e verso; f. 45.

Transcrição:

Frase de caboclo

“Concorda sim, como não hei-
de! ... A gente concorda
até com a morte! [”]...

A: lapso: aspas

==

“Mesmo que” = que nem, como.
Ele seguiu mesmo que be-
zerro, numa gritaria
mãi por aí. C. Silva “Minha Gente”
pg 9

===

“vez nenhuma”
“só eu não principiei vez
nenhuma” C. Silva Minha Gente
pg 7

A¹: ^veis^ nenhuma

==

No livro “Olha o café” de Julio
Paternostro se encontra varias vezes
o emprego de “começaram fazer” (pg 55)

Nota MA: a lápis vermelho: sublinha a expressão “mesmo que”.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

SILVA, Clodomir. Minha gente (Costumes de Sergipe). Rio de Janeiro: Empresa Graphica
Editora Paulo, Pongetti & C., 1926. (BMA – C/II/f/97)

P.7

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “vêis nenhuma” e cruzeta à margem direita do
trecho.

“O Invôco”

“[...] ‘ – Não; eu , que non prinspiei vêis nenhuma.” [...]

P. 9

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “mesmo que” e cruzeta à margem direita acompanhado da anotação “que nem”.

“O Invoco”

“[...] Domingo-pé-de-pato, que era um mulato desempambado e atrevido de quatro costados e meio, a ‘ripuná’ o caminho e ‘enchê no mundo’, aboiando mesmo que cangussú com fome.”

[...]

PATERNOSTRO, Julio. Olha o café!: poemas assim assim.... São Paulo: Oficinas das Casas Duprat-Maynça, 1928.(BMA – C/II/d/3)

P. 55

Nota MA: não apresenta.

Poema: “relatividade”

[...]

“Os pingos da chuva
começaram a rodela
no meio da rua...”

Nota da Pesquisa: há na folha de rosto de Olha o café!: poemas assim assim...., dedicatória a Mário de Andrade: “Ao Mario de Andrade (eu queria/ dizer uma porção de coisas perto/ desse nome, mas não digo nada/ porque eu me estrepo)/ oferece o/ Julio Paternostro/ S. Paulo jun. 928”

No manuscrito d’O turista Aprendiz (MA-MMA-80), no arquivo do escritor, há nota de trabalho que se refere a mesma expressão comparativa “mesmo que” de Clodomir Silva colhida para A gramatiquinha da fala brasileira.

Transcrição do fôlio d’O Turista Aprendiz:

Como

“mesmo que”

C. Silva

Minha gente

p. 9

Acordou feito furia

|

como (Ex. meu)

No manuscrito Dicção/ romances – notas de pesquisa (MA-MMA- 54) no arquivo do escritor, há uma nota de trabalho que faz referência ao título Minha gente, de Clodomir Silva, fôlio 130:

Transcrição do fôlio 130, de Dicção/ romances – notas de pesquisa:

Em “Minha gente”
de Clodomir Silva
estão formas dialetais
nordestinas, sergipanas
inteiramente desconhecidas no sul. Notar sobretudo o curioso amolecimento do r em i (vogal). E trechos que pra nós aqui são incompreensíveis, tal o grifado pg. 6

P. 6

Nota MA: a grafite: traço vertical à margem esquerda destacando trecho.

“O Invoco”

[...]

Ponha-se, mínima sem pondôlo, ponha-se, qu’eu digo a mamãe, pichilinga,’

— ‘Pichilinga é tu, cara de premissa.’

— ‘Cala a boca ahi, quixe.’

— ‘Escruvejadô.’”

[...]

(p. 44) por «começaram a fazer»

Menus livro p. 65:

«brincar junto com os menus»

- Éh moço, essa estrada é a
que vai pra ^{por} Pindubá?

- É, aum ainho?

- Não tem errada?

Pr. Bopp p. 19 Feira Literária
Março 1928

«No tempo que eu era moço»
por «No tempo em que»
(coco do nordeste)

Transcrição:

(pg 44) por “começaram a fazer”

=

Mesmo livro pg 65:

“brincar junto com os meninos”

=====

- Êh moço essa estrada é a

on

que vai pra Rxndinha?

-É, sim sinhô.

-Não tem errada?

A¹: ^Redinha^

R. Bopp pg 19 Feira Literaria

março 1928

=====

“No tempo que eu era moço”

por “No tempo em que”

(coco do nordeste)

=====

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliografica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

PATERNOSTRO, Julio. Olha o café! poemas assim assim.... São Paulo: Oficinas das Casas Duprat-Maynça, 1928. (BMA – C/II/d/3)

P.44

Nota MA: não apresenta.

“Ribeirão Preto”

[...]

“Ribeirão Preto

que suja o paleta

e a calça da gente

com poeira vermelha

terra roxa... Ribeirão Preto.

O brasileiro começou fazer aço.”

P. 66

Nota MA: não apresenta.

“cruzeiro”

[...]

“pra ganhar uma bala
comprida fininha
que não acabava mais...
A’s vezes a gente
ficava cansado
e ia sentar na calçada
pra brincar de
passar anel
junto com as meninas.”
[...]

P. 65

Nota MA: não apresenta.

“cruzeiro”

[...] A gente brincava de
chicote queimado
e entrava na
venda de Sá Fortunata”
[...]

BOPP, Raul. “Como se vae De S. Paulo a Curitiba (impressões de viagem)”. In: Feira Literaria, volume III, março, São Paulo: Empresa de Divulgação Literaria, 1928, p. 5-29. (BMA – não consta)

P. 19

Nota MA: não apresenta.

[...]

“– Ê moço. Essa estrada é a que vae pá Rindinha?
– E’ sim sinhô.
– Não tem errada?”
[...]

Nota da Pesquisa: ainda que a nota de trabalho de MA faça referência à página 65 do livro de Julio Paternostro, fiz a transcrição da página 66, por ser mais coerente com o trecho do poema destacado na nota.

MA-MMA-51-46
44

Alberto Ramos

"Me dá! - Dá-me! - Me dá! algo eu! - Er-
ra imbecil!"

- Bruto erro em Portugal, acerto no Brasil!

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha de papel branco destacada de bloco (14,2 x 10,5 cm.), borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro; escrita ocupando anverso; f. 46.

Transcrição:

Alberto Ramos

“Me dá!- Dá-me!-Me da! digo eu!- Er-
ra imbecil!

–Bruto! erro em Portugal, acerto no Brasil![]”

A: lapso: aspas

Nota MA: lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

RAMOS, Alberto. O livro dos epigrammas. Rio de Janeiro: Edições PAN, 1924. (BMA – A/II/b/57)

P.17

Nota MA: a grafite: cruzeta à margem direita do poema.

“Caturra”

“Me dá! – Dá-me! – Me da! digo eu! – Erra, imbecil!

– Bruto! erro em Portugal, acerto no Brasil!”

BPG: nº 553: RAMOS, Alberto. Poemas. Rio de Janeiro: Ariel, 1934. (BMA – C/II/f/41)

P. 117

Nota MA: não apresenta.

“Caturra”

“Me dá! – Dá-me! – Me da! digo eu! – Erra, imbecil!

– Bruto! erro em Portugal, acerto no Brasil!”

Nota da Pesquisa: como MA não indicou na nota de trabalho o título do livro de Alberto Ramos em que coletou o poema “Caturra”, registrei as duas obras que apresentam o poema.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

MA-MMT-51-⁽⁴⁷⁾
Finados chegando, fui na cidade
comprar flor
=
«Finados chegando» por «tendo che-
gado»
«comprar flor» por «flores»
=
«a execução dele tem rompan-
tes»
=
e errar coisas se andou (no
acugular) cantando no urco
=
«Aquele mula tinha que (por «com
a qual») roe e carou com ella»
«Aquele Romance que (por «de
que») dei noticia...» eu na Autrofaga
=
«E a como; talequal; que nem;
ver, feito, com geito de,
=
uma porção, um diluvio, um desper-
dício, um despropósito, uma inun-
dicão, um mundo, milistás, uma
piracema de...)
=
pedrenta, esburaguento e te
=
=

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a tinta preta; rasuras a grafite e a tinta preta, 1 folha branca milimetrada destacada da caderneta (15,2 x 10,7); amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro; escrita ocupando anverso e verso; f. 47.

Transcrição:

Finados chegada, fui na cidade
comprar flor

(A): Finados *chegando*

=

“Finados chegada” por tendo che-
gado”

=

“comprar flor” por “flores”

=

“a execução dele tem rompan-
tes”

=

e essas coisas se andou (no
singular) cantando no circo

=

“Aquele mulatinha que (por “com
a qual”) você casou com ella”

“Aquele romance que (por “de
que”) dei noticia...” Eu na Antropofaga

A: lapso: “Antropofaga” por Antropofagia

=

“E-a-Como; talequal; que nem;
ver, feito, como geito de,

(A): >E a< ; (A): ^lalequal”

=

uma porção, um diluvio, um desper-
dício um despropósito, uma imun-
dicie, um mundo, milietas, uma
piracema de...,

=

pedrenta, esburaquento etc

=

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

Nota da Pesquisa: os fragmentos arrolados por MA figuram no seu romance- rapsódico Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de 1928.

No manuscrito d' O turista Aprendiz (MA-MMA-80), no arquivo do escritor, há 7 notas de trabalho que listam expressões de comparação. Entre essas, destaco a que faz referências aos termos apresentados neste documento d'A gramatiquinha da fala brasileira:

Transcrição do fólio do manuscrito d' O Turista Aprendiz:

Como
Talequal
que nem
vê
feito
com jeito de

«bulha» por «barulho»
«em mais o alémão», «mais» sem lu-
gar de «com»,
Não vê que topara rasto preso...»
Pois então a gente deve...
Se escondeu por de trás da...
Faz uma bregua que a moça caiu»
isto que é pura confusão, isto por
«e». Por reparo pois que é confu-
são causal
... não pode continuar, gallio que brou...
sem o artigo pra «gallio».
Aos embolões
Te dana
No-mais!
Cada ninguém não pegava caca
mais...
botou o urucium no campo onde
ele podia crescer mais não...
Vagou mundou ao ato...
O currupira estava querendo mas
era comer o heroi.

Transcrição:

“bulha” por “barulho”

=

“Eu mais o alemão”, “mais” em lugar de “com”.

=

Não vê que topara rasto fresco...”

=

Pois então a gente deve...

=

Se escondeu por detrás da...

=

[“] Fez uma brecha que a moça caiu”
este que é pura conjunção, esta por
“e”. Por reparo porém que é conjunção causal

=

... não pode continuar, galho quebrou...
sem o artigo pra “galho”.

=

Aos emboleus

=

Te dana

=

No-mais!

=

Caça; ninguém não pegava caça
mais...

=

botou o curumim ao campo onde
êle podia crescer mais não...

=

Vagamundou ao até...

=

O Currupira estava querendo mas
era comer o heroi.

=

A: lapso; aspas

(A): >, <

MA-MMA-51-48
44

Disse conferiu (reconheceu) que
não pagava a pena...

«deu que mais deu» «olhou
que mais olhou»

...e os quatro partiram por esse mun-
do». Este «esse» popular é admira-
vel de expressão vaga

guaseava sem parada » e isto
neminus não tem parada.

Tinha modos!

Tão mansueta ficava que fi-
cava um cão querendo.

E lá acordava feito furia e rescia
pra cima dele.

É aquela uma que está lá em
baixo, lá!

«Um respiro» = numo atimo

Não durou muito = daí a pouco

os maus detam um campo = cam-
pear

Quando si não quando = de repente

Antes famoso que nem narij
Mais repren como Tio Judas

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a tinta preta; 1 folha branca milimetrada destacada da caderneta (15,2 x 10,7); amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro; escrita ocupando anverso e verso; f. 48.

Transcrição:

Jiguê conferiu (reconheceu) que
não pagava a pena...

=

“deu que mais deu” “olhou
que mais olhou”

=

... e os quatro partiram por esse mun-
do”. Este “esse” popular é admira-
vel de expressão vaga

=

guascava sem parada “este
menino não tem parada.

=

Tenha modos!

=

Isso Macunaíma ficava que fi-
cava um lião querendo.

=

Ela acordava feito furia e crescia
pra cima dele.

=

É aquela uma que está lá em
baixo, lá!

=

“Num respiro” = num atimo

=

Não durou muito= d’ ai a pouco

=

os manos deram um campo = cam-
pear

=

Quando si não quando=de repente

=

Antes fanhoso que seu nariz

=

Mais sofreu nosso tio Judas

=

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Nota da Pesquisa: os fragmentos arrolados por MA figuram no seu romance- rapsódico Macunaíma, o herói sem nenhum caráter, de 1928.

Deixa de ser arua (bobo
Par morrer num carangueiro o mangue
não tota cuto
Quem quer cavalo sem tacha anda
de ca-pé
O heroi aprendendo calado
Primeira paucada é que mata
colira
Vai lá e a volta é ruel .
2

Transcrição:

Deixa de ser aruá bobo

=

Por morrer um caragueijo o mangue
não bota cuto

=

Quem quer cavalo sem tacha anda
de-a-pé

=

O heroi apreendendo calado

=

Primeira pancada é que mata
cobra

=

Vai lá e a volta é cruel

=

114-1114-51-49
44

Me guareio
em Jose de Alencar
n.º 337, I, 167

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 49.

Transcrição:

Me guiareis

em Jose de Alencar
nº 337, I, p 67

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 337: ALENCAR, José de. As minas de prata, Nova edição revista por Mario de Alencar. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1926, volume I. (BMA – A/II/b/28)

P. 67

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Me guiareis” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Capítulo VI – Que dá uma versão da historia do celebre Roberio Dias”

[...]

“ – Me guiareis com a vossa experiencia; ensinareis a gozar da riqueza áquelle a quem ensinastes/ á supportar a pobreza.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

MA-MMA-51-50
44

Te conforma

No samba Vafo Lagrimas
(dino. Colunidia, 22/65-B)
de febre de 1932, diz o texto:
Si chorar por alguém
Que te enganar,
Te conforma, pois Jesus
Também se conformou.

(Mas no dino, corri-
gido pelo cantor, do tex-
to impresso que diz
"Tem paciência" em
vez de "Te conforma")

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 50.

Transcrição:

Te conforma

No samba Vejo Lagrimas
(disco Columbia, 22165-B)
fins de 1932, diz o texto:
Si choras por alguém
Que te enganou
Te conforma, pois Jesus
Também se conformou.

(Isso no disco, corri-
gito pelo cantor, do tex-
to impresso que diz
“Tem paciência ” em
vez de “Te conforma”)

A: lapso: “corri-/gito ” por corrigido

A: lapso: aspas

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: referência discográfica, escólio.

Nota da Pesquisa: na série Discos, a capa do disco Columbia, número 22165, que traz a canção “Vejo lágrimas” apresenta nota, a tinta preta de MA: “Vejo Lágrimas: é notável como dicção ruim/ e bom character vocal brasileiro. A nasala-/cão é magnífica e a ritmica do/ fraseado estupenda./ Carnaval de 1939”.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

MA-MMA-51-(51)
(44)

Te compreendo
em quadra goia-
ma
nº 266
II de 1933
p 225-

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 51.

Transcrição:

Te compreendo

Em quadra goia-
Na
nº 266
II de 1933
p 205

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº266: GOIAZ, João. “Trovas luzianas”. Revista da Academia Brasileira de Letras. vol. 41, ano 24, fevereiro, Nº 134, Rio de Janeiro: Est. Gr. Canton&Reile, 1933. (BMA – não consta)

P. 205

Nota MA: não apresenta.

Trova “305”

*Te compreendo, morena,
Já sei que queres dizer,
Como cangassú ou tigre,
Felizes temos de ser.”*

Nota da Pesquisa: a quadra aludida na nota de trabalho não apresenta quaisquer notas marginais de MA, contudo os demais versos registradas neste número da Revista da Academia Brasileira de Letras apresentam notas a grafite.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Acadêmica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

MA-MMA-51-(52)
(44)

Te garanto que....

«A mim, por exemplo, ser-me-ia impossível, falando ou escrevendo, iniciar uma proposição por pronome átono, e, entretanto, tendo, uma vez, posto em dívida a um colega que um projecto de lei que nos interessava tivesse parecer favorável, elle me atirou com um "te garanto que elle será aprovado", com tal intimativa, ferindo com ênfase o pronome, que confesso me senti mais garantido do que se elle me tivesse

(Segue no verso)

Análise documental: nota de trabalho de Pio Lourenço Correa; autógrafo a tinta preta, 1 ficha de papel cartão (7,9 x 11,3 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 52.

Transcrição:

Te garanto que...

“A mim, por exemplo, ser-me-ia impossível, falando ou escrevendo, iniciar uma proposição por pronome átono, e, entretanto, tendo, uma vez, posso em dúvida a um colega que em projecto de lei que nos interessava tivesse parecez favorável, êle me atirou com um “te garanto que êle será aprovado”, com tal intimativa, ferindo com ênfase o pronome, que confesso me senti mais garantido do que se êle me tivesse
(segue no verso)

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

(vem do universo)
dito garanto-te ou se, por escrúpulos de
purista, houvesse pronunciado: asseguro-te
ou afianço-te. 77

Silva Ramos, in Revista de cultura,
vol. I, pag. 22.

Transcrição:

(vem do anverso)

dito garanto-te ou se, por escrúpulos de purista, houvesse pronunciado: asseguro-te ou afianço-te.”

Silva Ramos, in Revista de cultura,
vol. I, pag. 22.

Verificação:

RAMOS, Silva. “Em ar de conversa”. Revista de Cultura, Anno I, Volume 1º, janeiro-junho, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1927, p. 12-17.(exemplar pertencente à Coleção Geral do IEB/USP.)

P. 16-17

[...]

“Não me posso esquivar a tratar dos pronomes átonos na frase, e que tanto tem dado que fazer a muita gente. Estou convencido de que existem dois únicos princípios ineludíveis, em que não podem deixar de estar de acôrdo o Brasil e Portugal: 1.º - E’ necessário que aqueles elementos se achem dispostos por maneira que não resulte obscuridade no sentido.

2.º – Quando figurarem na oração os dois pronomes directo e indirecto, devem vir ambos sempre conjugados, antecedendo este àquele deste modo: mo, to, lho, no-lo, vo-lo.

Em tudo mais a distribuição daquelas entidades depende exclusivamente da modulação da frase, muito diferente no português de àquem e no de àlem-mar: A mim, por exemplo, ser-me-ia impossível falando ou escrevendo, iniciar uma proposição por pronome átono, e, entretanto, tendo, uma vez, posto em dúvida a um colega que um projecto de lei que nos interessa tivesse parecer favorável, êle me atirou com um ‘te garanto que ele será aprovado’, com tal intimativa, ferindo com ênfase o pronome, que confesso me senti mais garantido do que se êle me tivesse dito garanto-te ou se, por escrúpulos de purista, houvesse pronunciado: asseguro-te ou afianço-te.”

[...]

Nota da Pesquisa: o número da página indicada na ficha por Pio Lourenço Corrêa “p. 22” não coincide com a numeração das páginas do artigo, cuja consulta foi realizada num exemplar da revista disponível no acervo do IEB-USP, posto que na biblioteca de MA não havia o impresso.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

MA-MMA-51-53
414
"Vos prometo"
Danza de S. Inácio
por
Marciano Sauts
Rev. do Aguião
maestra m. 17º

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 53.

Transcrição:

“Vos prometo”

Dansa de S. Gonçalo
por
Marciano Santos
Rev. do Arquivo
quadra nº 17º

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

SANTOS, Marciano dos. “A dansa de São Gonçalo”. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo, ano III, nº XXXIII, março, São Paulo, 1937, p. 85-116. (BMA – não consta)
P.108

Nota MA: não apresenta.

“A dansa de São Gonçalo”

Quadra: “17º”

“Vos pesso meu S. Gonsalo

Com muito gosto e alegria

Asceitai esta promessa

E tambem nossa romaria”

Nota da Pesquisa: ainda que a nota de trabalho de MA apresente o verso “Vos prometro”, a quadra 17º se inicia por “Vos pesso”. Das 24 quadras transcritas por Marciano dos Santos em seu artigo nenhuma possui o verbo prometer.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Nota de trabalho, fôlio 53, verso

2ª Plural

Transcrição:

2ª plural

Nota MA: a lápis azul: “2ª plural”.

Procurer
MA-MMA-51-(54)
(44)
Rui Barbosa
meu (meu) no parte-
deu um livro que
o Pai lhe dera:
"Me foi dado por
meu pai em outubro
de 1860"
Diário de Notícias,
9-VIII-42

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a grafite, rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 54.

Transcrição:

Pronome

Rui Barbosa

A¹:+ Rui Barbosa+

Um menino escreveu num livro que o Pai lhe dera:
“Me foi dado por meu pai em outubro de 1860”

Diário de Notícias
9-VIII-42

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

FILHO, Luis Viana. “A caricatura de Rui Barbosa pelo Sr. Homero Pires”. Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 9 de agosto de 1942.

No artigo “A caricatura de Rui Barbosa pelo Sr. Homero Pires”, publicado no Diário de Notícias (Rio de Janeiro), de 9 de agosto de 1942, domingo, o autor escreve:

[...]

“Três dias depois, ainda em companhia do cônego Paiva Marques, colhemos o testemunho de D. Amália Barbosa Lopes, sobrinha de Rui, a qual além de confirmar quanto nos dissera D. Maria Cadida, teve a gentileza de confiar-nos o exemplar da ‘Historie du Nouveau Testament’, lido naqueles serões, e talvez um dos primeiros livros de Rui Barbosa, que nele apusera esta nota: ‘Me foi dado por meu pai em outubro de 1860.’”

Nota da Pesquisa: a referência aludida na nota de trabalho foi localizada no site da Biblioteca Nacional (RJ), precisamente na Hemeroteca digital brasileira. No acervo e na biblioteca do escritor, no IEB-USP, não encontramos o artigo indicado.

MA-MNH-51-55
44

Início com pronome oblíquo
usado Romance popular a-
goriano (n.º 11 da Bibliod-
grafia, I, 94) vem
"Se sentara a descausar
De tão cansado que ia;"

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a tinta preta; rasura a tinta preta; 1 folha branca destacada de bloco (14,4 x 10,6 cm); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro; escrita ocupando anverso; f. 55.

Transcrição:

Início com pronome obliquo

Num Romance popular açoriano (nº 11 da Bibliografia, I, 94) vem
“Se sentara a descansar
de tão cansado que ia;”

(A): *no* Romance

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliografica.

Verificação:

BPG: nº 11: BRAGA, Theophilo. Historia da poesia popular portugueza: as origens, 3ª reescripta, Lisboa: Manuel Gomes, Editor, 1902, volume 1. (BMA – E/I/c/69)

P. 94

Nota MA: não apresenta.

II – As nacionalidades peninsulares na sua tradição poetica

“Nos romances açorianos do Caçador e da Donzilla, Filha do Rei de França, e Donzella encantada, allude-se ao carvalho gigante, o Yggdrasil:tão

Se sentara a descansar
De tão cansado que ia;
Debaixo de um arvoredor
Bem alto de françaria.
Levantou olhos p’ra cima,
Viu estar uma donzilla.”

[...]

MA-MMA-51-56
Cap. XXI 44

Psicologia do pronome

Nota 7 - Nota 23 -

Pra quem diz que ao iniciarmos frase com o pronome "me", o que se dá não teria importância pois generalizo conclusivamente uma ressa popular, lembrar porém a estrofe:

Somos pobres, miseráveis
Não temos nem pra comer
Pode arranjar uma sombra
Até o dia amolecer?!...
Nos faça esta caridade
deus lá de lá agradecer

"História do Marino de Flareta" do poeta Heitor Martins de Athayde p. 12. Alguns livrinhos editados no Recife, literatura popular que publicaram poetas populares como Alexandre Gomes de Barros, Cordeiro Manoel e ainda João Martins de Athayde. Também no Recife "Poetas populares de Beberibe, nem uma "Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabecira", inventada ou registrada por Alexandre Gomes de Barros. Cabecira e Barros tanta conta assim, regabando:

"Fiz Romano atropelar, se
e fiz germano correr
Ala onbrei Negrilino
Parém não pode o morder."

Análise documentária: esboço de texto, nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul e vermelho, 1 folha branca (17,9 x 13cm); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de dobra no centro, escrita ocupando anverso e verso; f. 56.

Transcrição:

Psicologia do pronome

Cap XXI

Nota 7- Nota 23-

=====

Pra quem diz so iniciamos frase com o pronome “me”, o que aliás não teria importancia pois generalizo concludentemente uma regra popular, lembrar porém a estrofe:

Somos pobres miseraveis
Não temos nem pra comer
Pode arranjar uma sombra
Até o dia amanhecer?!...
Nos faça esta caridade
deus ha de lhe agradecer

“Historia do menino da Floresta” do poeta Heitor Martins de Athayde pg 12 – Desses livrinhos editados no Recife, literatura popular em que publicaram poetas populares como Leandro Gomes de Barros, Cordeiro Manso e ainda João Martins de Athayde. Também no volume “Bento, milagroso de Beberibe, vem uma “Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira”, inventada ou registrada por Leandro Gomes de Barros. Cabeceira a horas tantas canta assim, se gabando:

(A): editados >e<

“ Fiz Romano atropelar-se
E fiz Germano correr
Abocanhei Ugulino
Porém não pude o morder.”

Nota MA: a lápis azul:” usado” sobre o texto e cruzeta.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliografica.

Verificação:

ATHAYDE, Heitor Martins de. Historia do menino da Floresta, s/d.

Nota MA: a grafite: nota “65” na capa do folheto; a lápis vermelho: traço sublinhando palavras do texto.

P. 12

“ [...] Somos pobres miseraves
não temos nem p’ra comer
pode arranjar uma sombra
até o dia amanhecer?!...
nos faça esta caridade
deus ha de lhe agradecer.”

BARROS, Leandro Gomes de. Bento, o milagroso de Beberibe; Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira, Recife: Typ. do Jornal do Recife, s/d.

Nota MA: a grafite: nota “53 na capa do folheto; a lápis vermelho: traço sublinhando último verso.

P.10

“ [...] Fiz Romano atropelar-se
E fiz Germano correr
Abocanhei Ugulino
Porem não pude o morder”
[...]

Nota da Pesquisa: MA era colecionador de folhetos de Cordel, no arquivo do escritor há a série Literatura de Cordel, composta por 87 folhetos.

MA faz referência aos cordéis Historia do menino da Floresta e Bento, o milagroso de Beberibe, como exemplos em que se faz o uso da próclise, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmos exemplos colhido nesta nota de trabalho.

Nota de trabalho, fôlio 56, verso

Transcrição:

1ª plural

A¹: 2ª plural

Nota MA: a lápis azul: “1ª plural”.

Brasileirismo ^{MA-MMA-51-57} ⁽⁵⁷⁾
⁽⁴⁴⁾
Não vê que eu ia andando muito
corregado quando... etc.
Não tem quem sabe nem quem
quem sabe, é isso mesmo!
O que eu vou te dar quas é u-
ma coça!
talqualmente (batullo)
Que d^ê elle?
Que d^ê tempo?
rendy-rous na Baía chama-se recurso
Mas dizer a verdade, eu
dijo mesmo, isso agora não
é que não tem que quererem
nitroca!
Será que vai chover?
Tire essa foja daí!
Aguada, lugar, fonte, onde se bebe
qua

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a tinta e a grafite, rasuras a tinta preta, 1 ficha de papel cartão (7,9 x 11,3 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 57.

Transcrição:

Brasileirimos

Não vê que eu ia andando muito
sossegado quando... etc.

—

Não tem quem sabe nem mané
quem sabe, é isso mesmo!

—

O que vou te dar mas é u-
ma coça!

—

talqualmente (Catullo)

—

Que dê olhe?
Que dê tempo!

—

rendez-nous na Baía chama-se recurso

—

Mas dizer a verdade, eu
digo o mesmo, isso agora [palavra rabiscada]
é que não tem que guerê nem
pipoca!

—

Será que vai chover?

—

Tire essa força d'aí!

—

Aguada, lugar, fonte, onde se bebe
agua

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 281: CEARENSE, Catullo da Paixão. Sertão em flor. 2ª ed., Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1923. (BMA – F/I/b/40)

P. 42

Nota MA: a grafite: nota “Manhã” e traço vertical à margem esquerda do trecho.

“O sonho”

“[...]”

Noiva do Sol!

Irmã das noites argentadas,
que me dás bençãos douradas
com tuas mãos de rosicler!

Manhã,
que nascas, promettendo
a Eternidade,
e nos deixas, sem piedade,
tal-qualmente uma mulher!”
[...]

Triu-batú = ?

Triu-gue = nem triu-gue, muita
elegância e rebu-camento

Thou-page

pouca-dinheio = pouqui-nho

No caso do pronome pessoal como o
pronome complemento, pode-se dizer
que pode ser empregado desde que
se elle pode deprender, imaginar qual-
quer verbo. Ex Vi elle na rua de S.
Bento: Vi elle passando pela rua
de S. Bento. Onde era sem taxa e
ignora e inutilizavel, e quando
tal verbo eliptico não pode se formar
alguma vez suposto. Ex: Botei elle
em cima da mesa.

Gramadela = canto de coruja, regongo?
«nem urro de onça, nem gramade-
la de jururutu (coruja)» A. Rangel.
cit por Texeira 344. Figueiredo não
conhece

ôlho = fronde da palmeira

mexida = cybrellio, trapalho da curu-
la, congue de fôro e brechilheiro B.P.

desbaratar com = dar estrilo e fora

Transcrição:

Timbatú=?

—

Trinque= num triuque, muita elegancia e rebuscamento

—

Trompaço

—

poucadinho=pouquinho

=
No caso do pronome pessoal como pronome complemento, pode-se dizer que pode ser empregado desde que se lhe pode depois imaginar qualquer verbo. Ex Vi êle na rua de S. Bento. Vi ele passando pela rua de S. Bento. Onde essa sintaxe ignara é inestilizavel, é quando tal verbo eliptíuo não poude de forma alguma ser suposto. Ex: Botei êle em cima da mesa.

=

Gramadela= canto de coruja regongo?
“Nem urro de onça, nem gramadela de jucurutú (coruja) A. Rangel. cit por Teschauer 344. Figueiredo não consigna

=

ôlho= fronde da palmeira

=

~~mexida= embrulho, trapalhada, enredo, confusão (não é brasileirismo[.])~~ [Conf]

A¹: >mexida= embrulho[..] brasileirismo<

=

desbaratar com= dar estrilo e fora

=

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliografica.

Verificação: a pesquisa não localizou as referências indicadas na nota de trabalho.

Meu Deus! esse menino tem bo-
queto, hoje!
MA-MMA-51-(58)
4/4

«direitinho» que não dá em
venta» expressão nordestina, me comu-
nicada pelo Sr. Camarã Barroso

estapaferdio

festar e andar festando (usado no
Litoral do par. presente) = andar
muito em festas, gozar de festas

desbaratar com fulano = passar
pito, descompostura

Assentamento: de assentar

gapiçar-se (brasilismo?) Fula-
no foi fazer o discurso e se expôs

andar, estar na gaudaria

Quem que fez isto! (sereno na Flôr tem
exemplo p. 156)

apagar a vela e acabar com um doce, um vinho

tatorana ou mandarova

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a tinta e a grafite; rasuras a grafite, 1 ficha de papel cartão (7,9 x 11,3 cm), amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 58.

Transcrição:

Meu Deus! Esse menino tem bo-
gueto, hope!

=

“direitinho que nem dedo em
venta” expressão nortista, me comu-
nicada pelo L. Camara Cascudo

=

estapafurdio

=

Festar, andar festando(usado so-
bretudo no part. presente)=andar
muito em festas, gostar de festas

=

Desbaratar com fulano= passar
pito, descompostura

=

Assentamento= de assentar

=

Espixar-se (brasileirismo?) Fula-
no foi fazer o discurso e se espichou

A¹: ^espichar^

=

andar, estar na gandaia

=

Quem que fez isto! (Serenio na flor tem
exemplo pg 156[])

(A): ^isso^

A: lapso: parênteses

=

apagar a vela= acabar com um doce, um vinho

=

Tatorana ou mandarová

=

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliografica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

PEREIRA, José Florencio. Sereno na flôr. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA – E/I/a/136/)

P. 156

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Quem que sabe que cor é a dor?”.

“Tola pergunta”

[...]

É muito simples:

É o amor;

E a doença que se soffre;

Quem que sabe que a cor é a dor?

Ou também é o pensamento?

Pode ser o sonhador.

O prazer ninguém vê;

Não pode definir a cor.

[...]

Nota da Pesquisa: na folha de rosto de Sereno na flôr, de José Florencio Pereira, há outras notas marginais de MA, destacamos àquela que faz alusão a proposta d’A gramatiquinha da fala brasileira: “Política 129 – Lirismo brasileiro 129” .

P. 129

Nota MA: a grafite: dois traços verticais à margem direita do trecho e nota “Politica/ Lirismo/brasileiro”.

“O sereno na flôr em resposta”

[...]

Não gosto de politica

Não quero ser trahidor

Não quero ser intrigante

Quero o Sereno na flor.

[...]

sacolejar
ausancia
pensamentar
tiorega, burundunga, coisa complicada
254 Leonardo Sueton
estupicio = embullhada barulhenta?
que enfiamento!
Estou vendo a hora em que esse
prato cai
Volta e meia penso nela
Voic' est' fazendo arte da alavan-
ca te cair no pe.
- Viu o artigo de hoje
- Vi n'ao
Parada = quietude. Este menino n'ao
Tem parada n'ao.
emproado = vaidoso no porte
era um moço mau e bo de boa
Tradição, desempenhado, meio ler-
do porém com muita energia nas
cadeiras.

Transcrição:

sacolejar

—
sustancia

—
pensamentar

—
tiorega, burundunga, coisa complicada
294 Leonardo Motta

—
estrupicio=embaralhada baru-
lhenta?

—
Que enfadimento!

—
Estou vendo a hora que esse
prato cai

—
Volta e meia penso nela

—
Você está fazendo arte da alavan-
ca te cair no pé.

—
—Viu o artigo de hoje
—Vi não

—
Parada=quietude. Este menino não
tem parada não.

—
emproado= vaidoso no porte

—
Era um moço mancebo de boa
tradição, desempregado, meio ler-
do porêm com muita energia nas
cadeiras.

—

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

BPG: nº 170: MOTTA: Leonardo. Violeiros do norte: poeisa e linguagem do sertão nordestino. São Paulo: Companhia Graphico- Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA – F/I/a/42)

Nota MA: não apresenta.

P. 294

“Modismos e adagiario”

“Tiorega – coisa complicada. Corresponde a burundanga, istrovenga. Ex: Que é aquillo? Que diabo de tiorega será?”

Brasileirismo ^{MA-MMA-51-(59)}
44

"Me levanta..."

m 224-II-46

"Me interroga..."

224-III-183

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 59.

Transcrição:

Brasileirismo

“Me lembrava...”

n 224-III-46

“Me interrogaste...”

224-III-183

Nota MA: lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

VARELLA, L. N. Fagundes. “Anchieta ou o Evangelho nas selvas”. In: Obras completas. Edição organizada e revista, e precedida de uma noticia biographica por Visconti Coaracy e de um estudo critico pelo Dr. Franklin Tavora. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, v. III. (BMA – A/II/d/60)

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Nota MA a grafite: cruzeta às margens e traços sublinhando "Me lembrava", "Para" e "O sol nascente as selvas ilumina"..

Anchieta ou o Evangelho nas selvas"

"Canto I – XLII"

— 46 —

E quando a noite entristecer os valles!
Que este nome divino vos console,
Vossos actos inspire e vos proteja!

XLII

A multidão retira-se. Entretanto,
Uma singela filha das florestas,
Uma creança tímida, mimosa,
Bella como a innocencia, pensativa
Senta-se á porta da tristonha ermida,
E considera attenta e longamente
A imagem do Senhor, onde repousa,
Como um olhar de amor e de piedade,
O suave clarão da madrugada.
— Nahyda! — Padre, vos espero, vamos.
— O que fazias, filha? — Me lembrava
D'essa creança que saudaram anjos
No pobre, escuro berço, e considero
Esta imagem sanguenta, descarnada,
Coberta de feridas horrorosas!
Responde a ingenua, candida menina,
Ao caridoso mestre. — Oh! que bem fazes!
Diz este amargamente; os sabios todos
Si assim pensassem quando os livros volveem,
E buscam monumentos no passado,
E perdem-se em audazes conjecturas,
Mais felizes seriam!... Vamos, filha,
Levanta-se Nahyda, e ambos caminham
Para a afastada, misera choupana,
Onde a mãe da innocente, cuidadosa,
Grosseira refeição prepara, e espera
A delicada filha e o sabio mestre.
— O sol nascente as selvas illumina.

Nota MA a grafite: cruzeta à margem direita e traço sublinhando "Me interrogaste".

"Anchieta ou o Evangelho nas selvas"

"Canto VI- XI"

— 183 —

XI

— Porque me obrigas tu, velho insensato,
A revelar mysterios de além-mundo?
Disse, fitando amortecidos olhos
Sobre o ousado judeu. Me interrogaste
Em nome do Senhor... cala-te e escuta :
Eu jazia prostrado e sem conforto
No leito da doença, e como a chamma
Vacillante de um cirio que se extingue
No silencio da noite, pouco e pouco
Fugia-me da vida o frouxo lume.
No céu crepuscular, no céu dos mortos,
Eu via ao longe, turvas, indecisas,
Perderem-se do mundo as ribanceiras
Como illusões brumosas do deserto...
Sumira-se o passado; instavel gotta
Pendida á borda de profundo abysmo,
Quasi a cahir, librava-se o presente;
E além, no seio horrendo do infinito,
Avistava o futuro, horrenda porta
Coberta de decretos insondaveis,
Negra, e sempre fechada!... Aspero inverno
Vertera o gelo dos polares climas
Em minhas veias tumidas... As horas
No quadrante do tempo se apagavam...
Como o cedro gigante das montanhas
Range, estorce-se, estala, oscilla e tomba,
Senti dentro em mim mesmo alguma cousa
Estalar e cahir!... Alva sublime
Às trevas succedeu do pensamento :
Achei-me leve, candido, impalpavel
Como o ether subtil que me cercava!
E d'essas regiões da eternidade,

Nota de trabalho, fôlio 59, verso

1^o pessoa

Transcrição:

1ª pessoa

Nota MA: a lápis azul: “1ª pessoa”.

Nota de trabalho, f6lio 60, anverso

MA-MMA-51-60
44
Braniceanu
me parece
Vepa 399 / 185 e 22
MA

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 60.

Transcrição:

Brasileirismo

Me parece

Veja 399 p 185 e ss

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 399: MARROQUIM, Mario. A lingua do nordeste (Alagôas e Pernanbuco). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (BMA: E/I/c/64)

A LINGUA DO NORDESTE 185

Senhora dona da casa
Saia fora do copíá,
Que os cantadô da ribêra
Querem todos *lhe* louvá.

Gustavo Barroso — "Terra de sol",
237.

COLOCAÇÃO DOS PRONOMES

178. Onde a sintaxe do pronome obliquo mais se alterou, no dialeto, foi na topologia.

A colocação dos pronomes no nordeste é a do Brasil, em geral: diversa da portuguesa e tão certa na sua divergencia quanto a lusitana. É que a nossa colocação obedece, como observa Said Ali, a exigencias foneticas; é uma função do ritmo e portanto é logica e natural dentro do equilibrio da nossa frase.

179. Pode-se iniciar periodo com pronome obliquo.

É essa a regra geral da colocação em todas as classes; não só no nordeste, como no resto do Brasil.

Me mande pr'o Piôhy
Me venda a trôco de gado.

"Cantadôres", 211.

X
~~Se~~ vendo o compadre pobre
Naquella vida apertada...

"Violeiros do Norte", 126.

Me dê certinha a lição
Me diga qual o vivente
Que tem cinco coração.

Idem, 217.

"*Me* desculpem, mas eu não posso deixar de
dar a palavra ao meu amigo".

Jorge de Lima, "Dois ensaios", 101.

"*Me* dê uma fumaça".

"Bagaceira", 170.

"Você já viu que tanto cheiro? *Me* diga
só".

Idem, 67.

"Arta! Não me pinique! *Me* largue de
mão"!...

Idem, 88.

"*Se* levantou da cama e com um gesto, esse
sim"! :

Mario de Andrade — "Macunaima",
61.

"Foi gente! *Me* mostra quem era"!

Idem, 64.

"*Me* escondam, padres"!

Idem, 175.

Me deixou em cima da cama com a barriga rachando, e damnou-se.

Lins do Rego — "Menino de engenho", 60.

180. Nas locuções formadas de verbo auxiliar seguido de um infinito, o pronome, em geral, fica entre os dois:

"Meu patrão vou *lhe* dizê:

Lá no ceu tem seu assento"...

Anselmo Vieira — "Cantadôres", 212.

"Tou amarelo de vê *se* dizê:"

Idem, 338.

"Tudo isso foi *se* offrecê, dizendo"...

Idem, 339.

"Quem foi que já viu *se* mettê marcha em
[besta]"?

Idem, 350.

"Home você quererá *me* matá"?

Idem, 353.

"Sabe *me* dizê si aproveitáro o couro della"?

Idem, 355.

181. A's vezes, entretanto, o pronome se pospõe também ao infinito.

Santo Antonio tem um vintem
 As almas um Padre-nosso
 Pr'esse nêgo arremetê
 Que eu quero quebrá-lhe os ósso.

Maria Tebana — "Cantadôres", 215.

Vou fazê-lhe uma pergunta
 Pra você me distrinchá.

Idem, 216.

Essa indecisão topologica atinge o pronome em todos os casos em que houve modificação dialetal, excetuada a colocação inicial na frase, que é constante.

182. Nas clausulas adjetivas com *que*, é vulgar a colocação correta do pronome:

Estou virge de ver no mundo
 Cantador *que me* admire.

Romano — "Violeiros", 78.

Ouve-se entretanto, também: a muié *que enterrou-se* hoje de manhã, morreu de uma dô de banda, lá nela".

Ferino Jurema, cantadôr, em carta a Romano, diz:

Quero te contar, Romano,
 O *que tem-me* assucedido.

"Violeiros do Norte", 72.

183. Da mesma maneira é comum a má colocação em frases negativas e depois do particípio passado.

No numero de 12 de Maio de 1933, do centenario "Diario de Pernambuco", encontro: "Hontem ás 3 horas, dirigiu-se á casa da ex-companheira *não encontrando-a* em casa".

"O Estado", jornal de Maceió do mesmo dia, em letras gordas, assim intitula uma noticia: "*Teria lançado-se* ao mar o pobre homem?"

184. É comum lêr-se: *vende-se flores, concerta-se calçados*, em taboletas e letreiros. É a sintaxe geral mesmo nas classes cultas. Não existe, em tais casos, de forma alguma, a intuição do *se* apassivador.

185. Os verbos pronominais são reforçados com mais um pronome: "O home *se danou-se* cum a histora".

Rir-se, devido a essa tendencia, transforma-se entre o povo, no verbo *sirrir*:

"Deixe de está *sirrindo*, creatura". "Eu estava *sirrindo*, por isso apanhei".

Sente o matuto, entretanto, que é errado esse emprego e, quando capricha em falar certo, emprega *sorrir*, pela semelhança entre os dois termos.

"Corto-te o beijo de cima
Faço *sorrir* sem querer".

Sgverino Perigo — "Violeiros", 86.

CONSTRUÇÃO

186. Na construção da frase, o matuto usa com frequência de transposições e anacolutos. A contaminação sintática é também muito comum. Sua linguagem tem por vezes verdadeiro sabor classico.

Nos desafios, e emboladas a urgencia do im-proviso estabelece o cruzamento das construções, coisa também vulgar na conversação.

Camões empregou:

"e bem parecem
Que nunca brando pântem conheceram".
"Lus.", VI, 17.

Cruzamento de duas construções: *parecem
nunca ter conhecido brando pântem, e parece que
nunca brando pântem conheceram.*

Diz Serrador, vate popular pernambucano:

Angú de milho e feijão
Que macassa é seu nome,

Nota de trabalho, fôlio 61, anverso

MA-MMA-51- (61)
Brasileirismo
"Me avie"
5-04, 5-7
M

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 61.

Transcrição:

Brasileirismo

“Me avie”

504, 57

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°504: AZEVEDO, Aluizio. O cortiço. Rio de Janeiro/ Paris: Livraria Garnier, 1925.(BMA – A/ II/c/18)

P. 57

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Me avie” e cruzeta à margem direita do trecho.

Capítulo: “III”

[...]

“– Me avie, seu Domingos! Eu deixei a comida no fogo!”

[...]

Nota da pesquisa: esta não é a única nota marginal registrada por MA na sua leitura d’O cortiço. Há em outras páginas do romance, a grafite, notas que se referem a temas que muito o interessavam, como: brasileirismos, brasileirismos sintáticos, provérbios, verbetes e expressões para Dicionário musical brasileiro, questões relacionadas à música brasileira, à feitiçaria e à medicina popular e afirmações que poderia considerar para o estudo de Preto.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Acadêmica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Brasileirano ^{MA-MA-51-(62)}
44
"Te refo, te procura"
principia q. Dias
numa estrofe.
n 199-I-148
N

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 62.

Transcrição:

Brasileirismo

“Te vejo, te procuro”
principia G. Dias
uma estrofe.

A¹: ^umas^

n 199-I-148

Nota MA: lápis azul “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°199: DIAS. Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto de Souza Silva e procedida de uma notícia sobre o autor e suas obras pelo conego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo I. (BMA – A/II/d/62)

P. 148

Nota MA: a grafite: traço sublinhando frase do trecho e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“Harpejos”

[...]

“Te vejo, te procuro,
Teus mudos passos sigo,
Emquanto, leve sombra,
Fugindo vais de mi’!
Unido ás notas da harpa
Percebo um som amigo,
Que me recorda o timbre
Da voz que já te ouvi!”
[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

MA-MA-51 - (63)
Brasileirismo (44)
se afoelhar
"Mas o gamba' pe-
diu muito, se a-
foellhou, fez muita
labra ---
296 p 11

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 63.

Transcrição:

Brasileirismo
se afogar

“Mas o gambá pe-
diu muito, se a-
joelhou, fez muita
labia...”

296 p 11

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n° 296: AZAMBUJA, Darcy. No galpão (contos gauchescos), 2ª ed., Porto Alegre: Livraria do Globo, 1925. (BMA – F/I/b/44)

P.11

Nota MA: a grafite: circunferência e traço destacando “se ajoelhou” e cruzeta à margem esquerda.

“Fogão gaúcho”

“[...] Mas o Gambá pediu muito, se ajoelhou, fez muita lábia, e então o Grachaim disse:”
[...]

Nota da Pesquisa: na obra No galpão há muitas notas marginais de MA, focalizando o próprio livro, assim como outros interesses de pesquisa, sobretudo, a questão do léxico e das expressões brasileiras. À margem das páginas, MA escreveu “Lendas”(página 14), “Religiosidade” (página 49) “Fandango/por/baile”(página 56).

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Acadêmica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Se Torue ^{mt-mmt-51 - (64)}
Brasileiro ⁽⁴⁴⁾

Dize-lhe o padre: - Meu
filho
Não persista no pecado,
Deixa a carreira dos cri-
mes,
Se Torue um regenerado
Si me promete deixar,
lhe prometo trabalhar
Pra você ser perdoado
"Conselho de padre
Cura a alma"
folheto (Paraiíba)

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 64.

Transcrição:

Se Torne Brasileirismo

A¹: +Brasileirismo+

Disse-lhe o padre: – Meu
 Filho

Não persista no pecado,
Deixa a carreira dos cri-
 mes,

Se torne um regenerado

Si me promete deixar,

Lhe prometo trabalhar

Pra você ser perdoado

“Conselhos de padre

Cicero a Lampeão”

folheto (Paraíba)

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

F.C. Baptista Irmão (editor proprietário). Poesias populares “Conselhos do Padre Cicero a Lampeão”. Parayba do Norte, s/d.

Nota MA: a grafite: na capa do folheto “7”.

“[...] Disse-lhe o padre: – Meu filho,

Não persista no peccado,

Deixe a carreira dos crimes

Se torne um regenerado.

Se me promete deixar,

Lhe prometo trabalhar

P’ra você ser perdoado.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

MA-1117-51-65
65
44
Brasileirismo
"Se cultivava muito
milho, também fei-
jões, aboboras..."
293 p 30
N

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 65.

Transcrição:

Brasileirismo

“Se cultivava muito milho, também feijões, aboboras...”

293 p 30

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n° 293: BRITO, Severino de Sá. Trabalhos e costumes dos gauchos. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928 (BMA – F/I/b/36)

P. 30

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Se cultivava” e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“Estancia e seus trabalhos”

[...]

“Se cultivava muito milho, também feijões, aboboras, melancias, melões, etc.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

Nota de trabalho, f6lio 66, anverso

MA-MMA-51 (66)
(44)
Brasileirismo
Que havendo-lhe
500, 37

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 66.

Transcrição:

Brasileirismo

Que havendo-lhe

500, 37

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº500: BRANDÃO, Ambrósio Fernandes. Diálogos das grandezas do Brasil. Introdução de Capistrano de Abreu e notas de Rodolpho Garcia. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira – II Historia/ Officina Industrial Graphica, 1930. (BMA – E/I/d/18)

Nota da Pesquisa: entre as páginas de Diálogos de grandezas do Brasil, encontrava-se nota explicativa – em papel cartão, datiloscrito a fita preta, sem assinatura e data – sobre o livro: “A apresentação é em forma de diá-/ logo, no qual são dadas informações/sobre as condições gerais do colo-/nizador nas capitâneas do Nordeste./Foram escritas em 1618, porém só pu-/blicas integralmente em 1930. Seu/ autor é Ambrósio Fernandes Brandão”. A nota explicativa, na ocasião, foi entregue por mim à bibliotecaria do IEB-USP.

DIALOGO PRIMEIRO

que tenho ouvido contar a um Peruleiro, homem nobre e rico, e não pouco sciente.

ALVIANO

E que é o que haveis ouvido a esse Peruleiro?

BRANDONIO

No anno de oitenta e seis veio a Pernambuco este homem de que trato, o qual me relatou que havendo-lhe succedido a um irmão seu, na cidade de Lima, um negocio pesado, pelo qual o vice-rei trabalhava summamente de o haver ás mãos pera effeito de fazer nelle um exemplar castigo, lhe foi necessario ausentar-se; e por ser buscado por todas as partes, temeu que, se caminhasse por longo da costa, pudesse ser achado, e, querendo desviar-se deste temor, se metteu pelo sertão a dentro com outros dous companheiros que o quizeram acompanhar, e tendo andado, segundo seu parecer, cerca de cincoenta leguas, encontrára um rio o qual, posto que dalli tomava principio, no modo do seu canal lhe parecêra que devia de ser caudaloso, ajuntando-se a isto o ver que suas aguas caminhavam contra o Oriente, veio a cuidar que por ventura viria a desembocar desta outra parte, na costa do Brasil, para onde elle desejava summamente de passar; pelo que, provendo-se de alguns mantimentos, que lhe deram os indios que á roda habitavam, a troco do resgate, e havendo delles mais alguns anzões, em uma canoa que no proprio rio achou, com os dous companheiros que o seguiam, se metterá nella, navegando sempre pela corrente abaixo, por onde de cada vez se ia o rio mais alargando e fazendo o seu canal mais profundo, até que topou com uma cachoeira, por onde as aguas se despenhavam, de muito alto, por entre grandes penedos, de modo que pera haverem de passar por elles, lhe foi necessario tirar a canôa ás costas pela margens do rio até descerem dos penedios; que dalli cousa de 150 leguas mais abaixo, segundo sua estimação, acharam tambem outra cachoeira, que passaram da mesma maneira; de onde navegaram sempre, sem terem outro impedimento, até desembocarem neste rio, de que tratamos, das Amazonas; de onde por ser verão, na mesma canôa, ao longo da costa, passaram ás Indias,

DIALOGOS DAS GRANDEZAS DO BRASIL

levando por mantimento do muito peixe que sempre pescavam, e alguma agua que ajuntavam em cabaços.

ALVIANO

Se isso passa dessa maneira, podera Sua Magestade forrar muito gasto com navegar a sua prata por esse rio abaixo.

BRANDONIO

Assim m'o affirmava o Peruleiro, dizendo que seu irmão notára, com muita curiosidade que, fazendo-se duas povoações nas duas cachoeiras, que pelo rio arriba havia, não tão sómente podia Sua Magestade navegar por elle abaixo a sua prata, mas ainda os mercadores levariam as suas mercadorias para o Perú pelo mesmo rio acima, com forrarem tão grande gasto quando fazem com ellas pelo comprido caminho por onde as levam (8).

ALVIANO

E as cachoeiras que dizeis haver nesse rio, não dariam impedimento a essa navegação?

BRANDONIO

Pera isso dizia elle que era necessario que Sua Magestade mandasse lavrar tres esquipações de barcos, uns que levassem a fazenda e trouxessem a prata e mais cousas da foz do rio até a primeira cachoeira, e outros que a levassem e trouxessem da mesma maneira, da primeira até á segunda; e outros dalli até donde o rio toma principio; porque, como as partes, nas quaes se havia de fazer as taes mutações, estivessem povoadas, seria facil o pôr-se em uso.

ALVIANO

Se isso passa na fórma que esse Peruleiro vo-lo relatou tenho pera mim que não devem de passar muitos annos sem se tratar dessa navegação, com grande utilidade dos mercadores e moradores do

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 67.

Transcrição:

Brasileirismo

Com olhos sempre postos na ordinaria,
Vos dou os parabens...

197-VI-116

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº197: MATTOS, Gregorio. Obras: VI – Última. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1933. (BMA – A/II/b/45)

P.116

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “vos dou” e cruzeta à margem esquerda do trecho.
“XX – Ao Governador Antônio Luiz, vindo por Sua Majestade a mercê ordinária em dia que fazia anos.”

[...]

“Com olhos sempre postos na ordinária
Vos dou os parabéns sem falso engano
De ver-vos contrastando a sorte vária”

[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

MA-MMA-51-(68)
44
Brasilirismo
Syntaxe
"Nunca mais que o
bagage queionasse
em suas fornalhas"
484, 170

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 68.

Transcrição:

Brasileirismo

Sintaxe

“Nunca mais que o
bagaço queimasse
em suas formalhas”

484,170

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº484: REGO, José Lins do. Banguê. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934. (BMA – C/II/f/125)

Nota da Pesquisa: como na página 170 do romance Banguê há nota marginal de MA, a grafite, referindo-se à página 206, fizemos a digitalização desta que, por sua vez, apresenta outras referências: “p.218/ 234/ 237/ 279. Todas as páginas aludidas exemplificam a mesma contrução sintática: “nunca que + verbo conjugado no subjuntivo.

P. 170 [faz menção a 206 e 171 e outras]

Nota MA: a grafite: à margem esquerda: "Brasileirismo/ p. 206", traço sublinhando "Nunca mais que o bagaço queimasse em suas fornalhas".

Capítulo "IV"

aquella noticia me surpreendeu. Estaria nas ultimas.

Quem lhe estaria fazendo o sinapismo de mostarda? Era o unico remedio que lhe servia. Da ultima vez fôra Maria Alice. Gostava tanto della! Brigavam os dois. Levantára-se da cama de couro pelas mãos della.

Tia Maria estaria lá, na certa. Passamos pelo Commissario quase ao escurecer. Os paredões do engenho, caídos, a roda preguiçosa deitava na terra, com os dentes podres de ferrugem. E a casa-grande pendida para um lado, sem portas nem janelas, de buracos abertos como uma caveira. Era aquillo um engenho de onde ha annos, cargas de assucar bruto saíam para Goianna. Ahi o primo Jorge falou-me:

— O velho comprou aos herdeiros. Brigaram no inventario, que só cachorro. E um vendeu uma parte. Depois os outros. Estão na miseria no Itambé. O pae ganhou dinheiro aqui, nesta gangorra. Era um matuto direito, pagador. Mal fechou os olhos, os filhos estraçalharam tudo.

E o pobre do Commissario, naquelle estado, comprado, em mãos de outros que só queriam saber de suas terras. Nunca mais que o bagaço queimasse em suas fornalhas e que o boieiro botasse fumaça para cima. Era só terra e mais nada.

A lua nos pegou no Oratorio. A casa do tio Zezé, na beira da estrada, não tinha mais frente. Viam-se os quartos, a sala de jantar, as paredes de taipa, ruindo. Ali morara o Zezé Cabeça de Comarca, aquelle de quem meu avô contava tantas historias.

Já andávamos em terras do Santa Rosa. Tínhamos leguas e leguas a andar, mas o que víamos e o que pisávamos era delle, do meu avô que morria. Ficaria rico com a sua morte. E quando dei em mim estava pensando nesta miseria. Corri da cabeça esta indignidade. Fazer calculos com elle morto, de braços cruzados e eu procurando as gavetas, remexendo os bahús, como um ladrão. Em que engenho ficaria? O Santa Rosa, o Concordia, o Folguedo? Acabasse com aquillo, que era uma infamia.

Avistava-se de longe um cavalleiro desembestado. Chegou-se para nós. Era um portador do engenho, com um recado para o Gamelleira. O velho estava morto. Morrera ás quatro horas da tarde.

Os meus olhos se encheram de lagrimas e os do primo Jorge tambem.

— Acabou-se o melhor homem da varzea, me disse elle.

E fomos andando, a passo lento. O primo Jorge me falando delle. Fôra um parente de verdade. Balthazar morava no engenho do meu avô e nunca lhe dera um tostão de arrendamento. Ficara até mal com o primo, mas nunca que lhe pedisse a propriedade que o outro desfrutava.

Do alto da caatinga víamos o Santa Rosa, todo branco da lua. Estávamos chegando. Como não estaria a casa-grande em reboliço!

A sala de visita com o lustre acceso. E o berreiro dentro de casa. Tio Juca quando me viu me abraçou

— Bote este cachorro no tronco. Metta-lhe a tabica.

E ouvi o grito do pobre, na peia. Por causa de um pau de mandioca! E Marreira me tomando o engenho e eu calado, encolhido dentro de casa, dormindo com dois cabras no rifle. Mandava quebrar os ossos de Pinheiro.

Deixe de ser fraco, me dizia o homem de vergonha. Não lhe ouvia os conselhos. A' noite, trancava as portas. Nunca mais que saísse do engenho para dar uma prosa no Maravalha. Tinha medo do que andava lá por fóra, como nos tempos do bicho carrapatú.

Uma noite, bateram-me na porta com força. Que diabo seria aquillo? O cabra Floriano abriu. Era um recado da casa de seu Lula: o velho estava morrendo.

IX

De manhã, fui ao Santa Fé para ver um quadro impressionante: seu Lula estendido na sala de visitas, numa cama de vento, com uma vela accesa e um crucifixo de braços abertos, na parede. A filha e a mulher chorando num canto e os tapetes velhos e aquelle cheiro de morte, rescendendo. Só ellas duas e o negro José Ludovina, que era afilhado do velho. Não tinham nem um vintem para o enterro. Os lençóis da cama eram uns trapos. José Ludovina, o bom negro, tirára do bolso delle o necessario para tudo. Os moradores, pela calçada, sem coragem de entrar. Nunca

Incontestavelmente melhorára de situação. Não devia na praça, pagára os dez contos de Zé Marreira. E contava com cem saccas de lã e assucar purgado para umas duas mil arrobas. Uns cincoenta contos livres, o bastante para fundar uma safra grande. Não me sentia porém tranquillo, descansado com a bôa renda do anno. Sem esforço, o Santa Rosa dera-me aquella meia prosperidade. E com um feitor como Nicolau, banzeiro, de iniciativa quase da mesma especie da minha. Se o meu avô aproveitasse os preços excepçionaes daquelle anno, teria comprado mais de dois engenhos. Nunca elle vendera assucar e algodão por preços iguaes.

A filha de Pinheiro sempre me vinha pedir as coisas. De pés descalços e suja. Se aquella diaba se limpassse, seria uma tentação. Sobretudo, pelos olhos, verdes e grandes. Enormes, aquelles olhos da cabrocha. Os cabellos meio crespos, e o corpo nem parecia de quem passava fome. Carnes rijas. Valeria a pena, se tomasse banho. E o rio tão perto! Não custava nada lavar-se no Parahyba, com sabão da terra, tirando aquelle lodo do pescoço. Podia ser até mais bonita do que Maria Alice. Que belleza tinha Maria Alice? Não. Bonita era muito. A filha de Pinheiro nunca que lhe chegasse aos pés. O moreno claro de Maria Alice, aquellas côxas e o riso que tinha, de uma alegria picante! Nunca mais soubera della. O marido se mudara para o Rio. E lá, no Rio, seria de outros, de rapazes bonitos. Pobre marido, enganado por todos os rapazes bonitos

Nota MA: a grafite: cruzeta à margem esquerda do trecho e traço sublinhando "Nunca que sujasse as minhas mãos!".

Capítulo "XII"

Quem me dissera isto? Não se atreveriam a tanto. Cabra de eito, sim, que se matava sem mais nada.

Um aguardenteiro me procurou para se queixar. O guarda recebera denuncia de aguardente sem sello saindo do Santa Rosa. Os soldados botavam tocaia por todos os lados do engenho.

Coisa de Zé Marreira. Tinha certeza que fôra elle. Jogava com os alliados do Pilar. Com pouco mais, a policia estava batendo em gente, no engenho. O diabo me perseguia, procurando me apertar por todos os cantos. Se não tivesse folego, terminava me passando fogo.

A voz de João Russo ficára nos meus ouvidos. Procurava ouvir outras coisas, mas a fala de seda não se ia embora. "Um servicinho, seu doutô".

Matar um homem, que coisa monstruosa! E com aquella voz doce de pastor, quem diria que João Russo possuísse um coração duro, instinctos de tanta ferocidade? Marreira falava manso, tambem, e se ria com subserviencia, com os dentes brancos de fóra, como um cachorro. "Um servicinho, seu doutô". Nunca que sujasse as minhas mãos!

Marreira acceitaria a proposta.

Numa cadeira, no alpendre, procurava desviar-me para outro assumpto. Pensava em Maria Alice, no povo de Gamelleira, na safra futura. Mas nada. A cabeça só dava para aquelle lado: João Russo, a fala de seda. Podia ser que nem tivesse coragem e se offerecesse sómente para pedir as telhas e não pagar o fôro. Não tinha cara de homem disposto.

Nota MA: a grafite: cruzeta à margem direita do trecho e traço sublinhando "Nunca que ficasse em luta com o neto do coronel Zé Paulino".

Capítulo "XIII"

XIII

Zé Marreira me mandou a resposta em carta. Carta escripta a machina, em papel timbrado da Usina S. Felix. Em termos cortezes, com as deferencias de correspondencia commercial, elle prevenia que não podia acceitar a minha proposta, porque a Usina lhe offercera melhores condições. Estava em negocio com tudo que lhe pertencia com a firma proprietaria da fabrica. Entretanto, eu tinha preferencia. Mas onde buscar os 70 contos ?

O moleque dera-me um golpe decisivo, passando a briga para um mais forte do que eu.

No outro dia me procurou para dar todas as explicações. Nunca que ficasse em luta com um neto do coronel Zé Paulino. Conhecia o logar delle, era pequeno. Brancos que brigassem com brancos. X

Tive vontade de pegar o moleque para um ensino. Floriano, na banca, me garantiria na investida. Marreira não alterava a tranquillidade da physionomia.

Fizera muito mal, lhe disse eu. Elle ou qualquer outro não se metteria dentro do meu engenho contra a minha vontade. As cannas, estava direito que vendesse, mas com relação a bemfeitorias a usina ia vêr. Era assim que elle me pagava a minha bôa vontade, permitindo que crescesse as suas plantações, enchendo as minhas terras de gado ? Em que engenho elle encontraria tolerancia igual ? E lá vinha a fala mansa:

acusar, chamando-o de peste, de negro mau. Nunca que Marreira chegasse aos pés de Nicolau.

Nicolau adivinhava os meus pensamentos. Desconfiou das minhas intenções com a filha de Pinheiro e andou atrás de Das Dores, caçando a menina para mim.

Das Dores, porém, não chegou para o senhor de engenho. Fugiu com Francelino purgador. Com ella, era a segunda mulher que elle pegava, desde que estava no Santa Rosa. Fôra até bom que succedesse aquillo, senão estaria com mais um remorso para me perseguir.

Não era um homem ruim, um indifferente á sympathia humana. O que me faltava era o meu ambiente natural. Não nascera para dirigir coisa nenhuma. Podia ser bem feliz por outros cantos. Para que então o meu apego ao Santa Rosa? Já que não pudera com a vara de commando do meu avô, que dêsse o fóra, debandasse. A usina andava com fome de terras. Vendesse-lhe o meu engenho. Milhares de toneladas as minhas varzeas forneceriam. Altos como os meus não existiam em parte nenhuma. Apurava bem apurado o Santa Rosa. Mettia o dinheiro no bolso e ganharia para onde Marreira não me tirasse o somno e nem dormisse com lagartas na cabeça, letras vencidas e filhos da puta se parecendo commigo. Dormiria com Laura. E se não gostasse, dormiria com outras. Não havia só Maria Alice no mundo. Vendendo o Santa Rosa á usina, estava com a vida larga, com juro de doze por cento me sustentando a ociosidade. Escreveria livros, faria figura nos jornaes, retrato em revistas, elogios, gloria.

Brancurruu
MA-MNA-51-69
441
O homem que en gosto
O que en gosto e fru-
tas
etc
n197-IV-89
V-359

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 69.

Transcrição:

Brasileirismo

O homem que eu gosto
O que eu gosto é fru-
tas
etc

n 197-IV-89
V-359

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°197: MATTOS, Gregorio. Obras: IV – Satirica. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, volume I. (BMA – A/II/b/43)

P.89

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “o” e cruzeta à margem direita do trecho.

“II – Em defeza do Governador Antonio Luiz da Camara Coutinho”

[...]

“Cada qual gosta o que gosta;

Uns carneiro, outros perdiz:

Vós, um quarto de enforcado;

Eu, um quarto de pernil.”

[...]

BPG: n°197: MATTOS, Gregorio. Obras: V – Satirica . Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, volume II. (BMA – A/II/b/44)

P. 359

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “alegre o gosta,” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Sextilhas – Aos namorados”

“ O namorado, todo almiscarado,

Já de amor obrigado,

Faz á dama um poema em um bilhete.

Covarde o faz, e tímido o remete:

Si lhe responde branda, alegre o gosta,

E, si tirana, estima-lhe a resposta.”

[...]

Nota da Pesquisa: a estrofe transcrita do poema “II – Em defeza do Governador Antonio Luiz da Camara Coutinho”, de Gregório de Matos, não faz referência exata às expressões registradas na nota de trabalho de MA. Contudo, por ser um trecho que faz menção ao uso do pronome relativo “que” e ao verbo “gostar”, mantivemos a transcrição do exerto.

MA-MNA-51-70
44.
Brasileirinho
Cheio da libra es-
terlina
Mina novela foi
autôgrafa, paulista,
"Situação Inevitada"
diz o Colunista,
Cento

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 70.

Transcrição:

Brasileirismo

Cheio da libra es-
terlina

Numa moda bem
antiga ja, paulista,
“Situação Encrencada”
disco Columbia,
tenho

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: referência discográfica, escólio.

Verificação: na série Discos consta o referido álbum Columbia, número 20021.

Nota da Pesquisa: a capa deste disco não apresenta nenhuma anotação de MA.

MA-AMA-51-⁽⁷¹⁾
41

Brasileirismo

"aguela" por "uma"

"Chegando em casa,
fizeram aguela fozuei-
ra endrme"

755, 172 e 225
e 274; 295;

(dantes n6o se fala
em fazer fozueira)

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 71.

Transcrição:

Brasileirismo

“aquela” por “uma”

“Chegando em casa,
fizeram aquela foguei-
ra enorme”

755, 172 e 225

e 274; 295;

(dantes não se fala
em fazer fogueira)

A¹: + e 274; 295; +

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 755: MAGALHAES, Basílio de. *O folclore no Brasil. Com uma coletânea de 81 contos populares organizada pelo Dr. João da Silva Campos. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1939. (BMA – E/3/e/14)*

P. 172

Nota MA: a lápis vermelha: traço sublinhando “aquela” e “bem de seu”

“Contos e fábulas populares da Baía”

“I – A rainha das onças”

[...]

“E assim tornou a dizer, quando, adiante, a onça-verdadeira a chamou pela segunda vez. Então as onças todas saíram do mato, sangraram-na, bem como ao menino, botando os dois corpos em cima do cavalo. Chegando à casa, fizeram aquela fogueira enorme, assaram-n-os e comeram-n-os, bem de seu.”

P. 225

Nota MA: a lápis vermelho: traço sublinhando “aquele” e “alaúza”.

“Contos e fábulas populares da Baía”

“XXXV – O quibungo e o menino do sco de penas”

[...]

“Estavam nesta contenda, – tem, não tem, – quando ouviram aquele ronco medonho dentro do mato, lá muito longe. Fizeram uma alaúza terrível entre si.”

[...]

P.274

Nota MA: a lápis vermelho: traço sublinhando “aquela” e “aquele”, juntamente com duas cruzetas à margem direita dos trechos.

“Contos e fábulas populares da Baía”

[...]

‘LXII – A caça do mundé”

“Já ia pegando no sono de novo, quando ouviu outra vez a espingarda disparar. Chegando no mundé, encontrou aquela moça que era uma beleza. Ficou muito admirado e perguntou-lhe o que tinha ido fazer ali. Então a moça respondeu, dizendo que havia saído para passear, quando caiu no mundé, e que, si ele tirasse dali, levá-lo ia para a sua casa e se casaria com ele; mas nunca alegasse que ela fora caça do seu mundé. O homem disse que sim.

Carregou a espingarda, o facão, a enxada e o cavador, saindo atrás da moça. Muito adiante viu aquele palácio bonito de fazer gosto e entraram. A moça mostrou-lhe o palácio todo. Depois mandou-lhe botar um banho, mandou vir uma roupa bem limpa para ele mudar, chinelos, etc. Quando acabou, foram para a mesa, que estava coberta de comidas finas e servida por muitas criadas.”

[...]

P. 295

Nota MA: a lápis vermelho: traço sublinhando “aquele”.

“Contos e fábulas populares da Baía”

“LXVIII – Biacão”

[...]

“Trouxeram-lhe uma porção de cebolas, que ele jogou dentro do tal caldo, interinhas, sem lhes tirar a pele, sem nada. Assim que a galinha abriu uma fervura, ele tirou-a do fogo, durazinha, ainda. Botou-a num prato, encheu uma porcelana de caldo, derramou farinha dentro, fazendo aquele mingau, e foi levar tudo a rainha, dizendo:”

[...]

MA-MMA-51-(72)
Brasileirinho (44)
Eu faço isso pra voc6
por
Eu farei
ser6 ap6s casamento?
540,85-

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 72.

Transcrição:

Brasileirismo

“Eu faço isso pra você
por
Eu farei

será africanismo?

540, 85

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: 540: JACQUES, Raimundo. O elemento afro-negro na lingua portuguesa. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933. (BMA – E/I/c/31)

P. 85

Capítulo “XVII – Construções banto-portuguesas. Traducionismo”

Nota MA: a grafite: cruzeta à margem direita do trecho.

“b) O uso generalizado do presente do indicativo em vez do futuro do mesmo modo.”

Nota da Pesquisa: interessante notar que MA apenas destaca na obra de Raimundo Jacques a explicação do fenômeno linguístico brasileiro, porque a exemplificação é dada por orações de sua autoria.

MA-MMA-51-(73)
(44)
Pranileximus
Pronomas
"Te aquieta, menino!"
(Pranil)
em O Jornal (Rio)
18-V-1934
Benda
"babeça de b6ia"

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasura a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 73.

Transcrição:

Brasileirismo

Pronomes

“-Te aquieta, menino!”

(Piauí)

em O Jornal (Rio)

13-V-1934

Lenda

“Cabeça de Cuia”

A¹: 1 ^V^

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na nota de trabalho.

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 74.

Transcrição:

A coloque no altar
bras.

566, 86

(Nos Açores)

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: 566. LIMA, Gervásio. Festas do Espírito Santo: cantores e cantares. Angra do Heroísmo (Açores): Livraria Editora Andrade, 1932. (BMA – E/I/c/32)

P. 86

Nota MA: a grafite: traço sublinhando pronome “a” e cruzeta e nota à margem esquerda do trecho: “Brasileirismo/ em S. Miguel/ Açores)/ E o cantador é/ semierudito, como/ prova a rima dupla/ das quadras”.

“O Espírito Santo na Ilha de S. Miguel”

“ A coloque no altar

E junto o seu sceptro lindo

Onde a corôa hade ficar

Algum tempo residindo.”

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Acadêmica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Nota de trabalho, fôlio 75, anverso

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 75.

Transcrição:

Nos salve
Bras.

510, 207

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica

Verificação:

BPG: n°:510: CARDOSO, Lucio. Maleita: romance. Rio de Janeiro: SCHMIDT, 1934.
(BMA – C/II/d/5)

P. 206-207

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Nos salve” e cruzeta à margem direita do trecho. Capítulo “22”

“[...] Randulpho faiscou-me um olhar repleto de ameaça. Não sei porque, lembrei-me da ‘cericoria’ inútil, brilhando nas mãos ásperas de Manoel Capitão.

– Nos salve agora.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

MA-MMA-51-76
44

lingua

"Te denunciarei,
aim, pois que é
esta a palavra!"

III
n.º 3375 / 169

"Vos revele este
meio?"

op. cat. p. 400

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul e vermelho; rasura a grafite; lápis vermelho, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 76.

Transcrição:

Língua

“Te denunciarei,
sim, pois que é
esta a palavra!”

vol III
nº 337 p 169

A¹: +vol III+
A¹: ^168^

“Vos serve êste
meio?”
op.cit. p. 400

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto; a lápis vermelho: “8” sobre o 169.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº337: ALENCAR, José de. As minas de prata. Nova edição revista por Mario de Alencar. Rio de Janeiro/ Paris: Livraria Garnier, 1926, volume III. (BMA – A/II/b/30)
P. 168

Nota MA: a grafite: traço sublinhando expressão e cruzeta à margem esquerda do trecho. Capítulo “VIII Como broto o amor entre goivos”

“ – Te denunciarei, sim, pois que é esta a palavra; te denunciarei para ter direito de aceitar a vida e liberdade tua que me foi por elle concedida.”

P.400

Nota MA: a grafite: traço sublinhando expressão e cruzeta à margem esquerda do trecho. Capítulo “XVIII O cáos eterno do coração da mulher”

“[...] Então pé em terra, espada ao ar, e á sorte das armas. Vos serve este meio!...”

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

Nota de trabalho, fôlio 77, anverso

Luíza Brasileira
Tr ma miera
em Reg. de Mato
n 197-IV-193

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 77.

Transcrição:

Lingua brasileira

Ir na missa

em Greg. de Matos

n 197-IV-193

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°197: MATTOS, Gregorio. Obras: IV – Satirica. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, volume I. (BMA – A/II/b/43)

P.193

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “na”.

Poema “XX – Queixas da Bahia contra os que a exploram”

[...]

“Quem as vir muito devotas,

Julgarás, sincero e lizo,

Que vão na missa e sermão

A louvar a Deus com hinos.”

[...]

Nota da Pesquisa: no manuscrito Dicção/ romances – notas de pesquisa (MA-MMA- 54) no arquivo do escritor, há uma nota de trabalho que versa sobre “ir na ou ir pra”, fôlio 127.

Nota de trabalho, fôlio 78, anverso

MA-MMA-51-78
44
Linha brasileira
Que é que ?
Gonc. Dias
n/98 p 265

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 78.

Transcrição:

Lingua brasileira

O que é que?...

Gonc. Dias
n 198 p 265

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 198: DIAS, A. Golçalves. Obras posthumas: Poesias posthumas. Precedidas de uma noticia da sua vida e obras pelo Dr. Antonio Henriques Leal. Paris/ Rio de Janeiro: H. Garnier, Livreiro-Editor, 1909. (BMA – A/II/d/65)

P. 265

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “O que” e cruzera à margem direita do trecho.

“Tragedia”

“A noiva de Messina”

[...]

“D. Isabel

O que é que vem? O que me espera? Escuto

Da morte os surdos sons, funebres cantos

Por casa entrando!... Onde é que estão meos filhos?”

[...]

MA-MMA-51-79
44

Dição

Yh a, em vez de
Yh na
te se bem nos bons
quando o Príncipe
pergunta ao Embai-
scados "Você diz que
reis curridá nós
p'a ir um baquete?
Pra ir a um baque-
te.

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, rasuras a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 79.

Transcrição:

Dicção

A¹: *Dixão*

Ir a, em vez de
Ir na
Se ve bem nos Congos
quando o Príncipe
pergunta ao Embai-
xador “Você diz que
veio cunvidá nós
p’a í um banquete?”
Pra ir a um baque-
te.

A¹: *^veis^*

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na nota de trabalho.

Nota da Pesquisa: esta nota de trabalho possivelmente integra o manuscrito Dicção/romance (MA-MMA-54). MA transferiu o documento para A gramatiquinha da fala brasileira.

Gramática ^{MA-MNA-51-} (80)
(44)
O padre disse: - O protejo.
n 185- 189
MNA

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 80.

Transcrição:

Gramatica

O padre disse: O protejo.

n 185 p 89

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº185: MOTTA, Leonardo. Sertão Alegre (Poesia e linguagem do sertão nordestino). Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1928. (BMA – F/I/a/30)

P. 89

Nota MA não apresenta.

“Cantadores de Juazeiro”

“[...] O Padre disse: – ‘O protejo!’

E pediu ao povo inteiro:

– ‘Meus filhos, só façam compra

Ao beato joalheiro!

Não estou pedindo a um só,

Conprem ouro a Móróró

Que elle é muito barateiro.”

[...]

Nota da Pesquisa: no “Índice” de Sertão Alegre (Poesia e linguagem do sertão nordestino), o capítulo “Cantadores de Juazeiro”, bem como em outros, há uma pequena flecha, a grafite, à margem esquerda, destacando interesses do autor.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n’ O empalhador de passarinho. Edith Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n’ O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

3^a plural
não tem -
mas com -
hauzo com

Transcrição:

3ª plural
não tem
mas com-
penso em

Nota MA: a lápis azul: “3ª plural/não tem/mas com-/penso em”.

Nota de trabalho, fólio 81, anverso

MA-MMA-51-81
Dramatizinha
"Este um"
336 p 21

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 81.

Transcrição:

Gramatiquinha

“Este um”

336 p 21

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°336: PIRES, Cornélio. Sambas e cateretês (Folclore paulista). São Paulo: Unitas, s/d. (BMA – F/I/b/32)

P. 21

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “dêste um” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Na roça – Moda da viúva”

[...]

“eles viéro da Óropa

e aquí enriquecero.

O que veiu de adiante

enriqueceu primero

e o que fîcô

veiu por derradero,

e nas costa dêste um

ganhô muito dinhêro.”

[...]

Nota de trabalho, fôlio 82, anverso

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite, 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 82.

Transcrição:

Gramatiquinha

Italianismo

336 p 138

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº336: PIRES, Cornélio. Sambas e cateretês (Folclore paulista). São Paulo: Unitas, s/d. (BMA – F/I/b/32)

P.138

Nota MA: a grafite: traço sublinhando a palavra “capixo” e à margem esquerda autógrafo: “Italianismo”.

“Os violeiros e seus gêneros de modas... – Amoroso”

“Pra cantá e tocá viola

Eu já tenho os exercício,

Pra inventá moda dobrada

Tenho praticado nisso;

Invento modas moderna

De trovação bem difíce;

Sou violeiro puro sangue

Não sou violeiro mestiço,

Eu só sei dansá ‘catira’,

Que o baile eu não capixo,

Eu tenho posto sentido

Que os baile são princípio,

Deixa a rapaziada doida

No ponto de ir pro hospício.

Os baile de hoje em dia

Só virou tango e maxixe.”

Gramatiquinha ^{MA-MMA-51-83}
Brasilto Machado ⁴⁴¹
tem um poema nas
Madresilvas, Porto, Typ-
pografia Central 1876,
chamada "Te esqueceste"
=
F. A. Nozueira da Gama
nos "Matizes", 1887, Typo-
grafia e Comp., S. Paulo,
pg. 87, na conversa pelo te-
lefone entre os Cidades do Rio
de Janeiro e S. Paulo aquela
"Rompe assim, sem mais nem menos
a modo de despertador:
Te saúdo, cai pirincha"

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite e a lápis azul; 1 folha branca destacada de bloco (14,4 x 10,6 cm); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 83.

Transcrição:

Gramatiquinha

Brasílio Machado

(A): *Al*Brasílio

tem um poema nas
Madresilvas, Porto, Ty-
pografia Central 1876,
chamada “Te esqueceste”

=

F. A. Nogueira da Gama
Nas “Matizes”, 1887, Typ
Lousada e Comp., S. Paulo,
pg. 87, na conversa pelo te-
lefone entre as Cidades do Rio
de Janeiro e S. Paulo aquela
“Rompe assim, sem mais nem menos
A modo de despeitada:
Te saúdo, caipirinha”

Nota MA: a lápis azul: “usado” sobre o texto.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

MACHADO, Brasílio. Madresilvas. Porto: Typographia Central, 1876. (exemplar pertencente a coleção de [João Fernando] Yan de Almeida Prado, biblioteca do IEB-USP) P.127-128

Madresilva “Te Esqueceste!” – “Segundo livro”

“Uma noite junto ao lago,
onde as estrellas brilhavam,
nossas mãos, uma na outra,
não sei porque palpitavam;

n’aquella noite de estio
em que as ondas murmuravam.

Quando dizia: eu te amo!
tu suspiravas baixinho

*e estremecião teus seios,
medrosas pombas no ninho...*

*e como em sonhos de virgem
tu suspiravas baixinho.*

*Da fimbria dos horisontes
os anjos nos espreitavão
doudos por verem teus olhos
que de pejo se baixavão...*

*n'aquella noite de estio
em que as ondas murmuravão.*

*E depois quano partimos,
as virações da campina
nos seguião pela estrada
ouvindo-te a voz divina...*

*e teu nome repetição
as virações da campina.*

*Chegados á encruzilhada
Nós balbuciamos um beijo,
Tão depressa me fugias,
Enrubecida de pejo...*

*sob o veu dos teus cabellos
nós balbuciamos um beijo!*

*No emtanto se aquella noite
pudésse embora falar...
do lago, do céu, do beijo,
d'aquelle mago sonhar.*

*eu sei que não te lembraras...
Ai! não sabias amar!"*

Nota da Pesquisa: como MA não possui o título Madresilvas em sua biblioteca, consultei exemplar na coleção do bibliófilo Yan de Almeida Prado IEB-USP, cujas data de publicação e cidade indicadas na nota de trabalho são a mesmas.

O título Matizes, de F. A. Nogueira da Gama não foi localizado na biblioteca de MA, nem em outras coleções.

MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto "O baile dos pronomes", publicado em 7 de outubro de 1941 n' O Estado de S. Paulo, em 12 de março de 1942 na Revista Academica Paulista de Letras e n' O empalhador de passarinho. Edith

Pimentel Pinto em A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto, já havia apontado o uso desta nota n' O empalhador de passarinho.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

Nota de trabalho, fólho 83, verso

Transcrição:

2^a

Nota MA: a lápis azul: “2^a”.

Gramatiquinha MA-MMA-51-24
44

Chamar de feia e' brasileirismo. M. Barreto através do Dicionário pg 255

~~Artigo importante sobre o se~~
~~em esta e a mesma coisa~~
~~através do Dicionário de M. B. pg 294~~

limpar em, assoar em, frar.
limpar a, assoar a, e' brasileirismo: limpou a boca no guardanapo e' brasileiro.
O portuguez fala: limpou a boca ao guardanapo. M. B. Através do Dic 346

gantar em casa, ir ter na cozinha)
brasilismo. M. B. Através do
Dicionário pg 371

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasuras a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,4 x 10,6 cm); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 84.

Transcrição:

Gramatiquinha

Chamar de feia é brasileirismo M :Barreto Através do Dicionario pg 255
=

~~Artigo importante sobre o se-~~

A^l:>Artigo importante sobre [...] 294<

~~eulo~~ [ilegível]

~~Atraves do Dicionario Mario Barreto 294~~

=

limpar em, assoar em, por
limpar a, assoar a, é brasileiro: limpar a boca no
guardanapo é brasileiro.
O portuga fala: limpar a boca ao
guardanapo M.B. Através do Dic 346

=

[()] Jantar em casa, ir ter na cozinha)
brasileirismo M. B Atraves do
Dicionario pg 371

A: lapso: parênteses

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BARRETO, Mário. Através do dicionário e da gramática. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927. (BMA – C/I/d/21)

Nota da Pesquisa: na página de dedicatória da obra, MA escreve, a grafite, a seguinte nota marginal: “Dedicatória tão burra/tão mal redigida que nem/ parece de Mário Barreto.”

AO ILUSTRE PROFESSOR
SR. DR. SILVA RAMOS

Querido mestre,

Ao acabar de escrever o meu sexto volume de estudos da língua pátria, lembrou-me dedicar-lho como a quem é muito benemérito do nosso idioma pelo longo e egrégio exercício do professorado e pelos seus escritos, poucos mas bons (e mais seriam se o não soubéssemos avê-lo à publicidade) e também para me confessar reconhecido pelo alento que me tem dado nestes estudos da língua e pela grande bondade indulgente com que tem julgado os meus trabalhos.

Digne-se, sr. dr. Silva Ramos, aceitar esta pobre homenagem, e conserve a sua benevolência

Ao seu afeiçoadíssimo

MÁRIO BARRETO.

Rio, dezembro de 1926.

*Dedicatória tão burocrática
tão mal redigida que nem
parece de Mário Barreto.*

Nota MA: a grafite: traço sublinhando trecho e notas marginais à esquerda e na parte inferior da página.

Capítulo "LIV"

gem como duma coisa negregada e excomungada, nos garante uma boa syntaxe, nos permite evitar as impropriedades, conservar às palavras o seu verdadeiro sentido, robustecê-las muitas vezes, aproximando-as da sua verdadeira significação etimológica, como faziam muitas vezes os clássicos que alimentaram o seu estilo com forte seiva latina. E' ainda ao latim que devemos poder compreender os escritores dos três ultimos séculos, comunicar com êles plenamente; a êle lhe devemos ainda não acreditar nos barbarismos, solecismos e coisas do arco da velha que o prof. sr. Assis Sintra pretendeu encontrar nas estrofes imortais de Camões e que, para lhe baixar os fumos gramaticais, procurámos rebater em o nosso artigo publicado nesta revista, número de janeiro dêste corrente ano de 1925. Algumas pérolas ficaram de fora, como esta de que nos ocupamos agora. O importuno censor lança em rosto ao cantor dos *Lusíadas* a incorrecção do verso 4 da est. 41, cant. III: *Onde rosto e narizes se cortava*.

Como nas terceiras pessoas do verbo finito e nas formas infinitas o verbo reflexivo pode assumir valor passivo; como o nosso *se* das locuções passivas não corresponde exactamente ao francês *on* e alemão *man*, que na origem significam *homem* e por isso se usam como sujeitos indeterminados com o verbo no singular: *on loue le roi* ou *les rois*, e mais claramente ainda em alemão *man lobt den kōy ap no bñönige*; como em português não seria correcto o dizer *louva-se os reis*, a necessidade de se adoptar medidas de segurança, vê-se lá muitos edificios, na baía via-se muitas chalupas, (contudo, na fala vulgar, usa-se a-miúdo impessoalmente o verbo com *se*: *compra-se livros*, onde *livros* é objecto, em vez de *compram-se livros*), o sr. Sintra caíu na arriosea e meteu no rol dos solecismos o verso *Onde rosto e narizes se cortava*. (1) Enganou-se redondamente, e crítico tão se-

(1) Em frases como as seguintes em que os verbos *poder*,

(análise que si não é mais logica pelo menos é mais espontanea)

Tais proposições entrelaçadas, freqüentíssimas em latim, são possíveis ainda em português em casos como: Recomendo-te César, *que* sabes *quanto* estimo; — estas são as vantagens, *para* obter as *quais* é necessário trabalhar-se muito. “Os membros mais poderosos da nobreza procuravam à porfia sacudir todo o jugo da obediência, *para* lhes impor o *qual* muitas vezes faltava a fôrça.” (A. Herculano, *Hist. de Port.*, I, 244). Cfr. o exemplo de Bossuet: “Il y a partout la difficulté, à laquelle si on succombe, on périt.”

*

* *

Perguntado por outro consulente, respondi que em língua portuguesa se diz com *a* e não *em*: *limpava a calva ao lenço de seda branca, assoava ao seu lenço de fina breta-nha o nariz de um garotete, limpou a bôca às costas da mão, limpava as lágrimas ao avental*, e para o convencer de que assim é, apresentei-lhe uma fileira de exemplos de escritores (Cap. LI do presente volume). Agora o sr. Guedes lembra-me que em francês se diz *se moucher sur la manche* e como *sur* se traduz muitas vezes por *em*, quer concluir que devemos também empregar aqui esta preposição. E’ certo que em francês se diz *se moucher sur la manche*, mas não é menos certo que a tradução portuguesa é *assoar-se à manga*, como o sr. Guedes pode verificar consultando a *Sint. francesa* de Epifânio Dias, § 174, e a *Arte de traduzir o idioma francês em português* (vocabulário dos idiotismos, p. 85) de J. I. Roquête, e estes dois autores, se conheciam bem o francês, não eram menos insignes nas belezas do idioma vernáculo. Uma preposição francesa, como *à* ou *sur*, por exemplo, pode ou deve ser traduzida em português de mui diferentes maneiras segundo os casos. No uso das preposições cada língua segue caminhos próprios, sendo vário o modo de conceber e por conseguinte de exprimir as relações entre uma palavra e a outra. Não se podem dar regras gerais e fixas para uma

língua determinada, pois que cada preposição tem diversos officios e, por outro lado, relações semelhantes ou idênticas podem ser indicadas por preposições diversas.

Quer-me parecer que o sr. Guedes entra em dúvida se deve ser *a* ou *em* porque no dialecto português do Brasil é comum esta última preposição, como se vê no seguinte trecho dum conto do sr. José Oiticica, professor distinctíssimo e simultâneamente elegante escritor: "O illustre mestre parou de rir, limpou *na* manga de riscadinho uma lágrima..." (*Manual de Estilo*, p. 152). Os exemplos que offereci ao outro consulente e aos quais ajunto agora mais dois, mostram ao sr. Guedes que em ultramar se diz *limpar a*: "Os colarinhos arregaçados deixavam arejar as pescoceiras rorejantes de suor, que se limpavam aos guardanapos." (Camilo, *O cego de Landim*, cap. IV, página 32).

O pendão! o pendão!... um trapo bicolor,
A que hoje o mundo limpa o nariz... por favor.

(Guerra Junqueiro, *Pátria*, scena I, p. 12).

*

* *

O que da palavra *mundo* se diz no trecho que de Manuel Bernardes me envia o sr. Guedes e que pertence ao capítulo em que o padre oratoriano lança um bastante aranzel ou rol das galas e adereços femininos, é de todo o ponto exacto. O que talvez lhe pareça um tanto obscuro é para os que têm educação latina um dêsses prazeres e encantos que as velhas *humanidades* nos proporeionam a cada página dos nossos *clássicos*, dos mais perfeitos escritores (*classici* = da primeira ordem). Diz o padre Bernardes: "Tenho reparado em que os latinos a êste ornato e adereços de mulher chamaram mundo; e quer parecer-me que êste nome não só quadra ao seu significado, emquanto quer dizer limpeza, senão emquanto quer tam-

P. 255

Nota MA: não apresenta.

Capítulo “XLVII”

[...]

“3. Sabido é que no dialecto brasileiro se emprega o verbo chamar com a prepôs. de, como no português arcaico.

Você chamou-me de feia.

Me chamou de coisa má.

(Sílvia Romero, *Cantos populares do Brasil*, II, 15)”

P. 371

Nota MA: não apresenta.

Capítulo “LXVIII”

[...]

“Na carta com que satisfizeste o meu afectuoso desejo de saber como iam os estudos, dizes-me que incorres algumas vezes nos erros que são mais comuns no nosso dialecto e que procurar evitar não só no falar, mas também no escrever. Bem se vê que o consegues. Na tua carta escreveste: “... podem ir almoçar a casa”, e não em casa, como dizem freqüentemente os teus condiscípulos, não obstante as contínuas recomendações dos seus professores: dão para complemento com em do verbo de quietude o que é complemento com a do verbo de movimento. Na língua clássica diz-se com a: Tinha desejos de vir esperá-los á estação – Os noivos foram passar a lua de mel a Sintra. – Irá passar alguns meses ao estrangeiro. – Foi ter com o tio à cozinha. – Costumava ir jantar e almoçar a uma estalagem. – Fui ontem vê-la ao Hospital da Misericórdia. – O comerciante José Rocha foi antes de ontem tratar dos seus negócios a Coimbra. – Há dias, ele levou-me a jantar a sua casa.”

[...]

estrangeirismo vocabulares ^{MAZ. MM. 1-51-85}
"Orao alteram de todo a naciona- ⁴⁴
lidade da lingua que allia muito
mais para a forma do que para
a patria das palavras"
M. Barreto Através do Dic. pg 16

"As pressas" e brasileirismo
M. Barreto Através do Dic. 23

Manciras de formar neologismo
M. Barreto Através do Dic. 101

Sobre mistura actual de lingua ate-
raria e popular
M. Barreto Através do Dic. 104

Camuflado e brasileirismo
M. Barreto Através do Dic. 125

De traidores pg 190

Sobre palavras transitorias através do
Dicionário, M. Barreto, pg 215

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,4 x 10,6 cm); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 85.

Transcrição:

Estrangeirismos vocabulares

“não alteram de todo a nacionalidade da língua que olha muito mais para a forma do que para a pátria das palavras”

M. Barreto

=

“às pressas” é brasileirismo

M. Barreto Através do Dic 23

=

Maneiras de formar neologismos

M. Barreto Através do Dic 101

=

Sobre mistura atual da língua literária e popular

M. Barreto Através do Dic 104

=

Caminhão é brasileirismo

M. Barreto Através do Dic 125

=

de traidores pg 190

=

Sobre palavras tranzitorias Através do Dicionário, M. Barreto pg 215

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BARRETO, Mário. Através do dicionário e da gramática. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927. (BMA – C/I/d/21)

III

"Levantou-se maquinalmente, entrou no quarto, vestiu-se às pressas e saiu com os polícias."

Um leitor envia-me este trecho e pergunta-me: "As pressas ou à pressa?"

No Dicionário português de Moraes e no de Caldas Aulete ou Santos Valente como querem outros pode verificar *Um leitor* que a locução adverbial é *à pressa*. Roquette no seu Dic. português-francês também regista *à pressa* (sem s). O meu distinto colega sr. Marques da Cruz, numa obra muito de estimar e trabalhada com esmero, traz uma coleção de locuções e frases viciosas com as suas correspondentes críticas e correções, e nessa lista consta o *às pressas* em vez de *à pressa*. (*Português Prático*, p. 137, 2ª edic., 1923, S. Paulo). Nos escritores, que tenho lido, lá da outra banda do Atlântico, encontro sempre *à pressa* e não *às pressas*. Aqui ponho alguns textos comprobatórios:

"Sai *à pressa* do palácio, corre ao dito lugar, olha para cima, cai-lhe a prumo uma das setas e vaza-lhe o olho direito." (M. Bernardes, *N. Flor.*, I, 59). — "Ao lançar-lha, chamaram muito *à pressa*: — Padre, acuda, acuda, que morre." (Id., *ibid.*, I, 91). — "Aqui recebeu o santo ilustração superior do que era; e chamando *à pressa* um seu companheiro, lhe disse..." (Id., *ibid.*, IV, 238). — "Lembra-me que dizia minha mãe que obras feitas *à pressa* sempre saem atrapalhadas." (Filinto Elísio, *Obras Completas*, t. XI, p. 287, ed. de Paris, 1819). — "Atravessou *à pressa* as salas escuras, os corredores

mal alumiados,..." (Andrade Corvo, *Um ano na corte*, t. II, p. 277). — "... e êle mesmo, sentando-se também, traçou à *pressa* algumas linhas." (Id., *ibid.*, p. 285). — "Vesti-me à *pressa* e parti com meu pai para êste convento." (Teixeira de Vasconcelos, *O prato de arroz doce*, cap. X, p. 56). — "Vestiu-se à *pressa* e saíu." (Camilo, *A Corja*, cap. XV, pág. 297). — "... e estava também entroixando à *pressa* as suas coisas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia." (Id., *Vulcões de lama*, página 166, edig. de 1886). — "Atravessaram à *pressa* o vasto passeio de pedra que separa a calçada das casas." (M. Pinheiro Chagas, *Amigas e Pecadoras*, p. 1, edig. de 1873). — "Era um bilhete escrito à *pressa* por Paula." (Id., *ibid.*, p. 229).

Nos escritores meus patrícios encontram-se frequentes exemplos de *às pressas* (com *s*) como se vê nesta passagem que tomo do mais apreciado romance de Esmeralda Taunay, escritor fluentíssimo e correcto: "E' cair, porém, daí a dias copiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar *às pressas* jardins encantados e nunca vistos." (*Inocência*, cap. I, pág. 27, Rio-de-Janeiro, Laemmert editor, 1899). Nestoutra passagem do nosso romancista Franklin Távora depara-se-nos ainda o *às pressas*: "A mor parte das provas eu as corriji a lápis, no bonde, de viagem, *às pressas*." (*O Cabelo de ouro*, história pernambucana, pág. 316, Rio-de-Janeiro, 1876). E também num dos maiores estilistas brasileiros, burilador finíssimo, — Coelho Neto: "... abandonou a mesa, *às pressas*, engulhando, a queixar-se do estômago." (*Inverno em flor*, 3ª edig., p. 10). Gonçalves Dias, porém, filho de português, de quem herdou o amor à lingua vernácula e o culto pelo passado, diz à *pressa* no singular:

"Um dentre êles, dos mais orgulhosos,

"Sobe à *pressa* nas aspas dum monte.

(*Poesias*, ed. de Leipzig, 1865, t. I, p. 171).

XVII

Ao sr. H. Machado cumpre-me responder o seguinte:

Sem o neologismo as línguas ficariam estacionárias; não teriam saído nunca da infância; não teriam nome grande número de objectos novos, e seria impossível a manifestação de muitas ideias por meio da palavra. Nem sempre, pois, é vício da linguagem o neologismo; pelo contrário, freqüentemente é uma necessidade das línguas. Mas para uma palavra ou uma locução de formação recente serem aceitáveis hão-de preencher as condições seguintes: hão-de satisfazer uma necessidade da língua, designando objectos, expressando ideias ou matizes duma ideia que careçam de palavra apropriada para serem significados; hão-de observar-se na sua formação as leis morfológicas relativas à estrutura das palavras simples e primitivas e à construção das derivadas, compostas e juxtapostas; finalmente, hão-de estar autorizadas pelo uso de bons escritores.

A maior parte dos neologismos são criados pelos processos mais usados da composição portuguesa, a saber: a juxtaposição, a aposição, a formação por meio de partículas. A composição é o meio mais simples, depois das importações de palavras estrangeiras, de enriquecer uma língua, porque apenas se trata, na maioria dos casos, de reunir vocábulos já existentes. Mais habilidade e audácia se requerem para criar palavras pela via da derivação, isto é, formar mediante os diversos sufixos verbos, adjectivos, advérbios e principalmente substantivos

(derivação própria). Além dêsses meios de formar palavras novas, outro processo há mais sutil e que consiste na mudança da função de termos já existentes (derivados impróprios).

Quanto ao verbo *dinamitar* (fazer saltar por meio de dinamite) citado pelo consulente na frase: *dinamitar uma rocha*, já está incluído êste verbo novo no *Dicionário* do sr. Cândido de Figueiredo, e àcêrea de *tzaricídio* (assassinio dum tzar) devo dizer-lhe que os elementos *cida* (criminoso) e *cídio* (crime) do latim *caedere*, cortar, matar, se prestam facilmente à formação de compostos disericionais, tais como *tzaricídio*, *gaticídio*, e outros que se fazem livremente à semelhança de *suicídio*, *deicídio*, *homicídio*, *infanticídio*, *parricídio*, *regicídio*, *uzoricídio*.

Certo que é permitido usar compostos e derivados que não constem nos dicionários; mas torna-se necessário que sejam correctamente formados, e com analogia dos que existam da sua espécie.

Castilho (e tôda a gente sabe com que escrúpulo rigoroso e por vezes excessivo o egrégio poeta e um dos primeiros mestres do nosso idioma observava a pureza da linguagem) diz numa das suas notas ao célebre *Dicionário* de Moraes, notas que estão vindo a lume no *Arquivo Literário*, revista proficientemente dirigida pelo sr. Delfim Guimarães:

"CIDA, subst. m. ou f. *O que* ou *a que* mata. Da raiz latina *caedere*, matar. E' palavra que só se pode encontrar em composição com alguma outra que designe o objecto em que essa morte se executa; vide *leicida*, *regicida*, *liberticida*, *parricida*, *matricida*, *homicida*, *filicida*, *infanticida*, etc.

Como estes se poderão analógicamente formar outros vocábulos com o elemento terminativo *cida*."

"CÍDIO, subst. masc. que só aparece em composições com alguma outra palavra. Deriva-se do latim *caedes*, que significa *morte violenta* ou *assassinamento*; v. g. *homicídio*, *regicídio*, *deicídio*, *par-*

Nota MA: a grafite: traço vertical à margem esquerda, destacando trecho; e traço sublinhando a sentença: "Hoje não pode preconizar-se a manutenção de uma língua literária separada da fala vulgar."

"Capítulo XVII"

leitores, usa o grande romancista do século XIX, cujos livros são para o lexicógrafo um veio rico a explorar.

Pelo que respeita à linguagem, Camilo aproxima-se do ideal de fusão entre o *sermo nobilis* e o *sermo vulgaris*, tão interessante nas literaturas modernas. Hoje não pode preconizar-se a manutenção duma língua literária separada da fala vulgar. Aquela há-de exercer contínua acção depuradora para assimilar os elementos de renovação e de conservação que oferece a linguagem popular, afastando as suas impurezas. A língua literária necessita da naturalidade e do colorido da vulgar, e esta, da disciplina literária. E' por isso que não são para desprezar os serviços dos gramáticos, que se esforçam por expurgar, clarificar a língua, conservar as suas tradições, como quem lava e alimpa a pérola das imundícias que a mancharam. Entregue a si só, uma linguagem tende a deteriorar-se, a decompor-se, a obscurecer-se sob a acção deletéria das leis fonéticas, das colisões homonímicas, da analogia: ela precisa de um tutor, de um guia, de uma língua literária em que se apoiar.

A última pergunta que me dirige o sr. Machado refere-se aos verbos *estivar* e *primaverar*. O primeiro não está registado nos vocabulários da língua, mas usaram-no os latinos, do que poderá certificar-se o consulente recorrendo a um dicionário da lingua do Lácio: *aestivo*, *as*, *are*, *avi*, *atum* (de *aestas*, *estio*), passar o verão em sítio fresco para se defender do calor, veraneiar, tomar o fresco. O outro já foi registado pelo sr. Cândido de Figueiredo com êste exemplo de Camilo: "Em abril iam *primaverar* na quinta do Flórido em Campanhan." (*Vulções de lama*, pág. 152).

XXII

¿E' *camião* ou *caminhão*? — pergunta-me o sr. H. Narciso.

Entre nós diz-se *caminhão*. Lá na outra banda do Atlântico é *camião*, como se vê nestes exemplos collidos no grande jornal português *Diário-de-Notícias*: "Na praça Duque da Terceira foi atropelado por um *camião* da Câmara Municipal a peixeira Maria do Céu,..." (Núm. de 28-4-1924). — "Viram entrar no pátio um *camião* conduzindo uma espécie de barco que o visconde reconheceu imediatamente." (Núm. de 28-4-1924). Aparece também, de vez em quando, nos jornais de lá *camion* em itálico ou metido entre aspas, a-fim-de dar a entender que se trata de coisa exótica: "Queixou-se à polícia a Empresa de Camionagens, da rua de S. Francisco, de que de uma partida de algodão em rama que mandára em três "*camions*" para Santo Tirso, lhe furtaram 112 quilos daquele artigo, ao qual dá o valor de 3.500\$00." (*Diár.-de-Not.*, de Lisboa, 28-7-1924).

Camião é o francês *camion*, que, no entender dos mais competentes etimólogos como Hatzfeld, Darmesteter e Thomas, é palavra de origem incerta, e no de outros não menos versados nas derivações das palavras, como L. Clédat, é de origem desconhecida.

O sr. dr. Cândido de Figueiredo regista no seu *Dicionário* o vocábulo *caminhão* como brasileirismo. Mas o que se passa no Brasil pode passar-se noutra parte. Numa esplêndida conferência que realizou no Liceu de Aveiro e que publicou em folheto com o título *História da Língua Portuguesa* (Lisboa, 1923), informa-nos o sr. pro-

fessor José Pereira Tavares de que no Minho se diz *caminhão*, da raiz do verbo *caminhar*, o carro chamado *camion*. E' uma etimologia popular. O homem pretende que os seus vocábulos não sejam inteiramente convencionais, mas que correspondam à ideia; e quando não encontra esta relação, busca-a êle mesmo. *Vagabundo* nada dizia aos ouvidos do povo, e converteu-o em *vagamundo*, crendo que se tratava de vagar pelo mundo. O ilustre escritor sr. dr. Ricardo Jorge, a quem a língua portuguesa conta no número dos seus mais brilhantes cultores, intitulou um seu admirável livro *Canhenho dum vagamundo*.

Num dos interessantes artigos que sôbre questões de linguagem tem publicado na folha lisbonense *A Época* o "Dr. Miungas", criptónimo, segundo me parece, dum jovem bacharel ou doutor em letras da Faculdade de Lisboa, de seu verdadeiro nome Manuel Múrias, — artigos que mostram que o seu autor está inteiradíssimo da filologia moderna, ao contrário dos famosos filólogos das gazetas que tomam tais assuntos como um duvidoso e indifferente passatempo — encontro um galicismo muito engraçado que os soldados portugueses trouxeram de França: *João das armas* por *gendarme*. Mais um caso dos muitos que podem citar-se de etimologias populares.

Em Camilo lê-se freqüentes vezes *camapé*, em vez de *canapé*, e a êste respeito escreve o sr. dr. Ribeiro de Vasconcelos, distinto professor na Universidade de Coimbra: "*Canapé*, vocábulo que nos veio directamente do francês, e indirectamente do latim popular *canapeum* (lat. class. *conopecum*), foi transformado na bôca do povo "em *cama-pé*, por se lhe darem como étimo as duas palavras *cama* + *pé*." (*Gramática Histórica*, pág. 100). Vejam-se também os meus *Novíssimos Estudos*, p. 22.

As transformações a que aqui se alude, conquanto tratem de invadir a linguagem culta, são combatidas pelos preceptores e em lugares cuidadosos do bem falar ficam relegadas à linguagem plebeia. Assim é que o meu

mou Epifânio Dias, e àcerca da qual é indispensável ler-se o opúsculo do ilustre professor Leite de Vasconcelos, *O texto dos Lusíadas, segundo as ideias do sr. F. Gomes de Amorim* (Pôrto, 1890).

Estas e quejandas censuras, que no seu tempo tiveram tanto êxito, acabaram por ficar em esquecimento, ao passo que, a-pesar-de todos os barbarismos, de tôdas as incorrecções e de tôdas as faltas de gôsto que nela assinalavam os seus detraidores, continua a viver e a ser lida, estudada e apreciada a grandiosa epopeia camoniana. Logo que a censura perde a sua novidade e desaparece tão de-prensa como as murmurações de salão ou de café, o que unicamente fica, tão claro e tão puro como se ninguém lhe tivesse pôsto as mãos pecadoras, é a obra de arte, porque esta, quando é grande, forte, bela, perfeita, resiste vitoriosamente aos mais duros ataques. Ainda há pouco, no dia 4 de novembro de 1924, a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa inaugurou, com grande solenidade, (e honra igual a essa só a tem tido até agora Dante em Itália e vai tê-la Vítor Hugo em França) a Cadeira de Estudos Camonianos, devida à iniciativa do nosso ilustre professor, acadêmico, homem de letras e homem de ciência, que é o sr. dr. Afrânio Peixoto, e confiada ao erudito camonianista sr. dr. José Maria Rodrigues, que naquele dia deu a sua lição inaugural, ocupando-se da *Importância e dificuldades dos estudos camonianos*.

No mencionado artigo do *Jornal-do-Brasil* de 20 de novembro último há, em meu sentir, um êrro fundamental: o crítico baseia-se na *maneira actual de dizer* para repreender Camões. Se o cantor dos *Lusíadas* tivesse composto nos nossos dias o seu poema imortal, poderia justificar-se a repreensão. Luís de Camões, porém, escreveu, como era natural, de acôrdo com o uso mais geral e admitido no seu tempo, e as mesmas construções sintáticas vamos encontrá-las noutros autores de fama em

P. 215

Nota MA: a grafite: traço vertical à margem direita, destacando trecho.

“Capítulo XXXVIII”

[...]

“Eu também não disse que é de má formação o adjetivo invulgar. Pelo contrário: está bem formado. Na nossa língua há uma mina riquíssima de palavras fãcilmente formáveis, que, sem serem do idioma fixo nem figurarem nos dicionários, não deixam de pertencer à linguagem e de a opulentar sem limites conhecidos. Veja-se, por exemplo, a grande quantidade de neologismos, formados geralmente em harmonia com o gênio do nosso idioma e na sua maioria perfeitamente aceitáveis, em ável, ível, cão, mento, ...; negativos, freqüentativos e privativos; os aumentativos e diminutivos de diversas formas e feitura, etc. a língua tem a liberdade de formar outras palavras valendo-se das leis da analogia; todos os dias parecem na conversação, nos escritos, e a ninguém parecem dignas de reparo ou censura: tão naturais são. Com freqüência, porém, só entram nos dicionários quando estão como que fixas em obras literárias; mas isto não obsta a que sejam tão legítimas como as que mais o forem.”

[...]

MLA 51-89
47

Mr. Barreto meza "Através do Diário-
nário" p. 233 e seguintes, que o en-
trego do particípio presente se fa-
z especialmente brasileiro. Está es-
to. O que porém caracteriza a fala
brasileira é que ninguém aqui
diz "Fulano estava a fumar" ao
posso que ~~pos~~ portugueses essa é a
constância embora falem tam-
bem "Fulano estava fumando"

Transcrição:

=

M. Barreto nega “Através do Dicionário” pg 233 é seguinte, que o emprego do participio presente seja peculiarmente brasileiro. Está certo. O que porêem caracteriza a fala brasileira é que ninguém aqui diz “Fulano estava a fumar” ao passo que pros portugues essa é a contancia embora falem também “Fulano estava fumando”

=

Estatuto genético: *nota de trabalho.*

Tipo: *escólio, referência bibliográfica.*

Verificação:

BARRETO, Mário. Através do dicionário e da gramática. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1927. (BMA – C/I/d/21)

XLII

Agostinho de Campos, além de ter enriquecido a literatura portuguesa com uma série já muito extensa de livros dos mais belos de crítica e educação, já fêz publicar vinte e cinco volumes com a antologia dos maiores vultos das letras pátrias antigas e modernas, cuidadosamente seleccionada e cada um dêles precedido por um estudo sôbre a obra do escritor e as suas principais características, em que a competência do crítico se afirma por uma forma excepcional. Num dos volumes consagrados ao autor da *Ilustre Casa de Ramires* não sabe o sr. Manuel de Jesus o motivo por que o ilustre crítico censurou esta frase de Eça de Queirós: "Um rapaz alto, vestido de negro, que fumava encostado à outra ombreira,..."

E' de notar a diferença que há entre a forma composta em que entra o gerúndio e a forma simples. Em *estou cantando, escrevendo, lendo*, a acção é dilatada e não momentânea como em *canto, escrevo, leio*. Disto muita gente se esquece quando traduz *Il vit un homme et une femme qui coupaient du bois*, viu um homem e uma mulher que *cortavam* lenha, devendo ser *estavam cortando*. Tratando-se de actos que se não realizam de uma vez, mas paulatinamente e por graus, é conveniente traduzir os tempos simples do francês pelo verbo *estar* acompanhado do gerúndio ou do infinitivo precedido de *a*: *À quoi songes-tu?* em que estás pensando? — *Jeanne nous regarde*, Joana está a olhar-nos. — *Elle joue là-haut*, está a brincar lá em cima. — *On a cru que je dormais*, pen-

saram que eu estava a dormir.— *On batit en face de notre maison une usine qui rendra le quartier un peu bruyant, je le crains*, andam a construir, em frente da nossa casa, uma fábrica que, receio-o bem, há-de tornar êste bairro um pouco barulhento. — *Tais-toi, tu dis des stupidités*, cala-te, estás a proferir imbecilidades. — *Dorient semblait plaisanter*, Dorient parecia estar gracejando. — *Voyez: il pleut*, veja que está a chover. — *Regarde: je ris*, vê: estou-me a rir.

A afirmação, que já vimos feita em letra redonda, de que no Brasil se usa em tais casos o gerúndio e em Portugal o infinitivo, carece de fundamento. Nos livros portugueses encontram-se também as formas compostas de gerúndio: A senhora está esperando vossa excelência. — Estavam conversando. — Está chovendo. — Ele andava meditando. Em Júlio Denis, o autor delicadíssimo e genuinamente português de tantos romances imortais, lê-se: “Um dia, Jenny viu-o arremessar de si, com manifesto enfado, um livro que *estava lendo*.” (*Uma família inglesa*, cap. XIX, p. 197). — “De outra vez aproximando-se da irmã, que também *estava trabalhando*, Carlos tirou da caixa de costura a Bíblia...” (*Ibid.*, p. 197).

Camões diz no cant. X, est. 117:

Um dia que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente um arroído.

E' claro que o poeta poderia dizer também: Num dia em que S. Tomé *estava a prègar* ao povo... Em francês será: Un jour, qu'il *prêchait* au peuple, ils simulèrent un tumulte parmi la foule.

Teve, pois, tôda a razão em apontar aquele pecado de linguagem do autor da *Cidade e as Serras* o sr. Agostinho de Campos, que, com a mais patriótica devoção ao cultivo esmerado da Língua nacional, toma parte nas

cruzadas contra os que a maltratam, sejam ou não académicos, romancistas de fama ou poetas aplaudidos.

✱

✱ ✱

Ao sr. Manuel de Jesus afigura-se pleonástica a conjunção *que* neste trecho: “Talvez *que* êle agora se comova quando souber o que eu tenho sofrido.” De-facto, vários autores pensam assim. Há, porém, outra explicação. Para as presunções e possibilidades servimo-nos de advérbios como *talvez*, *provavelmente*, etc., e também duma principal que exprime a presunção: *Pode ser que eu me tenha enganado, é provável que eu me tenha enganado*, e, por influência destes exemplos, o advérbio de possibilidade pode ser seguido duma proposição introduzida por *que*. *Talvez que êle venha* equivale a *pode ser* ou *sucedêr que êle venha*. Exemplos de Camilo: “Ainda o verei, *talvez que* me deixem abraçá-lo... e *talvez que* eu morra abraçado a êle.” (*A filha do regicida*, capítulo IX, p. 79). — “*Talvez que* o senhor possa esclarecer-me, se quiser ser sincero.” (*Doze casamentos felizes*, ed. de 1863, p. 151).

Por analogia com *talvez que*, diz-se: *Com certeza que* não foi ela quem praticou o crime — Ela *de-certo que* me escutará — *Sem dúvida que* lhe causava intensa mágoa esta separação de todos os que lhe eram caros.

A um dos adoráveis romances de Júlio Denis tomamos os seguintes exemplos desta construção em que uma proposição dependente, introduzida por *que*, se junta a uma proposição principal incompleta, a que falta verbo: “Ainda *bem que* me faz um pouquinho de justiça.” (*Os fidalgos da Casa Mourisca*, I, 124). — “De-certo *que* a pessoa a quem o senhor Jorge estender a mão pode confiar nela como na de um pai.” (*Ibid.*, II, 82). — “Com certeza *que* não me seduzirão essas.” (*Ibid.*, II,

PIO LOURENÇO CORRÊA
Araraquara

2 Set^o 1930

MA-MMA-51-86
44

Mimio:

Estou de acôrde. Assim, no dia 6, sábado, à
hora do capasso de Barretos (P3, partida da Luz às 7 horas)
estará o Tanto à sua disposição na estação (parece muito, pois
vão em seguida? se valisse a pena, eu emendava as suas ordens...).

O Tanto já conhece o caminho.

Saudades a todos. Abi' cá.

Tio Pio

Para encher:

Leio no Macedo Soares, sob. loc. adverbios em mente:

«No Brazil, frequentíssimas vezes, mesmo na linguagem popular, diminui-
se, à grega, a termin. mente. «Corre violento, corre apressado, caminha
lento,» por «corre violentamente, corre apressadamente, caminha len-
tamente,» são phrases muito usadas, mais ainda cá do que lá. Este
grecismo, uma das bellezas do port. antigo, conservado aqui até o rio,
e tendendo (segundo parece, julgando pelos escriptores) a perder-se em
Portugal, prova a verdade da these de José Jorge, que o por-
tuguez puro é o que se está fallando no Brazil, e o luso-bras-
ileiro.»

Análise documentária: carta de Pio Lourenço. Carta a Mário de Andrade, “[Araraquara], 2 Setº de 1930”; autógrafo a tinta preta; forma de tratamento: “Mário.”; assinada: “Tio Pio”; 1 folha de papel de carta pautada (26,9 x 21,1 cm) amarelecida pelo tempo; sinais de oxidação; sinal de dobra em oito; rasgamento na parte inferior; timbrada no canto superior esquerdo a tinta preta “PIO LOURENÇO CORRÊA/ Araraquara”; filigrana; escrita ocupando o anverso; f. 86.

Transcrição:

Mário:

Estou de acordo. Assim, no dia 6, sábado, à hora do expresso de Barretos (P3, partida da Luz às 7 horas) estará o Santo à sua disposição na estação (parece muito, dois cão em seguida? Se valesse a pena, eu emendava às suas ordens...)

O Santo já conhece o caminho.

Saudades a todos. Até cá.

Tio Pio

Para encher:

Leio no Macedo Soares, sob. loc. advérbios em mente:

“No Brasil, freqüentíssimas vezes, mesmo na linguagem popular, elimina-se, à grega, a termin. mente. ‘Corre violento, come apressado, caminha lento’ por ‘corre violentamente, come apressadamente, caminha lentamente’, são frases muito usadas, mais ainda cá do que lá. Este grecismo, uma das bellezas do port. antigo, conservado aqui tão vivo, e tendendo (segundo parece, julgando pelos escriptores) a perder-se em Portugal, prova a verdade da these de José Jorge, que o portuguez puro é o que se está fallando no Brazil, é o luso-brasilais”

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: carta, escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na carta, na nota de trabalho de Pio Lourenço Corrêa.

MA-MMA-51-87
24

DANCING NEPTUNO

O mais confortavel e mais airoso salão de danças de São Paulo
RUA DA CONCEIÇÃO, 5
Proximo ao Cinema Paratodos - Largo Sta. Ephigenia

Todas as noites das 21 às 2 horas da manhã
LINDAS BAILARINAS — OPTIMO JAZZ — RESERVADOS
ESMERADO SERVIÇO DE BAR EXECUTADO POR AMAVEIS GARÇONETES

DIA 22 — Sexta feira — às 24 hs. — DIA 22
Grande Campeonato de Tango de Salão Interno, neste
conhecido Dancing

1.º PREMIO - UMA TAÇA DE PRATA
2.º PREMIO - UMA TAÇA DE METAL

Podem intervir os pares que desejarem. Se recebem as inscrições na Gerencia
Unico juiz exclusivo o campeão sul-americano de Danças Modernas JOSÉ SCUDIN

Concorra com seus amigos ao NEPTUNO

Análise documentária: *Dancing Neptuno/ [São Paulo]. Anúncio; volante impresso, 1 folha de papel rosa (13,5 x 19,8 cm), amarelecido pelo tempo, sinais de oxidação, rasgamento nas extremidades; sinal de dobra em 2; f. 87.*

Nota MA: 1. a lápis azul: sobre o texto: “usado”; 2. a lápis vermelho: retângulo destacando a próclise: “Se recebem as inscrições na Gerencia”.

Estatuto genético:, nota de trabalho.

Tipo: volante impresso, escólio.

Nota da Pesquisa: MA faz referência à esta nota, como exemplo, em seu texto “O baile dos pronomes”, publicado em 7 de outubro de 1941 n’ *O Estado de S. Paulo*, em 12 de março de 1942 na *Revista Acadêmica Paulista de Letras* e n’ *O empalhador de passarinho*. Edith Pimentel Pinto em *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*, já havia apontado o uso desta nota n’ *O empalhador de passarinho*.

Em carta enviada a Souza da Silveira, em 15 de fevereiro de 1935, MA discute a questão da próclise com o professor e filólogo e faz uso do mesmo exemplo colhido nesta nota de trabalho.

Transcrição:

3º

Nota MA: a lápis azul.

Análise documentária: Gramatiquinha/ 12-E/ Não queria não/ A gente.../ e outras tendencias brasileiras/ locucionais. Envelope verde desbotado (12,3 x 15,5 cm), sinais de oxidação, rasgamento na borda; título no anverso: autógrafo a grafite e a lápis vermelho; f. 88.

Transcrição:

Gramatiquinha

12-E

Não queria não

A gente ...

e outras tendencias brasileiras locucionais

A¹: + as tendencias brasileiras locucionais+

Nota MA: a lápis vermelho: “12-E”.

MA-MMA-51- (89)
Fala brasileira (88)
Não podia não
Em carta Alves es-
co e raro
Aparece nessa frase
n 200-II-37

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 89.

Transcrição:

Fala brasileira

Não podia não

Em Castro Alves is-
so é raro

(A): ^a^

Aparece nessa frase
n 200-II-37

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 200: ALVES, Castro. Obras completas, Edição crítica com introdução bibliographica e anotações de Afrano Peixoto. Rio de Janeiro/ S. Paulo/ Bello Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921, 2º volume.

P. 37

Nota MA: a grafite: traço sublinha a dupla negação do verso.

Os escravos – “Tragedia no lar”

[...]

“Immovel, pasma, doura, sem razão!

A’ Virgem Santa pedia

Com prantos por oração;

E os olhos no ar erguia

Que a voz não podia, não.”

[...]

MA-MH-51-90
Fala Brasileira 88
"Lucas não pode, não!"
C. Alves
n 200 - II - 175

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 90.

Transcrição:

Fala brasileira

“Lucas! não pode, não!”

C. Alves

n 200-II-175

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 200: ALVES, Castro. Obras completas, Edição crítica com introdução bibliographica e anotações de Afrano Peixoto. Rio de Janeiro/ S. Paulo/ Bello Horizonte: Livraria Francisco Alves, 1921, 2º volume.

P. 175

Nota MA: não apresenta.

Os escravos – “O segredo”

[...]

“‘Ninguém! que a nada humilho-me

Na terra, nem no espaço!...

Póde ferir meu braço...

– ‘Lucas! não póde, não!

Misero! a mão que abra

De tua mãe e cova...

O golpe hoje renova!...

Mata-me... E’ teu irmão!... ”’

ma-mma-51-91
Kuija brasileira 88
não e' não
n 197-III-191

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 91.

Transcrição:

Lingua brasileira

Não é não

n 197-III-191

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº197: MATTOS, Gregorio. Obras: III – Graciosa. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930. (BMA – A/II/b/42)

P.191

Nota MA: a grafite: traço sublinhando o verso “Não é novidade, não” e cruzeta à margem direita do trecho.

“XXIII – Repete a lisonja ao mesmo Capitão da Guarda”

“Se da Guarda pareceis

Anjo sobre capitão

Não é novidade, não,

Que de males nos livres;

Dobrado ofício fazeis

Em qualquer nossa aflição,

Pois com nobre coração

Nos livrais amante interno

Se como anjo, do Inferno;

Do mais, como Capitão.”

[...]

língua Brasileira ^{MA-MMA-51-92}
Não vem não
n 197 - V - 50
- 240

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 92.

Transcrição:

Lingua brasileira

Não vence não

n 197-V-50
-240

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica

Verificação:

BPG: nº197: MATTOS, Gregorio.Obras: V – Satirica. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1930, volume II. (BMA – A/II/b/43)

P.50

Nota MA: a grafite: traço sublinhando o verso “Porque se não vence, não,” e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“IX – A’ cavalaria da festa das Virgens no tempo do governo de D. João de Alencastre, sendojuiz Gonçalo Ravasco Cavalcante de Alburqueque”

[...]

“Porque se não vence, não,
Dizia o moço magnata,
Nem por ouro, nem por prata,
O seu sangue de Aragão;
E vendo o senhor dom João
Que si a licença negava
A André Cavalo ultrajava,
Pois podiam presumir,
Si ao Campo o não vissem ir,
Que o dinheiro lhe faltava,”
[...]

Brasileirinho ^{MA-M7-51-93} (88)
Não o fizera não
n 199-I-228
Tu nada viste não
n 199-I-253
Ai não me deixes não
n 199-I-266

Análise documentária: nota de trabalho; a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 93.

Transcrição:

Brasileirismo

Não o fizera não

n 199-I-228

Tu nada viste não

A¹: +Tu nada viste não[...] 266+

n 199-I-253

Ai não me deixes não

n 199-I-266

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°199: DIAS, Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto dxe Souza Silva e procedida de uma noticia sobre o autor e suas obras pelo conego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo I. (BMA – A/II/d/62)

P. 228

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Não o fizera, não,”.

“Lagrimas sem dor – E dor com lagrimas”

[...]

“Não o fizera, não, – que tal façanha
Não a faz coração d’homem, que sente,
Que vê taes graças;
Que visse uma só vez, qual vejo agora,
Co’as estrellas do céu pleitear brilho
Teus olhos tão mimosos.”

[...]

P. 253

Nota MA: não apresenta.

“Saudades”

[...]

“Tu nada viste, não; mas só de vêr-me,

*Flôr que sorrias ao nascer aurora
No denso musgo dos teus verdes annos,
A procella imminente presentiste,
Curvaste o leve hastil, e sobre a terra
Da noite o puro aljofar derramaste.”*
[...]

P. 266

Nota MA: não apresenta.

“Não me deixes”

“Debruçada nas aguas d’um regato

A flôr dizia em vão

Á corrente, onde bella se mirava...

‘Ai, não me deixes, não!’

[...]

MA-MMA-51-94
88
Brasileirismo
Não vou não
5-5-7, 127

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 94.

Transcrição:

Brasileirismos

Não vou não

557, 127

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°557: SILVEIRA, Sousa da. Lições de português. 2ª ed. melhorada, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S/A, 1934. (BMA: C/I/d/20)

Nota da Pesquisa. MA possui também em sua biblioteca a edição de 1935 de Lições de português. Nesta edição há, na ante-folha do rosto, dedicatória, acompanhado de endereço do do filólogo. “Ao presado amº Sr. Mário de Andrade/ homenagem de/ Sousa da Silveira/ Rio, 3-I-1936./ Rusa General Dionísio, 46/ (Botafogo) Rio de Janeiro.

SILVEIRA, Sousa. Trechos seletos: complemento prático às “ Lições de Português”, com introdução histórico- gramatical e anotações. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935. (BMA – E/I/c/96)

Nota MA: a grafite: nota à margem direita "Não vou não".

Capítulo "12. O português arcaico. Arcaísmos e anomalias sintáticas"

"c) Pleonasmos de negação pre-verbal"

LIÇÕES DE PORTUGUÊS

127

viver hei (=viverei), se em mim pensar, ou morrer hei (=morrerei), se me não amar (1).

Dos arcaísmos sintáticos mencionaremos os seguintes :

a) Emprêgo de pronomes pessoais átonos enclíticos ao futuro e condicional :

"Eu te daria un capon assado e ùa regueifa e *faria-te* todo comeer e dar-te-ia en cima ùa copa chea de vinho que bevesses." (Apud NUNES, *Crest. Arc.*, 68).

b) Variabilidade do particípio auxiliado pelo verbo *ter* ou *haver* :

"Mui maa cousa *avedes feita* !"

(*Crest. Arc.*, 94).

Ainda em CAMÕES :

"despois de *ter pisada*... a areia ardente".

(*Lus.*, V, 47).

c) Pleonasmos da negação pre-verbal :

"Ora fazed o melhor que poderdes, ca *iamais nõ* seyredes d'aqui se nõ mortos !" (Dr. LEITE DE VASCONCELOS, *Textos Arc.*, 39).

Ainda usado por alguns poetas nossos :

"Arrôjo, que *jamaiz* assim *não* viram !"

(GLZ. DIAS, II, 321).

"*Ninguém* não foi como eles !"

(Id., *ibid.*, 275).

"E entra no mundo que *jamaiz não* mente."

(MACHADO DE ASSIS, *Poesias*, 1901, 263).

(1) Não só em português, mas em outras línguas românicas, espanhol, provençal, catalão e alguns dialetos do norte da Itália, na idade média ainda se podia separar o infinitivo do auxiliar do futuro e condicional. Veja-se GRÉGOIRE, *Petit Traité de Linguistique*, 1923, pág. 20, § 16.

MA-MMA-51-95
86
Branileirinho
As 2 negativas
"Madurara dele, não".
Achueta
497, 77

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 95.

Transcrição:

Brasileirismo

As 2 negativas

“Não curarão dele, não”

Anchieta

497, 77

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº497: PINTO, Álvaro (editor). Primeiras letras: Cantos de Anchieta; O dialogo de João de Léry e Trovas indigenas. Rio de Janeiro: Typografia do Anuario do Brasil/ Almanak Laemmert, 1923. (BMA – A/II/d/49)

P. 77

Nota MA: não apresenta. No lado direito do título do poema há dois traços a grafite. O autor destacou no longo poema apenas o substantivo próprio “Adão”, sublinhando-o a grafite.

“Cantos de Anchieta – 1553... – Ó pelote domingueiro”

“Sem ter delle compaixão

Lhes furtaram o pelote,

Dês que víram sem capote

Não curaram delle, não.

Chora agora com razão

O coitado do moleiro

Seu pelote domingueiro.”

Branleiruno ^{MA-MMA-51-} (96)
(88)
Não queira amar não
J. Dias
n 199-I-71

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 96.

Transcrição:

Brasileirismo

Não queria amar não

G. Dias

n 199-I-71

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°199: DIAS. Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto dxe Souza Silva e procedida de uma notícia sobre o autor e suas obras pelo cônego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/ Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo I. (BMA – A/II/d/62)

P. 71

Nota MA: a grafite: traço sublinhando a dupla negação da frase “Não queiras amar, não” e cruzeta à margem direita do trecho.

“O trovador”

[...]

“Não queiras amar, não; pois que a’sperança

Se arroja além do amor por largo espaço.

Tu tens, brilhando ao sol, a forte lança,

Tens longa espada scintillante d’aço.”

[...]

MA-MM9-51-(97)
(88)
Brasil leirinho
numa declara-
ção de Fernão
Dias (303 p 168):
"... que muita
gente queria vir."

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 97.

Transcrição:

Brasileirismo

Numa declara-
ção de Fernão
Dias (303 p 168):

“... que muita
gente querião hir;”

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 303: TAUNAY. Affonso de E. Piratininga: aspectos sociaes de S. Paulo seiscentista. São Paulo: Typogr. Ideal, 1923. (BMA – E/I/c/53)

P. 168

Nota MA: a grafite: traço sublinhando expressão.

“Capitulo XVIII”

“Mas era incrível o movimento para o sertão da gente ‘que nelle queria procurar o seu remedio’. Declarava o procurador Fernão Dias ‘que muita gente querião hir, haviam partido por mandado do provedor das minas alguns brancos e outros a levar frades’”.

MA-MMA-51-⁽⁹⁸⁾
⁽⁸⁸⁾
Brasilianus
"O gente furo re-
gruindo"
281 / 246

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 98.

Transcrição:

Brasileirismo

“A gente fumo se-
guindo”

281 p 246

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 281: CEARENSE, Catullo da Paixão. Sertão em flor. 2ª ed., Prefacio de Mario Alencar, Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1923. (BMA – F/I/b/40)

P. 246

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “a gente fumo seguindo” e cruzeta à margem esquerda.

“Assombrações”

[...]

“A noite de sexta-fêra

é uma noite dos diabo!!

Escute agora, seu moço!

A gente fumo seguindo

pulos caminho móiádo!...”

[...]

Nota da Pesquisa: a obra Sertão em flor, de Catullo da Paixão Cearense, traz ainda mais notas marginais que não foram registradas nesta nota de trabalho. Como é o caso da ante-folha de rosto do livro que registra, a grafite, o esboço do texto intitulado Primitivismo: “Primitivismo/O comportamento da incultura/ O diletantismo. Não passa de/ posse de gente bancar o blasé/ da cultura quando não tem cultu-/ra suficiente pra chegar não/ digo á desilusão e ao cansaço/ dela, mas ao conhecimento dela/ gente com erudição de porta de/ café. O mal de Cendrars em/ S. Paulo. Tem muita gente que/ não vive, cuja existência não passa duma vilegiatura.”.

A folha de rosto apresenta, a grafite, páginas que, certamente, figurariam temas para um estudo sobre a obra Sertão em flor ou sobre a obra poética de Catullo da Paixão Cearense. Entre estes temas, destaco o da página 63, visto que MA sublinha, a grafite, a palavra “instruvinca” na estrofe, além de sinalizar à margem direita também o tema da estrofe do poema: “Lingua brasileira”. Cabe lembrar que no fôlio MA-MMA-51-210 do

manuscrito, há esboço que aponta o interesse de MA em estudar a imagem em Catulo:
“Estudar a imagem em Catulo, na poesia/legitimamente popular”.

P. 63

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “instruwanca” e nota à margem direita do trecho
“Lingua brasileira”.

“João Branco na Capital”

[...]

*“A gente chora nas corda,
cantando a dô , a alegria,
sem precizá da instruwanca
das lingua dessas Oropa.”*

[...]

Brasileirismo ^{MA-MA-99}
"Gente ocupado..."
um Itinerário de
1845
n 264, vol XXVIII
p 239
o mesmo p 235

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm.); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; sinal de perfuração por alfinete; escrita ocupando anverso; f. 99.

Transcrição:

Brasileirismo

“Gente ocupado...”

num Itinerario de
1895
n 264, vol XXVIII
p 239

o mesmo p 235

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 264: *Revista do Instituto Historico e Geographico de São Paulo*, volume XXVIII, São Paulo: Estabelecimento graphico Irmãos Ferraz, 1930. (BMA – E/I/e/61)

P. 235

Nota MA: não apresenta.

“As ‘Entradas’ de J. F. Lopez e J. H. Elliot “Itinerario de huma viagem de exploração pelos rios Verde, Itararei, Paranapanema e os Sertões Circunjantes mandado fazer pelo Exo Snr. Barão de Antonina em 1845.”

[...]

“1. ° de Setembro

Desde cedo a gente occupado em fazer o canal para passar as canoas, outras pescando para munição, em quanto occupados neste serviço huma jaguaterica aparaceu na praia opposta, aticei os cães em seguimento, logo procurou abrigo em huma arvore, o Snr Vergueiro tendo mostrado desejo de... [...]”

P. 239

Nota MA: não apresenta.

“10

Gente occupado quasi toda esta noite e hoje até as 9 horas de manhã seccando a farinha e mais mantimentos, as 10 horas seguimos viagem huma serie de correderas e baxios logo para baixo da barra do Cinza ha 3 Ilhas1 grande e 2 pequenas chamou-se Ilhas do Tigre, em tudo o comprimento e ainda para baixo destas Ilhas ha huma continuação de correderas e baixios difficeis para passar, em outras partes muitas rochas sementeas pelo Rio.”[...]

MA-MMA-51- (100)
(88)
Brasileirismo
Provavel origem
da in Terfei ção
"Sai afar!", a
contacto elia's, de
Sai, parte! Sai
tubero! etc.

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 100.

Transcrição:

Brasileirismo

Provavel origem
da interjeição
“Sai azar!”, a,
contacto aliás, de
Sai, peste! Sai
tuilise! etc.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na nota de trabalho.

Nota de trabalho, fôlio 101, anverso

MA-MN7-51-101
88
Brasileirinho
De-junto
427, 21

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 101.

Transcrição:

Brasileirismos

De-junto

427, 21

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 427: LIMA, Jorge de. O anjo. Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro do Sul, 1934. (BMA – C-II/d/28)

P. 21

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “de-junto” e cruzeta à margem direita do trecho.

“ – Anjo! O Anjo! (Era o Heróe gritando para o apartamento de-junto onde botou o amigo.) Sabe rezar?

– Sei

– O que?

– Varias.

– Então reze as minhas orações da noite, que eu sabia em criança.”

[...]

Nota da Pesquisa: a obra O anjo apresenta, na ante-folha de rosto, dedicatória de Jorge de Lima: “Ao Mario de/Andrade amigo, compa-/dre e mano./ Um abraço de/Jorge/16-3-1934/ Este é o 1º exemplar/ que me entregam.”

Nota de trabalho, fôlio 102, anverso

MA-MNA-51-(102)
88

Brasil Cívico

Promode

468, 21

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,4 x 6,8 cm,); borda superior picotada, amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 102.

Transcrição:

Brasileirismo

Promode

468, 21

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°468: CARDOSO, Pedro. Folclore caboverdeano. Porto: Edições Maranus, 1933. BMA – B/11/c/23)

P. 21

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Pamode” e cruzeta à margem direita do trecho. “Parte I”

“Folclore Caboverdeano”

[...]

“Comecemos pela epigrafe:

Pamode, de ‘por-môr-de’, coexiste com paqui (Sam Nicolau: pachê).”

[...]

Nota da Pesquisa: MA incluiu o verbete “Promode” na entrada “Brasileirismos vocabulares” do seu Fichário analítico.

Brasileirismo ^{MA-MMA-51-} (103)
(88)
Gostosura
C6o no Brasil e' ca-chorro
Especula-macho
Que bum me importa agora et
Enguicar
Pelejar = esforçar-se por conseguir
qualquer coisa
Adonde (Amadeu Amaral).
Yucapirama = o que ha-de ser
morto. (T. Sampaio 76)
Agarron a ... princípiou a
Já-hope = agora ha pouco
Em Brasileiro rarissimo o
qualificativo se antep6e ao
substantivo que qualifica.
Dizemos: esta terra grande,
folhudas verdes etc

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; a tinta preta; rasura a grafite; 1 ficha de papel cartão (11,2 x 8 cm.); amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 103.

Transcrição:

Brasileirismos

Gostosura

Cão no Brasil é cachorro

Especula-se macho

Que bem me importa agora etc

Enguiçar

Pelejar-se esforçar-se por conseguir
qualquer coisa

Adonde (Amadeu Amaral)

I Jucapirama= o que há-de ser
morte (T. Sampaio 76)

Agarrou a... principiou a

Já-hoje= agora ha pouco

Em brasileiro rarissimo o
qualificativo se antepõe ao
substantivo que qualifica.
Dizemos: esta terra grande,
folhinhas verdes etc

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

TESCHAUER, Carlos S. J. Apostilas ao Dicionário de vocabulários brasileiros. Petropolis – Rio de Janeiro: Vozes de Petropolis, 1912, I Serie (BMA – E/I/e/77)

P. 98

Nota MA: a lápis vermelho: risco ligando o verbete “peleia” ao rodapé da página que apresenta nota marginal: “Pelejar: esforçar-se por conseguir alguma/coisa.”

“Peleia, s.f. pugilato, contenda, peleja, briga.”

Nota da Pesquisa: a respeito do último fragmento que explicita o uso do qualificativo posposto ao substantivo, MA esboçará nos fôlios 46 e 47 do dossiê um aprofundamento sobre deste na fala brasileira. No artigo “Mário Neme”, d’O empalhador de passarinho, MA destaca o emprego do qualificativo antes do substantivos nos contos de Donana Sofredora de Mário de Neme.

No manuscrito d’O turista aprendiz (MA-MMA-80), no arquivo do escritor, há três notas de trabalho que fazem alusão a cão/ cachorro:

1) Transcrição:

Brasileirismos

O insulto

“Cachorro”

461, 264

2) Transcrição:

Brasileirismo

O insulto

“Cachorro!”

462,77

3) Transcrição:

Brasileirismo

Insulto

“Cão” “Cachorro”

parece vir da Afri-
ca e não da Eu-

ropa

V. 447 p 300

Na obra Tropas e boiadas, de Hugo Carvalho Ramos, há menção ao vocábulo cão. MA destacou a palavra que aparece numa quadra:

P. 204

Nota MA: a grafite: traço sublinando a palavra cão e cruzeta à margem esquerda do trecho.

Capítulo “Gente da gleba”

[...]

“Minha tia é magricella,

*Tem achaque no pulmão,
Fui peil-a em casamento,
Respondeu que fosse ao cão!”
[...]*

BPG: nº: 148. RAMOS, Hugo Carvalho. 2 ed., Tropas e boiadas. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia Editores, 1922. (BMA – F/I/b/57)

Ziciei, voce arrebelata já isso!
Vou conhecer o Pedro? Aquelle um
que briga com o Flappa.

gentarada

portar = passar em, parar
em Portei na casa de fulano

Exutar por ouvir. « Não escutei
o que você disse »

Um dilúvio = uma porção

Louvação = antiga de louvar

Perfume é cheiro

Batulo diz tambem aroma

Rumico = desaparecimento
não é brancieiro

cabeceiro = Travesseiro Batulo

Que dê a chave?

A chave que dê?

Que dê, interrogativo por que é dê
e se se usa mais, tanto um como outro
severo

Transcrição:

Eieiei, voce arrebenta já isso!

Voce conhece o Pedroso? Aquele um
que brigou com o Flappa.

Gentarada

portar= passar em, parar
em Portaina casa de fulano

Escutar por ouvir. “Não escutei
o que você disse”

Um dilúvio=uma porção

Louvação= cantiga de louvar

Perfume é cheiro
Catulo diz tambem aroma

sumiço= desaparecimento
não é brasileirismo

cabeceiro=travesseiro Catulo

Medê! a chave?

A chave quedê!

Medê!, interrogativo por que-é-dele
e so usa mas eu. tanto num como noutro
genero

Verificação: a pesquisa não localizou as referências indicadas na nota de trabalho, nem mesmo àquelas que indicam a autoria de Catulo da Paixão Cearense.

MA-MNA-51- (104)
88

Jequi - instrumento de pesca
próprio de pescar piteis.

Tangerinos - tangedores de cara-
to, verbo tanger.

Angonos - fômbos usados pra dan-
çar como o Xangô (dansa de
feiticuros) e o Maracatu
(carta do Asencio Ferreira da-
tada de... Sem data)

Papaceia - estrela Venus à tarde
(do poema "Minha Terra" de
Asencio Ferreira)

~~"Quando que teve pimenta
guarda ardente" citado mi-
neiro? João Pucio em Feira bate
maria, vol. 1, p. 38~~

Saprefar = realizar a sopra. "O
eugenio sopraando" de; Edutomo
Beuê na carta de 3-X-27

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,2 x 10,2 cm,); rasuras a grafite, borda superior picotada; sinal de dobra no centro; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 104.

Transcrição:

Jequi – instrumento de pesca
proprio de pescar pitus.

Tangerinos – tangedores de cavalos, verbo tanger.

Ingonos – bombos usados pra danças como o Xangô (dansa de feiticeira) e o Maracatú
(Carta de Ascenso Ferreira da Tada de... Sem data)

Papaceia – estrela Venus á tarde
(do poema “Minha terra” de Ascenso Ferreira)

~~“Canudo que teve pimenta
guarda ardume”. Ditado mineiro. João Lucio em Feira Literária, vol. V, pg 38~~

A¹: > Canudo que teve pimenta [...] pg 38<

~~Safrejar= realizar a safra. “O Engenho safrejando” diz Antonio Bento na carta de 3-X-27~~

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

FERREIRA, Ascenso. Catimbó: versos. Recife: Oficinas da ‘Revista do Norte’, 1927. (BMA – A/II/e/74)

FERREIRA, Ascenso. Catimbó: versos, 2ª ed., Recife: Oficinas da ‘Revista do Norte’, 1928. (BMA – A/II/e/73)

Página: não consta.

Nota MA: não apresenta.

“Minha terra”

[...]

“ – Lá vai S. Jorge esquipando em seu cavallo na lua!

– Olha o Carreiro-de-São-Thiago!
– Eu vou cortar a minha ingua na papacea!”
[...]

LUCIO, João. “Povo que se levanta... (paginas ironicas)”. In: *Feira literaria*, volume V, maio, São Paulo: Editora Empresa de Divulgação Literária, 1927, p. 33-46. (exemplar pertencente à Coleção Geral da biblioteca do IEB - USP)

P. 38

Nota MA: não apresenta.

[...]

“ – O Chico da Tapera... Vancê conheceu este... Sempre tretero, sempre emperrado... Pois inté depois de morto... Vancê sabe: canudo que teve pimenta guarda o ardume...”
[...]

Nota da Pesquisa: nesta nota de trabalho MA registra o volume V de *Feira Literaria*, de 1928, contudo na biblioteca do escritor há apenas os volumes I, II e III do ano indicado.

MA incluiu o verbete “Safrejar” na entrada “Brasileirismos vocabulares” de seu *Fichário analítico*.

No diz respeito à carta de Antonio Bento de Araújo Lima, localizamos a mesma no arquivo do escritor, na série Correspondência, sub-série Correspondência Passiva, MA-C-CPL, nº 4063. Transcrevemos o trecho mencionado na nota de trabalho:

“Bom-jardim, 3 de outubro de 1927

“Mario de Andrade, amigo do meu coração – Escrevo pra você daqui do Bom-jardim, do Bom-jardim que você conhece muito bem por causa da “Tastorinha.”

Felizmente encontrei o velho melhorado de modo que foi com alegria que vai a terra e a família.

Agora aqui o engenho de assucar ta moendo. Não é preciso dizer pra você que eu voltei a ser por isso o moleque da bagaceira que eu era. Ha annos – o moleque sem vergonha pra quem os aspectos do engenho safrejando são a coisa mais deliciosa que pode existir por este mundo do meu deus. Virei outra vez a mesma creatura de antigamente e estou burro de verdade!”

[...]

MA destaca a palavra “safrejando” na obra *Historias que o tempo leva...*, de Câmara Cascudo:

P. 57

“A santa do Azourrague”

Nota MA: a grafite: sublinha “safrejando”.

[...]

“Era um dos principaes nucleos de colonisação. Verdonck encontra-o em 1630 safrejando 7.000 arrobas de assucar, com 70 homens e famílias, vivendo activamente num trabalho quotidiano.”

BPG: nº 475: CASCUDO, Luiz da Câmara. *Historias que o tempo leva...* (da história do Rio G. do Norte. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924. (BMA – C/II/f/117)

Em relação à carta de Ascenso Ferreira, enviada possivelmente em dezembro de 1926, foi localizada e a transcremos integralmente:

“Mário

Eu lhe escrevo do tumulto da minha repartição de Fazenda. Faço um parêntesis no trabalho forçado para acudir ao chamado angustioso dessa alma de você ansiosa de encantos e alucinada pela curiosidade!

Isto porque não posso escrever-lhe de casa, onde não tenho máquina que torne legíveis os traços de minha escrita, ruim como a peste.

Você tem toda razão, mas eu tenho razão também, Mário...

Há, realmente, uma quebra de ritmo no refrão do meu “Maracatu”. Aquele “Loanda, Loanda, onde estou eu” destoa do ritmo geral, porém nas toadas do Maracatu é mesmo assim, e eu compus o poema ao som da toada da qual envio uma cópia p.^a você.

Naquele poema temos: no 1º canto a impressão do batuque a que a onomatopeia das palavras típicas por mim utilizadas dá mais força de expressão. No 2º canto a impressão da indumentária. No terceiro há duas sínteses porém: a balsa que cai no corrupio do Rio faz uma volta forçada, o que lembra a dança em círculo do Maracatu. Mas a balsa que cai no corrupio muda de direção, evocando, assim, também o destino do negro, passando da liberdade na costa d’África para a escravidão no Brasil. (Não sei se lhe mandei dizer que o Maracatu é um canto de exilados da Pátria). Daí o grito de espanto: “Loanda, Loanda, onde estou eu”.

Modificar aí qualquer cousa parece-me, portanto, impraticável. Não acha você?

A minha tentativa de arte consiste, meu negro, em estilizar na medida de minhas forças e de acordo com a minha emoção os motivos poéticos do Brasil virgem de influências estranhas, que não as da colonização luso-africana, vinculadas no nosso sangue. Porém, como não conheço todo o Brasil, é o meio regional o meu quase único campo de ação. Não sei se é um bem ou se é um mal...

É uma cousa toda pessoal que só tem uma virtude: não obedecer às sugestões de ninguém. Fui para ela induzido pela reação moderna brasileira, porque antes do verdadeiro grito de independência que vocês deram aí em São Paulo, eu fingia que sentia nascimentos de Afrodites e amores pecaminosos de Pãs.

Numa terra em que se trabalha cantando, em que se fala cantando, em que se estuda cantando, em que se reza cantando, em que se sofre cantando (estou quase ficando romântico) como ser [sic] a poesia dessa gente?!

Daí o ter eu associado ao verso esses meio-tons típicos e sugestivos que têm constituído o pequeno sucesso dos meus poemas.

Agora voltando ao assunto que interessa a você:

Eu poderei mandar-lhe muitas canções, mas sem que você veja um Bumba meu boi, com “Cavalo Marinho” e “Jaguará”, – criação de animal fantástico que atinge às raías do apocalíptico: uma caveira de burro com olhos de vidro, batendo sinistramente as queixadas; sem que você veja o “Samba do Matuto”, que é uma transição do Maracatu para o samba comum, sem que você veja o “Xangô”, – bárbara dança mística de feiticeiros, você não poderá fazer nunca um trabalho completo sobre música nacional...

Assim, eu só vejo um jeito: você vir até cá. Mas não serve em todos os tempos. A quadra é de setembro a dezembro, que é a quadra das moagens e na qual para os núcleos, como os de minha terra (Palmares) misto de sertão e de praia, convergem todos os elementos que

constituem as expressões típicas de nossa terra, expressões essas que se traduzem em cantos e melopeias virgens de quaisquer influências de povos da estranja.

É brasileiro puro, menino, é brasileiro de comover a gente e satisfazer todas as nossas ânsias mulatas.

Convido-te a vires até cá. Não para ganhares dinheiro, porque o meio do Recife é horrível, mas para formares cabedal. Entretanto eu sei que você tem amizade com Gilberto Freyre e Gilberto vai tudo poder aqui no nosso meio, dadas as suas próximas posições oficiais.

Ele, querendo, te ajudará...

O resto nós faremos. Isto é, eu irei contigo a todos os pontos, para tu beberes essa alma extraordinária do Nordeste. Vem! Até o carnaval serve; depois não!

Mas, vem com o seiscentos mil diabos, antes que venham outros não possuidores do teu talento e que estraguem a coisa com comentários ridículos e vulgares...

Eu já te conhecia desde a Estética. “Cabo Machado” já era citado por mim. Li-o em Terra Roxa.

Cascudo quis fazer-te a minha apresentação. Obrigado a Cascudo meu velho companheiro de boêmias depois de meia-noite pelo cais do Abacaxi...

Outros aqui sei que te não são estranhos: Joaquim Cardozo, José Maria, ambos da Revista do Norte.

Com o Cardozo, há poucos dias, eu fiz uma viagem pra vermos os índios de Águas Belas, lá dentro do sertão fundo...

Foi uma viagem assombrosa, através da caatinga que está atualmente como nunca: branca e toda emaranhada de samambaias.

É um belo artista do traço o Cardozo: apanhou magníficos flagrantes dos caboclos Carijós.

Vimos também a dança do “Toré”, – curiosa dança ao som de um canto bárbaro cheio de arrancos...

Tudo bom, menino, bom mesmo que dói.

Mas, voltando ao assunto do meu livro: este quase que está encencado. Dificuldades do José Maria aprontá-lo. Eu não quero livro pra vender... Não porque não precise de dinheiro, pois, simples 1º escriturário do Tesouro do Estado, cheio de afazeres e contas, eu ando é aos lapos por dinheiro, mas porque quero fazer uma coisa melhor...

Tu conheces a Revista do Norte, certamente? – São os seus tipos que vão servir para imprimi-lo. O José Maria, porém, trabalha que nem cágado. É um temperamento doente pela arte tipográfica e só com as reformas da revista perde um tempão. Estou entretanto, na fé de que ele até o fim do ano bote o bicho na rua. Esperemos...

Eu não sou músico como tu pensas, mas tenho bom ouvido. Decoro o que ouço e mando gravar em música.

É um trabalho penoso porque nem sempre tenho quem se preste à maçada.

Felizmente a minha bola está cheia de cantos regionais, principalmente do “Bumba meu boi” – a mais movimentada fonte de criação de música, dança e poesia, aqui do Nordeste.

Eu deixei a questão do aboiado pro fim, porque aqui a coisa fia mais fino. Primeiro que tudo aqui pelo Norte não há aboiado: há aboio!

Porém ninguém será capaz de mandar-te nenhum. É um canto todo pessoal que varia de indivíduo para indivíduo.

Não tem palavras. É uma espécie de canto de padre na missa, quando faz aquelas voltas apenas com sons...

Mesmo em Pernambuco quase que não há aboio. Só lá para o sertão fundo: Jatobá, Cabrobó, Ouricuri, Exu.

Onde a civilização vai penetrando, vai matando a poesia.

Nos grandes núcleos sertanejos, como Garanhuns, Caruaru, Pesqueira, etc., aparece às vezes um vaqueiro aboiando, mas não é coisa de se chegar e encontrar quando se queira... A luz elétrica e o Ford amedrontam o pobre sertanejo que quase que perde a fala, espavorido com o ruído do motor de explosão. Há toadas típicas sertanejas, muito curiosas, mais pela ideia do que pelo canto. Enfim a civilização vai acabando tudo.

Só um povo resiste: o mestiço, que por ser pobre, pouco sabe ler e pouco sabendo ler cede às influências atávicas divertindo-se nos moldes antigos ensinados pela tradição.

À proporção que o indivíduo vai estudando vai tendo desejo de falar atravessado... para espantar o meio com o conhecimento de cousas estranhas... Assim, há no interior pernambucano cabelos à la-garçonne, lojas com nome de Au bon Marché, agricultores vestidos à moda dos Cowboys. Uma perdição...

A mocidade aqui da Capital ouviu falar de uma arte moderna e entende que fazer arte moderna é dizer coisas incompreensíveis e cantar amores de ópio e cocaína, sem nem sequer tomar ópio e cocaína!

Seguem Marinetti realizando assim mais uma deplorável obra de imitação... Um horror! Que fazer contra esse estado de coisas?!

Eu só vejo um jeito: proibir a civilização e queimar as bibliotecas! Já que não nos é possível organizar um ensino nos moldes das nossas sugestões brasileiras.

Isto tudo quanto mando dizer-te, há de te parecer talvez de um louco, mas eu quero mostrar-me a ti tal qual sou, tal qual é a minha alma selvagem...

Eu acho que temos direito de utilizarmo-nos das sugestões nascidas da civilização, o que vale por dizer: nascidas do estrangeiro, mas somente para cobri-las de ridículo.

Eu não quero dizer que a alma do poeta do Brasil não possa sentir a beleza de uma paisagem estrangeira, porém acho perigoso...

É tal o avanço dos bárbaros de Europa que a defesa do nosso caráter nacional tem que ser feita sem restrições.

Eu não sei se tu me entendes. Só eu conversando contigo.

Mas, voltemos à questão do aboio: no Rio Grande do Norte há menos estradas de ferro, o sertão é mais próximo, lá tu conseguirás ouvir o aboio. Ouvi-lo-ás e o gravarás na tua memória. Por enquanto contenta-te com canções de trabalho. Eu sei muitas que julgo lindas. Até o fim do ano t'as mandarei. Vou mandar gravá-las em música.

Eu quero-te um bem danado, Mário, bem de coração porque há mui senti que tu és um bicho bom.

Gostei muito do Losango cáqui. "Babel" está maravilhosa; maravilhosos também os dois trabalhos sobre Platão. Toca com a coisa pra frente que a inana vai ser danada. – Viva o Brasil!

Giqui cuja grafia parece-me ser: jequi é um instrumento de pesca usado para pegar pitus. Covo é um instrumento de pesca também. Japaranduba é uma árvore, cujo nome no plural foi dado a um engenho de um sobrinho do Barão do Rio Branco, o Sr. Cel. Pedro Luiz Paranhos Ferreira. Tangerinos são tangedores de cavalos, tropeiros, vem do verbo tanger. É expressão muito usada entre os matutos. Ingonos são bombos de Xangô e Maracatu.

Por hoje basta; vou mostrar a tua carta ao Cascudo que está na terra estudando pra doutor. Espero que compreenderás o tumulto que vibra nestas páginas escritas às pressas.

Dispõe do teu amigo no que ele tenha também de aproveitável. Adeus. Responde logo.

Ascenso Ferreira

PS. Os carregadores de piano não têm canção própria. Cantam uma canção no tipo das toadas nordestinas, com que um [tira] e outros respondem. Ascenso.”

(LESSA, Ana Luisa Dubra. Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira - 1926-1944. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Orientador: Marcos Antonio de Moraes, 2012, p. 38-45)

uma mulher muito "empres-
ada". Não é branqueirinho, si-
mão da Fonseca

- Aquilo será mangueira?
- Não sei não... Está com jeito

- Você pensa que não sou
capaz de pular até ela, então!...

balangar = balançar (Minas)

~~Proverbo paulista da "mulher que
cria o pé e tem origem no cam-
pêso de beber das Neves, etc.
72m 588~~

Choferar

Barberagem

rezar = principiar "peçon atirando"

Transcrição:

Uma mulher muito “empro-
ada”. Não é brasileirismo, Si-
mão da Fonseca

—
-Aquilo será mangueira?
- Não sei não... Está com geito

=
- Você pensa que não sou
capaz de pular até lá, então!...

=
balangar= balançar (Minas)

=
~~Proverbio paulista da “Mulher que
mija em pé” vem origem no Can-
cioneiro de Cesar das Neves Lase-
72n-588~~

=
Chofegar

=
Barberagem

=
pegar=principiar “pegou atirando”

Verificação: a pesquisa não localizou as referências indicadas na nota de trabalho.

Nota da Pesquisa: as pesquisadoras Flávia Camargo Toni e Oneyda Alvarenga referem-se ao título de César A. das Neves na “Bibliografia de Na pancada do Ganzá” presente no apêndice do Dicionário musical brasileiro, contudo o livro não foi localizado na biblioteca do escritor, nem mesmo na coleção no IEB-USP:

BPG: n°124: NEVES, César A. Cancioneiro de musicas populares. Porto: Typ. Occidental, 1893, 1895, 1899, 3 volumes.

MA-MMA-51-105
(88)

"Mais sofreu como Tio
Judas"
prologuê do artista

zabianha
guan chuma
oitão?
cavalo choutão?
caíva?

em boleus = boleus.
"Teuho andado aos simboleus"
carta de Arceneo que principia
por "Bichão".

empauzar? mesma car-
ta anterior

apida = apudat (medicamento)
mesma carta

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,2 x 10,2 cm,); rasuras a grafite; borda superior picotada; sinal de dobra no centro; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 105.

Transcrição:

“Mais sofreu nosso tio
Judas”

Prolóquio nortista

(A): :>do< nortista

=

sabiãúna

guanchuma

oitão?

cavalo chontão?

caíva?

=

Emboléus=boleus

“tenho andado aos imboléus”

carta de Ascenso que principia

por “Bichão”.

=

empanzinar? mesma carta anterior.

=

ajuda=ajutorio, medicamento?

mesma carta

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

A respeito da carta de Ascenso Ferreira a Mário de Andrade, apresentamos a seguir a transcrição integral:

“Bichão.

Você me confunde com tantos elogios. Chama-me de poeta que sabe, de poeta de verdade, de ouro sobre azul...

Eu agradeço comovido esses elogios (obrigado meu povo!) porque partem de um ser consciente, do mais consciente, talvez, dos pensamentos modernos do Brasil!

Receio, entretanto, que o carinho do amigo não sobrepuje o juízo do crítico, o que é para lamentar profundamente, tendo-se em conta a necessidade que eu tenho de uma orientação.

Porque, falando-lhe como amigo, eu não sei mesmo como explicar o fenômeno de minha mentalidade.

Em face dos aplausos que tenho conseguido, creia você, sou eu o mais profundamente admirado!

Por uma simples razão: reconhecer a minha falta de cultura.

Nunca frequentei uma escola além da primária de aldeia!

Tenho andado aos embolés por este mundo de meu Deus como as “baronesas” trazidas pelas enchentes...

Trepou-me a última delas no alto dessa ingazeira sombria que é o Tesouro do Estado de Pernambuco. E quase que não desejo mais outra enchente a não ser para fazer-me subir de galho...

A sua carta fala-me de mangas! Mangas amarelas de São Paulo que enlambuzam o sol! Ai! Se você visse as mangas de minha terra! Se provasse o impossível das mangas de Itamaracá!

Custam um cento 150 bicos de coruja, (150\$000). Um português sabido mandou um presente delas à S. Majestade El-Rei D. Carlos de Portugal! – Valeu-lhe a astúcia o título de Comendador!

Houve um presidente do tempo do Império que foi por lá passar uns dias... comeu tanta manga que empanzinou!

Veio de barçaça para Igarassu e entrou em Recife carregado em liteira. Não houve ajuda nem sangria que servisse. O bicho esticou a canela!

E você me fala de mangas daí de São Paulo!

Com franqueza, Mário, eu chego a ter pena de você...

As mangas daqui são verdes, roxas, amarelas, encarnadas como café maduro, pintadinhas de preto, encarnado e amarelo como a barriga das jias. – uma delícia de cor!

E você me fala somente de mangas amarelas! – coitadinho de Mário de Andrade que nunca comeu manga de Itamaracá! Eu chego a ter pena dele...

Agora mudando de assunto:

Estou de pleno acordo com você. Desgraçadamente a coisa vai ser assim mesmo: ninguém procurará ler os meus versos associando-lhes os cantos...

Mas, perdoe-me você a pretensão pois estou falando de amigo para amigo, eu não deixarei morrer a minha criação pessoal!

Irei ao Sul declamar os meus poemas!

Somente eu posso dar a eles os meio-tons típicos que constituem a sua grande sedução.

Você elogia-os e sente-os porque é, como eu, um estudioso dessas coisas das gentes de nossa terra. Mas, a acreditar na sinceridade de seu sentimento, eu me julgo com o direito de dizer-lhe que muito maior seria o seu encantamento se pudesse ouvir o “artista-mateu” que eu sou, cheio de chocalhos e de couros de bois; crivado de espinhos de titaras e mandacarus; zabumbando ingonos e vibrando ganzás; aparecer desafiando uma plateia admiradora de Ângela Vargas e quejandos para impor-lhe com seu grito bárbaro a atenção para as coisas virgens do Brasil!

Foi assim na Faculdade de Direito daqui.

A Ângela recitava Camões... (sic)

Palmas convencionais ecoavam chochas todas as vezes que ela, misericordiosamente, distendia a voz para dar a entender que acabara o poema. Deram-me a palavra e eu recitei “Sertão”, cantando o trecho da toada de Lampião. Foi um queima danado! Um verdadeiro pega-pra-capá! As paredes quase que caíam. Eu nunca vi um tumulto maior...

*E a palma comendo... a palma comendo... Pediam bis.
 Recitei o meu poema "O Samba" que é quase todo cantado.
 E a palma comendo... a palma comendo...
 Vozes gritavam ensurdecedoras: "Marinetti do Sertão!" "Bis" "Bis".
 Eu recitei "Folha verde".
 Resultado: a mulher encabulou e quase que não recitava mais. Disse ao Presidente tomar como um acinte feito a sua pessoa aquela "anarquia futurista"...
 Mas, a festa em vez de ser dela foi do pensamento moderno do Brasil!!
 Conto-lhe isso não porque me animem anseios de glória. Eu sou um tipo que nada tenho de cabotino. Nunca pedi a quem quer que fosse um juízo favorável sobre mim e detesto os literatos!
 Só há uma espécie de bicho que eu detesto mais que um literato: os gramáticos!
 Em língua há, a meu ver, apenas um sujeito que fala e outro que percebe. Só me seduz o pitoresco da expressão.
 Vou mandar a você o meu livro, porém concedo-lhe toda a liberdade de ação.
 Eu não estou empenhado em fazer nome para mim: quero é alevantar os brios de nossa gente, libertá-la do miserável espírito de Paris.
 Quando eu pego motivos deprimentes do brasileiro, tais como a sua preguiça, a sua credence bárbara e o seu espírito de banditismo, para fazer deles poemas – o homem de minha terra arma o mondé e vai dormir e sonhar – faço-o para dar-lhe estímulo de crença nas próprias energias e ver se consigo um resultado melhor do que o conseguido pelo o Porque me ufano de meu país.
 Não é se ensinando gramática portuguesa ao brasileiro que o conseguiremos civilizar... Mas, dando-lhe sentimento de amor pelas coisas pátrias, ampliando-lhe as indiscutíveis faculdades de emoção.
 Depois que o brasileiro sentir a si próprio assimilará a civilização e criará uma civilização própria. Teremos, então, música, pintura, romance, poesia...
 Você há de me achar até idiota em fazer comentários dessa espécie, falando-lhe de coisas já tão sabidas por você. Minha intenção é, entretanto, provocar qualquer reparo de sua parte em relação ao meu modo de pensar, de toda vez que você pressentir erro na minha orientação.
 Só a gente falando pessoalmente poderá se entender, o que talvez não esteja muito longe, pois, ou você vem cá ou eu vou lá.
 Discordo de sua opinião quanto a não existência de canções de trabalho no Brasil! O que eu disse a você foi que os carregadores de piano não tinham canção própria, mas não falei geralmente.
 Vou dar-lhe disso uma explicação melhor: os trabalhadores rurais (dos quais parte toda a ação poética e musical popular do Nordeste) têm as suas diversões típicas, que são, conforme já lhe disse, o "Boi", o "Samba", o "Samba do Matuto" e o "Maracatu".
 Para essas diversões eles levam a visão do trabalho. Os que têm veia poética são os "Mestres", os quais compõem as toadas que têm como motivo a ação do trabalho. Temos, assim, verdadeiras canções de trabalho, das quais as por mim enviadas são absolutamente inéditas, pois nunca foram registradas por ninguém e eu colhi-as, ora nas diversões, ora na ação do próprio trabalho.
 Além disso, há um dinamismo renovador, que faz criar sempre novas canções e novas toadas, de ano para ano.*

Os trabalhadores aqui da cidade, estivadores, carroceiros, canoeiros etc., quase que não têm canções.

A forma de diversão deles é o clube de carnaval, que tem sempre o título da classe. Ora, esses clubes não cantam canções. Movem-se ao som de marchas que as bandas contratadas improvisam para eles.

Em compensação descrevem saracoteios incríveis de agilidade, tomados de êxtase pela música, êxtase esse que se comunica a todo acompanhamento do clube.

Assim, um clube de carnaval em Recife é um prodígio de ritmo. As músicas, porém, são músicas comuns, que devem existir mesmo aí por São Paulo e pelo Rio. Não interessam.

Há nas praias, entretanto, uma espécie de canções, de alguma forma clássicas, das que já tenho um punhado onde há versos como esses:

“Mandei fazer um relajo

Das patas do caranguejo

Mode marcá os minuto

Das hora que não te vêjo...”

Esses versos não são grande coisa, mas caracterizam-se pela palavra caranguejo tomada como motivo.

Não lhes conheço a música, porém tive notícias de uma negra que os canta, lá para os lados de Itamaracá. No dia 16 irei até lá e trarei a música anotada.

O “Loanda, Loanda” já está consertado de acordo com o teu sabor. Ficará assim:

“Mas toma desvio

Que nunca sonhou...”

– Loanda, Loanda

Aonde estou!”

Mas, não é a preocupação de atingir o perfeito que me faz consertá-lo. Acho mesmo parnasiana essa tua ânsia de perfeição. Cá por casa a coisa é diferente: não esqueço ser o irregular um dos caracteres mais fortes do colonial...

A grande questão ali é mais da ideia que da forma. O “onde” é que estava estragando tudo... Ora, o negro sente que Loanda não será mais vista por seus olhos ao mesmo tempo que sente ter de viver sempre nela sua imaginação. Daí a necessidade do “aonde” que dá ideia de demora, enquanto que o outro dá ideia de breve estadia.

Isso não quer dizer que não reconheça o efeito para melhor causado pelo remendo na estrutura geral do poema. Reconheço mesmo que levei bolo, peiada boa, mas... pancadinha de amor não dói!

No teu livro há uma porção de coisas desconhecidas por mim. Com vagar irei perguntando-as a ti, o que não faço já para não tornar esta carta muito extensa.

Está também comoventemente lindo aquele “– Que queres Mário? – Mamãe quero a lua – Já vai longe... te dou a lua amanhã.”

Receio mesmo estar te maçando com estas estiradas, porém prometo corrigir-me desse defeito e escrever-te, dagora por diante, cartas mais sintéticas.

Corrigi também o “Minha terra”. Estou de pleno acordo com o crescendo e decrescendo de que me falas.

Meu livro quase que não vai ser vendido, pois sua edição vai ser resumida, uns 250 exemplares, no máximo.

Manda-me, pois, com urgência, uma lista de pessoas conhecidas tuas aí de São Paulo e do Rio, bem como noutros estados, com as quais valha a pena perder um exemplar do Catimbó.

Manuel Bandeira é o meu muito querido Manuel Bandeira. Não o conheço pessoalmente, nem com ele me comunico, mas tenho por ele verdadeiro devotamento.

Gostaria muito de ser seu amigo, bem como de Guilherme de Almeida e de Ronald, sem falar no teu irmão Oswald o homem da “escrava que tomou o filho recém-nascido às costas e se afogou com ele no Parnaíba, para que o menino não fosse judiado...”.

José Maria falou-me danadamente entusiasmado de um artigo teu parece-me que intitulado: “Crítica do Gregoriano”, o qual me não foi possível encontrar para ler por desconhecer o número da Revista do Brasil que o contém. Tenho lido sempre a Revista do Brasil e li a tua crônica sobre Nazareth. Magnífica!

Somente depois do carnaval poderei mandar-te as músicas do “Boi”. Hás de gostar! Agora vou terminar:

Eu não tenho preguiça de te ajudar, Mário, e não pense vc. que o faça esperando qualquer recompensa a não ser o conforto de sua amizade tão brasileira...

Achei muita graça no remendo que puseste àquele: não sei se valerá a pena, em se tratando do Freyre... Em todo caso digo-te que vale a pena! Ele não é um amigo como nós, cheio de sinceridades. Gosta de morder, tem a volúpia de aperrear. Mas, é um tipo muito interessante de escritor.

Há aqui em Pernambuco um movimento bem caracterizado por sua ação. Muita gente sofre da moléstia de imitá-lo, o que faz ele ter frases como estas: – Eu e o Sr. Mário de Andrade somos os escritores mais plagiados do Brasil! Manuel Bandeira o conhece bem.

Mais uma vez te peço perdão da maçada, renovando-te a promessa de ser mais sintético de outras vezes, de modo a poder escrever-te uma carta mais típica, como são as tuas para as quais já criaste até uma forma gramatical...

Por enquanto as minhas irão assim loucas, apenas caracterizadas por essa duplicidade de tratamento, tu e você, muito comum em nossa conversa cá pelo norte.

Adeus, com muito assunto partido, abraça-te afetuosamente

Ascenso Ferreira

PS. Já decifrei o negócio da “igreja do último” constante da música nº 4 que te enviei: é Igreja do Horto. Deu-me a explicação o Coletor de Novo Exu, que conhece de vista.

O “Toré” foi por mim decorado. Você deve ter assistido na Ba-ta-clan à representação da revista Au Revoir. Há uma cena na qual o Milton dançava e cantava um bailado selvagem da Papuásia. Pois bem; o canto dos índios de Águas Belas muito se aproxima desse canto. Vou mandá-lo para você.

Mais uma vez peço desculpas pelo tamanho desta, pois estou roubando a você um tempo precioso, que deve ser todo pouco para essa sua obra musical, na qual vejo sua imortalidade, Mário. José Maria me disse que o seu estudo sobre o “Gregoriano” estava danado de bom, era uma brocha encanizada.

Não precisa, pois, você discutir comigo. Basta que você acuse a recepção de minhas cartas, pois o que eu quero é ajudá-lo e para fazê-lo hei de arrancar música até do Inferno.

Tenho, também muitos termos que lhe poderiam servir para a “gramatiquinha da fala brasileira”. Vou dar-lhe uma amostra de interessantes nomes de moléstias: o pela-quem-quem, o bute-caiana, a Erisipa, o roda.

Você já conhecia, bichão?

Ascenso Ferreira

Recife, 8 de janeiro de 1927.”

(LESSA, Ana Luisa Dubra. Edição da Correspondência Mário de Andrade & Ascenso Ferreira e Stella Griz Ferreira - 1926-1944. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Orientador: Marcos Antonio de Moraes, 2012, p. 57-66.)

dor = palavra m.
maica que quer dizer
"saudade". Ver Pauani
Yatratí, p. 73, hes
Hai dours

"Quem disse!" locução interfectiva pro-
vinda da frase "Quem foi que dis-
se que...". Ex "Quem disse sabe fazer
o nó!" ^{comp.} ~~sub.~~ "Quem foi que disse que
efe era capor, ou fazer o nó" ou coisa que
o valha.

"Que o quê?" locução interfectiva

Transcrição:

dor= palavra ru-
maica que quer dizer
“saudade”. Ver Panait
Istrati, pg 73, Les
Haïdoucs

“Quem disse” locução interjectiva pro-
vinda da frase “Quem foi que dis-
se que...” Ex “Quem disse ele fazer
conj
o nó!” ~~por~~ “Quem foi que disse que
ele era capaz de fazer o nó” ou coisa que
o valha.

(A): >por<

“Que o quê!” locução interjectiva

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa localizou, parcialmente, as referências indicadas na nota de trabalho.

ISTRATI, Panait. Les haïdoucs: présentation des haïdoucs. Paris: F. Rieder & C^{ie}, 1925.
(BMA – E/II/a/30)

P. 73

Nota MA: não apresenta.

“Récit de Floarea Codrilor”

[...]

“Le bruissement du feuillage, le chant des coqs, l’aboïement des chiens, lê bêlement des moutons, les propos sans fin de mon ami le vent, furent autant de meurtrissures pour mon cœur tourmenté par le dor¹.”

1. Dor: mot intraduisible, un des trésors de la langue roumaine, qui signifie: regret, désir brûlant, nostalgie.”

Nota da Pesquisa: a folha de guarda do livro apresenta nota marginal de MA:
“dor=saudade/ pg 73”.

É ali na pirâmide! 224-mm9-51-106
(88)
Roucho, adjectivo
Tachachada
Engraxado que a gente estava
falando nela e ela aparecendo..
ubre cheio (?) brasileiros?

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (15,3 x 10,4 cm,);borda superior picotada; sinal de dobra no centro; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 106.

Transcrição:

É ali na piririca!

—
Concho, adjetivo

—
pachachada

—
Engraçado que a gente estava
falando nela e ela aparecendo...

—
sobre cheio (?) brasileiro?

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação: a pesquisa não localizou as referências indicadas na nota de trabalho.

MA-MNA-51-107
88
entrar de bangü no cinema
(entrar de carona)
pra' de bangü?

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasura a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,2 x 10,2 cm.);, borda superior picotada; sinal de dobra no centro; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 107.

Transcrição:

entrar de bangú no cinema
(entrar de carona)

(A): entrar de ^qarona^

prá de banguê?

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação:

TESCHAUER, Carlos S. J. Apostilas ao Dicionario de vocabulos brasileiros . Petropolis – Rio de Janeiro: Vozes de Petropolis, 1912, I Serie (BMA – E/I/e/77)
P. 42.

Nota MA: a grafite: destaca o verbete “carona” e indica nota de pesquisa (1) na parte inferior da página: (1) Entrar de carona= entrar sem pagar em teatro, circo etc.

“Carona s.f (Provs. merids.)

1. couro quadrado que põe por baixo do lombilho (Dicc. Do voc. bras.) 2. locuções; “levar, tomar – ” diz que em linguagem militar do official que é preterido; “ não aguentar – dura” = não supportar insultos ou desaforos sem reagir; andar pelas – s = andar mal, falho de recursos – em apuros, em situação critica (Corrêa?)”

P. 21

Nota MA: a grafite: risco horizontal a frente do verbete “banguê).

“Banguê s.m (R.G. d.S) o carro fúnebre que conduz cadavares de indigentes (A. Montenegro, Notas do Uruguay) 2º o carro do hospital (misericordia).

Negro gêge quando morre

Vai p’ra tumba do banguê,

Os parentes vão dizendo:

Aribú tem que comê.

(Cantigas bras. recolh. P. Cab.)

Irmandade de Banguê diz-se de irmãos ou pessoas da mesma casa que não se unem muito, estando sempre em brigas. No dicionario do Visc. De Beaurepaire-Rohan vem mais cinco significações do homonymo banguê.

Nota da Pesquisa: no Novo dicionario nacional, de Carlos Teschauer, o autor consigna o verbete “Carona” e “Banguê”, contudo MA não faz notas marginais no dicionário, por isso optamos em registrar o título Apostilas ao Diccionario de vocabulos brasileiros. A respeito do verbete “carona” pela precisão da anotação de MA, levou-nos a conjecturar que se trate deste título.

MA-mma-51-108
88

Brasileira

-Oh, howde!

-Eu!

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (14,2 x 10,2 cm,); rasuras a grafite; borda superior picotada; sinal de dobra no centro; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 108.

Transcrição:

Brasileirismo

-Ôh, Lourdes!

-Eu!

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na nota de trabalho.

Dicção MA-MMA-51-(109)
(88)

- Muito obrigado
- Não por isso.

Em Barrozo (nº 115, vol.
XVIII, p. 288) vem a par-
lenda:

- Adem, Maria.
- Adem, João.
- Vais co' os nacas?
- Pois antão.
- Linda cara...
- Não por isso.
- Linda os olhos.
- Não sim.
-
-

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a tinta preta; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; sinal de dobra no centro; marca de perfuração por alfinete na parte inferior; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso e verso; f. 109.

Transcrição:

Dicção

-Muito obrigado

-Não por isso.

Em Barroso (nº 115, vol. XVIII, p. 288) vem a par-
lenda:

-Adeus, Maria.

-Adeus, João.

-Vais co'as vacas?

- Pois então.

-Linda cara...

-Não por isso.

- Lindos olhos.

- Isso sim.

.....

.....

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação: a pesquisa a referência indicada na nota de trabalho de MA.

Nota da Pesquisa: possivelmente esta nota de trabalho integra o dossiê do manuscrito de Dicção/ romances, MA a transferiu para A gramatiquinha da fala brasileira.

Envelope, fôlio 110

Análise documental: Gramatiquinha/ 12-F/ Brasileirismos/ vocabulares. Envelope verde desbotado (12,3 x 15,1 cm), sinais de oxidação, rasgamento nas borda e no centro; título no anverso: autógrafo a grafite e a lápis vermelho; f. 110.

Transcrição:

Gramatiquinha
12-F
Brasileirismos
vocabulares

Nota MA: a lápis vermelho: “12-F”.

MA-MMA-51- (111)
(110)

Lingua

Participio Passado
como substantivo

"As moça me oiava,
me dava um piscado"

escutei em Sta
Izabel, estado de
S. Paulo, da boca
de um caipira can-
tando modas.

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. III.

Transcrição:

Lingua

Participio Passado
como substantivo

“As moça me oiava,
Me dava um piscado”

escutei em Sta
Izabel, estado de
S. Paulo, da boca
dum caipira can-
tando modas.

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio.

Verificação: a pesquisa não localizou a referência indicada na nota de trabalho por se tratar de uma oitava colhida por Mário de Andrade.

MA-MMA-51-112
110
Luzia
Lube por sobre
n. 337, 3.º vol
h. 68
p. 232

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 112.

Transcrição:

Lingua
Sube por soube

nº 337, 3º vol
p 63
p. 232

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº337: ALENCAR, José de. As minas de prata. Nova edição revista por Mario de Alencar. Rio de Janeiro/ Paris: Livraria Garnier, 1926, volume III. (BMA – A/II/b/30)

P. 63

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “sube” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Capítulo III – Em que o rato fura a casca do queijo, mas não chega ao miolo”

“[...] Dezenganei-o de sua pretensão; e aceitando o depósito sagrado de Deus me incumbiria em nome dos auzentes e desvalidos, apenas chegado ao Rio de Janeiro á esposa do Roberio gie sube viver ainda na Bahia.”

P. 232

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “sube” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Capítulo XI – O circulo viciozo da fortuna adversa”

[...] Depois sube pelo dr. Vaz Caminha vosso nome e muitas particularidades da vossa vida; meu interesse aumentou, porque ao primeiro motivo junto-se outro, o da gratidão.”

Nota da Pesquisa: MA incluiu o verbete “Sube” na entrada “Brasileirismos vocabulares” do seu Fichário analítico.

MA-MMA-51-113
Lingua Brasileira 110
Soverter
em gunc. Dias
n 199-I-261

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 113.

Transcrição:

Lingua brasileira

Soverter

em Gonc. Dias

n 199-I-261

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº199: DIAS. Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto dxe Souza Silva e procedida de uma noticia sobre o autor e suas obras pelo conego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo I. (BMA – A/II/d/62)

P. 261

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Sovertel-os” e ponto de interrogação à margem esquerda do trecho.

“Dies irae”

[...]

“Sovertel-os; os ventos se contrastão!

Novos prodigios, novos monstros surgem!

O mar se torna em sangue, o sol em fogo,

O Universo em mansão d’afflictas dôres;

O homem soffre, blasphema e desespera,

E vendo os mundos desabar precípites,

Um grito sólta d’horroroso transe,

Como de não, que em alto mar s’afunde

E rola os restos n’amplidão das aguas.”

[...]

Nota de trabalho, fôlio 114, anverso

1 MA-MMA-51- (114)
Pala Brasileira (110)
Diminutivo
n° 339 h 60

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 114.

Transcrição:

Fala Brasileira
Diminutivo
nº 339 p 60

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 339: ROMÉRO, Sylvio. Estudos sobre poesia popular no Brazil. Rio de Janeiro: Typ. Laemmert & C., 1888. (BMA – F/I/a/7)

P. 60

Nota MA: a grafite: traço vertical à margem direita, destacando parágrafo; autógrafo à margem direita: “Diminutivo”

“Capítulo III – Ainda analyse dos escriptores, que trataram de nossa poesia popular”

Nota de trabalho, f6lio 115, anverso

Prudentinho ^{MA-MMA-51-} (115)
(110)

Uma feita

312 p 6

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 115.

Transcrição:

Prudentinho

Uma feita

312 p 6

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 312: SILVEIRA, Valdomiro. Nas serras e nas furnas. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d. (BMA – F/I/b/23)

P. 6

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “feita” e cruzeta à margem esquerda do trecho. “Amor”

[...]

“Sacou-lhe o cochonilho e a sobre-cincha, de uma feita; depois, de outra, o basto e os enchimentos; agitou-lhe sobre as costas, demoradamente, o baixeiro de aniagem, levando-o até a colla e subindo-o até a cernelha: e tanto que o atirou para um canto do rancho, ao pé dos mais arreios, passou a raspadeira por todo o pello do animal, catando á mão os carrapichos e picões da clima, e os centenares de amores-seccos que se tinham estranhado na cauda.”

[...]

Nota da Pesquisa: na página de número 140 do livro Nas serras e nas furnas, MA faz, a grafite, traço vertical e anota “cachaça” à margem esquerda, além de sublinhar “nas aguas de setembro” (cachaça) e “abria o chapéo de sol” (embrigar-se), o que possivelmente alude a pesquisa do autor: “Inquerito Geral Etnográfico – Formulario das pesquisas Folcloricas”.

MA-MMA-51-116
110
Branleusum
Vocabular
Barbou = reser-elle
a barba
396 p 9

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 116.

Transcrição:

Brasileirismo
Vocabular

Barboa= crescer-lhe
a barba

396 p 9

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 396: CARVALHO, Rodrigues. Cancioneiro do Norte. 2º ed. aumentada, Parahyba do Norte: Typ. da Livraria S. Paulo, 1928. (BMA- F/I/a/53)

P. 9

Nota MA: a grafite: duplo traço sublinhando “barbou” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Prefacio da 1.ª edição”

“ [...] O menino foi rapaz, ficou homem, barbou, vendeu todas as gallinhas, comprou um porco, mato-o, com o dinheiro do porco comprou uma bezerra, a bezerra se fez vacca e produziu tanto, que o seu dono chegou a possuir uma grande fazenda de gado.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA destaca em Cancioneiro do Norte três poemas, de vertente popular, que tem como tema a cachaça, são estes: “Adeus, cachaça” (p. 109); “Bebamos” (p. 127) e “Não é defeito o beber” (p. 132). Certamente, os poemas que receberam a marcação do autor integram a pesquisa do “Inquerito Geral Etnografico - Formulario das pesquisas Folcloricas”.

MA-MMA-51-(117)
(110)

Brasilianismo

Vocabular

Macota = "O negro (rei
de Angola) confuso com
as palavras deste in-
fame homem, convoca
o seus macotas, em
cuja presença mandou
que delatasse o reprê-
do "

397 p. 346

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 117.

Transcrição:

Brasileirismo

Vocabular

Macota= “O negro (rei de Angola) confuso com as palavras dêste infame homem, convocou os seus macotas, em cuja presença mandou que delatasse o segredo”

397 p. 346

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°397: CATALOGO, dos Governadores do Reino de Angola. Com huma previa noticia do principio da sua conquista e do que nella obrarão os Governadores dignos de memoria. In: ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS. Lisboa: Typografia da mesma Academia, 1896, tomo III, parte II, p. 343-429. (exemplar pertencente a coleção de [João Fernando] Yan de Almeida Prado, biblioteca do IEB-USP)

P. 346

Nota MA: não apresenta.

“Governo de Paulo Dias de Novaes conquistador e primeiro governador do reino de Angola.”

[...]

“O nego confuzo com as palavras deste infame homem convocou os seus macotas, em cuja prezença mandou, que delatasse o segredo: proferido este fanatico, que Paulo Dias pertendia despojallo do reino e minas; que para isso tinha em Cabaça gente prompta, e muita polvora, e balla, e que outra mais gente vinha marchando a encorporar-se com elle.”

[...]

Nota de trabalho, fólho 118, anverso

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 118.

Transcrição:

Macota

478, 23

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 478: SARMENTO, Alfredo de. *Os sertões d'Africa (Apontamentos de viagem)*, edição ilustrada com 14 gravuras e um mappa. Prologo de Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa: Empresa editora de Francisco Arthur da Silva, 1880. (BMA – F/II/a/6)

P. 23

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “macotas” e cruzeta à margem direita do trecho.
“Capitulo I – A partida . A barra do Dande. Uma caçada ao lião”

[...]

“Os seus macotas, personagens que são, ao mesmo tempo, ajudantes, misnistros e conselheiros, trajavam fardas officiaes de infantaria, barretinas á lanceiro, e um amplo panno de algodão branco, franjado de azul, preso na cintura e caindo até o tornozelo.”

[...]

Nota da Pesquisa: MA destacou a grafite, fazendo cruzeta à margem esquerda do trecho, a referência a água ardente, consumida pelo reino de Matamba, p. 192:

“Capitulo XXXI – O reino de Matamba. A rainha Anna Ginga.”

[...]

“ As suas bebidas favoritas, são a aguardaente, a que chamam geribita, e um liquido fermentado, extrahido da massambala (milho meudo), a que dão o nome de héla.

[...]

Certamente, os poemas que receberam a marcação do autor integram a pesquisa do “Inquerito Geral Etnografico - Formulario das pesquisas Folcloricas”.

Nota de trabalho, fôlio 119, anverso

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 119.

Transcrição:

Macota

456, 104

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Colleção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “macóta” e cruzeta à margem esquerda do trecho.
 “Supplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Bunda ou angolense”

<i>Quiacucúta</i> , o Secco	<i>Iacucúta</i> , os Seccos.
<i>Quitúa</i> , o Innocente	<i>Itúa</i> , os Innocentes.
<i>Quiaquimudáhu</i> , o Vagroso.	<i>Iaquimudáhu</i> , os Vagarosos.
<i>Quichimba</i> , o Candido	<i>Ichimba</i> , os Candidos.
<i>Quinemésa</i> , o Negligente	<i>Inemésa</i> , os Negligentes.
<i>Quiagía</i> , o Sabio	<i>Iagía</i> , os Sabios.
<i>Quialóva</i> , o Ignorante	<i>Ialóva</i> , os Ignorantes.
<i>Quibúngi</i> , o Privado	<i>Ibúngi</i> , os Privados.
<i>Quialuválu</i> , o Original	<i>Ialuválu</i> , os Originaes.
<i>Rituabêla</i> , o Proveitoso	<i>Matuabêla</i> , os Proveitosos.
<i>Ricussúca</i> , o Vermelho	<i>Macussúca</i> , os Vermelhos.
<i>Ribumbu</i> , o Mudo	<i>Mabumbu</i> , os Mudos.

Tambem não é de menos interesse o conhecimento dos seguintes adjectivos, que correspondem aos de numero ordinal.

<i>Quiariáque</i> , o Primeiro	<i>Iariáque</i> , os Primeiros.
<i>Quinguina</i> , o Ultimo	<i>Inguina</i> , os Ultimos.
<i>Quiasseri</i> , o Outro	<i>Iasseri</i> , os Outros.
<i>Uomucá</i> , o Outro	<i>Acá</i> , os Outros.
<i>Quínha</i> , Uma certa	<i>Inha</i> , Uma certas.
<i>Quióssu</i> , Todo	<i>Ióssu</i> , Todos.
<i>Quitúama</i> , o Principal	<i>Itúama</i> , os Principaes.
<i>Quiassuquirilu</i> , o Infimo	<i>Issuquirilu</i> , os Infimos.
<i>Ricóta</i> , o Maior	<i>Macóta</i> , os Maiores.
<i>Ndénghi</i> , o Menor	<i>Jindénghi</i> , os Menores.
<i>Cazúli</i> , o Ultimo da Familia	<i>Acazúli</i> , os Ultimos da Familia.

Tratámos outrossim, na sexta observação, dos adverbios; como pois o uso d'elles é muito frequente em todas as linguas, devemos por isso acrescentar aos affirmativos os seguintes:

<i>Inga</i> , Assim ou Ou	<i>Echipé</i> , Aindaque.
<i>Egué</i> , Amen	<i>Ocupe</i> , Tambem.
<i>Enéque</i> , Portanto	<i>Suca-pé</i> , Mas tambem.
<i>Quióquio-pé</i> , Assim tambem	<i>Quióquio muéne</i> , Assim mesmo.
<i>Inga-pé</i> , Assim tambem	<i>Quiúria-quiúria</i> , Verdadeiramente.
<i>Inguéqui</i> , Assim como	<i>Enéque</i> , Assim que.
<i>Eue</i> , Assim tambem	<i>Quiopé</i> , Assim tambem.

AOS NEGATIVOS.

<i>Inga-qué</i> , ou Não	<i>Mahim</i> , Porém.
<i>Uca-úla</i> , Mas como	<i>Súca</i> , Porém, mas.
<i>Ngóquio</i> , em Vão, Debalde	<i>Que</i> , Não.
<i>Suca-echi-pé</i> , Porém aindaque	<i>Né</i> , Nada.

AOS DEMONSTRATIVOS.

<i>Bambé</i> , Até.	<i>Quióquio muéne</i> , Assim tambem.
-----------------------------	---------------------------------------

Nota de trabalho, fôlio 120, anverso

MA-MMA-51-120
110
Paranilevriam
em quem meriti
Jone. Dias
n/99-II-105-

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 120.

Transcrição:

Brasileirismo

eu quem menti

Gonc. Dias

n 199-II-105

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº199: DIAS. Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto dxe Souza Silva e procedida de uma noticia sobre o autor e suas obras pelo conego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo II. (BMA – A/II/d/63)

P.105

Nota MA a grafite: traço sublinhando “Para” e “quem menti” e cruzeta à margem direita e esquerda do trecho.

“Tabyra”

[...]

“Para o vosso terreiro vos chamo,
Contra mim vinde todos, – sou forte:
Occorrei ao meu nobre reclamo!
Aqui sou, nem me parto d’aqui!
Vinde todos em densa cohorte:
Travaremos combate sangrento;
Mas por fim do triunfo cruento
Direis vós se fui eu quem menti.”

[...]

Nota de trabalho, fólio 121, anverso

MA-MMA-51-121
110
Branileirinho
Oh por oh
em June. Dias
n 199-I - 331

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 121.

Transcrição:

Brasileirismo

Ôh por ôh

Em Gonc. Dias

n 199-I-331

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°199: DIAS, Gonçalves. Poesias. Nova edição organizada e revista por J. Norberto dxe Souza Silva e procedida de uma noticia sobre o autor e suas obras pelo conego Doutor Fernandes Pinheiro. Rio de Janeiro/Paris: Livraria Garnier, 1919, tomo I. (BMA – A/II/d/62)

P.331

Nota MA: a grafite: traço à margem esquerda do trecho.

“O meu sepulchro”

[...]

“Cheio de melancholica incerteza,
Dir-te-hei: bem vinda, – ô morte! Quando os olhos
Voltar atraz na percorrida estrada;
E chorarei talvez, como quem deixa
O carcere medonho, onde engastada
Nas escaras da dôr gemeu sua alma
Largos annos de antigo soffrimento;
O carcer qu’inda as lagrimas lhe verte
Das humidas paredes, cujos echos
Inda parecem, na solidão da noite,
Repetir seus tristissimos accentos.

[...]

Oh! quão formosa a vida se revela
A quem já bate ás portas do infinito,
Encostado aos umbraes da eternidade,
A vez extrema contemplando o mundo!
A folha já mirrada, a pedra sôlta,
A flor agreste, a fonte que murmura
E as cantoras do céu, as ledas aves

*De variado esmalte, e as suspirosas
Brisas da noite e as do romper da aurora,
A estrella, o sol, o mar, o céu, a terra,”*

Nota da Pesquisa: no manuscrito Dicção/romances – notas de pesquisa (MA-MMA-54) no arquivo do escritor, há uma nota de trabalho (MA-MMA-54-59), que faz referência ao mesmo fenômeno linguístico anotado a partir da leitura de Gonçalves Dias:

“Ôh por oh.

Muitos grafam até
‘Ou’ popularmente
Assim Ascenso Fer-
reira
No romance popular
mesma grafia
Se veja nº 59-VI-I
(que tenho impresso)”

Nota de trabalho, fôlio 122, anverso

MA-MMA-51- (122)
(110)
Paralelismo
Maconha
456, 166

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 122.

Transcrição:

Brasileirismo

Maconha

456, 166

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n.º: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “fumu, macánha” e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“Supplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Diccionario abreviado”

166		SO	
Portuguez.	Latim.	Conguez.	Bundo.
Soluço.	Singultus, ds.	Chicúla.	
Sombra.	Umbra, æ.	Quini.	
Sómente.	Solum. Tantum.	Caca, tócca.	
Soprar ou Asso- prar.	Spiro, as.	Moéla.	
Sordidez, torpe- za.	Turpitude, inis.	Ndindu.	Vindu.
Sordido.	Sordidus, a, um.	Númu.	
Sorvo.	Sorbitio, nis.	Neúdi.	
		SU	
Suar.	Sudo, as.	Zuilla.	
Sulco v. Rego.	Sulcus, i.	Mocála.	
Suor.	Sudor, is.	Ezuilla.	
Supplicar.	Supplico. Obse- cro, as.	Vinga.	Cubinca.
		TA	
Tabaco.	Tabacum, i.	Tabaco, fumu.	<u>Fumu, macánha.</u>
Tábua.	Tabula, æ.	Tabula, dibaia.	Ribáia.
Tábuas.	Tabulæ, arum.	Mabáia.	Mabáia.
Tapar.	Occludo, is. Ob- turo, as.	Cáca, caquiúá.	
Tardar.	Moror, aris.	Chinghila.	✕
Tapete.	Tapes, etis. Ta- petum, i.	Tulúlu.	
		TE	
Tempo.	Tempus, oris.	Tándu.	
Ter.	Habeo, es. Teneo, es.	Avúa.	✕

MA-MMA-51-123
110
Brasileirismo
Tabaco
Fumo
45-6, 166

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 123.

Transcrição:

Brasileirismo

Tabaco

Fumo

456, 166

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando "Tabaco, fumu" e cruzeta à margem esquerda do trecho.

"Supplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Diccionario abreviado"

166	SO		
Portuguez.	Latim.	Conguez.	Bundo.
Soluço.	<i>Singultus, ds.</i>	Chicúla.	
Sombra.	<i>Umbra, æ.</i>	Quini.	
Sómente.	<i>Solum. Tantum.</i>	Caca, tócca.	
Soprar ou Asso- prar.	<i>Spiro, as.</i>	Moéla.	
Sordidez, torpe- za.	<i>Turpitude, inis.</i>	Ndindu.	Vindu.
Sordido.	<i>Sordidus, a, um.</i>	Númu.	
Sorvo.	<i>Sorbitio, nis.</i>	Neúdi.	
SU			
Suar.	<i>Sudo, as.</i>	Zuilla.	
Sulco v. Rego.	<i>Sulcus, i.</i>	Mocála.	
Suor.	<i>Sudor, is.</i>	Ezuilla.	
Supplicar.	<i>Supplico. Obse- cro, as.</i>	Vinga.	Cubinca.
TA			
Tabaco.	<i>Tabacum, i.</i>	<u>Tabaco, fumu.</u>	<u>Fumu, macánha.</u>
Tábua.	<i>Tabula, æ.</i>	Tabula, dibaia.	Ribáia.
Tábuas.	<i>Tabulæ, arum.</i>	Mabáia.	Mabáia.
Tapar.	<i>Occludo, is. Ob- turo, as.</i>	Cáca, caquiúá.	
Tardar.	<i>Moror, aris.</i>	Chinghila.	✕
Tapete.	<i>Tapes, etis. Ta- petum, i.</i>	Tulúlu.	
TE			
Tempo.	<i>Tempus, oris.</i>	Tándu.	
Ter.	<i>Habeo, es. Teneo, es.</i>	Avúa.	✕

Nota de trabalh, f6lio 124, anverso

MA-MMA-51- (124)
(110)
Brasileirano
Muleque
456, 150

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 124.

Transcrição:

Brasileirismo

Muleque

456, 150

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n.º: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando "Muléque" e "Muléque"

"Supplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Diccionario abreviado"

180	MA			
Portuguez.	Latim.	Conguez.	Bundo.	
Mas, porém.	<i>Sed. Verum.</i>	Cángi.		
Mata, bosque.	<i>Saltus, ás.</i>	Nfinda.		
Matar.	<i>Occido, is. Neco, as.</i>	Vônda, lósa.	Culósa.	
ME				
Medicina.	<i>Medicina, æ.</i>	Longhiána.		
Medida.	<i>Mensura, æ.</i>	Musóngo.	Musónga.	
Meio.	<i>Medius, a, um.</i>	Caciánc'i.	Cachás, cáchi.	
Mel.	<i>Mel, ellis.</i>	Uiqui.	Uiqui, guiqui.	
Melancolia.	<i>Atra bilis, melancholia, æ.</i>	Cachi, cásci.	✕	
Melhor.	<i>Præstantior, ius, oris.</i>	Anbóte.	Anbóte.	
Memoria.	<i>Memoria, æ.</i>	Súnga-súnga.	✕	
Menino.	<i>Infans, tis.</i>	Muléque.	Muléque. —	
Meninos.	<i>Infantes, ium.</i>	Aléque.	Aléque. —	
Menos.	<i>Minus.</i>	Luélu.	✕	
Mentira.	<i>Mendacium, ii.</i>	Lucúnc'i, Lucúnu.		
Mercador.	<i>Mercator, oris.</i>	Tamúte.		
Mercar.	<i>Mercor, aris.</i>	Súmma.	Cussúmba.	
Mesmo.	<i>Idem, eadem, idem.</i>	Béne.		
Mestre.	<i>Magister, i.</i>	Ndónghi.	Ndongutzi.	
MI				
Mil.	<i>Mille.</i>	Luculági.	H'ulucági.	

Portuguez.	Bundo.	Conguez.	Latim.
Milho, genero de grão.	<i>Milium</i> , ii.	Midi.	<i>Mássa.</i>
Minha, minhas.	<i>Meus</i> , a, um.	Miáme, máme.	<i>Q'uidmi, iámi.</i>
Minimo.	<i>Minimus</i> , a, um.	Leclee.	
Ministro.	<i>Magistratus</i> , ás.	Nciluilu.	
Miolo.	<i>Medulla</i> , æ. <i>Cerebrum</i> , i.	Onguántu.	

MO

Mó de moinho.	<i>Molaris</i> , is.	Lebéna.	
Moça.	<i>Puella</i> , æ.	Molécca.	<i>Molécca.</i>
Mocidade.	<i>Adolescentia</i> , æ.	Ncúla.	
Moço, rapaz.	<i>Adolescentulus</i> , i.	Moléque.	<i>Moléque.</i>
Modo, maneira.	<i>Ratio</i> , nis. <i>Modus</i> , i.	Muánu.	✕
Moeda.	<i>Moneta</i> , æ.	Nzímmu, zimbu.	<i>Zimbu, quitári.</i>
Mofar.	<i>Derideo</i> , es.	Vingacéce, nuncanze.	
Molestia.	<i>Molestia</i> , æ.	Mafuquéssa.	
Molhar.	<i>Madefacio</i> , is.	Bondáma.	
Momento.	<i>Temporismomentum</i> , i.	Tánnu.	
Monte.	<i>Mons</i> , ontis.	Móngo.	
Mortal.	<i>Mortalis</i> , e.	Riampóndi.	—
Mortaes.	<i>Mortales</i> , ium.	Mampóndi.	—
Morte.	<i>Mors</i> , ortis.	Mafúa, Fúa.	
Mosca.	<i>Musca</i> , æ.	Nsúmi.	

Nota de trabalho, fôlio 125, anverso

MT-MM9-51- (125)
(110)
Brasileirinho
Cariapomba
456, 184

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 125.

Transcrição:

Brasileirismo

Cariapemba

456, 134

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n.º: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando "Cariapémba".

"Suplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Diccionario abreviado"

134	DE		
Portuguez.	Latim.	Conguez.	Bundo.
D'esta parte.	<i>Hinc.</i>	Esumbuéri.	
Destruir.	<i>Destruo, is.</i>	Bangúla.	<i>Cubangúla.</i>
Determinação.	<i>Fixum consili- lium.</i>	Lucánu.	
Deus.	<i>Deus, i.</i>	Zámbi-ampúngu.	<i>Zámbi.</i>
Deus um só.	<i>Unus Deus.</i>	Zámbi ampúngu.	<i>Zámbi imóchi.</i>
Devoção.	<i>Pietas, tis.</i>	Querótima.	
Dez.	<i>Decem.</i>	Cúmi.	<i>Cúnhí.</i>
DI			
Dia.	<i>Dies, ei.</i>	Quilúmbu.	— ☒
Dias.	<i>Dies, erum.</i>	Ilúmbu.	— ☒
Diabo.	<i>Diabolus, i.</i>	Calianpénti.	<u><i>Cariapémba.</i></u>
Diarrhéa.	<i>Diarrhea, æ.</i>	Valumóna.	
Difficuldade.	<i>Difficultas, atis.</i>	Vatalalálu.	
Digo.	<i>Ego dico.</i>	Vouíe.	
Dilatar.	<i>Dilato, as. Ex- tendo, is.</i>	Tambúca.	
Diligencia.	<i>Sedulitas, atis.</i>	Quiacása.	☒
Direito.	<i>Æquum, i.</i>	Scingáma.	
Disciplina.	<i>Flagellum, i.</i>	Mussinga.	<i>Muchinga.</i>
Discordia.	<i>Dissentio, nis.</i>	Lassónsu, Sónsu.	
Dispensar.	<i>Concedo is. Do, as.</i>	Vána, Cána.	<i>Cubána, Cucuá- na.</i>
Distancia.	<i>Spatium, ii.</i>	Vála, Tominico.	
Diverso.	<i>Dispar, aris.</i>	Sosuátu.	
Dividir.	<i>Distribuo, is.</i>	Cána.	<i>Cucuána.</i>

Nota de trabalho, fôlio 126, anverso

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 126.

Transcrição:

Brasileirismo

Muchiba

456, 7

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n.º: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Maribúndu”, “Milónga” e “Muchiba” e três cruzetas à margem direita.

“Quinta observação: Do numero das declinações e das vozes dos nomes abundos”

DA LINGUA BUNDA.		7
no plural a inicial do singular, mas mudam a segunda letra em o i, como tudo se vê nos seguintes nomes:		
NOMES ABUNDOS QUE MUDAM A INICIAL EM A.		
Numero singular.	Numero plural.	
O Móna, o Filho.	Co Ana, os Filhos.	
O Múca, o Morador.	Co Agua, os Moradores.	
O Múttu, a Pessoa.	Co Attu, as Pessoas.	
O Mug'attu, a Mulher.	Co Ag'attu, as Mulheres.	
O Mutúri, o Viuvo ou a Viuva.	Co Atúri, os Viuvos ou Viuvas.	
O Munzénza, o Estrangeiro.	Co Anzénza, os Estrangeiros.	
O Mulúlu, o Bisneto.	Co Alúlu, os Bisnetos.	
O Molónqui, o Exemplo.	Co Alónqui, os Exemplos.	
O Mobúndo, o Negro.	Co Abúndu, os Negros.	
O Mundéle, o Branco.	Co Andéle, os Brancos.	
O Macála, o Carvão.	Co Acála, os Carvões.	
O Mubínku, o Cabo de Enchada.	Co Abínku, os Cabos das Enchadas.	
O Mulundúri, o Herdeiro.	Co Alundúri, os Herdeiros.	
O Muénhi, o Hospede.	Co Anhi, os Hospedes.	
O Mulúnda, a Ilha.	Co Alúnda, as Ilhas.	
O Macónco, a Dívida.	Co Acónco, as Dívidas.	
O Mucáchi, o Habitador.	Co Acáchi, os Habitantes.	
O Maribúnda, Insecto que morde.	Co Aribúndu, os Insectos que mor- dem.	
O Mulaúla, o Neto.	Co Alaúla, os Netos.	
O Búndo, o Angolano.	Co Abúndo, os Angolanos.	
Os nomes abundos d'esta primeira declinação, que conservam no plural a inicial do singular, e mudam a segunda letra em a letra i, são os seguintes:		
Numero singular.	Numero plural.	
O Ménha, a Agua.	 Carece.	
O Muffúnu, o Officio.	Co Miffúnu, os Officios.	
O Muesu, a Barba.	Co Miósu, as Barbas.	
O Mulónga, a Palavra.	Co Milónga, as Palavras.	
O Muénhu, a Alma ou a Vida.	Co Míénhu, as Almas ou as Vidas.	
O Mucc'ima, o Coração.	Co Mice'ima, os Corações.	
O Mah'ac'i, o Sangue.	 Carece.	
O Manhinca, o Sangue.	 Carece.	
O Mucánda, a Carta.	Co Micánda, as Cartas.	
O Mulóngo, o Remedio.	Co Minlóngo, os Remedios.	
O Mongónyo, o Espinheiro.	Co Migónyo, os Espinheiros.	
O Muzuéri, o Fallador.	Co Mizuéri, os Falladores.	
O Muchiba, a Arteria.	Co Michiba, as Arterias.	
O Mutinu, a Garganta.	Co Minu, as Gargantas.	
O Múcc'i, a Arvore.	Co Mice'i, as Arvores.	
O Musúmbu, o Beijo.	Co Misúmbu, os Beijos.	
O Mussúncu, o Bico.	Co Missúncu, os Bicos dos passaros.	
O Macútu, a Mentira.	 Carece.	

ma-ma-51-127
110
Brasileiro
Maribondo
456, 7
17

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 127.

Transcrição:

Brasileirismo

Maribondo

456, 7
11

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Maribúndu”, “Muchiba” e “Milóna” e três cruzetas à margem direita.

“Quinta observação: Do numero das declinações e das vozes dos nomes abundos”

DA LINGUA BUNDA.		7
no plural a inicial do singular, mas mudam a segunda letra em o i, como tudo se vê nos seguintes nomes:		
NOMES ABUNDOS QUE MUDAM A INICIAL EM A.		
Numero singular.	Numero plural.	
O Móna, o Filho.	Co Ana, os Filhos.	
O Múca, o Morador.	Co Agua, os Moradores.	
O Múttu, a Pessoa.	Co Attu, as Pessoas.	
O Mug'attu, a Mulher.	Co Ag'attu, as Mulheres.	
O Mutúri, o Viuvo ou a Viuva.	Co Atúri, os Viuvos ou Viuvas.	
O Munzénza, o Estrangeiro.	Co Anzénza, os Estrangeiros.	
O Mulúlu, o Bisneto.	Co Alúlu, os Bisnetos.	
O Molónqui, o Exemplo.	Co Alónqui, os Exemplos.	
O Mobúndo, o Negro.	Co Abúndu, os Negros.	
O Mundéle, o Branco.	Co Andéle, os Brancos.	
O Macála, o Carvão.	Co Acála, os Carvões.	
O Mubínhu, o Cabo de Enchada.	Co Abínhu, os Cabos das Enchadas.	
O Mulundúri, o Herdeiro.	Co Alundúri, os Herdeiros.	
O Muénhi, o Hospede.	Co Anhi, os Hospedes.	
O Mulúnda, a Ilha.	Co Alúnda, as Ilhas.	
O Macónco, a Dívida.	Co Acónco, as Dívidas.	
O Mucáchi, o Habitador.	Co Acáchi, os Habitantes.	
O Maribúnda, Insecto que morde.	Co Aribúndu, os Insectos que mordem.	
O Mulaúla, o Neto.	Co Alauúla, os Netos.	
O Búndo, o Angolano.	Co Abúndo, os Angolanos.	
Os nomes abundos d'esta primeira declinação, que conservam no plural a inicial do singular, e mudam a segunda letra em a letra i, são os seguintes:		
Numero singular.	Numero plural.	
O Mênha, a Agua.	 Carece.	
O Muffúnu, o Officio.	Co Miffúnu, os Officios.	
O Muesu, a Barba.	Co Miósu, as Barbas.	
O Mulóna, a Palavra.	Co Milóna, as Palavras.	
O Muénhu, a Alma ou a Vida.	Co Mienhu, as Almas ou as Vidas.	
O Mucc'ima, o Coração.	Co Micc'ima, os Corações.	
O Mah'ac'i, o Sangue.	 Carece.	
O Manhínca, o Sangue.	 Carece.	
O Mucánda, a Carta.	Co Micánda, as Cartas.	
O Mulóna, o Remedio.	Co Minlóna, os Remedios.	
O Mongónyo, o Espinheiro.	Co Migónyo, os Espinheiros.	
O Muzuéri, o Fallador.	Co Mizuéri, os Falladores.	
O Muchiba, a Arteria.	Co Michiba, as Arterias.	
O Muínu, a Garganta.	Co Minu, as Gargantas.	
O Múcc'i, a Arvore.	Co Micc'i, as Arvores.	
O Mussúmbu, o Beijo.	Co Misúmbu, os Beijos.	
O Mussúncu, o Bico.	Co Missúncu, os Bicos dos passaros.	
O Macútu, a Mentira.	 Carece.	

P. 11

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Maribóndo, as Vespas” e uma cruzetas à margem direita.

“Quinta observação: Do numero das declinações e das vozes dos nomes abundos”

DA LINGUA BUNDA.		11
Numero singular.	Numero plural.	
<i>O Ricóchi</i> , o Cachaco.	<i>Co Macóchi</i> , os Cachacos.	
<i>O Ricúnda</i> , a Costella.	<i>Co Macúnda</i> , as Costellas.	
<i>O Ritácatáca</i> , a Coxa.	<i>Co Matácatáca</i> , as Coxas.	
<i>O Rizezela</i> , a Bába.	<i>Co Mazezela</i> , as Babas.	
<i>O Ribúbu</i> , o Mudo.	<i>Co Mabúbu</i> , os Mudos.	
<i>O Ribúmbu</i> , o Nô.	<i>Co Mabúmbu</i> , os Nós.	
<i>O Rissóla</i> , o Eleito.	<i>Co Massólla</i> , os Eleitos.	
<i>O Ritáta</i> , a Escusa.	<i>Co Matáta</i> , as Escusas.	
<i>O Rivitu</i> , a Porta.	<i>Co Mavitu</i> , as Portas.	
<i>O Ricúndu</i> , o Circulo.	<i>Co Macúndu</i> , os Circulos.	
<i>O Rinfula</i> , a Cozinha.	<i>Co Mansfula</i> , as Cozinhas.	
<i>O Ricóca</i> , a Cór.	<i>Co Macóca</i> , as Cores.	
<i>O Ricánga</i> , a Jornada.	<i>Co Macánga</i> , as Jornadas.	
<i>O Ricánca</i> , a Distancia.	<i>Co Macánca</i> , as Distancias.	
<i>O Ricánda</i> , o Passo.	<i>Co Macánda</i> , os Passos.	
<i>O Ricánda iá Quináma</i> , a Planta do pé.	<i>Co Macánda iá Ináma</i> , as Plantas dos pés.	
<i>O Ricánda iá Lucácu</i> , a Palma da mão.	<i>Co Macánda iá Mácu</i> , as Palmas das mãos.	
<i>O Ricánca</i> , o Campo.	<i>Co Macánca</i> , os Campos.	
<i>O Riáqui</i> , o Ovo.	<i>Co Maiáqui</i> , os Ovos.	
<i>O Ricámba</i> , o Camarada.	<i>Co Macámba</i> , os Camaradas.	
<i>O Riténdu</i> , a Peça de artilheria.	<i>Co Maténdu</i> , as Peças de artilheria.	
<i>O Rissúncu</i> , o Buraco.	<i>Co Massúncu</i> , os Buracos.	
<i>O Ricúngu</i> , o Barranco.	<i>Co Macúngu</i> , os Barrancos.	
<i>O Ricúngu</i> , a Barroca.	<i>Co Macúngu</i> , as Barrocas.	
<i>O Ricáta</i> , o Doente.	<i>Co Mucáta</i> , os Doentes.	
<i>O Rig'óné'io</i> , a Banana.	<i>Co Mag'óné'io</i> , as Bananas.	
<i>O Ritému</i> , a Enchada.	<i>Co Matému</i> , as Enchadas.	
<i>O Ricóta</i> , o Maior.	<i>Co Macóta</i> , os Maiores.	
<i>O Riúlu</i> , o Ceo.	<i>Co Maílu</i> , os Céus.	
<i>O Ribóndo</i> , a Vespa.	<i>Co Maribóndo</i> , as Vespas.	
<i>O Rissu</i> , a Folha.	<i>Co Mássu</i> , as Folhas.	
<i>O Rié</i> , a Palmeira.	<i>Co Maie</i> , as Palmeiras.	
<i>O Rilónca</i> , o Prato.	<i>Co Malónca</i> , os Pratos.	
<i>O Rissánga</i> , o Pote.	<i>Co Massánga</i> , os Potes.	
<i>O Ritamina</i> , a Tigella.	<i>Co Matamina</i> , as Tigellas.	
<i>O Ribéngu</i> , o Rato.	<i>Co Mabéngu</i> , os Ratos.	
<i>O Rilénzu</i> , o Lenço.	<i>Co Malénzu</i> , os Lenços.	
<i>O Ricúmba</i> , o Cadeado.	<i>Co Macúmba</i> , os Cadeados.	
<i>O Ritári</i> , a Pedra.	<i>Co Matári</i> , as Pedras.	
<i>O Richita</i> , a Fogueira.	<i>Co Machita</i> , as Fogueiras.	
<i>O Richi</i> , o Fumo.	<i>Co Marichi</i> , os Fumos.	
<i>O Richi</i> , a Fumaça.	<i>Co Marichi</i> , as Fumaças.	
<i>O Rissfula</i> , o Gosto.	<i>Co Massfula</i> , os Gostos.	
<i>O Richóssi</i> , a Lagrima.	<i>Co Machóssi</i> , as Lagrimas.	
<i>O Ribúca</i> , a Lombriga.	<i>Co Mabúca</i> , as Lombrigas.	
<i>O Rittuttula</i> , a Fantasia.	<i>Co Mattuttula</i> , as Fantasias.	

Nota de trabalho, fôlio 128, anverso

MA-MMA-51-(128)
(110)
Brasileirismo
Bunda
456, 124

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 128.

Transcrição:

Brasileirismo

Bunda

456, 124

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n.º: 456: CANNECATTIM, Bernardo Maria de. Collecção de observações grammaticaes sobre a lingua bunda ou angolense; e Diccionario abreviado da lingua congueza. 2ª ed., Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. (BMA – F/II/c/6)

P.124

Nota MA: a grafite: traço sublinhando: “Búnda” e círculo destacando “Búmba”; “Bánda” e “Nbánda”, acompanhado de nota à margem direita: “Umbanda”. Há também duas cruzetas à margem esquerda do trecho.

“Supplemento ás observações grammaticaes da língua bunda ou angolense – Diccionario abreviado”

124			
BA			
Portuguez.	Latim.	Conguez.	Bundo.
Baptismo, aquelle que o recebe.	<i>Qui accedit ad sacrum baptismi fontem.</i>	Moána-múnga.	Móna-móngoa.
Barba.	<i>Barba, æ.</i>	Zéffu.	
Barbeiro.	<i>Tonsor, oris.</i>	Nsumúqui.	
Barrete.	<i>Pileus, i.</i>	Bánda.	Nbánda. <i>Umbanda</i>
Barriga.	<i>Venter, tris.</i>	Vúmu.	Ricúmu, Mála.
Barriga de animais.	<i>Animalium venter.</i>	Lucútu.	✕
Barro.	<i>Argilla, æ.</i>	Mutóto, Túma.	Mutótu, ✕.
Bastão.	<i>Baculum, i.</i>	Nuála.	Bangála.
Bastar.	<i>Sufficio, is.</i>	Fuána, Fanána.	
Bater.	<i>Percutio, is.</i>	Búnda, Búmba.	Cubúnda.
Bau.	<i>Arca, æ.</i>	Lucáta.	
BE			
Beber.	<i>Bibo, is.</i>	Núa.	Cunúa.
Beijos.	<i>Labia, orum.</i>	Bófi quiá núa.	
Beijar.	<i>Osculor, aris.</i>	Muquína.	Cumuquína.
Beijo.	<i>Osculum, Suavium, ii.</i>	Nuquini.	Muquino.
Bemaventurado.	<i>Beatus, Fortunatus, a, um.</i>	Autá-auóte.	
Benefício.	<i>Munus, eris.</i>	Eóte.	
Benzer.	<i>Benedico, is.</i>	Candaluila.	
BI			
Bicho.	<i>Vermis, is.</i>	Nuili.	

MA-MMA-51-129
110
Brasileirismo
Bunda
447, 275
nota 270
V. pg 90

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 129.

Transcrição:

Brasileirismo

Bunda

447, 275

nota 270

V. pg 90

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes. Boston/ New York: The American folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

P. 275

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Mbunda” e cruzeta à margem direita do trecho.
“Notes”

“270. Mbunda is really the soft part between the ribs and the hips, called waist. But, by extension, mbunda is most frequently used for any bottom: in animals, men, baskets, bottles, and other things. Compare mbunda, meat, in the Kuangu dialects. See note 376”.

Nota MA: a grafite: traço sublinhando "mbunda" e linha ligando "mbunda" a "lower", também sublinhada, à página seguinte.

"V. Sudika-Mbambi"

lende; ua mu jika ku ditadi. Uai' é.

O Sudika-mbambi ua k'ija kiá. Uambela akuá: "Tu'enu ku bata. Muku'enu a mu jika." Abixila ku bata. A mu jikula o ditadi, éxi: "Thi ia ku bange kiki?" Uxi: "O kakulakaji, ki abange aku' etu, n'eme kiene." Azekele.

Kimenemene, Sudika-mbambi uxi: "Tu'enu ku ita." Buaxala Kipalende kimoxi. Abixila ku makixi. Ala mu loza.

O ku bata, ku axala Kipalende, o kakulakaji kéza, uxi: "Tu di kuete. Eie, ha ua ngi xini, usakana ni mulaul' ami." A di kuata. Kakulakaji uaxini Kipalende; ua mu jika.

O Sudika-mbambi, ku ai, uéja kiá. Uxi: "Tu'enu ku bata. Muku'enu a mu jika." Azumbuka mu loza. Ku makixi kuaxala sanzala imoxi. Abixila ku bata. Ajikula o Kipalende. Azekele.

Kuaki, o Sudika-mbambi uxi: "Mazá, kuaxala sanzala imoxi. Enu, Ipalende iuana, ndenu kálozienu. Eme, lelu, ngixala." Ai mu loza.

O ku bata, ku axala Sudika-mbambi, kakulakaji kéza, uxi: "Tu di xine. Eie, ha ua ngi xini, usakana ni mulaul' ami." A di xina; kakulakaji a mu xini. O Sudika-mbambi uajib' o kakulakaji; uaxala ni mulaul' é.

O mon'a muhatu uxi: "Lelu ngabana mueniu;²⁸¹ mukonda o kuku etu ua ngi jikidile m'o'nzo ia ditadi, ki ngizunge. Lelu tuanda kusakana kiá ni Sudika-mbambi." Iú uaxikina. O Ipalende iéza, ixi: "Makixi lelu abu." O Sudika-mbambi uxi: "Kiauba." Akal' é.

O Ipalende iuana iala mu ta punji ia kujiba Sudika-mbambi, éxi: "Mon'a ndenge ua tu tundu. Tu mu jiba kiebi?" Akandele dikungu boxi. Azale-bu o ngandu²⁸² ni dixisa. A mu izana. Éxi: "Xikama boba." Uaxikama; uakuzúka mu dikungu; a mu vumbika. Ene axala ni muhatu.

O ku bata, ku atundile, kuaxala ndenge é Kabundungulu. Uakondoloka ku xilu dia 'nzo; utala o kilembe kia kota dié: kialela.²⁸³ Uxi: "O kota diani, ku aii, uandala kufua." Ua-ki tabela o menia; kiabuingita.

O dikota, Sudika-mbambi, ki akuzukamu dikungu, koko uakutuka mu ujila; uala mu kuenda.

Ubixila mu kaxi ka njila; uasange kakulakaji, kala mu dima ni mutue; o mbunda uéake mu kilembeketa.²⁸⁴ O Sudika-mbambi

daughter." They fight. The old woman has beaten Kipalende; she weights him down with a stone. She goes away.

Sudika-mbambi, he knows it at once. He tells the others: "Let us go home! Your comrade is shut down." They arrive at home. They lift the stone off him, saying: "What has done this to thee?" He says: "The old woman, what she did to our comrades, (she did) to me the same." They slept.

Morning, Sudika-mbambi says: "Let us go to the war!" There stayed one Kipalende. They arrive at the Ma-kishi's. They are firing.

At home, where Kipalende stayed, the old woman comes, says: "Let us fight! Thou, if thou beatest me, shalt marry with my granddaughter." They fight. The old woman beats Kipalende; she weights him down.

Sudika-mbambi, where he went, knows at once. Says: "Let us go home! Your comrade is weighted down." They stop firing. At the Ma-kishi's there was left one village. They arrive at home. They free Kipalende. They slept.

It dawns, Sudika-mbambi says: "Yesterday, there was left one village. You, four Kipalendes, go ye to fire (guns). I, to-day, shall stay behind." They went to fire.

At home, where stayed Sudika-mbambi, the old woman comes, says: "Let us fight! Thou, if thou beatest me, shalt marry with my granddaughter." They fight; the old woman is beaten. Sudika-mbambi killed the old woman; he remained with her granddaughter.

The young woman says: "To-day I got life; for my grandmother used to shut me up in house of stone, that I (should) not go about. To-day, we will marry now with Sudika-mbambi!" He assented. The Kipalendes come, say: "The Ma-kishi to-day are finished." Sudika-mbambi says: "Well." They live on.

The four Kipalendes are making a plot for killing Sudika-mbambi, saying: "A child has surpassed us. We shall kill him how?" They dug a hole in the ground. They spread on a mat and a mat.²⁸² They call him. They say: "Sit down here." He sat down; dropped into the hole; they covered him up. They stayed with the woman.

At home whence he came, there stayed his younger, Kabundungulu. He goes round to the back of the house; looks at the life-tree of his elder; it is withered. Says: "My elder, where he went, is going to die." He pours water on it; it grows green.

The elder, Sudika-mbambi, when he dropped into the hole, there he found a road; he is walking.

He arrives in midst of road; he finds an old woman, who is hoeing with the head (part); the lower (extremity), she kept it in the

MA-MMA-51- (130)
(110)
Pbraulcivim
Inacota
X. Di-cota
447, 273
nota 233
h. 274 nota ~~274~~
255
—
Di ~~ce~~ ma nota 344
hg 280

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; rasuras a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 130.

Transcrição:

Brasileirismo

Macota

V. Di-cota

447, 273

nota 233

p. 274 nota 274

255

A¹: ^274^

Di — e — ma > nota 344
Pg 280

A¹: +Di — e — Ma [...] pg 280

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes. Boston/ New York: The American Folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

P. 273

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “di-kota, head-man” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Notes” “233. Na mvulae jê. Na mvuale is the title of the chief’s head-wife, and corresponds, therefore, to our Queen. This use of the plural concord (iê) with a singular noun (mvuale), as a sing of respect, is remarkable. It is also used with the primer-minister, e g., ngolambole jê, but neither with the chief’s title soba nor with di-kota, head-man. To show somebody respect by this use of the plural is called ku mu jingisa.”

P. 274

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “ma-kota” e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“Notes”: “255. Ngolambole, composed of Ngola (probably old Ki-mbundu for ngana, Lord) and mbole, i.e., hunt; hence; ‘Lord of the hunt’ (ngola a mbole). It is the title of the chief’s prime minister, and presumptive successor, if he be of royal blood and closely related to the king. The other royal officer is the sakala or tandala, that is the secretary, who, in the Kuangu basin, is almost invariably a Mbaka-man. The council of the ma-kota, or elders, is the legislative body (parliament) of the tribe, while the king, with his cabinet, is the executive, wielding absolute power as long as he is constitutional enough to keep in favor with the ma-kota.

P. 280

Nota MA: a grafite: traço sublinha e circula “di-lenda” e “ma-lenda”, e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“Notes” “344. Ki –mbiji is “Big-fish”; di-lenda, sing of ma-lenda, is the largest river-fish about Malange; ngandu is pronounced with another intonation than ngandu, a papyrus-mat.”

Nota de trabalho, fôlio, 131, anverso

Brasileirismo
cabungo
447 h 256

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 131.

Transcrição:

Brasileirismo

Cabungo

447 p 256

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes. Boston/ New York: The American Folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

P. 256-257

Nota MA: a grafite: traço em forma de “l” à margem esquerda do trecho, acompanhado de autógrafo: “Cabungo”.

“Notes” “31. Kalubungu is a magic box, which plays an important rôle in many Angolan legends. A glance at the references given in the index under kalubungu will give a pretty adequate idea of the functions of this box. The etymology of the word is uncertain. Mbungu, or lu-mbungu when a single one is meant, is the Ki-mbundu for the bamboo-tree and any piece of it. The snuff-boxes are called ji-mbungu, sing. mbungu, irrespective of the material, because most of them are made of a bamboo cane of some kind or other.”

MA-MMA-51-132
Brasileirismo
Mucama
447 p 267
nota 176

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 132.

Transcrição:

Brasileirismo

Mucama

447 p 267

nota 176

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG; nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). *Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes.* Boston/ New York: The American Folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

P. 267

Nota MA: não apresenta.

“Notes” “176. A-kama. Inland, where the language is purer, mu-kama is used only for a slave-wife of a polygamist (hongo). A free wife is called ki-hunji or mu-kaji. Among the free wives of a polygamist there is a further distinction between the wife who married first and those who followed her. The first has authority over the others, and is called kota dia hongo (the great (wife) of the polygamist), the others are called ji-ndenge ja hongo (the smaller, inferior (wives) of the polygamist). The head-wife alone has a right to the title of mukua-dibata (master or mistress of the house), which she shares with her husband; and the head-wife of a chief alone is called na mvuale (queen). A mu-kana is never called mu-kaji by either husband or other people; he says mukam’ ami, the others say mukam’ a nganji (the mukama of So-and-So). Nor does the mukama call her man mulume ami or munume etu; this is the privilege of the ki-hunji. She calls him ngan’ami or ngana iami, if he has only one mukama, or ngana ietu if he has several.

In the coast-towns, mu-kama is now used, almost indiscriminately, for any servant girl above ten years who has been bought, or ‘redeemed’, as people say since slave-dealing has ceased to be publicly honorable. This free use of mu-kama is silently witnessing against the moral (?) behavior of civilized masters, white or colored, in the ‘centres of civilization.’”

Nota de trabalho, fôlio, 133, anverso

MA-NMA-51-⁽¹³³⁾
110
Brasileirinho
Cassange
vem de Angola
447 / 304

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 133.

Transcrição:

Brasileirismo

Cassange

vem de Angola

447 p 304

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). *Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes.* Boston/ New York: The American Folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

P. 304

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “cassange” e cruzeta à margeme esquerda do trecho.

“Notes”

“XL

Informant. Jelemía dia Sabatelu.

Dialect. Mbaka.

Origin. Cassange or Kasanji. This is the title of the head-chief of the I-mbangala (sing. Ki-mbangala), whose language is called U-mbangala. From the head-chief all the country of the I-mbangala has been called Kasanji, in Portuguese Cassange. Properly, however, this Portuguese name only suits the ancient “Feira”, or market, or trading-post, situated some twenty miles’ walk west of the Kuangu River.

See my Vocabulary of U-mbangala, in Dr. C. G. Büttner’s “Zeitschrift für Afrikanische Sprachen,” Berlin, January, 1889.

About the history of Kasanji (Cassange), see H. de Carvalho, “Ethnographia e Historia tradicional dos Povos da Lunda”, Lisbon, 1890. On page 83, our Kitamba kia Xiba (Quintamba-quia-Xiba) appears as the twentieth in the line of the kings of Kasanji. One of our unpublished historial traditions gives an account of the origin of the Kingudi dynasty and the exodus of the Pende tribe from Kassanji to its present quarters in the Kasai basin.”

[...]

MA-MMA-51-(134)
(110)

Brasileirismo

Caxinguelê
vem do Quimbundo,
pelo menos na forma
dialetoal de Am-
baca, em que o
esquilo é chamado
"Kaxingengele"

447 p. 211
Crefa ainda p. 300

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 134.

Transcrição:

Brasileirismos

Caxinguelê

vem do Quimbundo,
pelo menos na forma
dialeto de Am-
baca, em que o
esquilo é chamado
“Kaxingengele”
447 p 221
(veja ainda p. 300[]]

A: lapso: parênteses

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 447: CHATELAIN, Heli (org.). Folk-tales of Angola: fifty tales, with ki-mbundu text literal english translation introduction, and notes. Boston/ New York: The American Folk-lore Society/ G.E.Stechert & Cº, 1894, volume I. (BMA – F/II/C/11)

Nianga dia Ngenga and his Dogs.

221

"Why givest thou the dogs all that meat?" He said: "Because they are (those) with whom I always go out." The women are silent. The other meat, Dinianga he divided it to the others in the village. They lived on some days.

Dinianga, whenever animals were speaking, he always heard. He held his peace.

One day, he is seated outside with his two dogs who are around him. His wife, the principal, is at the mortar; she is pounding. The fowls begin to whisper with the goat, who says: "A visitor is coming. To-day, fowl, they will kill thee." The fowls said: "They will kill thee, thou goat, so fat." The goat said: "They will first kill thee, thou chicken; to-morrow then they will kill me, me too."

Dinianga, who was hearing, begins to laugh; however, his mother-in-law is coming. His wife, when she hears her master, who is laughing, she turns round to look at him. When she looks in the distance, her mother is coming wearing rags.

The woman says: "Thou, my master, art laughing at my mother, who is coming, wearing rags." The man said: "She, thy mother, I saw her not, where she was coming. I laughed about my own affairs, different, that I was thinking." The wife says: "Thy lies! my mother thou didst laugh at her." The woman tells her mother, saying: "Thou, my mother, who comest to visit, thy son-in-law has laughed at thee." Her mother, when she heard this, it displeased her, she said: "My son-in-law, thou hast insulted me." The mother-in-law, in the house of her daughter, she refuses to enter there any more. She puts up at another house in the village. Her daughter cooks the food; she gives (it) to her mother. Her mother refuses.

The woman grapples with her master, saying: "Thou hast insulted my mother." Her master says: "But now, I began to tell thee, saying, 'matters of mine, others, I was thinking.'" The woman said: "I, it shall be thou tellest me the matters, that thou wast thinking. If thou tellest me not them, my mother, thou didst laugh at her." The man said: "Let us sleep; to-morrow I shall speak." They slept.

Morning, the man sent to call the other people in the village; they come in full. The man said: "You, our folks, listen to what I speak; for I am going to die. My death, do not remember it." He says: "You, our people, I learnt my craft of hunting. I called a medicine-man; he made for me a medicine; he gave me rules, saying, 'If thou didst sleep in house of younger, do not climb into tree-seat.' I went a-hunting with both my dogs. I forgot the rule, that the medicine-man had given me. I shot a deer; the deer fell on ground. I cannot get down. My dogs, they cut a tree; I got

Nota MA: a grafite: traço vertical e cruzeta à margem esquerda do trecho; nota à margem esquerda do trecho: "Cão!".

"Notes"

NO. XXXI.

INFORMANT. Jelema dia Sabatelu.

DIALECT. Mbaka. But the origin is Mbamba.

COMPARATIVE. This story shows that the Bantu negroes are familiar with the game of hide-and-seek. As in the Hottentot folk-lore, so in that of the Bantu, the Jackal plays the part of cunningness, which the Fox discharges in European folk-lore. The *mbulu* differs from the *dibeku*, another kind of jackal, in that his color is darker. The *mukenge* of the two preceding tales is smaller than the jackal, has coarse, long, gray hair, a long hairy tail, a head somewhat like that of the ichneumon, and is proverbial for his chicken stealing.

Though both are cunning, the Hare seems, in Bantu folk-lore, to surpass the Fox in shrewdness.

In a Bahaman negro story, on p. 49 of the "Journal of American Folk-Lore," 1891, the Dog plays to Man the same trick as our Hare. "Now de dog jut' leave 'e two heyes out. Vwen 'e get dere, de man say, 'Ho my! look at de san' got heyes.'"

NO. XXXII.

INFORMANT. Jelema dia Sabatelu.

DIALECT AND ORIGIN. Mbaka.

COMPARATIVE. The Angola squirrel is smaller than ours, but just as restless. It is an excellent symbol for impatience. The scientific name of the Angolan squirrel is *Sciurus palliatus*, Peters. In the coast dialect it is called *Kaxinja-ngele*. The word is composed of *Ka-xinji-a-ngele*.

This story is the counterpart of the following. Here the Squirrel loses his glorious chance by his impatience; there the Dog misses the same golden opportunity by his greed.

555. *Lelu a lele*, a kind of superlative of *lelu*; not in common use.

556. This *á* is the pronoun of *ungana*. In Loanda, it is *n* and would have to be infixed, *tua u ambela*.

557. A proverb.

NO. XXXIII.

INFORMANT. Jelema dia Sabatelu.

DIALECT AND ORIGIN. Mbaka.

COMPARATIVE. See the preceding number. As a few stories, illustrative of the Angola dog's characteristics, follow, it is well to note how different from ours is the African's estimate of the dog's moral make-up. With us he is the image of faithfulness and intelligent devotion; with them he personifies all that is mean and low. As among Orientals, so among the A-mbundu, the dog's name is used as an insult equivalent to our "swine, hog." This difference of appreciation is not quite unwarranted. The aspect of the skeletoned and mangy scavengers of African streets, and the guilty look with which they sneak out of your reach, inspires nothing but contempt and abhorrence. What a difference with our civilized and almost christianized St. Bernards and Newfoundlanders! It takes a philosopher to make the first impression yield to that of pity; to search for the cause of this difference, and to find that it is not the dog's fault, but that of his masters. Ill-fed, if fed at all, and constantly ill-used, the poor African dog has had no chance of evolving his latent virtues into improved breeds. It is the struggle for existence that has made him a thief and a scavenger. No. XXXIX. shows that the hunting-dog's life is not so unhappy.

Nota de trabalho: fôlio, 135, anverso

MA-MMA-51-(135)
110
Branileirismo
"Cancro" reformativo
428,42

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 135.

Transcrição:

Brasileirismo

“Cancro” pejorativo

428, 42

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°: 428: MARTIN, Éman. Deux cents locutions et proverbes: origine et explications, 14 ed., Paris: Librairie Delagrave, 1932. (BMA – E/II/f/42)

Nota da Pesquisa: na página de rosto do livro, encontra-se nota marginal de MA, na qual o autor enumera, a grafite, outras páginas que, possivelmente, lhe interessariam, são elas: “p 88-93-102-103-114-/122-138-”. As páginas registradas, respectivamente, focalizam as seguintes locuções e provérbios: “Tuer le ver”; “Briller par son absence”; “L’habit ne fait pas le moine”; “Renvoyer quelqu’un aux calendes grecques”; “Jeter de la poudre aux yeux à quelqu’un”; “Au temps ou la reine Berthe filait”; “Chat échaudé craint l’eau froide” e “En mettre la main au feu”.

A corsaire, corsaire et demi.

Le mot *corsaire*, de l'espagnol *corsario*, venu de *corsa*, course, qui se trouve en provençal et en italien, s'est dit d'abord des vaisseaux équipés dans les États barbaresques et faisant en tout temps la course contre les chrétiens; puis, naturellement, il a passé aux hommes qui montaient les vaisseaux.

Or, ces hommes, comme on le pense bien, n'étant point tendres pour leurs semblables, on appela de leur nom, au figuré, tout être dur et impitoyable par cupidité; d'où l'expression: *A corsaire, corsaire et demi*, signifiant qu'envers un homme agressif, difficile, il faut se montrer encore plus agressif, plus difficile; littéralement: A un corsaire il faut opposer un corsaire et demi.

Cancré.

Pourquoi, dans les classes, appelle-t-on *cancré* un élève qui, à cause de la nullité de ses progrès, semble reculer plutôt qu'avancer? Ne vaudrait-il pas mieux l'appeler *écrevisse*?

A l'origine, notre langue se servait du mot *écrevisse* pour désigner le crustacé que vous savez: les proverbes du treizième siècle citent les « écrevisses de Bar » comme les meilleures.

Mais le latin avait un autre terme, *cancer*, pour signifier le même habitant des eaux; il nous le passa sous la forme *cancré*, ce qui nous fit deux noms pour désigner un seul et même animal aquatique.

Pendant longtemps, ces deux noms furent employés l'un pour l'autre, et cela durait encore au dix-huitième siècle, comme le prouvent les Dictionnaires de Furetière (1727) et de Trévoux (1771).

Or, plus tard, mais sans que j'en puisse préciser la date, l'usage a fait un choix entre les deux vocables en ques-

tion : il a affecté au sens propre *écrevisse*, qui s'employait exclusivement dans les traités de cuisine depuis le quinzième siècle, et il a relégué *cancré* dans le sens figuré.

Et voilà pourquoi un écolier qui semble marcher à reculons est qualifié de *cancré* par ses camarades ainsi que par ses maîtres.

Piquer son chien.

Pourquoi *piquer son chien* signifie-t-il s'endormir?

La pièce intitulée *l'Aveugle de Montmorency*, pièce qui fut jouée pour la première fois à Paris le 6 mars 1823, serait, d'après Joachim Duflot, le point de départ de ce dicton.

Le personnage qui fait l'aveugle tient à ne pas s'endormir; et, pour atteindre son but, il arme le bout de son bâton d'une pointe de fer qui, chaque fois que le sommeil le gagne et imprime à son corps un mouvement, va piquer son vigilant gardien, placé entre ses jambes.

Le moyen employé par l'aveugle pour se tenir éveillé a naturellement donné lieu, au théâtre, à l'expression *piquer son chien*, avec le sens de s'endormir, et de là, comme tant d'autres que la scène a vues naître, cette expression a passé dans le public.

Prendre quelqu'un sans vert.

C'est le prendre au dépourvu, comme le montrent ces exemples :

C'est ce qui fait toujours que *je suis pris sans vert*.

(MOLIÈRE, *l'Étourdi*.)

Je confesse à ce coup que *je suis pris sans vert*.

(THOMAS CORNEILLE.)

Quant à l'origine de cette expression, elle remonte à un

Nota de trabalho, fôlio 136, anverso

MA-MMA-51-(136)
(110)
Brasileirismo
Cigarras
97, 231

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 136.

Transcrição:

Brasileirismo

Cigarrar

97, 231

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 97: BRAZIL, A. Americano do. Cancioneiro de trovas do Brasil Central. São Paulo: Editora Monteiro Lobato, 1925. (BMA – F/I/a/49)

P. 231

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “cigarrei” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Quadrinhas – Trovas”

[...]

“ Me deram jantar, café

E cigarro – cigarrei,

Enfiei a mão na algibeira

Tirei dinheiro e paguei.”

[...]

Nota da Pesquisa: na ante-folha de rosto do livro, encontra-se, a grafite, nota marginal de MA: “cigarrar 231-”. Ainda que o referido vocábulo esteja destacado ali, o título apresenta muitas notas marginais do autor que, certamente, aludem às suas pesquisa em torno do Dicionário musical brasileiro, da Zoofonia, dos estudos sobre o Preto, entre outros.

Nota de trabalho, fôlio 137, anverso

NA-MMA-51-137
110
Branlequin
Ymudavel
460, II, 36

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 137.

Transcrição:

Brasileirismo

Imudavel

460, II, 36

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 460: TROVADOR; Collecção de modinhas, recitativos, Arias, lundus, etc, Nova edição, correcta. Rio de Janeiro: Livraria Popular A. A. da Cruz Coutinho, 1876, volume II. (BMA – C/II/e/96)

P. 36

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Immudavel” do título e cruzeta à margem esquerda do poema.

“Modinhas” “Meu destino é immudavel”

“Meu destino é immudavel,

Minha desgraça é constante;

Eu choro todos os dias,

Eu suspiro a cada instante.”

[...]

MA-MMA-51-(138)
(110)
Brancheiro
Influência
Tenência
460, V, 21

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 138.

Transcrição:

Brasileirismos

Influência

Tenência

460, V, 21

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 460: TROVADOR; Collecção de modinhas, recitativos, Arias, lundus, etc, Nova edição, correcta. Rio de Janeiro: Livraria Popular A. A. da Cruz Coutinho, 1876, volume V. (BMA – C/II/e/99)

P. 21

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “influencia” e “tenencia”; à margem esquerda duas cruzetas e autógrafo: “impressão”.

“Lundu” “Yôyô, vossê é o demônio”

[...]

“Será acaso muita trunfa

Que lhe faz tanta influencia?

Ai, yôyô, não seja assim,

Veja bem, tome tenencia.”

[...]

MA-MMA-51-139
110
Brasileirinho
Aulista p 197
Bago p 99
Vago p 100
no 460, vol I

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 139.

Transcrição:

Brasileirismos

Aulista p 197

Bago p 99

Vago p 100

nº 460, vol I

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 460: TROVADOR; Colleção de modinhas, recitativos, Arias, lundus, etc, Nova edição, correcta. Rio de Janeiro: Livraria Popular A. A. da Cruz Coutinho, 1876, volume I. (BMA – C/II/e/95)

P. 99

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “bago” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Recitativas”

“O vago”

“Não tenho bago no meu bolso – é facto:

O meu sapato já roído é todo;

Ando calçado, mas dos pés os dedos

Lêem segredos que só há no lodo. “

[...]

P.100

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “vago” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Recitativas”

“O vago”

[...]

“Se acaso peço com voz supplicante

A um passante, - pouca cousa – um bago;

O tal me lança um olhar feroz,

Muda de voz e me diz: sahe – vago.”

[...]

Nota de trabalho, fôlio, 140, anverso

MA-MMA-51- (140)
(110)
Brasileirismo
no Cabo Verde
468, 42

Análise documental: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 140.

Transcrição:

Brasileirismos

No Cabo Verde

468, 42

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: n°468: CARDOSO, Pedro. Folclore caboverdeano. Porto: Edições Maranus, 1933.
(BMA – B/11/c/23)

À pronúncia brasileira de *amô*, *anê*, *má*, corresponde a caboverdeana de *amôr*, *anel*, *mar*, *mal*, a-par-de *cudjê*, *Manê*, *pedjegá* (Fogo).

As duas consoantes permutam-se frequentemente, tanto num como noutro dialecto.

Seja-nos permitido aumentar a nossa documentação transcrevendo alguns vocabulos etimónica e semânticamente afins:

BRAS.	CABV.	PORT.
Assombrado	sombrado	atônito, aterrorizado por fantasma
Arreminado	reminado	teimoso
Chaboquêro	chabocado	grosseiro, mal acabado
Impalamado	palamado	parado, calmo
Massapês	massapê	terra escura e húmida
Matapasto	matapasso	planta
Merejar	melejã	humedecer
Pinchar	pinchá	empurrar
Quaje	quaje	quási
Riba	riba, ruba	sôbre
Rêxa	rêxa	rixa
Saluçó	saluçó	soluçó
Sarvajidade	sarvajindade	selvajaria
Vregonha	brigonha	vergonha

Nota de trabalho, fôlio 141, anverso

MA-MMA-51-(141)
(110)
Brasileiro
Carité
45-3, III, 170

Análise documentária: nota de trabalho, autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 141.

Transcrição:

Brasileirismo

Carité

453, III, 170

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 453: EQUILBECQ, F.V. *Essai sur la littérature merveilleuse des noirs; suivi de Contes indigènes de l'Oeste-Africain Français*. Paris: Ernest Leroux, 1916, tome troisième. (BMA – F/I/f/23)

P. 170

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “karité” e cruzeta à margem esquerda do trecho.

“XCVI – L’organe dénonciateur”

“(Môssi)

Il y avait un chasseur, nommé Dâgo dont la femme Nâga, mettait à profit les absences pour le tromper avec un de ses amis. Sitôt qu’il se rendait à la chasse, Nâga allait retrouver son amant. Et tous deux de s’endormir!

A son retour, le chasseur ne manquait jamais de demander à sa femme: “Où es-tu allée en mon absence?” Et la femme répondait invariablement: ‘Je ne suis allée nulle part. Je suis restée à la maison’.

Les camarades de Dâgo qui savaient à quoi s’en tenir sur l’inconduite de Nâga le prévirent que tous les jours elle couchait avec son amant sous un gros karaté.” [...]

Nota de trabalho, f6lio 142, anverso

MA-MNA-51-(142)
(110)
Brasileirismo
Mesquinho
453, III, 133

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 142.

Transcrição:

Brasileirismo

Mesquinho

453, III, 133

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 453: EQUILBECQ, F.V. Essai sur la littérature merveilleuse des noirs; suivi de Contes indigènes de l'Oeste-Africain Français. Paris: Ernest Leroux, 1916, tome troisième. (BMA – F/I/f/23)

P. 133

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “meskinn (i)” e cruzeta à margem direita do trecho.

“LXXXIX – Les fourberies de M Baye Pouлло”

“‘C’est um meskinn (i) qui s’appelle M Baye Pouлло et qui habite ton village. Si tu me promets d’obéir, je te laisse aller mais, si tu refuses, quand même tu me demanderais grâce cinquante fois, je ne te pardonnerais pás”[...]

MA-MMA-51-⁽¹⁴³⁾
⁽¹¹⁰⁾
Brasileirismo
Bengala
45-3, III, 22
97

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 143.

Transcrição:

Brasileirismos

Bengala

453, III, 22
97

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 453: EQUILBECQ, F.V. Essai sur la littérature merveilleuse des noirs; suivi de Contes indigènes de l'Oeste-Africain Français. Paris: Ernest Leroux, 1916, tome troisième. (BMA – F/I/f/23)

P.21- 22

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “bengala (i)”, cruzeta à margem esquerda do trecho e traço vertical, acompanhado da nota “membro viril” no alto da página.

“LXVIII – Hammat et Mandiaye”

“Hammat reprend as route. Au bout d’une heure, il aperçoit um homme qui, brandissant son bengala (i), comme un bânton, en frappe un baobab qu’il jette du coup.”

[...]

Nota da Pesquisa: o termo “bengala” é empregado, repetidamente, no diário d’ O Turista Aprendiz, no dia 7 de maio de 1927, na saída de São Paulo rumo ao Rio de Janeiro. No texto, a palavra bengala aparece ao lado de outros vocábulos que também fazem alusão ao membro viril, denotando certa erotização. No plano do manuscrito d’O Turista Aprendiz verificamos: “S. Paulo – 7 maio 1927 – Partida – Bengala”.

No texto do diário:

“São Paulo, 7 de maio de 1927 – Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-Índia, ora que tolice! Deve ter sido algum receio vago de índio... Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo, mas cada um de nós, além da consciência lógica possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram mais que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou: canhão, revólver, bengala, canivete. E opinou pela bengala.

Pois querendo mostrar calma, meio perdi a hora de partir, me esqueci da bengala, no táxi lembrei da bengala, volto buscar bengala e afinal consigo levar a bengala pra estação. Faltam apenas cinco minutos pro trem partir. Me despeço de todos,

parecendo calmo, fingindo alegria. “Boa-Viagem”, “Traga um jacaré”... Abracei a todos. E ainda faltavam cinco minutos outra vez!

Não fui feito pra viajar, bolas! Estou sorrindo, mas por dentro de mim vai um arrependimento assombrado, cor de incesto. Entro na cabina, agora é tarde, já parti, nem posso me arrepender. Um vazio compacto dentro de mim. Sento em mim.”

(ANDRADE, Mário de. O Turista Aprendiz; estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultra, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 51)

Nota MA: a grafite: traço sublinando "bengala" e traço, à margem direita, ligando a palavra bengala à nota de rodapé.

"LXXXI – Concours matrimonial"

— 97 —

D'un seul coup de son bengala (1), il battit si durement le mil que tous les grains jail-
lirent des épis.

Maridia s'avança à son tour. Il s'assit sur le tas de mil battu et péta dessus. Il péta si puissamment que tout le son de mil s'envo-
la et disparut dans l'air.

A ce moment Badanhti tira sur la peau de ses testicules et l'allongea tellement qu'il en enveloppa tout le grain battu et vanné par ses deux rivaux.

Lequel des trois auriez-vous choisi pour mari?

Bandiagara, 1912,

Conté par NOUNDIA TENDABA boy, Inter-
prété par SAMAKO NIEMBÉLÉ dit SAMBA TA-
RAORÉ.

(1) Membre viril. Ce mot employé couram-
ment chez les Ouolof et compris dans toutes nos
possessions d'Afrique occidentale n'est pas ouo-
lof. Il est composé du mot banndé (qui est du
français défiguré) et de klam (ou kalam) signi-
fiant : en l'air. C'est pourquoi les Français le
croient d'abord ouolof et que les Ouolof le disent
français. C'est un véritable mot « métis ».

Tome III

6

MA-MNA-51-144
110
Branibicius
Divulgar
(por dividir)
477, 283

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 144.

Transcrição:

Brasileirismo

Divulgar
(por divisar)

477, 283

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 477: OLYMPIO. Domingos. Luzia-homem. 2ª ed., Prefacio de Gustavo Barroso. Rio de Janeiro: Livraria Castilho, 1929. (BMA – A/II/C/20)

P. 283

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “Divulguei”.

Capítulo “XXVI”

[...]

“Quando dei fé, ouvi o barulho de um corpo espalhando a agua; levei a lazzarina á cara, e, pensando que eram os patos, ia papocar fogo. Divulguei, então, o corpo de uma mulher, luzindo molhado e nadando como uma marreca.”

[...]

Nota da Pesquisa: na ante-folha de rosto do livro, há anotações, a grafite, que foram apagadas por MA. Estas fazem alusão aos seus interesses de pesquisa: “Quadras”, “Frases feitas”, além da ocorrência registrada nesta nota de trabalho.

Em Novo dicionario nacional, de Carlos Teschauer, MA faz nota marginal no verbete “Dizente”, indicando o título de Luzia-homem, de Olympio Domingos, o número da edição e a página que registou o verbete “divulgar”.

TESCHAUER, Carlos S. J. Novo dicionario nacional. 2ª ed., Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928, p. 315. (BMA – F/II/c/3)

Nota de trabalho, fôlio 145, anverso

MA-MMA-51- (145)
(110)
Brasileirinho
Tanga
478, 123

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 145.

Transcrição:

Brasileirismo

Tanga

478, 123

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 478: SARMENTO, Alfredo de. *Os sertões d'Africa (Apontamentos de viagem)*, edição ilustrada com 14 gravuras e um mappa. Prologo de Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa: Empresa editora de Francisco Arthur da Silva, 1880. (BMA – F/II/a/6)

P. 123

Nota MA: a grafite: cruzeta à margem direita do trecho.

“Capitulo XX – Clima. A miragem. Estradas. Industria indigena”

[...]

“É realmente para admirar como um negro, tendo por ferramenta uma faca ordinaria, vulgarmente chamada faca de negocio, lavra e esculptura o marfim, a abada e a madeira, a ponto de produzir, á parte a incorrecção do desenho e a extravagancia das figuras e arabescos, um objecto de arte digno de apreciar-se pelo seu merecimento relativo. Sem o auxilio, sem até mesmo o conhecimento de nenhuma d'essas machinas adoptadas pela industria fabril, os indigenas fiam o algodão e tecem-n'o em pannos (tangas) com que se cobrem. Das fibras das folhas de certas e determinadas palmeiras, fabricam igualmente uns tecidos, a que chamam libongas ou mabellas, lizos ou matizados de diversas côres, muito apreciados pela finura e perfeição. Da mateba fazem uns cestos chamados balaíos e gongas, de côres variegadas e brilhantes, e de um trabalho primoroso.”

[...]

Nota de trabalho, fôlio 146, anverso

MA-MMA-51-146
110
Brasileirinho
Carneirada
478, 119

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm.); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 146.

Transcrição:

Brasileirismo

Carneirada

478, 119

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 478: SARMENTO, Alfredo de. *Os sertões d'Africa (Apontamentos de viagem)*, edição ilustrada com 14 gravuras e um mappa. Prologo de Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa: Empresa editora de Francisco Arthur da Silva, 1880. (BMA – F/II/a/6)

P. 119

Nota MA: não apresenta.

“Capitulo XX – Clima. A miragem. Estradas. Industria indigena”

[...]

“Durante os mezes de outubro, novembro e dezembro, o calor é intenso, a atmosphaera pezada, os dias tristes, a viração quente. Em março e abril cáem as grandes chuvas, e é depois d'ellas que se desenvolvem com maior intensidade as febres endemicas, vulgarmente conhecidas sob o nome de carneirada.”

[...]

Nota de trabalho, f6lio 147, anverso

MA-MMA-51-147
110
Brasilicrus
Antanda
478, 31

Análise documentária: nota de trabalho; autógrafo a grafite; 1 folha branca destacada de bloco (10,5 x 6,8 cm,); borda superior picotada; amarelecida pelo tempo, sinais de oxidação; escrita ocupando anverso; f. 147.

Transcrição:

Brasileirismo

Quitanda

478, 31

Estatuto genético: nota de trabalho.

Tipo: escólio, referência bibliográfica.

Verificação:

BPG: nº 478: SARMENTO, Alfredo de. *Os sertões d'Africa (Apontamentos de viagem)*, edição ilustrada com 14 gravuras e um mappa. Prologo de Manuel Pinheiro Chagas. Lisboa: Empresa editora de Francisco Arthur da Silva, 1880. (BMA – F/II/a/6)

P. 31

Nota MA: a grafite: traço sublinhando “quitanda” e cruzeta à margem direita do trecho.

“Capitulo III – Surpreza. Ambriz. O duque de Bamba. A marselheza. A rainha Zenza-Aquitumba. A bandeira portugueza.”

[...]

“Foi em Mavengo que conseguimos, não sem muito custo, estabelecer relações com o gentio, e, em breve, o acampamento se transformou n’uma vasta quitanda (mercado), onde os negros, com suas mulhres, vendiam bananas, milho, feijão, gallinhas, porcos, cabritos e malavo (succo extrahido da palmeira).

As vendas eram effectuadas a coral falso, fazendas e aguardente, e a preços reduzidos.”

[...]